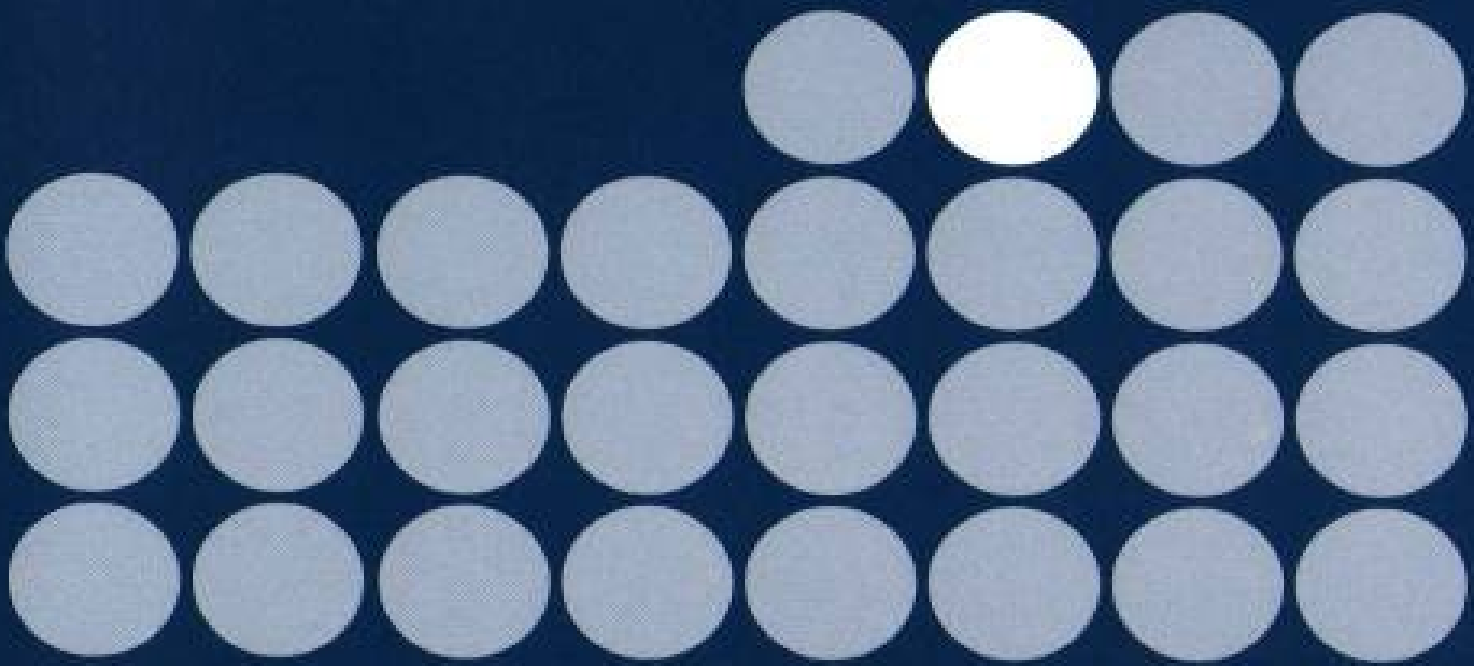
# Marcos

## introdução e comentário

Dewey M. Mulholland



VIDA NOVA

SÉRIE CULTURA BÍBLICA

# Marcos

Digitalizado e revisado por micscan




www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

# Marcos

Dewey M. Mulholland



© 1973, 1978 de International Bible Society

Título original: *Mark's Story, Messiah for All Nations,*
publicado pela Wipf & Stock Publishers.

1.ª edição: 1999 Reimpressão: 2005

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova,
Caixa Postal 21266, São Paulo-SP
04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves,
com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução • Maria Judith Prado Menga

Supervisão Editorial Técnica • Estevan Kirschner

Diagramação •Janete D. Celestino Leonel

Coordenação editorial • Russell P. Shedd

# CONTEÚDO

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS.....6

PREFÁCIO DO AUTOR.....7

INTRODUÇÃO.....12

I. A Ocasião, o autor e a data do evangelho.....12

II. O estilo do evangelho e sua interpretação.....14

III. Os principais temas do evangelho de Marcos.....17

IV. Um esboço do evangelho de Marcos.....17

COMENTÁRIO.....19

# PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série Cultura Bíblica vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção Cultura Bíblica são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infindáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões criticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender c interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o N.T. deverá constar de 20 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o N.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto neotestamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

*Richard J. Sturz*

# PREFÁCIO DO AUTOR

Por quase quarenta anos, tive o privilégio de introduzir à alunos o estudo indutivo do Evangelho de Marcos, primeiro no Nordeste do Brasil, e depois em Brasília, capital do país. Eu fui ensinado pela Sagradas Escrituras desde o nascimento. Sou totalmente grato pela influência da pregação expositiva do meu pai, e do exemplo meigo da minha mãe, que amou Deus e outras pessoas acima de si mesma. Em 1944, Lorne Sanny dos Navegadores, conduziu-me ao estudo bíblico pessoal. Meu interesse no Evangelho de Marcos começou onze anos depois sob o ensino estimulante da professora Dra. Rebecca Price que me introduziu ao rico estudo das narrativas bíblicas. Percebi a necessidade do estudo de cada livro como um todo para o aprofundamento de seus significados.

Tenho tido o privilégio de plantar a semente da Palavra de Deus em solo fértil que também tem se reproduzido muitas vezes mais. Em reação às minhas questões de caráter sondador com o objetivo de forçá-los no texto bíblico, meu alunos também ganharam novas idéias por si próprios. Eles começaram a perguntar ao texto bíblico questões levantadas por suas próprias culturas. As questões freqüentes não podem ser encontradas nos comentários escritos nas tradições da cultura ocidental. Juntos, pensamos nas respostas relevantes às nossas culturas. No processo, eles me ensinaram fatos novos referentes ao significado das Escrituras. Talvez este volume pagará um pouquinho da minha dívida que tenho para com eles.

Quando o Dr. Russell P. Shedd pediu-me para escrever um comentário sobre o Evangelho de Marcos para a *Série Cultura Bíblica,* aceitei prontamente. As maiorias desses comentários são escritos dentro de uma perspectiva euro-americana. Procurei, no entanto, dedicar atenção àquelas áreas que são de interesse aos homens e mulheres nos países de Terceiro Mundo. Porém, reconheço minha formação cultural norte-americana. Todavia, eu gostaria de encorajar meus leitores a interagir com o texto e fazê-lo pertinente às suas culturas e necessidades pessoais. Espero que minhas limitações venham encorajar os filhos e filhas de outras culturas para escrever em seus próprios contextos. Esta poderá ser uma contribuição distinta tanto no desejo de Marcos (e meu) que o evangelho seja estendido e vivido por pessoas em todas as nações.

O Dr. Estevan Kirschner, o tradutor, encurtou esta versão em português para que fossem observadas as diretrizes estabelecidas pela *Série Cultura Bíblica.* Eu inclui vários materiais adicionais para pastores, professores, e pessoas leigas, inclusive algumas questões críticas e apêndices em meu comentário em inglês intitulado *Mark's Story of Jesus, Messiah for All Nations.*

Agradeço a Deus por sua revelação através de Jesus Cristo, a Palavra viva, e através da Bíblia, a Palavra escrita. Sou grato à missão CBIntemacional e aos batistas brasileiros por darem-me a oportunidade de ensinar as Escrituras no Brasil. Reconheço minha dívida impagável à escritores que com seus livros enriqueceram minha vida e pesquisa. Alguns de seus trabalhos estão tão incorporados em minha forma de pensar, que se torna até difícil de dar-lhes o crédito devido no texto. Sou grato por perdoarem-me em concordância com Marcos 11.25. Dentro das possibilidades, consultei livros escritos em português e espanhol para ajudar os alunos destas línguas que estão interessados em aprofundar seus estudos.

Alegremente expresso a mais profunda gratidão a todos que ajudaram na produção deste livro. Acima de todos, agradeço primeiramente minha esposa, Edith, por suas sugestões e encorajamento e mesmo sua paciência quando minhas tarefas do lar não eram realizadas. Com amor e gratitude por nossos mais de cinqüenta anos juntos, dedico este livro a ela. As sugestões e correções oferecidas pela nossa filha Dra. Ann Mulholland Wozniak, foram valiosos. Os colegas da

Faculdade Teológica Batista de Brasília fizeram boas sugestões com relação a partes do texto. Porém, eu sozinho carrego a responsabilidade por esta interpretação do Evangelho de Marcos.

*Dewey M. Mulholland*

# BIBLIOGRAFIA SELECIONADA


ACHTEMEIER, Paul J. *Invitation to Mark.* Doubleday & Co. 1978.

___*Mark.* Fortress Press. 1986

ALTER, Robert. *The Art of Biblical Narrative.* Basic Books. 1981.

ANDERSON, Hugh. *The Gospel of Mark.* Oliphants. 1976.

BAILEY, Kenneth. *As Parábolas de Lucas.* Edições Vida Nova. 1995

BARCLAY, William. *New Testament Words.* Westminster Press. 1974

__. *The Gospel of Mark.* Westminster Press, 1975

BEASLEY-MURRAY, G. R. *Jesus and the Kingdom of God.* Eerdmans. 1986

BEST, ERNEST. *Disciples and Discipleship: Studies in the Gospel according to Mark.* T & T Clark. 1986

__ *Fellowing Jesus: Discipleship in the Gospel of Mark.* JSOT Press. 1981.

___. *Mark: the Gospel as Story.* T&T Clark, 1983

BONHOEFFER, Dietrich. *The Cost os Discipleship.* 1963.

BRATCHER, Robert G., e Nida, Eugene A. *A Translator s Handbook on the Gospel of Mark.* 1961.

BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (3 volumes). Vida Nova. 1989.

COLE, R. A. *Gospel according to Mark.* Tyndale Press. 1961

( CRANFIELD, C. E. B. *Gospel according to St. Mark.* Cambridge University Press. 1977

DOOHAN, Leonard. *Mark: Visionary of Eartly Christianity.* Bear & Co. 1986

ELLER, Vernard. *Christian Anarchy: Jesus s primacy over the powers.* Eerdmans. 1987.

FOWLER, Robert M. *Loaves and Fishes: The Function of the Feeding Stories in the Gospel of Mark.* Scholars Press. 1981

GOURGUES, Michel. Os Salmos e Jesus, Jesus e os Salmos. Edicões Paulinas, 1984

HOOKER, Morna D. *The Message os Mark.* Epworth Press. 1983

HURTADO, Larry W. *Mark.* Harper & Row. 1983

1T10KA, Neusa. *Os deuses de Umbanda.* ABU Editora, 1987

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalem in the Time of Jesus.* Fortress Press. 1977.

_____*New Testament Theology.* Charles Scribner s Sons. 1971

_____. *The Parables of Jesus.* Charles Scribner s Sons. 1972

KEALY, Sean P. *Mark s Gospel: A History of its interpretation.* Paulist Press. 1982.

KEE, Howard Clark. *Community of the New Age: Studies in Mark s Gospel.* Westminster Press. 1977.

KELBER, Werner H. *Mark s Story os Jesus.* Fortress Press. 1979.

_____. *The Passion in Mark: Studies in Mark 14-16.* Fortress Press. 1975.

KlDNER, Derek. *Psalms 73-150.* Inter-Varsity Press. 1975.

LADD, George Eldon. *The Gospel od the Kingdom.* Eerdmans. 1959.

_____. *The New Testament and Criticism.* Eerdmans. 1967.

_____. *The Pattern of New Testament Truth.* Eerdmans. 1968.

_____. *The Presence of the Future.* Eerdmans. 1974.

_____. *Teologia do Novo Testamento.* Editora Exodos. 1997

LANE, Williams. *Gospel according to Mark.* Eerdmans. 1974.

LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. Mark s Gospel.* Augusburg Publishing House. 1946.

LOHFINK, Gerhard. *Jesus and Community.* Fortress Press. 1982.

LONGENECKER, Richard N. *The Christology of Early Jewish Christianity.* Baker Book House. 1970.

MANSFIELD, M. Robert. *Spirit and Gospel in Mark.* Hendrickson Publishers. 1987.

MARSHALL, I. Howard. *Mark.* [a] J. Holman. 1978.

MARTIN, Ralph P. *Mark - Evangelist and Theologian.* Zondervan. 1972.

_____. *New Testament Foundations: A Guide for Christian Students.*

Eerdmans , 1975.

___. *Where the Actions Is.* Regal. 1977.

MAZAR, Benjamin. *The Mountain of the Lord: Excavating in Jerusalem.* Doubleday and Co. 1975.

MANN, C. S. *Mark.* Doubleday & Co. 1986.

MINEAR, Paul S. *Mark.* John Knox Press. 1982.

MORGAN, G. Campbell *The Gospel according to Mark.* Revell. 1927.

MOULE, C. F. D. *The Gospel according to Mark.* University Press. 1965.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos.* Edicões Paulinas. 1992.

NlNEHAM, D. E. *Saint Mark.* Pelican Books. 1963.

PALLARES, Jose Cardenas. *A Poor Man Called Jesus.* Orbis Books. 1986.

PERRIN, Alessandro. *Un Cristiano Comienza a Ler El Evangelio de Marcos* (3 volumes). 1982.

RAWLINSON, A. E. J. *The Gospel according to Mark.* Methuen & Co., 1925.

RHOADS, David e Michie, Donald. *Mark as Story: na Introduction to the Narrative of a Gospel.* Fortress Press. 1982.

ROBBINS, Vernon K. *Jesus the Teacher: a Socio-Rhetorical Interpretation of Mark.* Fortress Press. 1984.

SARNA, Nahum M. *Exploring Exodus.* Schocken Books. 1987.

SCHWEIZER, Eduard. *The Good News according to Mark.* John Knox Press. 1970.

SENIOR, Donald. *The Passion of Jesus in the Gospel of Mark.* Liturgical Press. 1991.

STOCK, Augustine. *Call to Discipleship: A Literary Study of Mark s Gospel.* Michael Glazier, Inc. 1982.

_____. *The Way in the Wilderness*. Liturgical Press. 1969.

SWARTLEY, Willard Myers. *A Study in Markan Structure: the influence of Israel s Holy History upon the Structure of the Gospel of Mark.* University Microfilms. 1988.

_____. *Mark: The Way of All Nations.* Herald Press. 1979.

_____. *The Structural Function of the Term 'Way in Mark*', e *The New Way*

*of Jesus.* Faith and Life Press. 1980.

SWETE, Henry Baclay. *Commentary on Mark.* 1981.

TAYLOR, Vincent. *The Gospel according to St. Mark.* Baker. 1966.

TELFORD, William, ed. *The Interpretation of Mark.* Fortress Press. 1985.

WENHAM, David. *Christ the Lord: Studies in Christology presented to Donald Guthrie.* Inter Varsity Press. 1982.

WILCOCK, Michael. *Mark.* Scripture Union, 1982.

WILLIAMSON Jr., Lamar. *Mark.* John Knox Press. 1983.

YODER, Perry. *From Word to Life: a Guide to the Art fo Bible Study.* Herald Press. 1982.

BATEMAN IV, Herbert W. *Psalm 110.1 e The New Testament.*

BEASLEY-MURRAY, G. R. *New Testament Studies.* pp. 414-9

Biblical Archaeology Review. Biblical Archaenology Society.

CHRONIS, Harry L. *Journal of Biblical Literature* . pp. 97-114.

EDWARDS, James R. *Journal of the Evangelical Theological Society.* p. 43

ULANSEY, David. *Journal of Biblical Literature.* pp. 123-5.

# INTRODUÇÃO

Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, sua vida e morte, suas palavras e feitos mudaram para sempre o curso da vida de homens e mulheres no mundo. Ele estabeleceu as bases da esperança no futuro. Essas boas novas nos são apresentadas no "Evangelho Segundo Marcos", provavelmente o mais antigo relato que temos sobre Jesus.

A primeira vista, o Evangelho de Marcos parece ser um simples recontar dos fatos ocorridos na vida e ministério de Jesus. Entretanto, pela habilidosa descrição de tais episódios, o autor nos apresenta um Jesus realmente humano que é ao mesmo tempo Deus entre os homens. Pela seleção criteriosa e colocação estratégica desse material, ele integra teologia e a realidade da vida. O retrato vivido de seus personagens leva os leitores a experimentar tais eventos em primeira mão, pois os conflitos experimentados pelos contemporâneos de Jesus são compartilhados pelas pessoas de todos os lugares. Ao descrever como o governo de Deus se tornou realidade com a vinda de Jesus, ele desafia a humanidade a um discipulado radical.

Este Evangelho nos oferece uma excelente oportunidade de contemplar a pessoa de Jesus Cristo. Por meio dele sabemos como Deus é, o que ele espera dos homens e mulheres e o que ele tem feito para tornar realidade essa expectativa. Além disso, Jesus nos convida a segui-lo e a experimentar aqui e agora os privilégios e as responsabilidades do reino de Deus.

Teria sido muito proveitoso se o Evangelho identificasse claramente seu autor, seus propósitos e outros detalhes. Na ausência de tais dados, os estudiosos pesquisam as informações implícitas no texto e nas evidências externas, com o objetivo de entender os antecedentes e as origens do Evangelho. Cada um aborda essa questão com suas próprias pressuposições. E sob essa perspectiva que apresento o que acredito ser uma hipótese possível para a origem do Evangelho de Marcos.

## I. A OCASIÃO, O AUTOR E A DATA DO EVANGELHO

A medida que aqueles que conviveram com Jesus aproximam-se do fim de suas vidas , torna-se imperativo que a história da vida de Jesus e os seus ensinos sejam registrados para as futuras gerações. Além de sua importância como documento histórico, essa narrativa é capaz de apresentar homens e mulheres a Jesus, conduzindo-os ao reconhecimento de que ele é o Cristo, o Filho de Deus. Da mesma forma, ao retratar as dificuldades dos discípulos em compreender e seguir a Jesus no caminho para a cruz, Marcos pode, também, se tornar um eficiente guia à vida e à obediência a Deus.

O autor deste Evangelho aborda essas necessidades ao escrever a pessoas de diferentes níveis de entendimento. Como um evangelista, ele promove um compromisso radical com Jesus Cristo. Ele também escreve como um pastor atento às lutas das comunidades cristãs.

Na metade do primeiro século A.D., Roma era uma próspera cidade com cerca de 1 milhão de pessoas. Abrigava homens e mulheres vindos das fronteiras mais distantes do Império, que trouxeram consigo seus próprios costumes, línguas e religiões. Os cristãos também vieram, trazendo sua nova fé em Jesus Cristo, compartilhando o evangelho com todos, independente de origem étnica, classe social ou econômica. Porém, a diversidade étnica e as experiências religiosas anteriores desses novos cristãos ameaçam o cristianismo autêntico. Os novos convertidos incorporam elementos de sua herança religiosa à doutrina cristã. Seu comportamento quase sempre ofendia os códigos morais dos outros crentes. O relacionamento entre os crentes judeus e gentios tornou-se especialmente difícil à medida em que os líderes das sinagogas denunciavam aqueles

judeus que rejeitavam as antigas tradições. A incipiente perseguição das autoridades romanas ganhava força com a alegação de que a lealdade a Jesus Cristo e seu reino colidiam com a lealdade a César.

Sofrendo com as tensões internas e os ataques externos, a comunidade cristã em Roma necessitava de ajuda. É o pensamento deste escritor que Marcos escreveu este Evangelho tendo em mente aqueles cristãos.

Marcos, também conhecido por João Marcos, era filho de Maria, cuja casa tornara-se local de reunião dos primeiros cristãos em Jerusalém. (At 1.13). Marcos provavelmente fora convertido pelo ministério de Pedro e discipulado por Barnabé (At 12.25, cf. At. 11.25).

Na primeira viagem missionária, Barnabé e Saulo levaram consigo a João Marcos como *hyperetes* (At 13.5), um "auxiliar" ou "ministro". De acordo com o testemunho unânime da Igreja primitiva, Marcos recebeu o Evangelho de Pedro. Esta testemunha ocular, portanto, treinou Marcos para ser um *hyperetes* — um auxiliar. Nessa capacidade, Marcos "ministrou" a Saulo de Tarso (Paulo) na viagem à Ásia Menor (47 - 49 d.C), suprindo-lhe conhecimentos sobre os feitos e as palavras de Jesus.

O Livro de Atos não diz porquê João Marcos "...apartando-se deles, voltou para Jerusalém" (13.13). Talvez a insistência de Paulo na aceitação dos gentios sem exigir a Circuncisão tenha provocado certa inquietação em Marcos, o qual teria partido para discutir o assunto com o seu mentor, Pedro. Depois da decisão sobre a questão no concilio de Jerusalém (At 15), Barnabé queria que Marcos voltasse a acompanhar a equipe missionária (15.36-40). Houve, no entanto, um grande desentendimento entre Paulo e Barnabé, e eles seguiram por caminhos diferentes. Deste ponto em diante o livro de Atos omite qualquer referência a Marcos (também Pedro). Marcos reaparece nas Epístolas (60-65 d.C), reconciliado com Paulo, em Roma. Paulo o recomenda à igreja em Colossos (Cl 4.10-11) como um amigo e Consolador. Mais tarde Paulo pede a Timóteo que traga Marcos para Roma "pois me é muito útil para o ministério" (2 Tm 4.11).

As Teologias de Marcos e de Paulo evidenciam um relacionamento estreito. Por exemplo, ambos enfatizam a cruz de Cristo, e sua humilhação, como o caminho da glorificação. Ambos pregam a harmonia para a comunidade cristã formada por gentios e judeus, sem abrandarem as denúncias ao legalismo judeu. Outros temas comuns como o lugar da Lei mosaica na comunidade cristã, a hostilidade dos líderes civis e religiosos contra Cristo, e o cumprimento dos propósitos de Deus como revelados no Antigo Testamento, se encontram tanto nos escritos de Marcos como nos de Paulo. Em contraste com a abordagem proposicional de Paulo, Marcos expressa sua teologia nas narrativas da vida de Jesus. Desse modo, ele convida seus leitores a identificarem suas experiências com os acontecimentos do evangelho, e a crescer no conhecimento de Deus e de como ele opera. Os relatos do sofrimento de Jesus, por exemplo, provêem a base para a autonegação como parte do discipulado (cf. 8.34).

Pedro, também, passou seus últimos anos em Roma e foi martirizado da mesma forma que Paulo. Marcos tinha estado com ele no princípio em Jerusalém; agora, no final da vida do apóstolo, eles estavam juntos diariamente. As vividas narrativas de Marcos c o uso distintivo dos pronomes refletem a influência do testemunho ocular de Pedro. Por meio das narrativas de Marcos, Pedro relata até mesmo suas próprias falhas em compreender o significado do ministério e da morte de Jesus. O entendimento completo só veio para ele depois da ressurreição, quando Jesus abriu as mentes de seus seguidores para que pudessem entender as Escrituras (Lc 24.27; At 1.3). Sob a direção do Espírito Santo (Jo 16.21; 2 Tm 3.16; 2 Pe 1.20), Marcos derivou o material do seu evangelho das experiências pessoais de Pedro com Jesus.

As datas propostas para o surgimento deste Evangelho em sua forma definitiva vão do ano 39 até um pouco antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C Parece-nos razoável que João Marcos

tenha começado a escrever seu Evangelho em Roma com a colaboração de Pedro, e possivelmente Paulo, e que o tenha concluído após martírio deles (65 d.C), antes, porém, do início da guerra dos judeus contra Roma (67 -70 d.C).

Ao compor seu Evangelho, Marcos tinha em mente as necessidades dos gentios convertidos dentre seus leitores. Ele traduziu, por exemplo, várias expressões do aramaico (3.17; 5.41; 7.11, 34; 15.22) e deu explicações sobre alguns costumes judaicos (7.3; 15.22). Ao mesmo tempo ele deixou muitas alusões ao Antigo Testamento sem explicação, sinalizando dessa forma as raízes judaicas da fé cristã.

Marcos também procurou fortalecer a fé de seus leitores judeus. Seu uso constante do Antigo Testamento lembrava-lhes de que eram o povo especial de Deus, escolhidos para compartilhar sua rica herança com as nações. Em Jesus, eles viam a compaixão de Deus e seu misericordioso perdão. Marcos enfatizou que Jesus é o Servo Sofredor que cumpriu o papel do verdadeiro Messias, de acordo com os profetas. Ele lhes deu esperança em meio aos sofrimentos. Ele lhes ensinou os elementos da verdadeira adoração, livre do legalismo, nacionalismo e ritualismo centralizados em Jerusalém. Marcos sabia que a igreja primitiva devia ser edificada sobre a verdade da nova aliança.

O relacionamento próximo de Marcos com os seus primeiros leitores explica várias questões intrigantes para o leitor moderno. Ele não sentia necessidade de declarar explicitamente sua autoria, pois tinha certeza que os leitores originais sabiam que ele estava escrevendo a história de Jesus. Um incidente, aparentemente biográfico, como aquele do jovem envolto no lençol que fugira nu, seria o suficiente para identificá-lo como autor (15.51s). Seus leitores sabiam que o Espírito Santo fora dado conforme profetizado por João Batista (1.8). Não havia necessidade de escrever sobre as aparições pós-ressurreição de Jesus, pois eles sabiam que Jesus tinha ressuscitado do túmulo (como declarado em 16.6). Marcos apresenta Jesus ensinando de maneira a atender às necessidades existenciais daqueles primeiros leitores em seu contexto social.

O texto de Marcos flui de sua preocupação pastoral com seus leitores. Ele os encoraja a se tornarem discípulos, aplicando a si mesmos todo o ensinamento que Jesus dera aos doze. Está convencido de que o verdadeiro conhecimento da natureza, caráter e ministério de Jesus, é necessário para uma vida individual e comunitária saudável. Ele traz à mente os dilemas e as oportunidades que estavam diante de seus leitores. Quer que eles compreendam o verdadeiro significado do evangelho e que sigam a Jesus custe o que custar. Deseja que os crentes, judeus e gentios, vivenciem a unidade como membros da família de Deus (3.35), e como participantes na "casa de oração para todos os povos" (11.17). Marcos encoraja os crentes judeus a abraçar os gentios como co-herdeiros da graça de Deus.

Marcos está profundamente interessado em espalhar o evangelho a todas as nações, pois seu Evangelho tem um apelo universal. Mesmo assim, não o vemos como uma mensagem evangelística dirigida aos incrédulos em particular. Ao apresentar a mensagem de Jesus Cristo em profundidade, ele o faz a fim de preparar os crentes para viverem e a proclamarem as Boas Novas. Isso condiz com sua ênfase no discipulado. Seu método consiste em desdobrar a mensagem clara e profundamente, e, então, exortar a todos os discípulos a cumprir a missão iniciada pelo próprio Jesus, levar as Boas Novas a judeus e gentios da mesma forma.

## II. O ESTILO DO EVANGELHO E SUA INTERPRETAÇÃO

Embora o Evangelho de Marcos tenha sido bem recebido quando surgiu, os outros Evangelhos logo ganharam a preferência na igreja primitiva. Tendo recebido pouca atenção durante séculos, Marcos foi reavaliado como o mais antigo relato do evangelho.[1]

[1] O contexto indicará quando usamos "Marcos" referindo-nos ao "Evangelho segundo Marcos" ou, particularmente, ao seu autor.

No século dezenove alguns estudiosos buscaram o "Jesus histórico" convencidos de que a igreja primitiva havia criado o "divino Cristo da fé". Nos anos de 1920, os primeiros críticos da forma, liderados por R. Bultmann e M. Dibelius, rotularam Mateus e Marcos como "primariamente editores e colecionadores de tradições", e seus evangelhos como inquestionáveis "escritos de natureza não-literária".[1] Na opinião de ambos, o Evangelho consiste de coleções de histórias as quais têm sido contadas e recontadas por mestres e pregadores. Essas histórias são úteis para informar sobre a fé na comunidade cristã primitiva, mas não são consideradas base para a vida de Jesus. Como resultado, os críticos da forma centralizaram-se na formação das unidades individuais dos Evangelhos.

Por volta da metade do século XX, as investigações avançaram na direção da reintegração do texto. Críticos de redação, como W.Marxsen, enfatizaram a necessidade de se ver os escritores dos evangelhos como "artistas criativos guiados por conceitos teológicos e problemas comunitários".[2] Entretanto, ao investigarem o modo pelo qual as unidades individuais, histórias e ditos dos evangelhos foram juntados, não viram como as essas unidades se relacionam umas com as outras, formando uma narrativa contínua, na qual cada episódio é compreendido em relação ao todo.

Parece, porém, que os esforços da crítica da forma e da crítica da redação redundaram em resultados pouco satisfatórios no que tange a descoberta dos processos pelos quais o texto do Evangelho de Marcos chegou a ser produzido. Após muitos anos estudando as questões da crítica da tradição e da crítica da redação no Evangelho de Marcos, Normam Perry conclui que essas questões têm valor insignificante na interpretação: "o que importa é *a função* do texto em relação ao Evangelho como um todo".[3]

Enquanto algumas pesquisas sobre forma e redação contribuíram para o estudo do Novo Testamento, a tentativa de se descobrir e analisar porções pré-literárias têm resultado na diluição do todo. Quando o texto é visto como algo parecido com a forma literária de uma "coleção de selos" o resultado é a desintegração dos Evangelhos. Quando, porém, Marcos é lido segundo os seus próprios méritos, os leitores reconhecem que ele não é nenhum escritor ingênuo ou simplório, mas habilidoso. O grego, evidentemente, não era sua língua materna, mas sua simplicidade lingüística "não deve levar o intérprete a deduzir simplicidade nos padrões de pensamentos".[4]

A partir do início dos anos de 1970 houve uma intensificação no trabalho de crítica literária, o que fez com que muitos estudiosos passassem a considerar o Evangelho de Marcos como produto de um autor criativo. Eles vêem que o importante é uma abordagem sintética, que evite a pulverização da narrativa. Sem descartar percepções adquiridas de outras metodologias, agora analisam o todo como uma narrativa unificada. As partes são examinadas em relação ao todo e o todo em relação às partes, num processo contínuo.

Cada Evangelho tem seus traços distintivos, que refletem a riqueza de suas fontes sintonizadas com as necessidades de seus leitores originais. Por essa razão, os Evangelistas reportavam os mesmos ditos de Jesus de forma diferente (compare, por exemplo, Mc 10.18 com Mt 19.17). A partir do material que tinha em mãos, cada autor selecionou cuidadosamente os episódios que mostravam quem Jesus era e os organizou de maneira a desafiar seus leitores a um discipulado radical. Marcos não descreve os fatos como um historiador moderno, nem relata o que Jesus ensinou, palavra por palavra, como um oficial de justiça na corte. Contudo, ele apresenta Jesus e seus ensinamentos de maneira precisa, de modo a traduzir o que havia de mais relevante para os seus leitores. Ele omitiu algumas coisas que desejaríamos saber. Mas isso não significa que ele não as conhecesse — elas talvez fossem irrelevantes para os seus propósitos, ou de conhecimento comum.

---

[1] Palavras de Dibelius, citadas por Howard C. Kee, p. 5. C. H. Turner chamou Marcos de uma "composição ingênua e ilógica" (D. Nineham, p. 215), enquanto outros relacionaram a trama em Marcos com a de um dicionário.

[2] Kealy, p. 160.

[3] Kelber, *Passion,* 90. Grifo de Perrin.

[4] H.C.Kee

Quando um texto é entendido como uma composição na qual o teólogo deliberadamente seleciona seu material e cuidadosa e criativamente o compõe, segundo os seus propósitos, muitas das supostas contradições se tornam ilusórias.

Em seu plano global, o Evangelho de Marcos progride cronologicamente, do batismo de Jesus por João até a sua Crucificação e ressurreição. As linhas gerais das jornadas de Jesus podem ser traçadas a partir de suas caminhadas pela Galiléia, e de sua viagem à Jerusalém. Uma vez que a atividade salvadora de Deus se deu no contexto de eventos históricos, Marcos apresenta o seu Evangelho na forma de narrativa histórica. A riqueza de detalhes gráficos é evidência de sua confiabilidade histórica.

Entretanto, nem a cronologia nem a geografia governam todos os detalhes de sua narrativa. O autor sentiu-se livre para lançar mão de eventos ocorridos em outras épocas ou lugares quando esses esclareciam o tema proposto. Como exemplo, uma vez iniciada a oposição dos líderes religiosos (2.1-12) Marcos desenvolve o tema em cinco confrontações, as quais culminam com o plano para matar a Jesus (3.6). Ele compõe cuidadosamente essa unidade literária a fim de alcançar a sua intenção teológica. Apresentar a pessoa de Jesus e porquê ele morreu é mais importante do que a seqüência dos acontecimentos. Isso não significa que Marcos tivesse inventado incidentes ou ditos de Jesus. Não há qualquer indicação de que ele tenha feito isso. Sua criatividade aparece em sua habilidade de tornar o material significativo para os seus leitores, de acordo com o seu propósito.

O propósito supremo do autor está alinhado como propósito de Deus em revelar-se: ele deseja que cada leitor conheça a Deus. Isso significa mais do que pensar corretamente sobre Deus. Significa conhecê-lo pessoalmente. Marcos procura alcançar esse alvo apresentando a pessoa de Jesus Cristo, por estar convencido de que é somente por meio do Filho de Deus que podemos conhecer o Pai.

Embora o próprio Marcos tenha citado o Antigo Testamento somente duas vezes (1.2-3 e 15.24), seu Evangelho inclui um número considerável de alusões e citações sintetizadas tiradas especificamente do Pentateuco, dos Salmos e dos Profetas (incluindo alguma coisa de cada capítulo de Daniel). As citações são combinadas, derivando significância vital a partir de suas sínteses (cf. 1.11; 13.24; 14.62).

Marcos emprega repetições, ciclos, inversões sintáticas e progressões duplas e triplas. Justapõe os pensamentos a fim de grifar comparações e contrastes. O uso dos diálogos e da ironia por Marcos traz o leitor para dentro dos acontecimentos como um participante. Ele geralmente insere histórias dentro de histórias para interpretar a narrativa para o leitor; utilizando algumas vezes paralelismo para comentar ou reforçar significados. Marcos constrói habilmente os significados de termos como "pão" e "caminho". No esforço de evitar falsas conotações, ele toma especial cuidado com títulos que se referem a Jesus (cf. "Cristo", em 8.29). Essas e outras características literárias serão consideradas à medida em que aparecerem na narrativa.

Embora nunca use a palavra *ekklesia* (igreja), Marcos apresenta o crente como membro da família de Deus. Ele esclarece conscientemente a importância da vida e da morte de Jesus para as necessidades da igreja primitiva. Ele põe sobre ela a responsabilidade de chamar as pessoas ao arrependimento e a discipular cada um dos crentes. Marcos percebe quais são as necessidades dos cristãos lutando pela fé num mundo hostil. Sua preocupação se estende até mesmo aos líderes das comunidades, ao sinalizar que eles podem cair nas mesmas armadilhas nas quais a liderança religiosa judaica caiu e, por isso, foi censurada por Jesus.

Pelo fato do Evangelho se constituir numa unidade, o leitor tem que ver o todo para poder entender adequadamente qualquer uma das partes. Infelizmente, nós normalmente lemos os Evangelhos em pequenas porções e as interpretamos sem levar em conta o contexto imediato ou o livro como um todo. O Evangelho de Marcos demanda uma abordagem "holística" (integrada), pois somente poderemos entender uma passagem em particular se considerarmos sua função dentro da

narrativa como um todo. Este escritor procura abordar Marcos como um relato coerente, concentrando a atenção no texto como ele se apresenta, com suas sugestões para que se considere seriamente suas incontáveis referências, diretas e indiretas, ao Antigo Testamento.

## III. OS PRINCIPAIS TEMAS DO EVANGELHO DE MARCOS

Marcos reuniu muitos episódios da vida e do ministério de Jesus entrelaçando-os criativamente numa nova e vivida unidade. O resultado é uma narrativa unificada e coesa, tendo Jesus Cristo como tema central entre outros que se repetem como uma grande sinfonia através do Evangelho. O multiforme esplendor do Filho de Deus, que é totalmente humano, se revela através da vida, morte e ressurreição de Jesus. Com muita amabilidade e preocupação pastoral, Marcos desenvolve o discipulado como um tema secundário. Esse é inseparável do tema dominante — Jesus —, pois por meio da singular identidade de Jesus, Deus chama homens e mulheres a um discipulado radical.

Numerosos outros temas estão presentes e são claramente detectáveis. Entre eles está o "reino de Deus", uma realidade presente entre os homens, porém ainda não consumada. Esse espalha-se entre as nações sem nenhum alarde: seu triunfo final e universal é aplaudido nos céus.

O tom pastoral aparece e desaparece numa alternância melodiosa. As dissonâncias ressoam à medida em que o reino de Deus entra em conflito com a humanidade centrada em si mesma, e com os poderes políticos e religiosos de expressão cósmica, mas humanos, e satânicos na origem. A harmonia parece rejeitada à medida em que os temas paradoxais do revelado e do oculto, da força e da fraqueza, do primeiro e do último, e da vitória pelo sofrimento são construídos na preparação de um clímax aparentemente impossível. O rei é coroado com espinhos. Rejeitado pelos seus, é aclamado por um dos que o crucificaram. E o pastor afligido ressurge para levar suas ovelhas desgarradas a tornarem-se pescadores de homens entre todas as nações.

Assim como aquele que ouve o coro "Aleluia", do "Messias" de Handel, jamais se esquece dele, assim também não poderá esquecer-se da sinfonia de paradoxos quem lê Marcos. Somente entrando na história podemos captar sua verdadeira beleza e significado. A medida em que vemos e ouvimos, tocamos, sentimos e inalamos o que está acontecendo com as pessoas retratadas, começamos a sentir o bater de seus corações e a experimentar o verdadeiro sentido e a alegria de seguir a Jesus.

Encorajo o leitor estudar o texto de Marcos antes de ler os comentários que seguem abaixo. Faça da própria Bíblia o centro de seus estudos. Antes de mais nada, leia e releia o texto para descobrir o que ele diz. O segundo passo, é tentar descobrir o que ela significava para os leitores originais. Somente então o leitor estará apto a perguntar "o que Deus quer de mim à luz dessa passagem?". O leitor não deve negligenciar esse último passo, pois o estudo bíblico só termina quando é aplicado à vida. O Evangelho não foi escrito apenas para passar informação; foi escrito para transformar vidas.

## IV. UM ESBOÇO DO EVANGELHO DE MARCOS

Ao estudar as Escrituras, devemos ignorar a tradicional divisão do texto em capítulos e versículos, pois ela é geralmente artificial, e algumas vezes até prejudicial. Nossa tarefa requer que descubramos a maneira pela qual o autor dispôs o seu texto original, pois ele se comunica por intermédio do relacionamento de suas unidades literárias tanto quanto pelas palavras. Marcos não representa a simples adição de componentes, mas uma unidade integrada. Desde o princípio o autor constrói sua narrativa em direção ao clímax, empregando habilmente as técnicas literárias já mencionadas.

Na página seguinte inserimos uma "Panorâmica" do que entendemos sejam as divisões básicas do Evangelho de Marcos. Este comentário é também estruturado de acordo com o nosso entendimento de como ele organizou seu material.

Este autor escreve o presente comentário como um seguidor de Jesus Cristo, com o desejo de que este estudo, ainda que imperfeito, encoraje o leitor a seguir a Jesus no seu discipulado radical.

## Um Visão Geral do Evangelho de Acordo com Marcos

| O Evangelho de Jesus Cristo | Conhecimento inicialmente escondido da humanidade<br>Jesus Cristo é o Filho de Deus, ungido pelo Espírito, amado pelo Pai, tentado por Satanás. | Quem é Jesus?<br>O Filho do Homem fala e aje com Autoridade | | | | Aonde ele está indo? Por que?<br>O Filho do Homem dá sua vida em fraqueza | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| DIVISÕES | Prólogo | A autoridade de Jesus | | | | | Jesus no Caminho para a Cruz | | Jesus e o Templo | | O Sofrimento de Jesus, a Morte, e Ressurreição | | |
| | | Afirmada e Contestada | | A sua fonte e natureza | | Sua Expanção | | | | | | | |
| referências | 1.1 1.13 | 1.14 | 3.6 | 3.7 | 6.6a | 6.6b | 8.26 | 8.27 | 10.52 | 11.1 | 13.37 | 14.1 | 16.8 |
| GEOGRAFIA | Rio Jordão e Deserto | Galiléia | | Galiléia e Decápolis | | Galiléia e vizinhança áreas Gentílicas | | De Cesaréa de Filipe à Jerusalém | | Jerusalém a Betânia | | Jerusalém | |
| DISCIPULADO | | Jesus convida 4 para segui-lo | | Ele escolhe os 12 | | Ele envia os 12 | | Seus discípulos também precisam negar-se a si mesmos | | Sua casa de Oração é para todas as nações | | Ele renova o chamado dos discípulos espalhados | |

# COMENTÁRIO

## PREPARAÇÃO -1.1-13

Com seis palavras muito bem escolhidas, o autor intitula o seu trabalho como "Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus". Ele irá conferir a essas palavras uma significância vital e duradoura à medida em que retrata a vida de Jesus entre homens e mulheres na Palestina. Prenunciado pelos profetas, e dramaticamente anunciado por seu mensageiro João, Jesus é ungido pelo Espírito Santo e uma voz vinda do céu o chama de "meu Filho". Seu aparecimento desencadeia um conflito com Satanás. Esses fatos substanciam a declaração de que Jesus é o Filho de Deus.

Em sua breve introdução, o autor descreve a preparação das pessoas para a vinda de Jesus e a preparação de Jesus para o seu ministério. Os primeiros treze versículos de Marcos formam o "pano-de-fundo" de seu Evangelho. Todo o restante deve ser lido sob essa ótica. Ao dar informações privilegiadas aos seus leitores, o autor nos prepara para vivermos "o evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus".

*A. O TÍTULO DESTE EVANGELHO 1.1*

O termo Grego *euanggélion*[1] ("evangelho") tinha um tom alegre, pois estava associado à proclamação de um comunicado político ou de uma vitória militar que resultara em benefícios para muitas pessoas. Sob essa perspectiva, o "evangelho" alerta os leitores ao anúncio de um evento histórico que trará resultados benéficos para a humanidade.

Além disso, a palavra tem um significado profético para aqueles familiarizados com o Antigo Testamento. Isso lembra a promessa de boas novas (Is 61.1 s), renovando a esperança de que, por meio do seu servo ungido, o Espírito do Soberano Deus proclamará a libertação dos oprimidos (cf. Lc 4.17ss). Ele traz a segurança de que Deus está presente (Is 40.9), e está no controle (Is 52.7).

O Novo Testamento nunca emprega o termo *euanggélion* para indicar um livro. Por volta de 150 d.C, Justino Mártir utilizou pela primeira vez o termo referindo-se a um livro que apresenta a pessoa de Jesus Cristo. Nesse sentido, a expressão "os quatro Evangelhos" refere-se, Comumente, aos primeiros livros do Novo Testamento.

A palavra "evangelho" adquiriu um significado adicional, também não encontrado no Novo Testamento. Refere-se a um estilo literário em particular que não se encaixa em outras categorias de composições. O "gênero Evangelho" inclui elementos biográficos mas não se constitui numa biografia de Jesus. Relata dados históricos e geográficos, contudo não podemos reconstruir uma cronologia exata da vida de Jesus com esses dados; nem mesmo mapear cada passo de seu itinerário. É uma narrativa com diferentes cenas entretecidas numa história unificada, coerente e completa. Todavia, o evangelho é mais do que uma narrativa, pois seus eventos são interpretados da perspectiva de Deus. É uma narrativa teológica.

As boas novas se referem a Jesus de duas maneiras: são as boas sobre Jesus e ao mesmo tempo são as boas novas que vêm dele. O evangelho apresenta Jesus e é ele mesmo quem proclama o evangelho. A essência da mensagem que prega é ele mesmo. A boa nova é a pessoa do próprio Jesus, a figura central em meio aos diversos cenários e personalidades apresentadas no livro.

O nome "Jesus" era utilizado em Israel desde a época de Josué (que é a forma hebraica do mesmo nome) e significa "o SENHOR é a salvação" (Mt 1.21). A designação "Cristo", significando "ungido", é a tradução grega do hebraico "Messias", a esperança de Israel.

---

[1] O termo *euanggélion* aparece em Mc 1.1, 14, 15; 8.35; 10.29; 13.10 e 14.9.

No princípio de seu Evangelho, Marcos une os dois termos **Jesus Cristo.** Tendo declarado que Jesus é o Cristo, o Messias prometido por Deus por intermédio dos antigos profetas, o autor usa a palavra "Cristo" somente algumas vezes (8.29; 9.42; 12.35; 13.21; 14.61; 15.32), provavelmente para minimizar falsas expectativas ligadas ao Messias naquela época.

A última afirmação no título do Evangelho de Marcos fecha a porta à possibilidade de Jesus ser visto como apenas um homem entre outros. O evangelho origina-se em Deus (1.14); e da mesma forma Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus.[1] Isso é afirmado muitas vezes, de modo a sublinhar sua importância. Jesus é chamado o Filho de Deus pelo próprio Deus (no princípio 1.11, e perto do meio do livro, 9.7), e por um homem, o centurião encarregado da Crucificação (perto do final do livro, 15.39). A organização desse Evangelho gira em torno das referências a Jesus como o Filho de Deus.

Marcos não relata o nascimento de Jesus (como o fazem Mateus e Lucas), a fim de mostrar que Jesus é o Filho de Deus. Sua apresentação é diferente da dos outros evangelistas, embora todos insistam que na contemplação do Filho, nós temos uma oportunidade única de conhecer a Deus, o Pai — sua natureza, suas ações e seus propósitos para conosco.

Além dessas afirmações no Evangelho de Marcos, a filiação divina de Jesus está implícita em muitas de suas próprias declarações (8.38; 12.6; 13.32; 14.36;62), e na pergunta do sumo sacerdote (14.61). Quando os espíritos maus fazem declarações semelhantes, Jesus exige que se calem (3.11; 5.7). Depois de destacar a frase "Filho de Deus", colocando-a estrategicamente no início de sua narrativa, Marcos vai adiante enfatizando a humanidade de Jesus como nenhum outro Evangelho. Ao acompanharmos o desenrolar da narrativa, entenderemos melhor as conotações, tanto humanas como divinas, da declaração "Jesus Cristo, o Filho de Deus".

A primeira frase do título "o princípio do evangelho" poderia ser uma referência às promessas do Antigo Testamento (1.2s), ao aparecimento de João Batista (1.4-8) ou ao Prólogo como um todo (1.12s), pois cada um desses pontos é, em certo sentido, um "princípio do evangelho". Marcos, entretanto, parece apresentar todo o livro como "o princípio do evangelho", pois essa é uma história que continua com a proclamação do evangelho pelos apóstolos, e continua hoje "onde quer que o evangelho seja pregado" (14.9). Este é o novo livro de Gênesis (ambos começam com "princípio"). O Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus, tem um princípio no tempo e no espaço. Não há, no entanto, um ponto final, pois leva à vida eterna no porvir (10.30).

Em seu título, Marcos pressupõe o plano geral de seu Evangelho, dividido em duas etapas: Jesus o Cristo (capítulos 1 a 8), o Filho de Deus (8 a 16). O centro do livro (8.27-31) se constitui na transição da primeira para a segunda parte. Ao final da primeira etapa, Pedro confessa que Jesus é o Ungido; quase ao final da segunda parte, o centurião confessa que Jesus é o Filho de Deus. Na primeira, Jesus demonstra sua autoridade pelas suas palavras e seus feitos; na segunda, a ênfase recai no sofrimento de Jesus em obediência filial a Deus. Na primeira ele serve em poder; na segunda em fraqueza. Aqui, como através de todo Novo Testamento, a salvação que Deus oferece ao mundo está inseparavelmente mesclada com a pessoa de seu Filho, Jesus Cristo.

O autor desenrola a dramática história do "Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus", uma história que oferece um novo começo para aqueles que prestarem atenção ao convite de Jesus "Siga-me".

*B. O PRÓLOGO, 1.2-13*

[1] A maioria dos estudiosos concorda que as palavras "Filho de Deus" faziam parte do texto original, mas foram acidentalmente omitidas em alguns manuscritos antigos.

Aqui o autor apresenta a preparação humana e sobrenatural do ministério de Jesus. De acordo com a mensagem profética, João aparece, preparando as multidões para virem ao Senhor. Jesus se identifica com pecadores no seu batismo, em cuja oportunidade Deus declara que Jesus é o seu Filho amado, de quem se agrada. O Espírito Santo unge Jesus e o conduz ao deserto para ser tentado por Satanás.

Em contraste com o conhecimento público da missão de João, as pessoas não percebem a atividade especial de Deus aqui. O autor transmite essa informação privilegiada aos seus leitores a fim de que possam conhecer a Jesus como o Filho de Deus.

## A PROCLAMAÇÃO DE JOÃO 1.2-8

Deus prometera redimir seu povo. Durante séculos, no entanto, ele não enviou profeta a Israel. Apesar disso, alguns ainda esperavam pelas boas novas. Essa esperança ressurge com a aparição de um profeta chamado João, e muitos arrependem-se abertamente em preparação para a chegada do Prometido.

Em meio à essa expectativa renovada, Jesus vem como cumprimento das profecias. Seu batismo no rio Jordão e sua tentação no deserto não são nada que se pudesse esperar, considerando-se a declaração prévia de que Jesus era o Filho de Deus. Entretanto, esses eventos que circundam o batismo de Jesus são inigualáveis. Embora apresentados com grande simplicidade, são dramáticos e cheio de surpresas.

O prólogo é composto de três parágrafos, todos relacionados à preparação. O primeiro (vv. 2-8) mostra como João ensina o povo a se preparar para o Prometido. Com o aparecimento e o batismo de Jesus no segundo parágrafo (vv. 9-11), a missão de João se cumpre e ele desaparece de cena. Deus, o Pai, e o Espírito Santo preparam Jesus para seu ministério, confirmando assim que é nele que as promessas serão cumpridas. No terceiro parágrafo (vv. 12s), Jesus, sob a direção do Espírito, é tentado e seu adversário identificado.

Jesus permanece "passivo", ao longo de toda essa seção, mesmo sendo o centro de tudo que está acontecendo. Por meio do ministério de outros ele está sendo preparado para o seu ministério que está prestes a começar (1.14).

**1.2-3 -** No passado Deus falou (Hb 1.2) alimentando a esperança entre o povo. As boas novas estão enraizadas nas promessa do Antigo Testamento e são compreendidas à luz das mesmas. Os eventos nas narrativas seguintes ocorrem em cumprimento ao plano estabelecido por Deus, conforme anunciado pelos profetas. Referindo-se ao profeta Isaías (v.2), Marcos enfatiza que Deus (que falara no passado) está, agora, a ponto de completar a salvação prometida.

A esperança nasce especificamente em relação às profecias mencionadas, pois elas foram cumpridas com o aparecimento de João e de Jesus. Identifiquemos as pessoas mencionadas: O Senhor Deus fala ao Messias: "Eu enviei meu mensageiro João à sua frente, para preparar seu caminho. No deserto, meu mensageiro chamará o povo de Israel para preparar o caminho do Senhor."

Nessa citação, Marcos segue a prática comum de seu tempo, de juntar duas ou três passagens do Antigo Testamento. Ele ligou Êxodo 23.20, conforme expresso em Malaquias 3.1, a Isaías 40.3. A promessa dada em Êxodo refere-se à ação de Deus na fuga de Israel do Egito, enquanto que Isaías olha para o futuro. Ambos despertam expectativas dormentes por muito tempo. Juntos eles dizem: "Deus está para agir". Conseqüentemente, aparece Jesus. (v.9).

**1.4-6 -** João, o mensageiro de Deus surge, pregando no deserto, exatamente como fora prometido. O deserto lembra a experiência de Israel quando, livres da escravidão do Egito, os israelitas foram disciplinados por Deus na preparação para a entrada na terra prometida. Agora Deus está começando um novo Êxodo. Separando-se da vida religiosa fácil e institucionalizada, multidões vão ao deserto para ouvir a João.

Embora nenhuma voz profética tivesse sido ouvida por séculos, os fiéis continuam esperando que Deus cumpra suas promessas. Eles crêem que um profeta surgirá nos últimos dias, preparando o dia do Senhor. Ele será um fiel emissário de Deus na mesma linha, e com a mesma mensagem, dos verdadeiros profetas da história de Israel. Essa esperança é alimentada pelas palavras de Deus por Malaquias (4.5s), "Eu lhes enviarei o profeta Elias antes que venha o grande e terrível dia do Senhor", um dia de julgamento e de salvação. Esse profeta anunciaria o cumprimento das antigas profecias.

Marcos não descreve a aparência de Jesus em nenhum lugar, embora ele seja a figura central do Evangelho. No entanto, descreve propositadamente a comida que João comia e as roupas que vestia (v. 6), em termos que nos remetem à roupa de pelos e o cinto de couro de Elias (2 Rs 1.8; Zc 13.4). Desse modo, Marcos apresenta a primeira evidência do elo entre João Batista e Elias. João é o precursor prometido, um profeta de grande importância escatológica que cumpriu sua missão proclamando: "Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas."

Essa mensagem é dirigida à toda a nação como preparação necessária para a vinda do Senhor. Há um mover em massa daqueles que moram na Judéia e em Jerusalém.(1.5, cf. 3.8), embora tivessem que percorrer o difícil caminho para ouvi-lo no deserto. A mensagem, recebida por muitos, apesar das dificuldades, vincula três aspectos inseparáveis: arrependimento (uma nova atitude de coração e mente), acompanhado da confissão (uma demonstração audível do arrependimento), e batismo (uma representação visível do arrependimento). João não facilita as coisas para ninguém; ele exige muito de seus ouvintes (do mesmo modo como, mais tarde, Jesus chama homens e mulheres ao discipulado radical).

O chamado de João ao arrependimento pressupõe que a reconciliação com Deus é indispensável a fim de superar a separação causada pelo pecado. Arrependimento *(metanoia)* significa uma mudança deliberada de atitudes, que resultam numa mudança de comportamento. Pessoas arrependidas não fogem da realidade de sua condição de pecadores, nem procuram desculpas para seus pecados. Elas confessam abertamente seu pecado a Deus (cf. Lc 18.13) e afirmam que desejam viver de acordo com a vontade de Deus. A genuína tristeza pelo pecado leva à conversão, a qual envolve uma completa mudança de rumo. Embora a jornada comece com a tristeza de um espírito quebrantado, esta leva à alegria das boas novas de perdão, pois Deus não despreza o coração contrito (Sl 51.17).

Chamando os judeus, como indivíduos e como nação, para voltarem-se a Deus, João prega imersão *(baptizon)* como uma expressão do arrependimento. Como acontecia aos gentios, que eram batizados ao converterem-se ao Judaísmo, os judeus que confessam estar alienados de Deus são batizados por João. Assim como a mensagem de João prepara o caminho para a salvação prometida, o perdão que ele prega prepara o caminho para o perdão completo, disponível exclusivamente por meio de Jesus Cristo. Ainda assim, não é o ritual do batismo que traz o perdão. O batismo é, na realidade, a expressão do arrependimento que resulta no perdão de pecados.

**1.7-8 -** O chamado de João para o arrependimento indica que alguma coisa extremamente importante está para acontecer. Nas únicas palavras suas mencionadas no Evangelho de Marcos, João declara que alguém mais poderoso que ele está para vir. Ele exalta a pessoa de Jesus, a figura central em seu ministério. Tanto João quanto Jesus são servos de Deus e ministros em seu plano de redenção; mas, como João mesmo aponta, Jesus é maior em poder, em dignidade e ministério. João

é o maior dos profetas (Mt 11.11), mas Jesus é de uma ordem de grandeza diferente. Ele é o Filho de Deus, cheio e dirigido pelo Espírito Santo (1.10-12).

Apesar da importância de sua missão, João é humilde. Naqueles dias, os discípulos serviam seus mestres da mesma maneira que os escravos serviam seus senhores, exceto em desatar suas sandálias. Essa tarefa nem mesmo escravos hebreus realizavam. João, entretanto, é indigno de desatar as tiras das sandálias daquele que estava chegando, seu Senhor, cuja dignidade é insuperável.

O ministério de Jesus é também mais poderoso. Apesar de seu apelido, Batista, por causa de sua ênfase, João deixou claro que seu batismo é limitado. É preparatório para aquele que viria. A regeneração completa virá somente com o batismo com o Espírito Santo que Jesus ministrará. Como Hooker diz, João é "uma figura enigmática, que não pertence nem à ordem dos antigos profetas (pois ele os completa) nem à nova ordem do evangelho (pois ele é seu arauto). Seu papel é o de testemunha e precursor".[1]

A primeira menção do Espírito Santo neste Evangelho identifica totalmente Jesus com a salvação prometida, associando-o com o derramar do Espírito (Jl 2.28s; Ez 36.26s). Logo após ser ungido pelo Espírito (1.10), Jesus irá conceder o Espírito aos outros.

Nos versículos 2-8, Marcos estabelece que a vinda de João marca o primeiro e indispensável passo para cumprir as antigas promessas de salvação. João prepara o caminho para o Senhor. O povo, por meio de seu arrependimento e batismo prepara-se para receber o Messias. A cena está pronta para o Senhor. Então, conforme Marcos diz no versículo 9. "Jesus veio".

## JESUS É BATIZADO 1.9-11

De acordo com os profetas (1.2s), o mensageiro é enviado para preparar o caminho do Senhor. Como João cumpriu sua missão, Jesus veio. Marcos nada relata sobre o nascimento de Jesus; ele já havia identificado Jesus como o Filho de Deus. Simplesmente diz que "Jesus veio de Nazaré na Galiléia," localizando o cumprimento da promessa de Deus dentro da história. Ele não está simplesmente relatando "verdades espirituais"; esses são eventos ocorridos em épocas e locais determinados. Jesus veio de Nazaré, uma pequena e insignificante cidade da Galiléia (Jo 1.46). Fechando seu Evangelho com a referência a "Jesus de Nazaré" (16.6), Marcos mostra a coesão de sua narrativa. Ao mesmo tempo ele identifica o Jesus ressurreto com o humilde servo de Deus da Galiléia.

Jesus faz a viagem, de cerca de 160 km, com o propósito específico de ser batizado por João no rio Jordão. Considerando os contrastes entre João e Jesus (vv. 2-8), parece estranho que Jesus, que batizará com o Espírito, busque o batismo para si.

Mais estranho ainda é o fato de Jesus submeter-se ao "batismo de arrependimento para remissão de pecados"(1.4). Deveriam os leitores concluir que Jesus, como os outros batizados por João, fosse um pecador arrependido? Impossível, pois lemos no prólogo que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (v. 1), o Prometido (vs. 2, 3), o doador do Espírito (v. 8). Além dessas evidências, Deus mesmo e o seu Espírito celebram o batismo de Jesus, testemunhando sua singularidade. De acordo com essas evidências, Jesus não é um pecador, mas o amado Filho com quem o Pai se alegra (v.11).

[1] M. Hooker, 75.

Jesus, o /nico que batiza com o Espírito, é batizado nas águas. Exatamente como João está posicionado entre a velha e a nova aliança, Jesus é o intermediário entre Deus e os homens, representando um diante do outro. Como homem, ele toma para si o julgamento de Deus em relação ao pecado — ou seja, julgamento sobre os pecados de outros, pois ele mesmo não tem pecado (cf. 2 Co 5.21). Pelo seu batismo, então, Jesus dá o primeiro passo para identificar-se com os pecadores. Ele irá mostrar sua solidariedade com a humanidade de outras maneiras conforme a história relata.

Quando Jesus sai da água, ele vê o céu abrir-se, e percebe que Deus constrói uma ponte sobre o abismo que separa terra e céu. Essa deve ser a resposta ao desejo do profeta pela salvação de Israel, no qual apela a Deus para "se fendessem os céus e descesses" (Is 64.1; ver "rasgar-se."em Mc 15.38).

O princípio do Evangelho (1.1) remete-nos ao princípio da criação (Gn 1.1s), quando o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. O Espírito vem sobre Jesus, no princípio da nova criação, como uma pomba que desce, paira e pousa. Ele não somente paira sobre Jesus, mas vem para pousar permanentemente nele (cf. Is 11.2; 61.1 e Lc 4.18; Jo 1.32-34).

Em contraste com as referências sobre o Espírito vindo sobre líderes do Antigo Testamento, Marcos diz que o Espírito entra *(eis)* em Jesus.

Como Filho de Deus, cheio do Espírito, e guiado pelo Espírito, Jesus age com a autoridade e o poder de Deus. Tudo o que se segue deve ser entendido no contexto de Jesus completamente guiado pelo e cheio do Espírito. Suas palavras e seus feitos apresentam exemplos concretos do que significa viver sob a direção do Espírito.

A simplicidade da narrativa de Marcos sobressai em marcante contraste com os majestosos eventos descritos. Uma voz dos céus diz: "Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo". Deus, cuja voz tinha estado calada por séculos, fala a Jesus, seu Filho, em tom de intimidade familiar, no qual expressa sua completa e irrestrita aprovação. Seu pronunciamento acena para várias passagens da Escritura de modo a enriquecer seu significado original. "Tu és meu Filho" nos lembra o Salmo 2.7, inicialmente falado aos reis de Israel. "Meu Filho amado" reflete as instruções de Deus a Abraão: "Tome seu filho, seu único filho Isaque, a quem você ama" (Gn 22.2; Mc 9.7; 12.6). No pensamento judaico, o sacrifício de Isaque era entendido como a base para o oferecimento de sacrifícios no templo em Jerusalém.

Além disso, as palavras de Deus a Jesus lembram Isaías 42.1. "Eis o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem se compraz a minha alma; pus o meu Espírito sobre ele; ele trará justiça às nações". A alusão a Jesus, Filho de Deus, como rei é coerente; mas os reis não são servos nem servis. Esse paradoxo, entretanto, forma o âmago do evangelho, uma ironia que confunde aqueles que acompanham Jesus durante sua vida, e continua a ser um bloqueio ainda hoje. Por meio dessa combinação de textos (Sl 2.7 e Is 42.1), porém, aprendemos que "Jesus é designado como Messias-Rei cuja tarefa é radicalmente reinterpretada em termos da missão do Servo sofredor de Deus".[1]

A frase "Tu és meu Filho" descreve mais do que somente os feitos de Jesus; refere-se principalmente ao seu ser. O papel de Jesus como Servo Sofredor tem significado remidor por causa de quem Jesus é em relação a Deus. Ele é o Filho de Deus; seus feitos, suas palavras e autoridade vêm de sua unidade com o Pai. Nós conhecemos Deus, o Pai, por intermédio de seu Filho. Deus, que por séculos não se revelava, agora fala, expressando sua apreciação por Jesus, seu Filho.

[1] Anderson, 79.

A aprovação do batismo de Jesus, sinaliza que ele é o filho obediente que se identifica com os pecadores, cuja expressão maior será a cruz. Mas Jesus também está destinado a reinar. Ele é o Servo Sofredor, ungido pelo Espírito e escolhido pelo Pai, que governará como Servo do Senhor.

Jesus experimenta as três coisas que, de acordo com a tradição judaica, poderiam sinalizar o surgimento do reino escatológico de Deus: os céus se abrem, o Espírito vem sobre ele, e uma voz do céu fala com ele. A ocorrência desses três eventos em seu batismo indica que o reino está próximo (cf. 1.14s), com Jesus como seu inaugurador.

Embora Jesus tenha sido batizado na presença de muitas pessoas, Marcos sugere que somente Deus o Pai, o Filho, e o Espírito Santo eram conhecedores do que realmente ocorreu naquela ocasião. Para as pessoas presentes no seu batismo, a identidade de Jesus permanece um segredo a ser desvendado a partir do momento em que seu ministério se manifestar. Paradoxalmente, ele revelará que é o Filho de Deus por meio de sua fraqueza, que culminará com sua Crucificação. Nesse ínterim, Ele permanece incógnito como Filho de Deus.

Nesses primeiros versículos, o narrador nos dá informações valiosas, que nos capacitarão a entender aquilo que os primeiros discípulos só compreenderam com muita dificuldade.

## JESUS É TENTADO POR SATANÁS 1.12-13

O leitor poderia esperar que o Espírito Santo imediatamente apresentasse Jesus publicamente como o Filho amado de Deus para que toda a humanidade aclamasse seu poder e o adorasse. Muito pelo contrário, o Espírito impele Jesus para o deserto, para empenhar-se num teste de força com Satanás o qual usurpara o controle sobre este mundo (cf. Ef 2.2; 6.12).

O Espírito inicia a batalha imediatamente após a unção de Jesus (1.9-11), pois ele deve ser testado antes de que possa proclamar que "o reino de Deus está próximo" (1.14s). Deus o testa com o desejo de aprovar; é parte da disciplina divina (cf. Hb 5.8; 12.6). Por outro lado, Satanás testa com hostilidade, com a intenção de vencer Jesus, desviando-0 de sua missão.

A tentação de Jesus não é uma mera formalidade. Como Hebreus 4.15 diz: "foi ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança" (cf. Hb 2.14-18). Essa é uma evidência de sua participação em nossa humanidade. Entretanto, sua tentação é distinta, pois traz conseqüências cósmicas. Nessa batalha com Satanás, o Filho do Homem inicia sua jornada solitária que o levaria a outros testes e à morte antes de sua ressurreição e glória (cf. 8.31).

O número quarenta lembra os quarenta anos de teste de Israel no deserto (Nm 32.13; Sl 95.10). Os israelitas também experimentaram a provisão divina no deserto. Agora Jesus não só passa pela tentação como também é servido por anjos em sua experiência no deserto. De acordo com Is 40.3 e Mc 1.2-3, o Messias vem no deserto.

Embora Marcos não anuncie a derrota de Satanás, ele pressupõe que Jesus quebrou o poder de Satanás e, assim, garante a sua completa vitória (como ele mesmo prevê em 8.38; 13.26; 14.62). Isso, entretanto, não implica que Satanás tenha deixado Jesus. A tentação constitui apenas o primeiro dos vários encontros de Jesus com o diabo. Espíritos malignos continuam a lutar contra ele durante toda sua vida. O "adversário" intensifica a batalha no Getsêmane e no Calvário (14.36; 15.34, 37). O conflito só terminará, entretanto, com a derrota final e a prisão do "adversário" para todo o sempre (Ap 20.10).

Assim como os seres celestiais adoram Jesus (Hb 1.6), os anjos o servem durante esses quarenta dias de tentação. Possivelmente, a referência à presença de Jesus entre os animais seja uma alusão à restauração do Éden (Is 11.6-8; 65.25; Os 2.18) com a reversão da inimizade que surgiu no

universo como resultado da queda (Gn 3.15). Na vitória final sobre Satanás, toda a criação ficará livre de sua escravidão (Rm 8.19-23).

Em meio à fartura, e com os animais sujeitos ao seu domínio, Adão caiu em tentação. Cercado pela escassez e a hostilidade do deserto, Jesus prevalece. Ele, como Adão, foi levado por Deus à tentação imediatamente após o seu comissionamento; mas, ao contrário de Adão, Jesus resistiu à tentação e, portanto, restaurou o paraíso. Esse conflito com Satanás forma parte do pano de fundo do ministério de Jesus.

Nesses versículos iniciais, o autor relata a preparação de Jesus para o ministério que ele abraçaria em breve. Simultaneamente, ele nos dá uma valiosa "informação confidencial", a qual nos ajudará a entender o significado de toda a narrativa.

O prólogo apresenta muitas das principais pessoas e temas de toda a história. Somos apresentados ao Deus triúno, os relacionamentos entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo e o envolvimento ativo deles com a humanidade. Somos alertados para o conflito com Satanás. Ouvimos os testemunhos dos mensageiros de Deus, culminando com a declaração do próprio Deus de quem é Jesus. Temos oportunidade de ver Jesus do ponto de vista de Deus. A participação humana, entretanto, é limitada a João como mensageiro de Deus, e às pessoas que respondem à mensagem.

Esses treze versículos nos oferecem uma pista interna para entender o que os participantes, que ainda serão apresentados, aprendem indutivamente à medida em que, pouco a pouco, reúnem as evidências. Quando contemplamos Jesus pelo estudo do evangelho de Marcos, nossa compreensão de quem ele é, e a relevância disso para nossas vidas, se torna progressivamente mais clara, assim como ocorreu com homens e mulheres naquela época, aqueles que tiveram ouvidos para ouvir e olhos para ver.

## A AUTORIDADE DE JESUS É CONFIRMADA E CONTESTADA - 1.14-3.6

Por intermédio da pessoa de Jesus, Deus convida homens e mulheres a viverem sob sua direção, como membros de seu reino. Em termos simples, diretos e pessoais, essa vida é descrita pela frase "seguindo a Jesus".

Vemos Jesus em meio às pessoas de seu tempo, acessível e sensível às suas necessidades. Ficamos impressionados e, algumas vezes, chocados com suas palavras. Observamos sua autoridade sobre as forças naturais e sobrenaturais. Enquanto isso, perguntamos: se ele é o Filho Ungido de Deus (como declarado em 1.1, 11), por que não declara a sua identidade abertamente e estabelece o reino de Deus imediatamente? Se os maus espíritos sabem quem ele é, por que Jesus os proíbe de declarar isso? Por que ele é rejeitado pelos líderes religiosos? Tais paradoxos nos confrontam com a questão básica: "Quem exatamente é Jesus?"

Cumprindo seu papel como protetores das tradições de Israel, os líderes religiosos misturam-se à multidão para investigar esse líder popular. Em cinco parágrafos, habilmente formados ao redor de cinco questões (2.1-3.6), Marcos traça a crescente reação negativa a Jesus. Eles avançam de uma posição crítica, no nível de pensamento, para uma acusação aberta de que ele quebra as leis sagradas referentes ao sábado. Concluem sua investigação planejando matar a Jesus.

Jesus é a figura central de toda a narrativa, e os outros são sempre vistos em sua relação com ele. Seus atos despertam interesse, suas palavras provocam respostas. Ninguém pode permanecer neutro. Ao apresentar Jesus dessa maneira, o autor obtém êxito relatando mais do que fatos histó-

ricos. Ele convida seus leitores a responderem as perguntas: "Quem é Jesus?"; e "Estou vivendo sob a direção de Deus?".

*A. JESUS AFIRMA SUA AUTORIDADE 1.14-45*

Em Jesus, Deus aproxima-se dos homens, oferecendo àqueles que se arrependem e crêem no evangelho a oportunidade de viverem sob sua orientação. Quatro pescadores respondem ao convite de Jesus e o seguem sem hesitação. Observam sua autoridade ao ensinar e curar, em situações diversas nas quais muitas pessoas seguem a Jesus.

## JESUS ANUNCIA AS BOAS NOVAS DE DEUS 1.14-15

Este parágrafo pode ser considerado como a conclusão do Prólogo (1.2-13), uma vez que reforça o relacionamento temporal entre esses dois pregadores do arrependimento, Jesus e João. Mais do que isso, porém, esse parágrafo prefacia o ministério de Jesus centrado na Galiléia. João sai de cena. Ele não aparecerá novamente neste Evangelho, embora seu ministério continue a influenciar as atitudes em relação a Jesus.

Com esses dois versículos, Marcos sucintamente apresenta o cenário da proclamação do Evangelho por Jesus (v. 14) e um resumo das "boas novas de Deus" (v. 15). A mensagem de Jesus é a chave para o entendimento do que vem a seguir.

**1.14** - Desde que João preparou fielmente o caminho para a vinda de Jesus, podemos esperar que Deus o promovesse do deserto para um lugar de honra. Em vez disso, aquele servo do Senhor é entregue (do verbo *paradidomi)* ao cárcere. A experiência de João nos dá uma prévia do que está reservado para Jesus e seus discípulos. O pioneiro na pregação do arrependimento é, também, o primeiro a ser aprisionado. De acordo com as predições posteriores de Jesus, ele mesmo (8.31; 9.31; 10.33s) e seus seguidores (13.9) também seriam perseguidos pelos opositores do evangelho.

Ao estabelecer a hora e o lugar, o autor torna claro que o ministério de Jesus é assunto de registro histórico. "Após a prisão de João" marca o tempo; Galiléia identifica a região que dominará a metade do livro (1.14-8.26). No final de Marcos (16.7), o Jesus ressurreto determina que seus discípulos o sigam de Jerusalém para a Galiléia.

Em suas primeiras palavras registradas por Marcos (1.15), Jesus proclama *(kerysso)* o evangelho, uma atividade que caracteriza seu ministério (e.g., 1.39, 4.1,3-8; 6.6b), e que se constitui numa das principais responsabilidades de seus seguidores. (3.14; 6.12).

**1.15** - Os contemporâneos de Jesus esperam ansiosamente por serem libertados da opressão. O presente mundo mau não lhes oferecia esperança. Antes, focalizavam suas esperanças num reino Messiânico futuro, quando Deus preencheria as aspirações nacionais, expulsando os conquistadores estrangeiros, e redimindo Israel para viver uma nova ordem de justiça e paz, livre da corrupção que eles conheciam tão bem. A pregação de João Batista acende a esperança de que a intervenção divina está próxima. Como resultado disso, muitas pessoas estão preparadas para a vinda do Prometido, convencidas de que Deus está prestes a cumprir sua promessa a seu povo. No meio desse grupo, surge Jesus, proclamando a essência das boas novas de Deus (v. 15):

"O *tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo;*
*arrependei-vos, e crede no evangelho ".*

Essa mensagem contém duas frases com verbos no modo indicativo e duas no imperativo. Com os indicativos, Jesus declara a existência de certas realidades criadas por Deus que demandam (imperativos) certas respostas daqueles que as ouvem (ou lêem).

Jesus declara que o tempo (*ho kairos)* está cumprido". Esse é um tempo especial, diferente de outros. O tempo de espera está cumprido, pois agora Deus está ativamente empenhado em realizar aquilo que tinha prometido. Chegou o momento propício para que ele entre na história humana e estabeleça o seu reino.

A proclamação de Jesus de que "é chegado o reino de Deus" eclipsa o chamado de João para "preparar o caminho do Senhor". A era dos profetas antigos se encerra com a prisão de João; Aquele que deveria vir já chegou. Em outras palavras, a pregação de João Batista acendeu a expectativa do reino, enquanto que Jesus a torna realidade. Deus invade a história na pessoa de Jesus para redimir aqueles que estavam separados dele. Desde que Jesus é o Filho de Deus, amado pelo Pai e ungido pelo Espírito (cf. 1.1-11), ele não somente proclama as boas novas: ele mesmo é o foco do evangelho. Sua vinda sinaliza a inauguração do reino de Deus. Essa é a ênfase dessas duas declarações cujos verbos encontram-se no indicativo.

A iniciativa de Deus requer um compromisso de homens e mulheres, pois Deus não constrói seu reino independente do envolvimento humano. Ninguém pode receber seu reino passivamente, como pensam algumas seitas judaicas. "Arrependei-vos e crede no evangelho!" Com esses dois verbos no imperativo, Jesus define a resposta que Deus requer daqueles que desejam pertencer a seu reino. Nem arrependimento nem fé, entretanto, são gestos isolados; tanto atitudes como ações são essenciais para o seguidor de Jesus que queira receber os múltiplos benefícios da presença dinâmica de Deus.

Os que se arrependem humildemente reconhecem, diante de Deus, que falharam em fazer o que é certo e confessam que não são senhores de seus próprios destinos. Reconhecem sua indignidade inata e confessam a falsidade de seus motivos e ações. Quando percebem que seu grande prazer não está em Deus ou em fazer o que lhe agrada, clamam pela misericórdia daquele que "resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (1 Pe 5.5; cf. Lc 18.9-14).

Além da ênfase de João no arrependimento (1.4-5), Jesus destaca a fé. Como resultado de crer na pregação de Jesus, é criado um novo relacionamento entre Deus e aqueles que crêem. Eles passam a contar com Deus e a abraçar as promessas do evangelho. As palavras *pisteuo* (crer) e *pistis* (fé) denotam originalmente o relacionamento de confiança entre duas partes num acordo, e a fidedignidade de suas promessas. Nos evangelhos esses termos ganham especial importância e referem-se especificamente à aceitação e confiança naquilo que Deus tem feito e prometido em seu Filho.

Crer verdadeiramente nas boas novas resulta em obediência, conforme ilustrado pelos quatro pescadores (1.16-20). "Fé" no evangelho de Marcos não é uma idéia abstrata, mas significa vida debaixo do domínio de Deus. Isso esclarece que as boas novas de Deus confrontam cada pessoa com sua decisão de submeter-se a ele ou continuar a controlar sua própria vida.

Embora Jesus declare que o reino de Deus é uma realidade presente, ele não satisfaz as expectativas de seus contemporâneos. Por exemplo, eles estavam certos de que Deus julgaria os gentios. Jesus, no entanto, os serviu (cf. 7.24-8.9) e os aceitou no reino (cf. 11.17; 13.10,27; 14.9). Também não expulsou as autoridades romanas opressoras da pátria dos judeus.

Como alguém pode conciliar a presença do domínio de Deus com a continuação das injustiças e da morte? Na realidade, o tipo de reino pelo qual Israel esperava não veio; nem todas as profecias do Antigo Testamento foram inteiramente cumpridas. Entretanto, na pessoa de Jesus , o reino de Deus, embora encoberto, já está presente, convidando homens e mulheres a aceitar o senhorio dinâmico de Deus com suas responsabilidades e privilégios. O senhorio régio de Deus, no entanto, ainda não está consumado: "Mas agora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele" (Hb 2.8). A primeira vinda de Jesus é o começo. Seu cumprimento está em andamento, seu encobrimento é temporário (cf. 4.22), e sua manifestação aguarda o segundo advento de Cristo.

A proclamação de Jesus (1.15) motiva o resto da história do Evangelho. Marcos apresentará estudos de caso que demonstrarão o compromisso radical que a lei de Deus requer daqueles que crêem, no evangelho. Veremos indivíduos que experimentam a dinâmica presença de Deus em suas vidas diárias. Teremos oportunidades de observar que seguir a Jesus é viver de acordo com o senhorio régio de Deus. Desse modo, veremos como nós, também, podemos gozar os privilégios e cumprir as responsabilidades daqueles que vivem sob o domínio de Deus.

***Notas***

**v. 14** - *Paradidomi* ("entregar"), usado 20 vezes em Marcos, começa com João sendo "entregue" à prisão, e termina com Jesus sendo "entregue" à morte (9.31; 14.10; 15.15).

• "As boas novas de Deus" têm origem no próprio Deus. A expressão é empregada em Rm 1.1; 15.16; 2 Co 11.7; 1 Ts 2.2, 8, 9 e 1 Pe 4.17.

**v. 15** - Há duas palavras gregas para indicar "tempo". *Chronos* significa, simplesmente, um período de tempo; *kairos,* tempo específico. "Um dos principais termos escatológicos na Bíblia, *kairos,* é, acima de tudo, o tempo de Deus" (Bratcher e Nida, 37). Jesus anuncia que esse é um momento decisivo nos propósitos de Deus.

• A fim de evitar conotações estranhas ao evangelho, a palavra grega *basileia* ("reino") será traduzida por frases como "senhorio de Deus", "domínio de Deus", "sua soberania", "senhorio régio de Deus", e "presença dinâmica de Deus".

• Ao longo dos séculos, os eruditos católicos têm seguido o ensino de Agostinho, que identifica o reino de Deus com a igreja. Ladd, porém, está correto ao afirmar que "a igreja é o povo do reino, mas não pode ser identificada como o reino em si" (Theology, 58).

• *Metanoia* ("arrependimento", cf. 1.4-6) significa a renúncia do pecado, e é acompanhado por um voltar-se para Deus (i.e., conversão). Isso vai muito além do que ter remorso do passado, sentir repugnância pelo pecado e resolver viver corretamente. Arrependimento exige uma "mudança de mente" *(nous),* como Paulo declara em Rm 12.1s. Envolve uma total reorientação da personalidade. O arrependido estabelece o propósito de viver sob a direção de Deus.

• Antes da Crucificação, as boas novas eram um convite ao compromisso com a realidade do senhorio de Deus por meio de Jesus. Depois da ressurreição de Jesus o evangelho significa a mensagem cristã em sua inteireza.

## JESUS APRESENTA O REINO DE DEUS 1.16-45

A essência da mensagem de Jesus, e a resposta que ela requer das pessoas, é preservada no versículo 15. O autor, agora, ilustra o significado da mensagem de Jesus nas vidas de homens e mulheres que têm um encontro com ele.

Ao ouvir a ordem "Segue-me" muitas pessoas poderiam perguntar, "Quem é você para que eu o siga?", e, "Para onde você vai e por quê?" Aqueles que acompanham Jesus vão adquirindo, gradativamente, respostas parciais para essas questões, mas a grande revelação só vem nas cenas finais do Evangelho. No entanto, pelas declarações do autor (1.1) e da voz vinda dos céus (1.11, cf. 9.7), os leitores são lembrados que Jesus é o Messias (o Cristo), o Filho amado de Deus. Assim, procuramos respostas para perguntas tais como a seguinte: "Como ele é, e, o que ele tem a ver conosco?"

Nesta primeira metade do evangelho, Marcos retrata a formação do discípulo em três estágios: Jesus convida os quatro pescadores para segui-lo (1.16-20), ele separa os doze (3.13-19) e os envia

numa missão (6.6b-8. 26). Esses três estágios caracterizam a ênfase no discipulado que perpassa as três divisões (1.14 - 8.26), nas quais Marcos relata o ministério de Jesus na Galiléia.

## JESUS CHAMA QUATRO PESCADORES 1.16-20

Dois irmãos, Simão e André, estão ocupados em sua tarefa de lançarem as redes no lago da Galiléia. Ao passar pela praia Jesus os convida a segui-lo (1.16-20). Imediatamente, deixam de lado o que estão fazendo e vão após ele. Essa é uma maneira irônica de começar um reino. Ninguém estabelece um reino com quatro pescadores. Mas isso é somente uma das surpresas que nos esperam.

Não muito distante dali, dois outros pescadores, Tiago e João, estão em seus barcos, consertando as redes. Jesus também os convida. Eles deixam seu pai, Zebedeu, no barco com os empregados e seguem a Jesus.

O relato sucinto do chamado dos quatro pescadores enfatiza a autoridade marcante de Jesus e as exigências radicais de seu reino. Jesus aparece; sua palavra é revestida de autoridade. Aqueles que a ouvem, obedecem, sem demora, sem questionamento algum. Sua palavra os encontra no meio de seu dia-a-dia. Todas as atividades e responsabilidades anteriores perdem a importância à luz das exigências superiores do reino. Seu relacionamento com Jesus tem precedência sobre laços familiares. Suas vidas mudam de direção sob a autoridade suprema de Jesus; a vontade de Deus se torna soberana em sua vidas.

As palavras de Jesus aos pescadores contêm um imperativo ("Siga-me") e uma promessa ("E eu os farei pescadores de homens"). Sua autoridade expressa nessa ordem, não elimina a vontade de homens e mulheres, mas os confronta com uma decisão. Ele assume a responsabilidade de fazer deles o que é o seu propósito. "Eu os farei" é algo condicional; é uma promessa generosa, mas limitada àqueles que o seguirem.

Seguir a Jesus é a responsabilidade inadiável de todo aquele que se arrepende e crê no evangelho. O seguir começa com um primeiro passo e continua pela vida toda, uma vida de participação com Jesus em sua jornada "no caminho" *(hodos,* 8.27). O seguidor não sabe de tudo que está envolvido no processo; ele entenderá somente à medida em que seguir. Não se trata de envolvimento num programa; não é aderir a uma causa, movimento ou instituição; nem seguir uma lista de regras. É, na verdade, devoção pessoal a Jesus. "Siga-me" é a primeira e, também, a última palavra de Jesus a seus discípulos (1.17; 16.7).

Esse episódio funciona como um "periscópio", pois antecipa um dos temas proeminentes deste Evangelho: o discipulado. Naqueles dias, um jovem interessado poderia pedir permissão a um rabi para tornar-se seu discípulo. Como tal, ele poderia concorrei" com e, talvez, até mesmo substituir seu mestre. Não é assim com Jesus e seus discípulos. A iniciativa da escolha é dele; sua palavra é revestida de autoridade. Ele estabelece o caminho a ser percorrido e permanece soberano. O papel dos discípulos é segui-lo. O discipulado é uma mistura da iniciativa e autoridade divinas com a resposta humana.

O discipulado requer uma resposta individual; não, contudo, individualista. O discípulo torna-se membro de uma nova comunidade; e assim Jesus cria o núcleo da igreja, composto por seus seguidores e centrado na comunhão com ele. Os discípulos não se relacionam apenas com Jesus mas também uns com os outros, como Marcos descreve tão realisticamente mais tarde. E ainda mais, eles têm um ministério para com os outros fora da comunidade. Jesus especifica a missão deles como a continuidade do que ele está fazendo. Ele está pescando homens; e à medida em que eles o seguem, os capacita a participar na formação do novo povo de Deus.

*Notas*

**v. 16** - Marcos não indica ter havido qualquer encontro prévio de Jesus com esses homens; cf. Lc 5.1-11; Jo 1.29-42.

**v.17** - O discipulado foi uma prática fielmente promovida e ensinada por Paulo (cf. At 13.52; 14.20; 16.1; cf. 1 Tm 4.6; 2 Tm 2.2).

## SEGUINDO A JESUS POR VINTE E QUATRO HORAS 1.21-39

Uma boa maneira de se conhecer alguém é acompanhar essa pessoa em suas atividades diárias, observando-a numa variedade de situações. Marcos nos leva com Jesus por um período de vinte e quatro horas. Vemos Jesus em ação. As questões propostas anteriormente ainda valem. "Quem é Jesus?", surge a pergunta num encontro. Uma resposta inicial é dada à questão "Para onde Jesus está indo?" Ele está indo pescar homens e mulheres. Aqueles que o seguem têm a oportunidade de aprender algo sobre esta tarefa à medida em que o observam procurando pessoas.

É claro que ele é muito mais do que um pescador. Embora seja o Ungido, autorizado pelo Espírito Santo, sua identidade não é revelada aos homens. Eles vêem sua autoridade manifestando-se de diferentes maneiras c perguntam: "De onde vem esse poder?" São confrontados com a necessidade de tomar decisões com relação a ele. Em quatro narrativas curtas sobre eventos ocorridos em Cafarnaum, Marcos nos dá uma visão detalhada das reações iniciais a Jesus.

## JESUS DEMONSTRA SUA AUTORIDADE EM UMA SINAGOGA 1.21-28

No primeiro segmento deste período de vinte e quatro horas, Jesus começa a ensinar na sinagoga em Cafarnaum, um lugar onde se poderia esperar encontrar pessoas altamente interessadas em viver de acordo com a lei de Deus. Seu ensino, entretanto, é interrompido por um homem possesso por um espírito mau.

**1.21-22** - Ele começa o treinamento dos discípulos em Cafarnaum, cidade natal de Simão e André (v. 29), levando-os consigo à reunião regular dos judeus no sábado, na sinagoga. Reunidos para orar a Deus e para a leitura das Escrituras, as pessoas deveriam acolher as novas trazidas por Jesus. É um bom lugar para o começo.

Marcos não menciona o conteúdo do ensino de Jesus; mas podemos presumir que o versículo 15 o apresenta em linhas gerais. Marcos enfatiza, no entanto, que ensino de Jesus contrastava com o dos escribas por causa da autoridade com que ele ensinava. Esses mestres da lei (os escribas) não davam respostas diretas; limitavam-se a fazer citações de fontes rabínicas. Eles diluíam as Escrituras com suas tradições. Jesus, entretanto, ensinava com a contundência da autoridade divina.

O reconhecimento de João como profeta foi facilitado pelo fato de suas roupas lembrarem as de Elias. Os sinais para a identidade de Jesus não são tão evidentes. Seu ministério não fora sancionado pelas autoridades em Jerusalém. Sua ordenação por Deus (1.9-11) não é de conhecimento público. Suas palavras e obras são suas credenciais. Elas são parte da sua proclamação do reino. São os degraus que capacitam aqueles que o observam cuidadosamente a vir reconhecê-lo como o Prometido de Deus.

**1.23-26** - Se por um lado, a missão de Jesus é estabelecer o reino de Deus, por outro lado, ele veio para derrotar Satanás e os poderes do mal em todas as suas formas. Para trazer vida e liberdade, Jesus deve destruir o adversário cujo propósito é escravizar e destruir.

Assim, à medida em que Jesus ensina, a oposição demoníaca vem à tona. Satanás entende que a consumação do domínio de Deus garante a abolição do império da morte. O batismo de Jesus levou a um encontro com Satanás no deserto. Agora, a batalha continua com Satanás tomando a ofensiva, confrontando seu oponente na sinagoga, embora saiba que o Filho de Deus, finalmente, o destruirá .

O conflito não está limitado a poderes celestiais. A medida em que perseguem seus maus propósitos, os espíritos malignos lançam seu poder sobre seres humanos e suas instituições. O presumível ambiente de paz na sinagoga, de repente, se torna hostil quando o homem dominado por um espírito imundo grita para Jesus declarando-o "Santo de Deus". O adversário procura destruir Jesus revelando sua verdadeira identidade de Filho de Deus. Se as pessoas o vissem como o Messias, tentariam fazê-lo rei prematuramente. Isso destruiria os propósitos de Jesus, como certamente aconteceria se ele cedesse às tentações de Satanás (1.12s; cf. Lc 4.5-7), ou se ele se afogasse em meio à tempestade (4.35-41). Como será visto mais adiante, sua filiação não pode ser separada de seu papel de Servo Sofredor; ele se recusa a evitar a cruz. Logo, Jesus ordena ao espírito imundo, "Cala-te e sai dele".

Embora fosse capacitado pelo próprio Deus (1.11), Jesus exerceu sua autoridade com grande discrição. Ao mesmo tempo em que convida seres humanos a responderem ao seu chamado, Jesus ordena que o demônio lhe obedeça. Assim, Jesus age no âmbito de seu propósito cósmico de destruir Satanás. O espírito imundo não tem outra escolha senão obedecer. O demônio deixa o homem, convulsionando e gritando.

Os escribas falam e nada acontece. Jesus fala e o demônio sai. Ele fala com autoridade vinda de Deus, com a autoridade da presença do domínio de Deus. Os escribas pertencem a uma era passada; Jesus traz as boas novas do reino de Deus. Como ele mesmo diz: "Se eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus" (Mt 12.28). O poder de Deus invade o domínio do inimigo, e sela seu destino.

**1.27, 28** - As pessoas admiram-se de seu ensino (v. 22), de sua nova doutrina, e de expulsar os demônios (v. 27), pois tudo é feito com uma autoridade até então desconhecida. Suas palavras e feitos são singulares. Em seu espanto, os circunstantes perguntam: "O que é isso?" Marcos coloca a questão de tal maneira que cada leitor é confrontado com a necessidade de refletir seriamente a respeito da pessoa e dos atos de Jesus.

A primeira seção do ministério público de Jesus leva-o a libertar uma pessoa da poder do mal. As novas espalham-se como cinzas ao vento por toda a região da Galiléia (v. 28). Após relatar o encontro de Jesus com outras pessoas necessitadas, Marcos volta sua atenção sobre os efeitos desses encontros nas pessoas (1.32-39, 45). Recontando essa cena, Marcos nos apresenta um esboço vivido da autoridade de Jesus em sua obra, tanto quanto dos benefícios trazidos ao homem no confronto com a oposição demoníaca. O reino de Deus é o poder de Deus (autoridade) em ação por intermédio de Jesus. Seu reino é claramente muito mais do que um conceito ético. Conforme observa Hurtado "é uma realidade dinâmica e material" envolvendo a "libertação das pessoas das forças demoníacas, como aconteceu com o homem neste episódio".[1]

***Notas***

**v. 21** - Sinagogas eram constituídas onde havia um mínimo de dez homens adultos que assim o desejassem. Durante a semana, funcionavam como escolas para a educação de meninos judeus. No

[1] Marcos, 14.

sábado, os fiéis se reuniam para a leitura das Escrituras do Antigo Testamento e para oração. Não havia ministro ordenado; as reuniões eram conduzidas por leigos.

**v. 22** - A autoridade *(exousia)* de Jesus é enfatizada sete vezes em Marcos: em relação a seu ensino (1.22), à expulsão de demônios (1.27), ao perdão de pecados (2.10), à purificação do templo (11.28), e ao comissionamento dos discípulos (3.15; 6.7; cf. 13.34). Em cada um desses episódios, o exercício de sua autoridade confronta os circunstantes (e os leitores) com a pergunta: "Qual é a minha reação à autoridade de Jesus?"

**v. 23** - A mente moderna, educada no empirismo da filosofia ocidental, é freqüentemente condicionada a considerar o assunto "Satanás, demônios e controle demoníaco" como superstição sem sentido. Entendemos, no entanto, que a existência de Satanás, e de seus subordinados, é um dos temas centrais da Bíblia, e, portanto, precisa ser visto com seriedade. Não há dúvida de que Marcos tenciona fazer com que seus leitores compreendam que Jesus está envolvido numa luta pelo poder com Satanás, a personificação do mal, e com os seus emissários, que literalmente tomam o controle de indivíduos.

É preciso evitar ensinos e práticas contrárias à Bíblia, tais quais os que atribuem todas as doenças ao poder demoníaco. Os evangelhos fazem uma distinção cuidadosa entre os que estão doentes e aqueles que têm demônios (cf. 1.34; 3.10-11). Enquanto que fé é algo atribuído a pessoas enfermas, nunca nos é dito que alguém possuído por um demônio manifesta fé. A curas deles está relacionada com a fé de seus pais (7.24-30; 9.14-29) ou à autoridade de Jesus sobre os demônios (1.21-28; 5.1-20).

• "Espírito imundo" (3.11; 5.2; 6.7) não significa um espírito "sujo". Trata-se da denominação dos espíritos invisíveis associados com o mal e debaixo da influência de Satanás. As pessoas controladas por esses espíritos são identificadas como "tendo um demônio" (cf. 1.34, 39; 3.22; 5; 1-20; 9.14-27), estando, assim, ritualmente impuras e excluídas da sinagoga.

**v. 25** - Os relatos de Marcos sobre as ordens de Jesus para que a sua identidade não seja revelada (1.25, 34, 44; 3.12; 5.43; 7.36; 8.26, 30; 9.9) foram interpretadas por W. Wrede, em 1901, no sentido de que Jesus não teria reivindicado ser o Messias, nem de que ele teria sido reconhecido como tal pelos discípulos durante sua vida. Mas, em resposta a Wrede, Cranfield argumenta com propriedade que "os motivos para esse segredo devem ser encontrados essencialmente na natureza e no propósito do ministério de Jesus e na própria encarnação".[1]

• Jesus expulsa os demônios com uma ordem, em contraste com os rituais dos exorcistas judeus. À luz disso, o que dizer daqueles que hoje em dia lutam fisicamente com os possessos a fim de expulsar os demônios?

**v. 26** -Na ênfase escatológica de Marcos, Satanás e seus agentes já se encontram sob o julgamento de Deus. Entretanto, uma vez que o juízo de Deus ainda não se consumou, eles continuam a se debater em pânico (cf. 4.39; 5.7; 9.36).

**v. 27** - O termo grego *kainos* ("novo") refere-se à qualidade, a algo sem precedentes, incomum ou previamente desconhecido, em contraste com *neos,* que tem referência temporal, no sentido de "recente".

[1] Cranfield, Mark, 79.

## JESUS CURA A SOGRA DE SIMÃO 1.29-31

Devido à simplicidade do estilo do autor, podemos perder algo do significado deste trecho. Ele acontece no mesmo dia, na mesma cidade, e na presença dos mesmos discípulos. Mas as similaridades terminam aí.

Após a tumultuada cena na sinagoga, Simão e André levam Jesus, juntamente com Tiago e João, para casa em Cafarnaum. Ao ouvir que a sogra de Pedro estava com febre, Jesus a procura (do mesmo modo que procurara os pescadores). Ele a levanta, tomando-a pela mão. Sua cura é instantânea, capacitando-a a servi-lo.

Jesus demonstra sua compaixão e seu poder por meio de suas palavras e ações. Na sinagoga, a reação ao seu poder foi a de maravilharem-se; aqui é de servir. Tendo sido servida, "ela os servia".

Seu serviço mostra sua gratidão, mas também mostra que ela se tornara discípula de Jesus, pois o serviço é uma característica essencial do discípulo (9.35; 10.43-45). Tanto aqui, no princípio, como no final do Evangelho, Marcos fala de uma mulher servindo a Jesus. (15.41).

Jesus não ministra apenas nos lugares de adoração. Ele vai com seus discípulos até suas casas. Envolve-se em suas vidas familiares. Preocupa-se com indivíduos, não só com multidões, com as mulheres e não apenas com os homens. Seus discípulos têm liberdade para falar com ele sobre suas preocupações com a família e Jesus supre suas necessidades. Ele ministra sempre, e onde quer que esteja, sem alarde. Aceita a hospitalidade e é servido juntamente com os outros. Enquanto faz discípulos, Jesus está formando uma nova família (3.31-35) dada para servir uns aos outros (9.35) assim como Jesus o faz (10.45).

## JESUS CURA A MUITOS DEPOIS QUE O SÁBADO TERMINA 1.32-34

As pessoas espalham as novas sobre o poder de cura de Jesus por toda a Cafarnaum (v.28). Sendo judeus piedosos, eles temem quebrar a lei do sábado. Então, esperam até depois do pôr-do-sol, quando oficialmente o sábado termina, antes de trazer a Jesus todos os doentes e endemoninhados. Parecia que toda a cidade estava apinhada ao redor da porta da casa de Pedro, enquanto Jesus cura a muitos que sofrem de várias doenças.

Jesus também expulsa muitos demônios, mas não permite que eles falem. Anteriormente (v. 25), ordenara a um demônio que se calasse. Os gritos na sinagoga, sem dúvida, atrapalharam a reunião. Mas, agora, Marcos afirma especificamente que esta ordem de silêncio tem a ver com a identidade de Jesus. Os demônios sabem quem ele é e tentam usar essa informação para destruí-lo. Então, ele ordena que se calem. Ele deseja que a sua verdadeira identidade permaneça oculta, até o momento apropriado. Gradativamente, esse assunto importante se torna mais claro, mas por ora, Marcos não nos dá outras explicações.

## JESUS ORA EM UM LUGAR SOLITÁRIO 1.35-39

Aquele sábado fora um dia cheio para Jesus. No primeiro "domingo" de seu ministério, Jesus levanta-se muito cedo e vai orar sozinho. Enquanto Lucas mostra Jesus freqüentemente em oração, Marcos chama nossa atenção para três ocasiões nas quais Jesus orou sozinho, e à noite, durante algumas ocasiões especiais em seu ministério — aqui, em 6.46 e 14.32-39.

Vendo as multidões, os discípulos provavelmente pensaram que Jesus estava fazendo um sucesso tremendo. Mas, foi para isso que Deus o ungira? Jesus encara a hipótese de que este bom ministério poderia ser um inimigo ainda maior. Muitas pessoas são destruídas pelo "sucesso". Jesus toma cuidados especial diante do clamor popular. Ele não cede à pressão, não deixa que as pessoas determinem o seu caminho. Então, ele sai cedo pela manhã, buscando um período de oração sem interrupção. Jesus define suas prioridades na presença do Pai, porque se alegra em fazer sua vontade. Ele é um homem inteiramente dependente do Pai. Ele rejeita a contínua tentação de Satanás.

Simão (mais tarde apelidado de Pedro) e seus companheiros procuram Jesus. Eles não podem deixá-lo perder a oportunidade especial de curar a muitos. Quando o encontram censuram-no com as palavras: "Todos o procuram!" Esses homens têm suas mentes nas "coisas dos homens" (8.33), um ponto de vista que irá criar cada vez mais dificuldades. Seu entendimento a respeito de Jesus é ainda muito limitado.

A resposta de Jesus choca seus discípulos: "Vamos" a outros lugares. Isso dará a outros a oportunidade de ouvir as boas novas, enquanto as pessoas de Cafarnaum têm tempo para reavaliar seus motivos para seguir a Jesus. Ele não deseja "admiração", mas arrependimento e fé (1.15) em resposta a seu ministério. Já que o reino requer urgência, Jesus vai a todo lugar, dando o exemplo de pregar o evangelho às cidades vizinhas, em todo Israel, e a todas as nações (13.10; 14.9).

Jesus reafirma a natureza de sua missão: Ele veio para proclamar *(kerysso:* a proclamação pública por um arauto autorizado, que é o mensageiro de Deus, como em 1.4 e 1.14). A resposta a seu ministério de cura em Cafarnaum é contraproducente; não está levando ao arrependimento e fé. Sem isso, o reino não cresce; este é melhor servido priorizando-se a proclamação das boas novas.

Assim, Marcos nos dá uma visão pormenorizada das primeiras vinte e quatro horas do ministério de Jesus. Os discípulos ganham uma amostra valiosa do que está envolvido no "pescar homens", à medida em que observam Jesus em diversas situações.

## JESUS CURA UM LEPROSO 1.40-45

Marcos, freqüentemente, encerra uma seção relatando um incidente que ilustra uma de suas ênfases. Algumas vezes é um exemplo positivo (como em 10.46-52), noutras é negativo (como em 6.1-6). Depois de apresentar a autoridade de Jesus em palavras e ações, ele encerra o assunto com uma história dramática mostrando uma faceta diferente dessa autoridade. Ele não identifica a época nem o local onde se dá este episódio; é mais um dos muitos encontros que pessoas têm com Jesus. A lepra tem um lugar distinto no Antigo Testamento. O termo provavelmente inclui várias doenças de pele altamente infecciosas muito difíceis de serem curadas. A lei mosaica exigia que as pessoas infectadas vivessem em isolamento e gritassem "Impuro, Impuro" (Lv 13.45-46), como um aviso para quem se aproximasse delas. A luz dessas conseqüências físicas e sociais, as vítimas eram chamadas de "mortos-vivos", e a cura considerada tão difícil quanto ressuscitar um morto.

Devido aos evidentes paralelos com as conseqüências do pecado, a lepra era considerada um "tipo" de pecado. A doença está ligada à punição do pecado (Nm 12.10; 2 Rs 5.27; 15.5). O sacerdote declarava a pessoa infectada e proibida de participar do culto a Deus e, quando curada, autorizada a retornar, após fazer uma oferta pelo pecado (Lv 13.14). O termo *katharizo* é utilizado tanto para a purificação da lepra (Mc 1.40) como para a purificação do pecado (At 15.9; 2 Co 7.1; 1 Jo 1.7).

**1.40-42** - Embora este leproso viole as regras do isolamento e aproxime-se de Jesus, ele não é repreendido. De alguma forma, ele sabe que Jesus é Compassivo e capaz de curá-lo. Ajoelhando-se diante dele, declara sua fé na autoridade de Jesus: "Se quiseres podes purificar-me". Em outras

palavras, "Tu tens tal autoridade que podes fazer o que quiseres." Esse é o mais alto entendimento que uma pessoa pode ter a respeito da autoridade de Jesus. Honrando tal reconhecimento, Jesus confirma sua soberania "Eu quero, fica limpo!" Apesar de que a prioridade de Jesus não é a cura (1.38) ele não deixa de fazê-lo. Em sua batalha contra o mal, liberta as pessoas de todo tipo de escravidão.

Os leproso não eram, apenas, isolados da sociedade como também não podiam ser tocados. Qualquer que os tocasse se tornaria impuro para as cerimônias (como aqueles que tocavam os cadáveres), tanto quanto corriam o risco de serem infectados fisicamente. Enquanto outros se resguardavam de tais contatos, Jesus tocou o intocável. Jesus não se tornou impuro, antes purificou o que era impuro.

Jesus age com sua compaixão característica (cf. 6.34). De acordo com os melhores manuscritos, entretanto, o texto não declara que Jesus é movido por compaixão, como traz a maioria das nossas traduções. Em vez disso diz: "ele foi movido pela ira". A lepra é um exemplo vivo da destruição causada pelo mal. A ira de Jesus é dirigida contra Satanás, que estava destruindo o leproso, tanto quanto escravizava o endemoninhado. Não devemos nos surpreender, pois a ira de Deus é dirigida contra o mal. Não podemos definir Jesus como um sentimentalista; ele está engajado na destruição do mal. Sua ira aqui é a evidência da presença do domínio de Deus, o que inclui o julgamento do pecado tanto quanto a oferta da redenção. Seu reino futuro trará a completa redenção àqueles que se arrependem e crêem (1.15).

Os leitores familiarizados com as leis levíticas rapidamente entendem essa história como a expressão do poder de Jesus para redimir do pecado, tanto quanto seu poder para curar. Aquele que é capaz de curar o leproso e restaurá-lo à comunhão com Deus, e à comunidade, pode também limpar o pecador e trazê-lo ao relacionamento com Deus e com as pessoas. Esse entendimento é reforçado no próximo segmento (2.1-2), que enfatiza o poder de Jesus para perdoar o pecado.

A lei mosaica referente à purificação não podia ajudar o homem; ela fora destinada a proteger a comunidade. O que a Lei não pode fazer, Jesus faz (cf. Rm 8.3). Ele o faz simplesmente com suas palavras "Seja limpo!" A cura é imediata (v. 42). Para cumprir aquela lei, Jesus diz ao homem que se apresente ao sacerdote, para que este confirme a sua purificação. Isso garantiria a aceitação do homem na comunidade.

**1.45-49** - Essa instrução, no entanto, é feita com uma forte advertência: "Não conte a ninguém". A publicidade dada a essa cura iria somente aumentar a admiração das pessoas, dificultando o ministério de Jesus (v. 45). Ainda assim, muitos vêem apenas suas obras, sem ouvir suas palavras. Muitos o consideram apenas um fazedor de milagres. Precisam de tempo para considerar as evidências, e descobrir quem é Jesus.

Anteriormente, o leproso nos impressionou com sua fé e entendimento ao ajoelhar-se diante de Jesus. Sua clara percepção da autoridade de Jesus deveria resultar numa atitude de obediência a Jesus, como expressão de sua gratidão. Ao invés disso, seu entusiasmo falou mais alto. Contrariando o aviso de Jesus, ele conta a todos o que acontecera, como se as emoções pudessem ser um substituo à obediência. Ele buscara ansiosamente as bênçãos de Jesus, mas não aceitou que Jesus reinasse em sua vida. Parece que ele não procurou Jesus como uma pessoa; antes, ele o procurou por aquilo que poderia receber dele. Sua desobediência atrasou o progresso do evangelho. Por um tempo, Jesus não pode ir a nenhuma cidade livremente, mas permanece em locais solitários. Ainda assim, as pessoas vêm a ele de todos os lugares (v.45).

Esse segmento (1.14-49) enfatiza a autoridade de Jesus ao estabelecer o governo de Deus entre os homens. No presente, homens e mulheres são confrontados com a decisão de seguir a Jesus. Eles podem aceitar ou rejeitar. Mesmo aqueles que se beneficiam ricamente de sua autoridade, como o

leproso, podem insistir em seus próprios caminhos. Mas, além daquilo que pessoalmente estão perdendo, sua desobediência limita o reino de Deus.

*B. JESUS REVELA SUA AUTORIDADE NO MEIO DE CONFLITO 2.1-3.6*

É quase certo que os discípulos ficaram muito satisfeitos com a reação inicial dos Galileu ao ministério de Jesus, apesar de algumas dificuldades encontradas. O progresso parecia inevitável, considerando a autoridade de Jesus demonstrada em palavras e obras. Eles estavam confiantes que muito em breve Deus estabeleceria seu reino.

Esta subdivisão, entretanto, deixa claro que algumas pessoas duvidam que Jesus tivesse sido enviado por Deus. As autoridades religiosas judaicas encabeçam a oposição que, com base em suas tradições, conclui que Jesus é um impostor. Passo a passo, rejeitam suas reivindicações e fazem acusações contra ele. Devido à crescente popularidade de Jesus, concluem que ele é uma ameaça para a vida religiosa da nação e deveria ser eliminado. Ainda assim, não têm como condenar Jesus.

Enquanto isso, Jesus reafirma sua autoridade à medida em que intensifica seus esforços para estabelecer o governo de Deus entre os homens. Ele concede bênçãos que pertencem à era messiânica, tais como o perdão de pecados. Isso era indicação adicional de sua identidade. Entretanto, ele mesmo não se denomina "Messias" (palavra que não aparece nem uma vez entre Mc 1.1. e 8.29), pois a conotação popular do termo era inaceitável. Ele utiliza o termo "Filho do Homem" para identificar-se e empresta-lhe rica significância, como parte de sua auto-revelação.

Esta primeira aparição dos líderes religiosos (2.6) sinaliza um crescente conflito com Jesus. Marcos narra aqui uma série de cinco questões apresentadas em cinco parágrafos. Outras cinco aparecem perto do final de seu Evangelho (11.27-12.37). Uma terceira unidade de controvérsia é relatada no meio do livro (7.1-23).

Uma leitura cuidadosa desses cinco parágrafos revela uma progressão linear na ofensiva dos líderes contra Jesus. Começam acusando-o em silêncio (2.6). Depois, o questionam diretamente (2.18), o reprovam (2.24) e, finalmente, conspiram para matá-lo (3.6). Cresce o número de pessoas envolvidas, e a hostilidade se multiplica com cada ofensa atribuída a ele. Enquanto isso acontece, Jesus dá pistas sobre sua identidade e sua morte iminente.

## JESUS CURA UM PARALÍTICO E PERDOA SEUS PECADOS 2.1-12

No retorno de Jesus à Cafarnaum, muitos se juntam para ouvir seus ensinamentos, apinhando-se dentro e fora da casa. Novamente, é interrompido, dessa vez pelo amigo de um paralítico. Esta cura, entretanto, assume novas dimensões, pois Jesus diz ao paralítico, "Perdoados estão os seus pecados". Marcos muda da cura de um leproso (1.40, doença relacionada com o pecado, no simbolismo do Antigo Testamento ) para o perdão de pecados. Simultaneamente ele nos apresenta um novo elemento na vida de Jesus: sua rejeição pelos líderes religiosos. Em breve aparecerá a sombra da morte sobre Jesus.

**2.1-5** - Após ensinar em áreas pouco povoadas, Jesus retorna à Cafarnaum. Ali, numa casa, ele volta ao seu ministério fundamental de ensino da palavra. Mesmo que Marcos não explique o que ele ensina, podemos presumir seguramente que ele amplia seu ensino sobre as boas novas. (cf. 1.14-15; 1.21).

Uma multidão enche a casa e o jardim, impedindo quatro homens de trazerem seu amigo paralítico até Jesus. Sem, porém, se intimidarem eles abrem uma passagem pelo telhado da casa e baixam por ela o homem até Jesus.

Vendo a fé deles, Jesus diz ao paralítico: "Filho, perdoados estão os seus pecados". Ele continua ensinando, adaptando seu método à essa interrupção em seu "plano de aula". O homem que estava sofrendo recebeu o que mais precisava. Ele talvez tenha ficado assustado, ou até mesmo desapontado com as palavras de Jesus. Mas Jesus não é superficial. Ele vai até o âmago do problema. Já que todo sofrimento está enraizado no fato da humanidade estar afastada de Deus, Jesus chama a atenção do paralítico para sua maior necessidade: ele precisa ser restaurado à comunhão com Deus. Devemos entender que todas as curas feitas por Jesus são símbolos de uma atuação e autoridade muito mais profundas, a saber, a restauração do ser humano alienado da comunhão com Deus.

**2.6-7** - O narrador não deixa dúvidas quanto à resposta dos doutores da lei (cf. 1.22) sentados ali. Eles ponderam a afirmação de alguém que já havia conseguido certa fama como pregador religioso. Quem esse homem pensa que é?

Já que o consideram alguém sem importância *(houtos,* "este", implica desprezo), eles não o acusam diretamente de blasfêmia. Concentram seus pensamentos na questão: "Por que esse sujeito fala dessa maneira? Isto é blasfêmia. Quem pode perdoar pecados senão Deus?" Conhecendo as leis do Antigo Testamento (Lv 24.15f; 1 Rs 21.13; cf. At 7.58), começam a ventilar a idéia de punir Jesus com morte por crime de blasfêmia. Ainda assim não dizem nada; o momento certo chegaria (cf. 14.64). Enquanto isso, vão reunindo as evidências, e logo conspiram contra ele (3.6).

**2.8-10** - Jesus, no entanto, deliberadamente revela os pensamentos deles: "O que é mais fácil: dizer ao paralítico, "Perdoados estão os seus pecados", ou dizer "Levanta, toma tua cama e anda?"

É possível dizer "Seus pecados estão perdoados", mas como provar isso? Por outro lado, dizer "Levanta e anda" convida à imediata confirmação. Falhar aqui fatalmente identificaria o orador como charlatão. Um paralítico andando, entretanto, provaria que sua palavra é confiável. Tendo deliberadamente ligado a cura ao perdão, Jesus afirma sua autoridade para perdoar pecados. A ligação do homem com Deus é restaurada, tão certamente quanto lhe é restaurada a capacidade de andar.

Somente Deus tem a prerrogativa de perdoar pecados; nenhum ser humano tem essa capacidade. Mas essa pessoa em particular a tem, porque recebe sua autoridade de Deus. Daniel escreveu daquele "como o filho do homem," (Dn 7.13-14) que, com autoridade dada pelo Ancião de Dias, representa e vindica o sofrimento do povo de Deus (Dn 7.18, 21, 27). Ao referir-se a si mesmo como o "Filho do Homem" Jesus aceita essa missão. Ele é o servo obediente de Deus que se identifica com a humanidade sofredora a fim de trazer a redenção (Mc 10.45). Ele já exerce a autoridade dada por Deus para perdoar pecados "na terra" (ou seja, aqui e agora); ele ainda não exerce seu eterno domínio sobre todos os povos (Dn 7.14; Mc 8.38; 13.26; 14.62).

Pela expressão o "Filho do Homem", Jesus tanto oculta quanto revela sua identidade como Filho de Deus. Por exemplo, tanto no cap. 2.10 como em 2.28, Filho do Homem (um termo que o associa à humanidade) reivindica duas prerrogativas que pertencem somente a Deus: a autoridade para perdoar pecados, e ser o Senhor do Sábado. O Filho de Homem, é, de fato, o Filho de Deus incógnito. Embora sua auto-revelação continue, sua completa identidade permanece oculta de seus contemporâneos até que cumpra seu papel como Filho do Homem. Então, Jesus será justificado por Deus, e reconhecido como o Filho de Deus (cf. 15.39).

**2.11-12** - Essa cura (tanto quanto aquela no parágrafo paralelo 3.1-6) é uma restauração à normalidade. A vista de todos, o paralítico fez conforme Jesus o instrui. Sua saúde lhe é restituída, sua comunhão com Deus é restaurada, e ele volta ao convívio de sua família. Jesus supre todas as necessidade de uma pessoa: sua obra é completa.

Todas as pessoas se admiram. Dão glória *(doxa,* cf. 8.38 e 12.26) a Deus. Mas, fica a impressão de que o povo está mais interessado no que Jesus faz do que em sua pessoa. A medida que Marcos avança na narrativa, não resta dúvida quanto à reação dos líderes religiosos.

***Notas***

**v. 2** - Na época em que Marcos escreveu seu Evangelho, "a palavra" significava a mensagem do evangelho.

• Sofrimento não é necessariamente resultado de pecado pessoal (Lc 13.1-5; Jo 9.2-3).

• Interessante notar que a primeira menção do termo "fé" *(pistis,* 2.5; 4.40; 5.34; 10.52; 11.22) é seguida pela ação de Jesus perdoando pecados. Esses homens (2.5) manifestam corretamente sua fé: buscaram a Jesus.

**v.4** - Geralmente uma escada externa conduzia ao teto plano da casa. Os amigos do paralítico não teriam muita dificuldade em remover a camada de barro seco que cobria uma grade feita de galhos.

• A essência do sentido de *aphiesthai* (a palavra mais comum para expressar o perdão de pecados) é a ênfase no amor de Deus ao lidar conosco, não conforme o que merecemos, mas segundo a sua misericórdia e graça em Jesus Cristo. Embora Jesus não defina o perdão em termos abstratos, ele apresenta seu significado de modo vivido em ações, tais como a inclusão de pecadores na mesa de comunhão (2.15). v. 7ss - Blasfêmia se constituía numa transgressão contra Deus quando alguém reivindicava para si prerrogativas exclusivas de Deus. As acusações feitas contra Jesus, aqui e em Mc 14.64, são desse tipo. Aqui, porém, eles não dizem o que estão pensando.

• Num sentido absoluto, somente Deus pode perdoar pecados (Ex 34.6ss; Is 43.25; 44.22).

**v. 10** - "Filho do Homem" é usado 14 vezes em Marcos. É a maneira mais freqüentemente utilizada por Jesus para se referir a si mesmo; ninguém mais se refere a ele no Novo Testamento com esse título.

## JESUS SE RELACIONA COM OS MARGINALIZADOS 2.13-17

Tendo demonstrado que o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar pecados (2.10), Marcos agora mostra que essa autoridade se entende até mesmo para Mateus, o coletor de impostos, da classe considerada dos piores pecadores. O ministério de Jesus, no entanto, não está limitado a perdoar ofensas passadas. Ele transforma as pessoas, como o fez com o "pecador" Mateus, tornando-o um de seus discípulos. A incrível história de Mateus está ligada ao tema anterior, a autoridade de Jesus para perdoar.

Os confrontos com os líderes religiosos continuam nestes três parágrafos. Nenhuma cura está envolvida nesses encontros. Jesus não toma a iniciativa, pelo contrário, os líderes o questionam, e aos seus discípulos, sobre suas ações. Jesus responde, a cada vez, com uma parábola que revela alguma coisa mais a respeito de quem ele é. Assim, todos os cinco parágrafos são essencialmente cristológicos.

**2.13-14** - Como Jesus veio para proclamar o reino de Deus entre homens e mulheres, ele continua a ensinar nas casas, nas ruas e à beira do lago. Ele toma tempo para isso e não se detém por causa da oposição que encontra. Marcos continua seu relato da controvérsia sobre a autoridade de Jesus (2.6-10) sem negligenciar, entretanto, os resultados positivos dos ensinamentos de Jesus.

Como centro de pesca ao lado do lago da Galiléia, o comércio de Cafarnaum estava sujeito à taxação pelas autoridades romanas. Levi, filho de Alfeu, era um dos coletores de impostos. Ao ouvir a ordem de Jesus, ele o segue. "Segue-me" é a essência do chamado de Jesus para o discipulado. Intimando-o abertamente para unir-se ao grupo de discípulos, Jesus expressa o perdão e proclama a todos que Mateus é elegível para o reino de Deus.

Mas o chamado de Levi (Mateus) é muito diferente; ele é um coletor de impostos. Nos dias de Jesus, os "publicanos" além de cobrar a taxa compulsória, ainda exploravam as pessoas conseguindo o que pudessem acima do que era devido ao governo romano. Como resultado, os coletores de impostos eram desprezados como traidores e exploradores. Por isso, eles eram banidos da sociedade, desqualificados como testemunhas nos tribunais e excomungados das sinagogas. Ritualmente "impuros", tudo o que tocavam tornava-se impuro também. Aos olhos de muitos, Jesus se desqualifica como mestre religioso ao incluir Mateus entre os seus seguidores.

**2.15-16** - Entretanto, o pior ainda estava por vir. Mateus prepara uma festa e convida seus amigos e colegas, "pecadores" e marginalizados como ele. Dessa forma eles poderiam encontrar-se com Jesus. E Jesus aceita o convite e come com tais pessoas.

Receber alguém à mesa era algo especialmente significativo para as pessoas do Oriente Médio. Elas eram extremamente seletivas quanto a seus convidados, pois a presença deles era um sinal de paz, confiança e até mesmo de anistia (Gn 26.30; 31.54; 2 Sm 9.7; 2 Rs 25.27-29).

Uma pessoa religiosa deveria evitar comer com um não-religioso, sob pena dele mesmo tornar-se impuro. Os fariseus (cujo nome significa "separação") expressavam seu conceito de Deus como o Santo, separado dos pecadores. Eles esperavam uma grande festa messiânica na qual participariam somente os separados, nesta vida, dos pecados e dos pecadores. Esse banquete escatológico simbolizava a salvação de Israel. Jesus, no entanto, cruza as barreiras para levar as boas novas àqueles alienados de Deus. Para ele, o relacionamento à mesa dá expressão à sua missão e mensagem de perdão dos pecados. Ele demonstra o amor redentor de Deus incluindo "pecadores" na comunidade da salvação em antecipação ao banquete messiânico.

Mas os efeitos desse incidente não são favoráveis para Jesus. Além de "amigo de coletores de impostos e pecadores", ele é acusado de ser "glutão e beberrão"(Mt 11.19). Se Jesus fosse um verdadeiro líder religioso, seguiria o padrão dos fariseus e desprezaria a companhia de pecadores à mesa. Ele, porém, não somente tolera o pecado; sua participação na festa de Mateus prova que Jesus mesmo é um pecador. Ele deve ser denunciado abertamente.

Um ataque direto dos mestres da lei ainda estava por vir. Agora, em vez de questionar Jesus diretamente, eles perguntam aos discípulos: "Por que ele come com coletores de impostos e pecadores?" Ao levantar dúvidas nas mentes dos discípulos, eles provavelmente poderiam criar uma divisão entre eles e seu mestre. Como pode a restauração do reino de Israel abraçar aqueles que cooperam com Roma, que é pagã?

**2.17** - Embora a questão seja direcionada aos discípulos, Jesus responde com uma parábola. "Os são não precisam de médico e, sim, os doentes. Eu não vim chamar justos e, sim, pecadores." Mateus precisava de um médico tanto quanto o leproso e o paralítico. Os fariseus também precisam de ajuda. De fato, sua condição era muito pior, pois sua justiça própria não os deixava admitir o quanto precisavam daquela ajuda que somente Jesus poderia lhes oferecer. Muito menos esses autodenominados "santos" poderiam imaginar que eles, também, eram pecadores. Na verdade, sua auto-imagem religiosa os isolava de Deus.

Ao dizer, "Eu vim chamar pecadores," Jesus afirma seu propósito e missão (cf. 1.38; 10.45). Outras pessoas tentam evitar o contato com o "doente", mas o médico os procura para curá-los. Jesus deseja os indesejáveis. Ele ama a pessoa comum, tão desprezada por outro. Ele chama homens

e mulheres a arrependerem-se e crer (1.15), oferecendo-lhes perdão (2.10), comunhão à mesa (2.15) e tudo aquilo que a história do evangelho ainda não contou.

Jesus traz a vida do reino futuro para o presente, oferecendo comunhão entre Deus e os homens, para ser aproveitada agora no meio deste presente mundo mau. O exemplo de Jesus de quebrar as barreiras trouxe uma mensagem clara à igreja daqueles dias, que buscava diretrizes para o relacionamento dos cristão gentios e judeus, entre cristãos e não-cristãos.

***Notas***

**v. 14** - Levi é normalmente identificado com Mateus nas narrativas dos Evangelhos, cf. Mt 9.9 e Lc 5.27.

• "Publicano" é o termo latino para identificar o correspondente grego para "coletor de impostos".

**v. 15** - A palavra "pecadores" é aqui usada ironicamente, no sentido de pessoas não-religiosas no contexto judaico. Eram aqueles que não observavam as leis farisaicas sobre dieta e o sábado.

• Aqui encontramos o primeiro uso da expressão "discípulos" em Marcos.

• O fato de Jesus receber pecadores não deve ser interpretado como aprovação da conduta deles. Jesus não nega que eles sejam, de fato, pecadores nem faz pouco caso de suas culpas. Ao contrário, ele lhes aponta os problemas e provê a solução.

**v. 17** - Neste contexto de controvérsia, Marcos começa a apresentar Jesus utilizando parábolas.

## JESUS RESPONDE ACUSAÇÕES RELACIONADAS AO JEJUM 2.18-22

"Comer ou não comer?" Ironicamente, ambas as perguntas foram feitas a Jesus. Após acusá-lo com "Por que você come com pecadores?", os líderes religiosos agora o denunciam com "Por que você come?"(i.e., "Por que não jejua?"). Seus inquiridores estão preocupados em manter os rituais, pois esses eram a essência de sua religião. Jesus, no entanto, insiste em confrontá-los com outra questão: "Quem é Jesus?" Aqui está a resposta às muitas perguntas. A presença de Jesus muda tudo, incluindo todas aquelas regras que dominam suas vidas.

Esta divisão consiste de três partes, começando com a controvérsia sobre o jejum e a resposta de Jesus em forma de parábola (2.18-19). No centro de toda a controvérsia, Jesus identifica-se, usando uma parábola cristológica que contém forte alusão à sua Crucificação (2.20). Na conclusão (2.21 -22), duas parábolas respondem porque Jesus e seus discípulos não jejuam.

Marcos não dá indicações de lugar, tempo ou a origem da questão ("algumas pessoas perguntaram a Jesus"). Isso implica que aqui o ensino é vital e importante, não limitado a uma ocasião específica. A ênfase é colocada nas palavras de Jesus. Sua resposta verbal (não em suas ações como anteriormente) é central. As verdades contidas aqui são a chave para o entendimento do que está acontecendo, pois focalizam na pessoa de Jesus.

**2.18-19** - Entregues a si mesmos, com seu líder levado à força, (1.14, cf. 2.20), os discípulos de João continuam a prática do jejum, como sinal de arrependimento em preparação à vinda do reino de Deus.

Embora a Lei exigisse apenas um dia de jejum por ano (no dia da expiação, Lv 16.29), os fariseus jejuavam toda segunda e quintas-feira (cf. Lc 18.12). Para eles, esse sinal de lamentação pelos pecados ganhava a aprovação de Deus em preparação para o dia do julgamento. Eles não

somente assim praticavam e ensinavam, mas em seu papel de defensores das tradições, protestavam quando outros não o faziam.

Jesus não havia quebrado a lei mosaica por não exigir que seus discípulos jejuem. Mas muitos acham que sim, já que igualam suas tradições à Lei. Por isso, perguntam a Jesus a razão de seus discípulos não jejuarem. Ele é acusado indiretamente, pois seu ensino está implícito no comportamento dos discípulos. Mais tarde, ele mesmo é colocado sob ataque direto. Sua resposta (vv. 19-22) defende o procedimento dos discípulos, justificando a conduta deles à luz de algo novo. Para ser mais específico: *alguém* novo. Jesus traz à luz uma nova realidade. Não é apropriado que os discípulos jejuem pois "o tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo" (1.15).

Uma pequena parábola (v. 19a) responde as perguntas deles relatando um fato óbvio para pessoas familiarizadas com os costumes do casamento no Oriente Médio. "Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?" O casamento é uma celebração; jejuar nessa hora é algo impensável (v. 19b). Um rabino até interromperia uma aula bíblica a fim de participar da festa. Assim, os discípulos de Jesus (os convidados para o casamento) não estão jejuando porque a presença de Jesus é semelhante à festa de casamento: ela traz alegria, e não lamentação.

O Antigo Testamento freqüentemente utiliza o casamento como metáfora do verdadeiro relacionamento entre Deus (o noivo) e Israel (a noiva). O ato final de redenção de Deus também é descrito como um casamento a ter lugar na vinda do Messias. Assim, Jesus declara que a era messiânica já começou. Ele é o noivo, e sua presença traz alegria. Seu presente de perdão é a causa para o regozijo. Deus está cumprindo as promessas feitas à "noiva", Israel.

**2.20 -** Essa alegria, entretanto, não é irrestrita. Normalmente os convidados deixam o noivo. Mas Jesus diz que haverá uma época quando (não "se") o noivo será tirado, implicando uma remoção violenta (Is 53.8). O noivo conquistará a noiva por meio de sofrimento, rejeição e morte. Assim, essa alegria não pode ser divorciada do lamento, pois Jesus, o Servo Sofredor, veio para morrer. Durante a sua ausência, eles jejuarão.

Jesus se apresenta como aquele que, por meio de sua própria morte, traz a alegria do reino aos pecadores perdoados. Todo seu ministério é conduzido sob a sombra da cruz. Este é o clímax de toda essa seção de controvérsias.

**2.21-22 -** Jesus continua a responder os "por quês?" do versículo 18, contando duas parábolas relacionadas com o dia-a-dia de seus ouvintes. Ninguém pode costurar remendo de pano novo em veste velha. Se alguém fizer algo assim tão ridículo, a roupa rasgará ao ser lavada. O resultado será um buraco ainda maior do que o primeiro.

O segundo relato reforça o primeiro: ninguém enche um odre (recipiente de couro) velho com vinho novo. Ao fermentar, o vinho expande, rompendo o velho odre, já inflexível. Como resultado, se perde totalmente tanto o odre como o vinho.

Mesmo assim, os escribas (guardiães das tradições), e outros, estão tentando fazer alguma coisa igualmente ridícula com Jesus. Suas boas novas não podem ser usadas para remendar seu tradicionalismo desgastado. O reino de Deus é dinâmico; ele não será restrito por velhos moldes. Jesus traz uma nova mensagem que requer novos padrões de expressão os quais não podem ser limitados pelos velhos (cf. 2 Co 5.17).

Isso não significa, no entanto, que Jesus rejeita tudo o que é velho e aceita cada coisa nova. Seu ministério está ancorado na revelação do Antigo Testamento. Ele rejeita seu mau uso e as distorções da tradição. Ele também dá novo significado à velha aliança sem dela nada subtrair.

## JESUS É TESTADO COM RELAÇÃO AO SÁBADO 2.23-28

Um líder religioso deve ter certas qualificações a fim de ser autêntico. Jesus falhou nos três testes já aplicados. Agora as autoridades religiosas aplicarão o teste definitivo: ele guarda o sábado?

Marcos não identifica a sinagoga onde o incidente aconteceu: não é importante. A discussão gira em torno do que aconteceu num dia de sábado.

**2.23-24** - Já que, em seu ato criador, Deus separou o sétimo dia dos outros, a humanidade tem a obrigação especial de observar o sábado. A vontade de Deus foi expressa no quarto mandamento: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar", pois o próprio Deus assim "abençoou o dia de sábado e o santificou" (Ex 20.8-11).

Aquela lei veio para dizer que ninguém deve trabalhar no sábado. Mas o que é trabalho? Em seu desejo de obedecer a Deus em cada detalhe de suas vidas, os rabinos buscaram definir quais atividades eram proibidas por qual mandamento. Suas discussões levaram à criação de 39 categorias principais de trabalhos proibidos no sábado. Mais tarde essas categorias foram definidas em maiores detalhes.

A ordem de Moisés para o descanso "mesmo durante a aradura da terra e a colheita" (Ex 34.21), era interpretada na terceira categoria como "colheita" proibida no sábado. Isso incluía até catar alguns grãos. A obediência a esses detalhes da Lei era muito importante como sinal de submissão a Deus. Distinguia os judeus dos gentios. Praticar alguma atividade contra a Lei no sábado era passível de punição com a morte, se o violador já tivesse sido previamente advertido (Ex 31.12-17; 35.1-3; cf. Jo 5.10).

A acusação dos fariseus diz respeito especificamente àquilo que é proibido no sábado. Não é uma questão de roubo, pois a Lei estipulava que fossem deixados alguns grãos para que os necessitados os recolhessem (Lv 19.9s;Dt 23.25).

**2.25-26** - Seguindo a maneira rabínica de contra-argumentar, Jesus dirige-lhes a atenção às Escrituras: "vocês nunca leram...?" Seus interlocutores, reputadas autoridades nas Escrituras, estavam presos às suas tradições. Com base na própria Escritura, ele defende a atitude, assim chamada "fora da lei", de seus discípulos com dois argumentos. O primeiro é um apelo ao precedente do rei Davi, uma das figuras mais respeitadas na história judaica. O segundo é um apelo ao princípio da criação. (v. 27, cf. 10.6).

Fugindo da ira do rei Saul, Davi e seus homens estavam famintos e necessitados (1 Sm 21.1 -6). A urgência da situação justificou a quebrar das regras. Da mesma forma, Jesus e seus discípulos estão viajando: sua missão é urgente, pois o Evangelho deve ser proclamado. Sua missão justifica quebrar as restrições religiosas.

Alguns poderiam perguntar, "quem ele pensa que é, reivindicando autoridade igual à do rei Davi?" Essa é uma questão apropriada, pois nos leva de volta ao ponto básico: quem é Jesus? Uma resposta parcial está implícita: Jesus é um rei maior do que Davi (cf. 12.35-37). É necessária, porém, uma resposta mais completa. E, sem demora, o leitor recebe informação adicional sobre a identidade de Jesus.

**2.27-28 -** Jesus estabelece a premissa básica sobre o real propósito do sábado, um princípio já ilustrado na experiência de Davi: "O sábado foi feito para o homem; e não o homem para o sábado." O sábado foi destinado a suprir as necessidades da humanidade em relação a Deus: é um dia de renovação em santidade (Ex 31.12-17). O sábado também enfatizava os relacionamentos humanos e a justiça social (cf. Dt 5.12-15). O sábado foi o presente de Deus para homem e mulher, pois ele sabia o que suas criaturas necessitavam. Ele ordenou um dia em sete para que, ao quebrar a

pesada rotina do dia-a-dia, eles pudessem manter o equilíbrio físico, psicológico, social e espiritual. Era um dia de descanso para todos, tanto escravos quanto livres, tanto homens como mulheres, e até mesmo para os animais.

O sábado era funcional; foi criado em benefício do povo. Ao legislar o código rabínico, entretanto, as autoridades religiosas perderam a visão do propósito de Deus ao criar o sábado. As diretrizes de Deus para a liberdade foram distorcidas em cadeias que escravizavam as pessoas. As leis dominavam a observação do sábado.

Jesus rejeita qualquer reordenação na criação de Deus . Em virtude da autoridade que Deus lhe deu, ele esclarece qual é a ordem correta. Suas duas declarações: "O sábado foi feito para o homem" e "O Filho do Homem é senhor do sábado", significam que:

1.O sábado foi criado para o benefício das pessoas. Essa é a intenção de Deus ao criá-lo;
2.As pessoas são servidas e abençoadas no sábado; não escravizadas por ele;
3.A reivindicação de Jesus como senhor do sábado é uma reivindicação à deidade, pois como todo Israel sabia, Deus criou o sábado;

4. Jesus, o Filho do Homem, é senhor sobre a Humanidade e sobre o sábado. O sábado deve servir às pessoas, que, por sua vez, devem servir a Deus.

O Evangelho liberta aqueles que têm sido manipulados pelo legalismo religioso, tanto quanto liberta as pessoas despersonalizadas por forças políticas ou econômicas. A reconciliação com Deus restaura os indivíduos à sua posição de clímax do ato criativo de Deus. Quando os homens dão prioridade pessoal ao governo de Deus na pessoa de Jesus, eles têm o potencial para se tornarem pessoas completas.

*Notas*

**v. 25-** Essa referência a Davi prepara o leitor para Mc 10.46-48; 11.10 e 12.35-37, onde a relação Jesus-Davi é levada à uma conclusão.

• Tanto aqui como em 2.17, Jesus destaca aqueles que estão em

necessidade acima de costumes.

**v. 26 -** A expressão "pães da proposição" refere-se aos doze pães, recém-assados, que eram postos numa mesa perante Deus, no Tabernáculo, todo o dia de sábado, e que depois eram comidos pelos sacerdotes (Lv 24.5-9; Nm4.7).

## JESUS REAFIRMA SUA AUTORIDADE SOBRE O SÁBADO 3.1-6

As autoridades religiosas endurecem sua posição contra Jesus. Já que não têm evidências irrefutáveis para acusá-lo formalmente, eles armam uma cilada para ele. Com a cura de um homem na sinagoga, os leitores têm uma resposta clara sobre o propósito de Deus com o sábado.

**3.1-3** - Jesus vai novamente à sinagoga (1.21). Algumas pessoas vêm à sinagoga não para aprender, mas, para reunir evidências a fim de montar uma acusação formal contra Jesus. Eles não duvidam de sua habilidade para curar. Estão preocupados com a observação do sábado. Não sabemos se o homem com a mão encolhida (ou paralisada) estava aí por livre-vontade ou se fora trazido como isca pelos oponentes de Jesus.

A tensão aumenta à medida que os fariseus observam Jesus. Iria ele curar no sábado? A questão parece estranha para nós. Mas é de suprema importância para eles, pois a cura estava incluída em uma das categorias de trabalho proibidas no sábado, conforme definida no código rabínico (veja em 2.24). A Lei permitia que se evitasse que um ferimento piorasse; não se poderia, porém, fazer algo para que o doente melhorasse. A Lei não proibia salvar uma vida numa emergência no sábado. Mas a vida daquele homem não corria perigo. Nenhum mal lhe sobreviria se esperasse até o dia seguinte para ser curado.

No entanto, Jesus vai adiante. Não há segredo sobre suas ações. Elas acontecem na sinagoga, e na presença das autoridades religiosas. Jesus deliberadamente pisa na armadilha que armaram para ele quando diz ao homem: "Levante-se diante de todos."

**3.4 -** Jesus força seus críticos a tomarem uma decisão perguntan-do-lhes: "É lícito no sábado fazer o bem ou fazer o mal, salvar a vida ou tirá-la?" Não é uma questão abstrata. O bem-estar de um homem está em jogo. Certamente, eles que sabiam o que se podia e não se podia fazer no sábado, poderiam responder essa questão. Como permanecem em silêncio, Jesus mostra o que se deve fazer. Deve-se fazer o bem, deve-se amar o próximo.

**3.5-6 -** Zelosos em guardar suas tradições, os fariseus eram, em geral, indiferentes às necessidades do povo que sofria. Eles não eram ardorosos em praticar boas obras, nem admiravam Jesus por isso. Fazem uso de seu zelo em relação ao sábado para denunciá-lo. "Em nome da piedade tornaram-se insensíveis tanto aos propósitos de Deus quanto ao sofrimento do homem." [1]

Seus coração obstinado está profundamente desgostoso com Jesus. Estão irados. Essa ira é freqüentemente entendida como expressão da sua humanidade. Cranfield, entretanto, levanta uma questão apropriada: "Não seria melhor, talvez, pensar aqui na unidade de sua pessoa e considerar sua ira como sendo a de Cristo como um todo — Deus e Homem —, e fazer o mesmo em relação à sua tristeza?" [2]

Jesus exercita sua autoridade de tal modo que não possa vir a ser condenado por quebrar suas tradições (cf. 2.9-12). Jesus apenas diz, "Estenda sua mão." Não há lei contra falar no sábado ou contra alguém estender a mão. Jesus restitui a saúde do homem, aumenta suas chances de conseguir trabalho e dá um novo sentido à sua vida na comunidade.

Os fariseus, no entanto, não se alegram. Deixam a sinagoga e começam a tramar a morte de Jesus. Normalmente, os fariseus não se relacionam com os gentios ou com qualquer um que se relacione com estes, pois são considerados "impuros". Todavia, em seu desejo de matar Jesus, isso é deixado de lado. Eles precisam de aliados políticos, pois somente as autoridades romanas têm o poder para administrar a pena capital. Os herodianos são judeus politicamente corretos que sustentam Herodes Antipas e têm alguma influência sobre ele. Esses amigos de Herodes podem ter servido de lobistas com os governantes.

Os herodianos cooperam com os fariseus, pois vêem vantagens políticas para si. Os dois grupos vêem Jesus como uma ameaça. Daí, a coalizão político-religiosa entra em ação. Essa aliança fica oculta, para ser novamente mencionada em 12.13. Ao registrar essa conspiração no início de sua narrativa, Marcos alerta o leitor à seriedade do ministério de Jesus e à possibilidade de oposição, e até mesmo morte, para aqueles que o seguem.

---

[1] Lane, *Mark,* 124.
[2] Cranfield, *Mark,* 121.

*Notas*

**v. 4 -** Aqui, como também no final da série de conflitos em Jerusalém (12.35-37), é Jesus quem toma a iniciativa de questionar, enquanto seus acusadores permanecem em silencio (12.34).

• "Salvar" (*sozo,* cf. 5.34; 6.56; 8.35-37; 10.26; 13.13, 20; 15.30s) é usado diversas vezes no sentido teológico. Aqui o sentido é o de cura física.

**v. 6 -** A Palestina estava dividida em diversas províncias governadas por príncipes judeus ou meio-judeus, incluindo membros da família de Herodes. Cada um deles colaborava com Roma.

• Esta é a última cura que Jesus realiza no contexto de conflito com as autoridades judaicas. A única outra aparição de Jesus numa sinagoga, em Marcos, se dá na sua própria cidade (6.1), onde apenas algumas curas são feitas, por causa do ambiente de hostilidade a ele.

Esta unidade (1.14-3.6) começou com o anúncio da governo de Deus na terra, e encerra com a implicação de que estabelecer seu reino é algo inseparável da cruz. A medida em que a história avança, veremos que a Crucificação é o centro da estrutura literária de Marcos e o âmago de sua mensagem. A vida de Jesus, e de seus seguidores, deve ser vista como o caminho para a cruz.

## A ORIGEM E A NATUREZA DA AUTORIDADE DE JESUS - Mc. 3.7-6.6a

Acompanhamos o início do ministério de Jesus na Galiléia. Como resposta à proclamação inicial do reino, quatro pescadores respondem o chamado para segui-lo (1.16-20). No início desta divisão, ele escolhe os doze (3.13-19), em preparação para a terceira etapa (6.6b-8.26), na qual os envia numa missão.

O autor nos conta como Jesus vai adiante na proclamação do reino de Deus. Tendo respondido os questionamentos motivados por seu descaso às práticas religiosas ortodoxas, Jesus dirige sua atenção às falsas acusações sobre a fonte de sua autoridade. Ele emprega parábolas e demonstrações de poder, o qual lhe foi conferido por Deus, para indicar a natureza do reino de Deus e sua própria identidade. Esta divisão, como a anterior, termina com a rejeição inesperada por parte de alguns que, naturalmente, deveriam tê-lo recebido.

### *A. REAÇÕES AO MINISTÉRIO DE JESUS 3.7-35*

Após um breve resumo da reação das pessoas a Jesus, Marcos relata como ele prepara seus discípulos para levarem adiante a tarefa. Ele mesmo toma a iniciativa, afirmando a fonte de sua autoridade. Jesus continua a dar evidências quanto à natureza do reino de Deus e sua própria identidade. Seus ouvintes (e leitores de Marcos) são confrontados com a necessidade de decidirem de que lado estão.

## O CRESCIMENTO DO MINISTÉRIO DE JESUS 3.7-12

Após o confronto em 3.1-6, Jesus retira-se do judaísmo oficial, simbolizado pela sinagoga (com exceção de 6.1-6). Jesus volta-se para as pessoas; até chegar ao templo em Jerusalém (11.11), ele conduz seu ministério em lares ou ao ar livre. Os versículos 7-12 resumem a reação variada, das multidões anônimas, dos doentes e possuídos por demônios, às atividades de Jesus.

**3.7-10** - Da primeira vez que caminhou às margens do Lago da Galiléia (1.16), Jesus está sozinho, mas logo é acompanhado pelos quatro pescadores. Na próxima vez (2.13) muitas pessoas vêm a ele. Agora, da terceira vez nesse mesmo cenário, Jesus é acompanhado por uma grande multidão vinda de todas as partes de Israel.

As notícias sobre os feitos de Jesus espalham-se rapidamente, pois as pessoas "ouviam tudo o que ele fazia" (v .8). Muitos vêm das redondezas da (Galiléia, outros de partes distantes da Palestina. Outros vêm da Judéia e Jerusalém, regiões que João Batista preparou para receberem "aquele que é mais poderoso" (1.5,7 ). Alguns vêm do sul (Iduméia). Há pessoas que vêm do leste (além do Jordão) e das cidades predominantemente gentílicas de Piro e Sidom. Enquanto os líderes o rejeitam, pessoas de todas as partes da Palestina vêm até ele (cf. 1.45).

O novo reino não é geograficamente delimitado. Todos em Israel são bem-vindos. Mesmo os gentios podem estar entre aqueles que buscam Jesus. Mais tarde (11.17) ele torna claro que as pessoas de todas as nações estão convidadas para o reino de Deus. Multidões seguem Jesus por causa da cura. Quanto maior a multidão, menor o autocontrole. Empurrar e puxar era a ordem do dia na tentativa de tocar o fazedor de milagres.

Jesus continua a curar os doentes, embora tenha muito mais a oferecer-lhes. Ele não usa seus maravilhosos poderes para proteger-se, mas instrui os discípulos a manterem um pequeno barco de prontidão para evitar serem esmagados pela multidão. De dentro do barco Jesus pode pregar (cf. 1.38; 4.1) e levar as pessoas a um maior entendimento do que sua presença lealmente significa. Ele procura se dar a conhecer por maneiras que levem à fé e obediência, recusando operar maravilhas para atrair espectadores

3.**11-12** - Marcos faz uma distinção clara entre os doentes e os que são controlados pelos espíritos maus. Como a multidão, os doentes acolhem a Jesus, embora não tenham um verdadeiro entendimento de quem ele é. Os maus espíritos, no entanto, sabem o que está acontecendo. Eles lançam-se ao chão gritando diante dele: "Tu és o Filho de Deus". Ao proclamarem sua verdadeira identidade, eles procuram excitar a multidão para que Jesus fosse tentado a deixar de cumprir o propósito de Deus. (Ver comentários em 1.24-25; cf. 1.34; 5.7).

## JESUS ESCOLHE DOZE APÓSTOLOS 3.13-19

Marcos apresenta três fases do chamado de Jesus para o discipulado. Em resposta ao seu primeiro chamado (1.16-20), os discípulos o seguem e observavam. Agora ele designa os líderes para a expansão de seu ministério (3.13-19). Uma vez que Jesus não estaria com eles para sempre (2.20), outros deveriam se preparar para ministrarem em sua ausência, a fim de proteger o rebanho dos falsos mestres (7.6-8; 8.15; 12.38-40; 13.5s, 22). Na terceira etapa, ele os envia numa missão (6.6b-8.26). Quando retornam, apresentam-lhe um relatório do que aconteceu e recebem outras instruções. Seu relacionamento pessoal com Jesus é central em cada fase.

**3.13-15** - Jesus afasta-se das multidões e vai para o monte com aqueles que ele quer que o acompanhem. Ele aponta doze dentre eles para estarem com ele, preparando-se para o momento em que os enviaria a pregar o evangelho. Sua autoridade soberana está em evidência aqui: ele cria esta situação, escolhe seus companheiros, aponta os doze e especifica o propósito de seu chamado.

Primeiramente, eles devem estar com ele. Esse relacionamento pessoal está implícito no "segue-me" — as primeiras e as últimas palavras de Jesus aos discípulos no Evangelho de Marcos (1.17 e 16.7). Ele não os chama para ocuparem um cargo ou tomarem parte em uma instituição: ele os chama para si mesmo. Eles tem muito a aprender sobre ele e sobre si mesmos. Jesus é o modelo de caráter. Porque o caráter determina a qualidade do serviço prestado, a formação do caráter

precede o serviço. De outra sorte, a obra deles falhará, e eles mesmos vão fracassar. Assim, Jesus não se apressa a enviar os doze.

Segundo, ele os chama para que possa enviá-los (*apostello;* seus ministérios para com outros realmente começa em 6.7-13). Chamados do meio da multidão, os doze serão enviados de volta à multidão, em contraste com a comunidade de Qumran, isolada no deserto, e os fariseus, separados das impurezas das pessoas comuns.

Jesus os enviará "a pregar e a ter autoridade para expulsar demônios". Eles proclamarão *(kerysso,* cf. 1.4, 14) o que Jesus proclama, a saber, as boas novas de Deus. Homens e mulheres que se submeterem ao domínio de Deus, serão libertos da escravidão do pecado; e aqueles que são controlados por demônios estarão livres do governo de Satanás (cf. 1.23).

A autoridade de Deus manifestada em Jesus é colocada à disposição daqueles que têm estado com ele. Sua autoridade nunca se torna uma possessão deles; permanece sempre autoridade delegada. Ser escolhido por Deus nunca será motivo de vangloriar-se ou reivindicar privilégios; é um chamado para o serviço (9.35; cf. Rm 12.3-8).

A decisão de Jesus de escolher os doze é uma das decisões mais cruciais na história. Ele não escreve livros nem ergue monumentos ou constrói instituições. Ele discípula pessoas do modo mais eficaz para perpetuar seu ministério. A existência da Igreja prova a correção de sua decisão.

**3.16-19** - Simão Pedro, o primeiro chamado por Jesus, encabeça a lista dos doze no Novo Testamento, chamando a atenção para sua posição de liderança. Pedro, Tiago e João recebem apelidos, tal como os líderes de Israel (Abraão, cf. Gn 17.5; e Isaque, Gn 32.28) receberam novos nomes. Esses três são testemunhas escolhidas por Jesus para acompanhá-lo em três ocasiões (5.37; 9.2 e 14.33). Outros discípulos são mencionados, apenas estes são citados em Marcos (Pedro, freqüentemente; Tiago e João, em 10.35-37; e João em 9.38).

O grupo é bastante heterogêneo. Espera-se que surjam diferentes personalidades em doze homens vindo de experiências de vida tão diversas. Suas ambições individuais provocam a indignação dos colegas (por exemplo, em 10.35-41). Embora Marcos não mencione, é fácil imaginar os conflitos gerados entre Mateus, cuja profissão o ligava aos odiados romanos, e Simão, o Zelote, simpatizante do movimento nacionalista que pregava a guerrilha contra Roma. Jesus deliberadamente escolhe os doze dentre as diferentes regiões do país e de diferentes facções do judaísmo, a fim de tornar óbvio que seu chamado é extensivo a todos os Israelitas.

A nova família de Deus é composta de pessoas imperfeitas que freqüentemente discordam sobre política, etc..., mas que aprendem a viver juntas em harmonia como parte de sua submissão ao senhorio de Cristo.

O último nome da lista é o de Judas Iscariotes. O significado de "Iscariotes" é contestado. Muitos dizem que ele recebeu esse nome porque veio de Kerioth, uma vila na Judéia. Alguns ligam a palavra com o termo latino *sicarius* (faca), associando-o com "assassino"; enquanto outros, ainda, consideram-no apenas um apelido que significa "cabelo-vermelho". O texto acrescenta ainda que Judas foi quem traiu Jesus.

Como um dos doze, Judas foi incluído quando Jesus chamou aqueles que ele queria (3.13). Por que Jesus escolheria um traidor, a não ser que estivesse indo para a cruz, não como um mártir, mas voluntariamente? Nisso está a misteriosa interação entre a escolha soberana de Jesus do traidor e a liberdade de ação de Judas (pela qual ele é inteiramente responsável, cf. 14.21).

*Notas*

**v. 17 -** No antigo Oriente Médio o nome estava intimamente ligado à própria essência do ser de uma pessoa. O sobrenome "filhos do trovão" pode referir-se ao caráter de Tiago e João, ou ao futuro de ambos, ligado ao sofrimento de Jesus (10.38-40).

**v. 18 -** Os zelotes empreenderam uma série de revoltas contra Roma, motivadas por seu desejo de apressar a vinda do reino de Deus, mais do que por motivos políticos.

## QUEM SÃO OS ALIADOS DE JESUS? 3.20-30

Esta unidade literária inicia com uma curta narrativa sobre o relacionamento familiar de Jesus (3.20s). Antes, porém, de voltar a esse assunto (3.31-35), Marcos insere seu relato sobre a acusação feita pelos escribas de Jerusalém: Jesus tem um espírito impuro (3.22-30). A acusação da família contra Jesus é semelhante àquela dos líderes religiosos, já que desordens mentais eram consideradas, por alguns, como uma forma de possessão demoníaca. Essas perícopes têm grande afinidade entre si, pois apresentam duas opiniões sobre o motivo porquê Jesus faz o que faz e, também, suas próprias afirmações sobre a sua identidade.

## A FAMÍLIA DE JESUS (Primeira Parte) 3.20-21

Depois da escolha dos doze, Jesus retoma seu ministério em uma casa. Ele e seus discípulos estão tão ocupados atendendo a multidão reunida que nem mesmo podem alimentar-se. Quando a família de Jesus ouve isso, preocupa-se com o seu bem-estar e quer resgatá-lo. Eles chegam a duvidar de sua sanidade mental.

Marcos retorna ao assunto da família de Jesus nos versículos 31-35. Por enquanto, ele esclarece que os ensinamentos e as obras de Jesus produziam pouco efeito nos membros de sua família. De acordo com eles, qualquer um que serve os outros com dedicação tal que não possa comer é incompetente para cuidar de sua própria vida; é louco. Essa é a explicação deles para o comportamento de Jesus.

## A FONTE DO PODER DE JESUS 3.22-30

Uma comissão de teólogos de Jerusalém, o centro do judaísmo, chega para trazer acusações formais contra Jesus, pois suas divergências acerca das tradições põem em perigo a vida religiosa da nação. Suas acusações não ficam sem resposta. Primeiro, Jesus mostra a autocontradição lógica de suas acusações (vv. 23-26). Depois, numa parábola, Jesus declara quem ele é e o que, de fato, está fazendo (v. 27). Ele, então, faz uma forte advertência a seus acusadores e afirma a fonte de sua autoridade (vv. 28s). Para o caso de algum leitor não ter captado, Marcos adiciona sua explicação (v. 30).

**3.22-27 -** Todos concordam que Jesus é poderoso em palavras e feitos. Até mesmo seus oponentes reconhecem que ele tem poder sobrenatural. Como, então, pode ele ser denunciado? Os escribas planejam um grande ataque, montado ao redor da questão: "De onde vem seu poder?" Respaldados pela autoridade de Jerusalém, esses teólogos oficiais declaram que a fonte do poder de Jesus é Satanás e não Deus. A capacidade de Jesus em expulsar demônios prova que ele mesmo é controlado pelo poderoso demônio Belzebu.

Os doutores da lei acusam Jesus de estar trabalhando em cooperação com Satanás. Se tal associação existisse, Jesus responde, seria autodestrutiva. Satanás não pode expulsar Satanás, tanto

quanto um reino, ou uma casa dividida, não é capaz de subsistir. É também contrário aos fatos; nem mesmo seus acusadores alegariam que o reino de Satanás está a ponto de desintegrar-se.

Tendo negado a acusação de que expulsa demônios em colaboração com Satanás, Jesus responde, com uma parábola, a acusação de que seria controlado pelo demônio. Ele diz que, na realidade, a verdadeira situação é similar àquela de se roubar a casa de um homem forte. Primeiro o homem forte tem que ser amarrado. Somente então suas possessões poderão ser tomadas.

Desse modo Jesus declara sua superioridade sobre Satanás (1 Jo 4.4) e nega qualquer aliança com ele. Ele está engajado num assalto frontal contra o reino de Satanás, subjugando-o para resgatar de seu controle a humanidade cativa (Gl 1.4).

Esta parábola é entendida como parte do conflito cósmico entre Deus e Satanás, que usurpou a criação de Deus, mantendo-a em cativeiro involuntário. Jesus, entretanto, penetra em seu domínio sem ser convidado e constrange Satanás, impingindo a ele uma derrota preliminar quando inaugura o reino de Deus sobre todos (Lc 11.20). A derrota final de Satanás aguarda o auge dos atos redentores de Deus.

*Notas*

**v. 22 -** "Belzebu" lembra o deus de Ecrom do Antigo Testamento (2 Rs 1.2). E o nome cananita do "príncipe dos demônios". Esse nome pode significar "deus do estrume" ou "senhor da casa" (que parece combinar bem com o v. 27). Em todo caso, é nome alternativo para Satanás.

**v. 24 -** Jesus inicia sua resposta com uma série de três sentenças condicionais ("se, se, se") que são, essencialmente, condicionais contrários ao fato. A verdadeira situação aparece no v. 27, com a adversativa "mas".

**v. 27** - "Amarrar" o valente significa que Jesus conseguiu derrotar Satanás, de forma que seu poder foi rompido, e ele não tem mais autoridade para reinar. A expressão não significa que Satanás esteja incapacitado; ele, afinal, é o "valente". Ele continua sua luta de resistência, como é exemplificado no ministério subseqüente de Jesus (5.1-14; 8.33; Lc 22.31, etc), e nas igrejas (2 Co 2.10s; Ef 4.27; 6.11; 1 Pe 5.8s; Tg 4.7; Ap 2.9, 13,24; 3.9). Jesus não dá aqui um mandamento nem mesmo instruções para os seus discípulos a respeito de como expulsar demônios (ele faz isso em 9.28s). Com essa parábola, ele está ilustrando como a sua vinda inicia a vitória de Deus sobre as forças do mal.

**3.28-30** - Nos versículos anteriores Jesus foi acusado de agir sob o poder de Satanás. Ele nega mostrando que a lógica deles é uma falácia. Agora ele mostra, positivamente, a fonte de sua autoridade.

A palavra Grega *amen* ("Eu lhes digo a verdade"; "Verdadeiramente eu lhes digo") é um termo bastante significativo no vocabulário de Jesus. Ocorre cerca de 59 vezes nos Evangelhos (13 em Marcos), e somente na boca de Jesus. O *amen* precede uma ênfase especial, ou mesmo uma verdade chocante. Da mesma forma que o "Assim diz o Senhor....", no Antigo Testamento, declara a origem divina daquilo que vem a seguir, essa palavra garante a verdade das declarações de Jesus (cf. 2 Co 1.20; Ap 3.14). Mais do que isso, é uma declaração cristológica. Ele está fazendo uma reivindicação explícita sobre a sua pessoa: ele fala como o Ungido de Deus.

Jesus chama as pessoas ao arrependimento (1.15). Isso não teria significado algum se não houvesse o perdão. Ele já declarou que "o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar pecados" (2.10). Agora, ele define a extensão e os limites do perdão de Deus. Os rabinos sustentam que muitos pecados graves são imperdoáveis, inclusive a blasfêmia. Esse pecado, que é punido com a morte, é a base das acusações contra Jesus (2.1-12; 14.64). Jesus, entretanto, declara que todos os

pecados e blasfêmias serão perdoados, exceto que "aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão".

Os escribas não mencionam o Espírito Santo em suas acusações; seus ataques são direcionados contra Jesus. É ele, porém, quem traz a pessoa do Espírito Santo para dentro da discussão, pois qualquer que denuncia a Jesus está realmente denunciando o Espírito Santo que nele habita. Ao falar sobre blasfêmia contra o Espírito, Jesus anuncia qual é a fonte de sua autoridade. Ele é guiado pelo Espírito Santo que opera por meio dele (1.10, 12). Jesus não está possuído por Satanás; é o Espírito de Deus que habita nele.

Essa palavra sobre a pessoa de Jesus, com referência especial a seu relacionamento com o Espírito Santo é tão importante, que Marcos acrescenta seu próprio "aparte" como reforço (v. 30). Os críticos de Jesus estavam dizendo "ele está possuído por um espírito mau", quando deveriam estar dizendo: "O Espírito Santo habita nele e o dirige."

O que então constitui o pecado imperdoável? Jesus encarna o perdão de Deus (cf. 2.17; 10.45). Logo, quem persiste em resistir e desprezar a oferta do perdão de Deus em Jesus é excluído do perdão. "Aceitar Jesus é ser aceito (perdoado) por Deus. Rejeitá-lo é, também, rejeitar a Deus (e seu perdão)." Os escribas estão fazendo exatamente isto: estão rejeitando a Jesus, e a Deus que o ungiu, quando insistem em que a autoridade de Jesus vem de Satanás e não de Deus (cf. Is 5.20). Essa rejeição é "a única limitação ao ilimitado perdão de pecados de Deus".[1]

As palavras de Jesus são endereçadas a pessoas cuja repetida acusação contra ele é produto de muita reflexão. Sua consciente e deliberada intransigência evoca a advertência dura de Jesus. Por outro lado, o perdão está disponível para uma pessoa que se volta contra Deus num momento de angústia. As dúvidas que vêm de uma indagação honesta também podem ser perdoadas (cf. Is 1.18).

O medo excruciante de pensar ter cometido um pecado imperdoável é, por si só, evidência de que tal pessoa não o cometeu.

Os doze já aprenderam sobre a seriedade de sua missão. Satanás e a poder da estrutura religiosa estabelecida está contra eles. Difamação e acusações falsas são parte das armas inimigas. Mas, mesmo os laços familiares não garantem apoio.

## A FAMÍLIA DE JESUS (Segunda Parte) 3.31-35

A divisão de opiniões sobre Jesus tornou-se crítica. Além de sua auto-identificação nos encontros anteriores, Jesus agora faz afirmações mais significativas, tanto sobre si quanto sobre os que o seguem. Marcos fecha esta unidade (3.20-35) com uma asserção bastante positiva sobre aqueles que aceitam Jesus, em contraste com aqueles que não o compreendem (3.21) ou o rejeitam (3.22-30).

**3.31-33** - No versículo 21, o leitor foi informado das atitudes contrárias a Jesus por parte de sua própria família. Agora, depois de lidar com as denúncias dos escribas, Marcos retorna ao assunto. A mãe e os irmão de Jesus estão separados dele de duas maneiras. Fisicamente, eles estão do lado de fora, não fazendo nenhum esforço para entrar na casa onde Jesus está. Eles enviam um recado para Jesus, provavelmente para repreendê-lo (como em 3.21). Nesse ponto, eles também são "de fora", pois não compreendem quem Jesus é.

Maria, a mãe de Jesus, não têm um papel muito importante no evangelho de Marcos: ela é mencionada apenas aqui e em 6.3. Durante os três anos de ministério, os próprios irmãos de Jesus não crêem nele (Jo 7.1-5). A presença de Maria na Crucificação é mencionada em João 19.25-27,

[1] Achtemeier, Invitation, 64.

sem esclarecer qual era então o entendimento dela. O Novo Testamento não menciona quando ela mudou. Após a ressurreição, entretanto, Maria e os irmãos de Jesus juntam-se aos outros em oração (At 1.14); e seu irmão Tiago torna-se líder na Igreja primitiva (1 Co 15.7, Gl 1.19, 2.9).

**3.33-35 -** Mesmo à luz da rejeição da família, a pergunta, "Quem são minha mãe e meus irmãos?", parece uma questão áspera. As obrigações de família, reforçadas pela lei de Deus (cf. Ex 20.12), eram uma questão prioritária na cultura do Oriente Médio. O propósito de Jesus aqui não é menosprezar seus parentes, mas mostrar pelo contraste o significado do verdadeiro parentesco e obediência. Assim, sua pergunta provocativa prepara seus ouvintes (e os leitores de Marcos) para o seu chamado ao discipulado radical, com suas tremendas exigências e promessas excepcionais.

"Eis minha mãe e meus irmãos" — os discípulos de Jesus tornam-se sua verdadeira família. Essa família não é limitada a doze, pois inclui aqueles que estão "ao redor dele." E ainda mais, Jesus convida outros para serem parte de sua família ao acrescentar: "qualquer que..." Esse parentesco não é "segundo a carne", conforme determinado pela família, tribo ou raça. Tais relacionamentos fundamentais são substituídos por uma nova ordem social, o dom de Deus para todas as pessoas por meio da comunhão com Jesus. (cf. 2 Co 5.17).

Jesus está fazendo a vontade de Deus. Esse é o supremo propósito de sua vida (14.36). Ao segui-lo, os discípulos também estão fazendo a vontade de Deus. Qualquer um que quiser o que Deus quer seguirá a Jesus, pois essa é a vontade de Deus. Além disso, todos os que fazem a vontade de Deus entram num relacionamento único com Jesus. Unidos pela sua obediência comum a Deus, eles se tornam irmãos e irmãs de Jesus. Todos aqueles que fazem a vontade de Deus pertencem à essa nova família.

*Notas*

**v. 31** - Os irmãos e as irmãs de Jesus são mencionados aqui e em 6.3. Esse fato não contradiz a doutrina do nascimento virginal de Jesus (Mt 1.18). Essa doutrina enfatiza a singularidade de Jesus; não que Maria era impecável nem que estava isenta da possibilidade de descrer.

• "Pai" é omitido dos termos usados para qualificar os relacionamentos nessa nova família (3.33-35), porque Jesus tinha somente Deus por Pai (cf. 14.36). Por outro lado, nessa nova família Jesus tem muitos irmãos, irmãs e mães. Embora dê grande valor a Maria, o Novo Testamento contradiz qualquer possibilidade de lhe atribuir o título "Mãe de Deus".

*B. PARÁBOLAS SOBRE A NATUREZA E O CRESCIMENTO DO GOVERNO DE DEUS 4.1-34*

Os discípulos seguem a Jesus com grandes expectativas de que Deus muito em breve estabeleça seu reino. Mas eles estão equivocados. Por que o número daqueles que se opõem a Jesus cresce quase tão rapidamente quanto
o número das multidões que o seguem? Aqueles que deveriam seguir a Jesus — os líderes religiosos, e a sua família — são seus maiores oponentes. Os romanos não serão expulsos da Palestina por um grupo de pescadores e uma multidão inquieta. Jesus fala sobre dar autoridade aos discípulos, mas ainda não os envia. Será que eles investiram suas vidas numa causa perdida?

As parábolas que se seguem oferecem algumas respostas necessárias a tais questões. Os discípulos precisam conhecer mais sobre a atuação de Deus antes de saírem e proclamarem a chegada de seu reino. O Evangelho de Marcos é conhecido como um evangelho de ação. Ao mesmo

tempo é dada muita ênfase aos ensino de Jesus, que é, normalmente, apresentado em pequenas porções.

As parábolas deste capítulo tem a função de explicar como crescem os caminhos do reino de Deus. A passagem toda oferece encorajamento para aqueles que estão abatidos sob a aparente estagnação do crescimento do reino de Deus em meio ao mal desenfreado.

## JESUS ENSINA POR MEIO DE PARÁBOLAS 4.1-2

Sentado num pequeno barco ao longo da praia, Jesus ganha certa liberdade da pressão dos doentes que se empurram tentando tocá-lo (3.9-10). Isso lhe permite dar prioridade novamente ao seu ensino. Ele não é mais bem-vindo nas sinagogas, depois de rejeitado pelo judaísmo oficial. Junto ao lago havia espaço para todos os que desejavam ouvi-lo.

A palavra "parábola"(que significa "comparação") é usada no Novo Testamento (como *mashal* no Antigo) para uma variedade de figuras de linguagem, como provérbios, enigmas, hipérboles, e qualquer outro tipo de linguagem fora do comum. Jesus usa muitas dessas formas para que seus ouvintes percebam algo novo, a fim de levá-los a refletir sobre seu ensino. Jesus utiliza habilmente tais recursos como confrontações dramáticas, nas quais demanda uma reação de seus ouvintes.

Aproximadamente um terço dos ensino de Jesus nos Evangelhos Sinóticos está em forma de parábola. Em Marcos, elas aparecem no contexto de controvérsia (2.17); fazem parte de suas instruções aos amigos, e de seus debates com os inimigos (12.12). Embora sejam usadas para chamar a atenção, elas são muito mais do que histórias cativantes.

Por meio das parábolas, Jesus apresenta as características do reino de Deus, ao mesmo tempo em que esclarece as idéias equivocadas. Suas palavras têm efeitos diferentes sobre seus ouvintes, ainda que o sentido literal seja claro. Elas trazem luz e vida para alguns, ao mesmo tempo servem de juízo para outros, dependendo da reação de quem as ouve.

Parábolas não são alegorias, embora sejam freqüentemente interpretadas como tal. Uma alegoria é uma história artificial. Ao criá-la o autor pode dar a cada detalhe um significado especial, como uma descrição em código onde cada item corresponde a alguma coisa mais. Muitos eruditos contemporâneos rejeitam a interpretação alegórica das parábolas. Buscam o tema único da parábola em vez de alegorias. Somente depois de se descobrir o que a parábola significou para os ouvintes originais, conforme o contexto de Jesus e de seu ministério, pode-se prosseguir na descoberta de sua mensagem para hoje. Os detalhes contextuais não têm significados independentes; surgem da vida real e, geralmente, pouco contribuem para a verdade pretendida.[1]

Jesus emprega as parábolas com propósitos variados. Com elas, ele instrui sobre a natureza do governo de Deus; as utiliza para estimular a fé e a participar do reino de Deus; para formar atitudes e para mudar comportamentos. Essas parábolas treinam seus seguidores e advertem aqueles que o rejeitam.

Ao mesmo tempo, Jesus reconhece inteiramente que cada pessoa ouve de acordo com seu próprio conjunto de referências. Alguns estão preparados pelos ensinos anteriores e por uma atitude receptiva em relação a Jesus. Outros (os quais Jesus chama "os de fora", v. 11) estão predispostos a contestar suas palavras. Freqüentemente a audiência é formada pelos dois grupos.

Concluímos que Jesus não somente usa as parábolas para vários propósitos, mas que, em certas ocasiões, ele as utiliza como um míssil com uma ogiva múltipla, destinado a atacar as

[1] Para um estudo extensivo sobre a interpretação das parábolas, veja Kenneth Bailey, *As Parábolas de Lucas.*

consciências de diferentes pessoas em diferentes níveis. A parábola penetra nossas defesas, entrando em nossas consciências, passando por nossos pensamentos, e subitamente explode em lugares diferentes: atingindo um preconceito aqui, uma dúvida ali, uma falta de vontade acolá, e um medo em algum outro lugar.

## A PARÁBOLA DOS SOLOS 4.3-9

"Ouvi!", diz Jesus no início da parábola. Ele a encerra com uma admoestação similar: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!". Esses dois avisos chamam a atenção para a importância desta parábola. Mais tarde (4.13) Jesus diz que ela é a chave para o entendimento de todas as parábolas.

Esta unidade de parábolas (4.3-32) é básica para se discernir tudo o que está acontecendo no reino de Deus.

**4.3, 9 -** "Ouve, ó Israel!" Essa frase soou no Antigo Testamento (cf. Dt. 6.4), marcando as ocasiões quando Deus tinha uma mensagem especial para Israel. Deus falava freqüentemente ao seu povo naqueles tempos; no entanto, seguiu-se um longo período de silêncio. Agora ele fala novamente, por intermédio de Jesus, que começa com uma ordem antiga: "Ouvi!" e encerra com: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!". Agora Jesus fala com a autoridade de Deus mesmo; pois ele não somente é o Ungido de Deus (1.11), como é o Filho de Deus (cf. 9.7; 12.6; Hb 1.1-3). É crucial que todos ouçam cuidadosamente.

**4.4-8** - A parábola deve ser entendida de acordo com as antigas práticas agrícolas da Palestina. O semeador (o fazendeiro) anda através do campo semeando a semente com as mãos, sobre o solo ainda não arado. No processo, as sementes espalham-se, caindo algumas no caminho, em terreno rochoso e entre os espinhos, tanto quanto em solo bom. Somente após a semente ter sido lançada o terreno é arado, enterrando a semente.

Como em outras parábolas esta chama a atenção para algo específico sobre uma experiência familiar ou objeto. Aqui Jesus relata uma experiência comum: um fazendeiro semeando. Ele enfatiza um fato específico: dependendo do tipo de solo em que cai a semente, algumas produzem uma colheita, outras não.

Aqueles que ouvem Jesus podem entender isso claramente, pois a semeadura é parte de seu contexto. Mas qual é a comparação entre a história do semeador e o que está acontecendo na história de Marcos? O que significa isso no que diz respeito ao ministério de Jesus? Incapazes de fazer a conexão, os discípulos indagam pelo significado da parábola (v.10).

Por detrás da cenas está a expectativa judaica da natureza do reino de Deus. Pronunciamentos apocalípticos contemporâneos anunciam que o reino virá com uma demonstração irresistível do poder de Deus, varrendo tudo diante de si. Essa crença é compartilhada por João Batista, pelos discípulos de Jesus e pelas multidões. Como isso não é o que está acontecendo, os discípulos estão desorientados, e os escribas denunciam Jesus como agente especial de Satanás. Gomo, então, pode a parábola estar relacionada às suas expectativas do reino de Deus?

O reino de Deus já chegou; ele está presente e ativo na proclamação das boas novas. Contrariamente às expectativas populares, este não está destruindo o maligno. Antes, ele é a oferta gratuita de Deus à humanidade, um presente que pode ser aceito ou rejeitado.. É como uma semente semeada num campo da Palestina. Algumas vezes a semente é tirada, outras vezes nem mesmo germina. Mas outras vezes ela produz uma farta colheita (cf. vv. 14-20).

## O SEGREDO DO REINO DE DEUS 4.10-13

O ensinamento nesta seção (4.1-34) não está limitado às três parábolas bastante conhecidas. Quatro parágrafos curtos estão entrelaçados (4.1-2, 10-12, 21-25 e 33-34), dando orientação indispensável quanto à ocasião, às reações e os propósitos das parábolas.

Os próprios seguidores de Jesus admitem que não entendem. Não somente esta, mas as parábolas (v. 10), em geral, os deixam perplexos. Eles, porém, fazem a coisa certa, pois perguntam ao próprio Jesus. Eles talvez pensassem que Jesus poderia lhes contar algum segredo especial para que compreendessem. De qualquer modo, ele lhes responde em termos de *mysterion* ("mistério", "segredo") do reino de Deus.

Enquanto a filosofia, e cultos do mundo antigo atribuem suas próprias nuanças ao termo, *mysterion* contém uma conotação comum a todos: significa algo que estava escondido; envolvia segredos que não podem ou não devem ser revelados. O Novo Testamento rejeita a validade das religiões misteriosas. Deus não está escondido, nem pode ser "encontrado" por processos secretos. Ele mesmo tem-se revelado em Jesus Cristo (cf. Hb 1.1 -4). Esse conhecimento não é esotérico, ou seja, disponível apenas para alguns poucos "iniciados". Pelo contrário, é disponível a todos.

No Novo Testamento, essa palavra é quase sempre usada com verbos que denotam revelação ou proclamação. Em outras palavras, *mysterion* significa "aquilo que é revelado". Especificamente, o reino de Deus é chegado na pessoa de Jesus. Embora os discípulos estejam submissos ao governo de Deus por seguirem a Jesus, eles ainda não compreendem totalmente o significado de tudo aquilo. No entanto essa falta de entendimento é temporária, pois, como Jesus diz, "A vós outros é dado o mistério do reino de Deus".

Ao usar a forma semítica de discurso (o passivo "é dado"), Jesus está destacando que Deus é o revelador do mysterion. O que está oculto é revelado pela graça de Deus *(phaneron,* 4.22). Os discípulos são escolhidos para compartilhar com outros o conhecimento do Deus que tem-se revelado (3.13, 14). O Evangelho é o *mysterion,* o "segredo agora revelado", pois Deus está implantando seu reino prometido.

Esse *mysterion* é proclamado a todos. Entendimento é dado àqueles que respondem (ou seja, crêem e seguem). Muitos, esperando que o reino de Deus viesse abertamente e em poder surpreendente, rejeitam o modo escondido como este se manifesta em Jesus. Não faz sentido para eles.

Jesus, então, indica que a divisão entre os que reagem positiva e os que reagem negativamente (crentes e descrentes) não é nova. O profeta Isaías fora enviado a um povo descrente (Is 6.9s), com a promessa de que sua missão teria um duplo resultado: Deus seria um santuário para aqueles que o considerassem santo; ao mesmo tempo, seria uma pedra de tropeço para os descrentes (Is 18.14s). Como Isaías, Jesus também depara com pessoas cujo coração está endurecido. Seu ministério traz bênção para aqueles que entendem *(syniemi,* cf. 6.52), mas divina retribuição para aqueles que rejeitam seu governo.

O versículo 13 fecha o diálogo de Jesus com os discípulos sobre a importância de entender essa parábolas e encaminha sua interpretação (vv. 14-20).

*Notas*

**v. 11** - Mesmo que os discípulos não tivessem entendido neste momento, a frase "a vós outros é dado" promete que compreensão lhes será concedida no futuro, quando mais da identidade de Jesus lhes for revelado. A escolha de Deus é ensinada através de toda a Escritura. Primeiro escolheu Israel, depois um remanescente. Agora, por meio de Jesus, Deus escolhe os discípulos para começar um novo Israel.

**v. 12** - A divisão da humanidade em dois grupos, de acordo com a reação a Jesus, é repetida em toda essa seção por meio de várias comparações: frutífera/infrutífera; de dentro/de fora; revelado/oculto. Marcos deseja que entendamos que a humanidade não está dividida entre judeus e gentios, mas de acordo com sua resposta à palavra de Deus.

## A EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DOS SOLOS 4.14-20

Em resposta à inquirição dos discípulos (4.10), Jesus interpreta a parábola dos solos, acentuando, desse modo, sua importância como chave para a compreensão de qualquer outra parábola (4.13). Sua explicação é relevante para aqueles que o ouviram naquele tempo e hoje.

Aparentemente, Marcos pretende que entendamos esta interpretação da parábola dos solos como dada originalmente por Jesus. Embora alguns eruditos afirmem que ela foi criada pela igreja primitiva, citando, por exemplo, a falta de explicação das expressões semíticas e o emprego de várias palavras que ocorrem somente nas Epístolas, é muito mais provável, que Marcos tenha relatado a explicação de Jesus, expressando-a em suas próprias palavras, com termos acessíveis a seus leitores, e em linguagem mais inteligível para a igreja primitiva.

Jesus não identifica o semeador nesta parábola. Qualquer um que semeie a palavra está incluído. A semente, por outro lado, é identificada como "a palavra" *(logos)*. Esse termo ainda é utilizado em Marcos (2.2) com referência ao ensinamento de Jesus (cf. 8.38; 13.31). As boas novas que ele trouxe formam o centro da mensagem cristã, chamada de "a palavra" (ou "mensagem") em Marcos (4.14,33; 8.32), e nas Epístolas (Gl 6.6; 1 Pe 2.8; 2 Tm 4.2).

A comparação entre "semente" e "palavra" é dinâmica: no versículo 14, a semente é a palavra; nos versículos 16-20, esta é identificada com os ouvintes da palavra. As duas comparações ocorrem no meio da transição, no versículo 15. Tal mudança pode não ser tecnicamente precisa, mas o modo como Jesus vai do impessoal para o pessoal, exortando seus ouvintes a serem o "bom solo", é uma boa técnica de comunicação.

Como parte de seu ataque cósmico contra Deus, Satanás busca ativamente destruir a palavra antes que esta comece a crescer. Seus agentes intermediários de destruição não são particularmente identificados. Nem Roma nem seus vários outros instrumentos são os verdadeiros inimigos; Satanás é a força por detrás deles. Sem dúvida, ele também está ativo nos lugares pedregosos e nos espinheiros (vv. 16-18). Ele continua a combater a mensagem e fecha as mentes de muitos, mesmo antes de ouvirem o evangelho.

Os lugares pedregosos (vv. 16s) representam as pessoas que vivem e reagem superficialmente. Elas mostram uma promessa inicial que não se confirma. Tanto sua resposta quanto seu abandono são rápidos *(euthys)*. Quando aflições ("problemas", "angústias") ou perseguição (10.30) atingem suas vidas por causa da palavra, voltam atrás *(skandalzontai;* cf. 6.3; 9.42). Esse "voltar atrás" não especifica abandono permanente. Os discípulos mesmos chegaram a demonstrar algumas características de solo rochoso e espinheiros em alguns momentos, porém, mais tarde, produziram muitos frutos.

Muitos dos primeiros leitores de Marcos escolheram Jesus e como resultado sofreram perseguições, e mesmo a morte, "por causa da palavra". Não poucos, hoje, decidem seguir a Jesus apesar de sofrerem oposição ferrenha.

A palavra cresce nas vidas afligidas por conflitos internos (vv. 18s), mas é infrutífera. O esforço para conseguir posição social, por meio de posses, segurança material, traz ansiedade tal que sufoca as aspirações por Deus. A lista de espinheiros não é completa, mas é representativa dos muitos obstáculos à frutificação, como testemunham as Epístolas em repetidas advertências.

Apesar de todas as barreiras, algumas sementes dão frutos a trinta, a sessenta e a cem por um. Tais resultados ultrapassam todas as expectativas. Ao encerrar a parábola com tal surpresa, Jesus focaliza a atenção no incrível crescimento do domínio de Deus apesar de todos os obstáculos. A presença de Jesus é a prova de que Deus iniciou seu governo entre os homens.

Esta parábola e sua explicação evocam vários temas teológicos. O reino de Deus vem à medida em que a semente do evangelho é semeada em todo lugar. Seu crescimento é impedido por Satanás, e pelas vidas dominadas por pressões externas e ambições internas. Não obstante, uma colheita abundante está garantida, pois Deus está falando, agora, por meio de Jesus, chamando cada pessoa a ouvir e a frutificar, pois frutificar é uma característica essencial do reino.

A parábola desafia aqueles que têm falta de entendimento (como os discípulos, 4.13) a superar os obstáculos e dar frutos. Os obstáculos são muitos, mas aqueles que são fiéis em semear a semente são encorajados a esperar uma colheita abundante. Para os "de fora", a parábola é um convite para ouvir e obedecer ao invés de sucumbir diante das dificuldades.

## DITOS SOBRE O QUE ESTÁ ENCOBERTO 4.21-25

Não é dada nenhuma indicação quanto à época em que se originaram as afirmações nesta perícope. Algumas são usadas em outros contextos por outros autores Sinóticos. Marcos as coloca aqui para ampliar o entendimento dos leitores quanto às parábolas neste capítulo.

Em vez de dizer, "Jesus perguntou," o texto começa com "Também lhes disse," pois esses versículos contêm três questões retóricas, as quais são, na realidade, declarações. Questões retóricas servem a dois propósitos: provocar a reflexão nos ouvintes, e pressupor as respostas. Assim, temos na verdade duas afirmações paralelas ("Também lhes disse", vv. 21 s; e "Então lhes disse", vv. 24s) equilibradas com uma declaração-chave (v. 23).

**4.21-22** - Com as primeiras duas questões Jesus tenciona provocar uma reação negativa, não vocal, nos ouvintes: "é claro que não, ninguém esconde uma lâmpada debaixo de uma cama ou do alqueire". A terceira questão evoca uma reação positiva: "você coloca uma lâmpada no velador". Todos sabem disso!

Essa resposta positiva é reforçada pelo v. 22, com duas declarações que enfatizam a mesma verdade: se alguém esconde algo, é com o propósito de revelá-lo mais tarde. Embora a construção desses versos não seja facilmente compreendida pelos leitores modernos, o paralelismo hebraico empregado ajudava os ouvintes originais. As diferentes formas de comparações encontradas aqui são todas "parábolas" no sentido mais amplo do termo.

O que está oculto será revelado. Mas o que está oculto? A identidade de Jesus, a presença do reino de Deus entre os homens, mesmo o significado dos ensinamentos de Jesus estão todos escondidos (e são inseparáveis aqui). Eles estão ocultos a fim de se tornarem conhecidos. O *mysterion* do v. 11 é mantido diante de nós, pois é importante. A expressão estranha, traduzida por "Vem porventura a candeia", é uma alusão à vinda de Jesus e ao reino. Jesus veio para ser revelado; não imediatamente, mas após um período de ocultamente, Ele será revelado como Filho de Deus. Esse é o propósito de Deus, declarado quatro vezes em dois versículos.

O oculto será revelado *(phaneron),* pois Deus trará tudo à luz e revelará o segredo àqueles que ouvem. Gradativamente, os discípulos ganham uma percepção de quem Jesus é. Entretanto, eles só o conhecerão plenamente após a Crucificação e a ressurreição.

*Nota*

**v. 21** - Uma pequena, e simples, lâmpada feita de argila, com um pavio molhado em óleo de oliva, era normalmente colocada num pedestal para melhor iluminação. "Alqueire" indica uma vasilha usada para armazenar cereal.

**4.23** - Este pequeno versículo apresenta o tema da perícope e forma uma ponte entre encorajamento (vv. 21s) e a exortação (vv. 24s). Nossa responsabilidade é esta: ouvir a Jesus! "Aquele que tem ouvidos", não apenas alguns privilegiados, mas qualquer um — incluindo uma pessoa que entende um pouco, ou mesmo alguém que não entenda o suficiente —, é encorajado a prestar atenção nos ensinamentos de Jesus. Esse é o caminho para o entendimento.

**4.24-25** - Estas afirmações curtas, diretas e memoráveis começam com um apelo para "considerar cuidadosamente o que se ouve". Os três provérbios que se seguem estão cheios de semitismos (maneira hebraica de expressão). Em termos de forma, refletem o estilo hebraico de escrever. No que se refere à expressão, o nome de Deus não aparece, para que não seja usado em vão. Contextualmente, ensinam sobre a obra de Deus, e não sobre economia. Jesus pode ter criado esses enigmas, ou pode ter citado ditos populares.

Longe de ser uma mistura incompreensível de ditados que não têm relação uns com os outros, este parágrafo está construído ao redor da promessa ("o oculto será revelado") e da exortação ("ouça"). O raciocínio por detrás disso é apresentado nas figuras sobre "medida" e "possuir" (24b e 25), as quais são diferentes daquelas da parábola dos solos, mas cuja mensagem complementa os ensinamentos anteriores. Nesse contexto de ênfase redobrada sobre o ouvir, a "medida", provavelmente, substitui o "ouvir". Por outro lado, aquele que não ouve cairá em maior ignorância e juízo. (A afirmação negativa em 25b equilibra o positivo em 24b-25a). Essas são conseqüências tanto temporais como eternas.

## A PARÁBOLA DA SEMENTE QUE CRESCE SOZINHA 4.26-29

Duas outras comparações completam essa seção de parábolas. Ambas continuam com a imagem da semente, da agricultura, oferecendo encorajamento para todos aqueles que semeiam a semente, especialmente quando os resultados são invisíveis. Ambas são identificadas claramente como parábolas do reino de Deus. A omissão de quaisquer exortações para "ouvir" indica que seus propósitos são diferentes daqueles da 4.3-20.
"...como se um homem lançasse a semente à terra". A partir de tal começo, o ouvinte poderia esperar ensinos sobre análise de solo. Muito pelo contrário, essas parábolas falam sobre o semeador. Para ser mais preciso, focalizam no que acontece quando o semeador está de folga.

Depois de semear, a rotina diária do agricultor ("ele dorme e se levanta") não é perturbada pela ansiedade a respeito da semente plantada. Ele está contente sabendo que a terra produz o grão "por si mesma" (automaticamente). Em outras palavras, ele deixa isso para Deus, que opera por meio de mistérios desconhecidos ao semeador. O semeador sabe que a colheita demorará, mas, com certeza, virá.

Essa parábola é escatológica, pois o reino do qual ela fala é escatológico. O reino está presente tanto na semente quanto na colheita. Agora é apenas um embrião (ele está presente na pessoa e ministério de Jesus), depois será espiga cheia; oculto agora, totalmente manifesto então. No simbolismo do final dos tempos, a colheita (com palavras tiradas de Jl 3.13) permanece para o julgamento que será seguido de copiosas bênçãos na consumação do reino de Deus (cf. Jl 3.18).

Essa comparação é uma das poucas passagens em Marcos que não aparece em nenhum outro Evangelho. Portanto, podemos presumir que os primeiros leitores de Marcos precisavam, em

especial, desse encorajamento. Eles viam muitos problemas e poucos resultados de seus trabalhos. O obreiro precisa ter a "paciência de um agricultor".

Jesus deseja que seus ouvintes (e os leitores de Marcos) semeiem a semente e continuem confiantes de que a colheita virá. O reino é criação de Deus. Ele o está construindo de acordo com seus próprios planos e agenda. Pessoas são convidadas a recebê-lo; homens e mulheres recebem ordens de semear; mas Deus detém o controle soberano sobre o crescimento.

*Nota*

**v. 29** - Esperar pela colheita envolve a passagem do tempo. É difícil reconciliar isso com a afirmação de alguns estudiosos de que Jesus pensava que o reino de Deus se consumaria em breve.

## A PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA 4.30-32

Nesta época de seu ministério, o reino de Deus proclamado por Jesus Dão é muito evidente para os seus seguidores. Além disso, seus críticos o denunciam como fraude.

Em meio a tais atitudes, Jesus pergunta (retoricamente): "A que assemelharemos o reino de Deus? ou com que parábola o representaremos?" Ao incluir seus ouvintes nessas questões (cf. a 1ª pessoa do plural), ele os desafia a pensar à medida em que prossegue com a parábola: o reino de Deus é como um grão de mostarda; quando semeado cresce e torna-se uma planta tão grande que as aves podem aninhar-se à sua sombra.

O grão de mostarda é um símbolo proverbial daquilo que é pequeno e insignificante. De algo tão pequeno, uma semente plantada, cresce e se torna uma hortaliça muito grande. É a história dos contrastes entre um começo insignificante e um desfecho surpreendente; entre o oculto hoje e o revelado no futuro. O reino de Deus é como tal semente. Seu tamanho atual e a aparente insignificância não são, de modo algum, indicadores de sua consumação, a qual abrangerá todo o universo (13.24-27; cf. Ap 5.9-13; 7.9).

Jesus está dizendo para não se deixarem levar pela aparência. Que todos sejam encorajados a participar do reino; a ter fé em um grande Deus. A aparente "fraqueza" será suplantada quando Deus manifestar seu poder soberano.

Essa parábola escatológica lembra o que disse o Soberano SENHOR a respeito do cedro no qual os pássaros "encontrarão abrigo à sombra dos seus ramos"(Ez 17.22-24; 31.6). Com esse simbolismo, e o de Daniel 4.11-12, os pássaros na parábola de Jesus seriam provavelmente uma alusão aos gentios encontrando refúgio no reino de Deus. Isso é coerente com a ênfase de Marcos sobre o alcance mundial do Evangelho (11.17).

*Notas*

**v. 30** - Ladd (Theology, 111) afirma que muitos estudiosos entendem mal esta parábola porque deixam de perceber que "a Igreja é a comunidade do reino e não reino propriamente dito ... O reino é o domínio de Deus; a Igreja é uma sociedade humana." Esta parábola descreve o reino, não a Igreja. Não ensina sobre um crescimento lento, mas gradativo, da Igreja nem que a Igreja se tornaria uma grande instituição.

**v. 31 -** A mostarda plantada na Palestina atingia a altura de aproximadamente 3 metros.

## JESUS FALA A PALAVRA POR MUITAS PARÁBOLAS 4.33-34

As parábolas desafiam os ouvintes a ouvir com todo o ser a fim de experimentar o governo de Deus em sua vida diária. Se Jesus tivesse falado às multidões abertamente, teria forçado uma decisão antes da hora. É necessário um entendimento amadurecido para evitar-se um discipulado superficial. Juntamente com os discípulos, os ouvintes são impulsionados a buscar maior entendimento, pois dependem continuamente das palavras de Jesus.

Os Evangelhos incluem apenas uma amostra das parábolas de Jesus. Ao agrupar aqui essas parábolas, Marcos tenciona lembrar de que o reino de Deus já está presente na pessoa de Jesus. Os obstáculos à fé e à perseverança existem, mas Deus garante resultados surpreendentes. O mistério espera ocasião apropriada para revelar sua identidade oculta. O pequeno e fraco começo do reino não é indicação da sua consumação.

A seção anterior de parábolas explica o que está acontecendo no reino de Deus. Ela instrui todos os discípulos quanto ao que esperar enquanto trabalham no reino e assegura-lhes com relação ao futuro. Ao mesmo tempo, é um aviso sobre o julgar a atuação de Deus no mundo pelas aparências externas. Embora cada parábola apresente sua própria ênfase, por meio delas Jesus continua mostrando necessidade de responder à sua pessoa.

*C. O PODER MIRACULOSO DO GOVERNO DE DEUS 4.35-6.6a*

Esta seleção de perícopes é claramente temática. Os milagres nessa unidade demonstram o poder de Deus para solucionar problemas extremos que estão acima de soluções humanas. Tecidas em meio à trama estão duas linhas: uma mostra a fé e a dúvida, em lugares inesperados; a outra responde à questão "Será que Jesus se importa?" Os inimigos religiosos estão ausentes desde 3.30, sua presença sombria, no entanto, voltará em 7.1.

Pelas parábolas o leitor obtém conceitos importantes da natureza do reino de Deus. No entanto, esses conceitos estão incompletos, pois as parábolas apresentam um reino de Deus enfraquecido por estar oculto. Agora vemos o reino como o poder de Deus vencendo todas as batalhas. As parábolas nos falam do reino já presente; os milagres dão indícios do reino quando de sua consumação. Os aspectos do dualismo do "já" mas "ainda não" são habilmente comparados, pela justaposição de duas unidades literárias, 4.1-34 e 4.35-6.6a. Primeiro vem a palavra de Jesus, com sua significância oculta; depois vem o poder miraculoso, revelado.

Ainda assim, natureza oculta do reino continua. Enquanto alguns são admoestados a silenciarem (5.43), e outros estão "cegos" (6.1-6a), surgem exceções surpreendentes. Por exemplo, Jesus diz a um "Vá e diga o que o Senhor fez por você" (5.19), e com a mulher revela o que ela queria que permanecesse encoberto (5.30).

Ao longo de toda esta seção, porém, fica a indagação sobre a identidade de Jesus. Essa questão domina a primeira cena, mas também provoca séria reflexão ao final de toda a seção.

## JESUS ACALMA A TEMPESTADE 4.35-41

Os discípulos passaram por um teste muito difícil quando Jesus lhes mandou que fossem para o outro lado do lago da Galiléia. Levantou-se uma grande tempestade. Em seu temor, eles repreendem Jesus, que acalma a tempestade e depois os repreende por sua falta de fé. Teria essa experiência feito com que eles entendessem quem Jesus realmente é?

**4.35-36** - Interrompendo seu ministério às margens do lago da Galiléia (1.16; 3.9; 4.1; 5.21), Jesus inicia sua primeira viagem até o outro lado. Ele logo adormece, cansado das constantes demandas que vinham sobre ele (3.20). Como o homem que jogou a semente no solo e depois

adormeceu tranqüilamente (4.26s), Jesus descansa certo de que Deus cuidará dele e da semente que plantara. No lado leste do lago ele semeará mais ainda, expandindo seu ministério.

**4.37** - Situado numa depressão, o lago está sujeito a tempestades repentinas, quando os ventos sopram sobre as montanhas que o circundam, alterando rapidamente a pressão atmosférica sobre o lago. Nessa tarde, em particular, levantou-se uma tempestade de ventos incomum. Com a força da ventania, a segurança do barco e de seus ocupantes estava ameaçada, à medida que as ondas o assolavam. Embora muitos deles sejam pescadores que praticamente vivem no lago, os discípulos temem por suas vidas. Jesus, no entanto, continua dormindo.

**4.38-40** - Tomados pelo medo, os discípulos ressentem o fato de Jesus dormir, não atentando para a situação difícil deles. Eles o acordaram com uma reprimenda, "Mestre, não te importa que morramos?" Nessa hora de desespero os discípulos lembraram-se dele apenas como "Mestre".

Uma acusação dura como esta, "Não te importas?", poderia magoar. Mas porque ele, de fato, se importa, Jesus submete-se humildemente a essa e a outras repreensões de seus discípulos (cf. 5.31; 6.37; 8.4, 32). Exatamente porque se preocupa, mais tarde ele dá "a sua vida em resgate por muitos"(10.45).

Jesus, também, se importa o suficiente para repreender seus discípulos por sua falta de fé. Eles cruzam o lago em obediência à sua ordem direta. Haveria outras vezes quando suas vidas estariam em perigo como resultado de obedecerem a palavra de Jesus. A fim de que sua fé cresça, eles devem encarar as razões que estavam por detrás de seu medo. Quando Jesus não estiver por perto, será que falharão ao surgirem problemas "por causa da palavra" (4.17)?

Atendendo seu chamado, Jesus repreende o vento e as ondas. A natureza se submete à sua palavra, o vento cessa e as ondas se acalmam (cf. Sl 107.26-29). Quando Deus "aplaca o rugir dos mares" (Sl 65.7), uma atmosfera de completa paz vem sobre o lago.

Aqui o vocabulário lembra as palavras que Jesus usara anteriormente quando se dirigiu ao espírito maligno (1.23-27):

| | |
|---|---|
| "E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Acalma-te, emudece! (4.39) | Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te". (1.25) |
| "...diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar obedecem? " (4.41) | "Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!" (1.27) |

Jesus fala ao vento e às águas as mesmas palavras que utiliza quando se dirige ao espírito imundo, porque reconhece que Satanás está por trás dos dois, tentando anular o surgimento do reino de Deus. Tendo falhado em sua oposição na sinagoga em Cafarnaum, Satanás procura destruir a Jesus na tempestade, antes que ele inicie seu ministério em território gentílico. (5.1 ss). Jesus, no entanto, demonstra sua autoridade superior sobre o adversário, tanto no domínio espiritual como no domínio natural.

"...como é que não tendes fé?", pergunta Jesus. Em seu esforço para fortalecer sua fé, Jesus lhes havia assegurado o triunfo eventual do reino de Deus. Ele os avisara dos perigos que os cercavam. Contudo, a fé dos discípulos ainda é limitada; eles precisam ouvir mais atentamente (cf. 4. 3, 9, 23). Ao mesmo tempo, a fé não vem instantaneamente; ela é fortalecida por meio de provas (cf. 5.36).

**4.41 -** Num misto de maravilha e assombro, os discípulos perguntam-se, "Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?" Seu medo e a falta de fé vêm à tona por um único motivo: eles não sabem quem é Jesus. Quando passa o medo da tempestade e da morte, eles são acometidos por um outro tipo de temor; uma sensação de assombro, porque Deus estava Bem ali. Deus interviera em suas vidas; ele os salvara. E, de um modo peculiar, tudo estava relacionado a Jesus. Jesus fez aquilo que somente Deus pode fazer.

Marcos pretende que este e outros milagres na natureza sejam entendidos, primeiramente, como a substanciação da autoridade divina de Jesus. Desde os tempos mais antigos, esta narrativa tem sido considerada uma alegoria descrevendo a igreja lançada em mares bravios. "Tempestades" certamente atingiram a igreja através dos tempos (cf. as experiências de Paulo, relatadas em 2 Co 11.23-28). Os crentes não enfrentam as provações sozinhos, pois Jesus os ajuda em tempos de problemas e os livra do temor da morte (Hb 2.14-18). Ainda que a interpretação alegórica parece a propósito, não devemos permitir que enfraqueça a ênfase cristológica deste evento.

*Nota*

**v. 41 -** Esta curta narrativa apresenta dramaticamente, lado a lado, as naturezas humana e divina de Jesus. Cansado das intensas demandas de seu ministério, Jesus pega no sono. Quando despertado, ele fala e as forças da natureza obedecem seu Soberano Senhor, o criador e Sustentador.

• Como este milagre esclarece, a Bíblia não nivela Deus com a natureza — doutrina de religiões panteístas antigas e modernas. Embora Satanás exerça poder no domínio da natureza, o Deus triúno é, ainda, Senhor soberano sobre ela.

## NOVA VIDA PARA UM HOMEM ENDEMONINHADO 5-1-20

Esta perícope, e as que se seguem, continua com o tema dos poderosos feitos de Jesus, sob circunstâncias extremas que vão além da solução humana. Jesus estende seu ministério para um novo território onde ele faz o que nenhum fazendeiro experiente faria: semeia entre os túmulos, com resultados surpreendentes (4.8, 20).

**5.1-5** - Ao chegar no lado leste do Lago da Galiléia, Jesus encontra um homem com um espírito imundo. Antes que o leitor pense que esse é "só mais um caso" de controle demoníaco, Marcos revê a trágica história do geraseno antes de descrever seu encontro com Jesus. (v. 6ss).

Esse homem transtornou a sua comunidade a ponto de tentarem, sem sucesso, prendê-lo com correntes. Ele rompera a correntes; e nada adiantava.

Rejeitado pela sociedade, seu sofrimento prolonga-se dia e noite. O eco de seus gritos enche o ar com terror desde os sepulcros nas cavernas até às íngremes colinas. Ele volta seu desespero contra si mesmo, cortando seu próprio corpo. Ele é o seu próprio inimigo.

Esse morto-vivo é um retrato vivido e realista da desordem, confusão e do medo no reino de Satanás. Um assassino desde o princípio (Jo 8.44), Satanás procura destruir a imagem de Deus no homem. Como não conseguiu fazer isto de imediato, ele aleija a pessoa, degradando-a e desumanizando-a, enquanto a leva à ruína e à autodestruição. E embora todos rejeitem esse homem, Jesus cuida dele libertando-o dessas circunstâncias terríveis, restaurando-o à verdadeira vida.

**5.6-10** - O autor descreve o encontro de Jesus com o homem. Ao saber que Jesus passava ali por perto, o homem corre e cai de joelhos diante dele (3.11). Ele reconhece em Jesus uma autoridade superior, pois as notícias de que Jesus invadira o domínio de Satanás (3.27) já se espalhavam para seus agentes do mal. Em resposta à ordem de Jesus para que saísse, o homem grita em alta voz, "Que tenho eu contigo, Jesus filho do Deus Altíssimo?" Desesperado ele pede a Deus que o proteja do Filho de Deus: "Conjuro-te por Deus que não me atormentes!" Reconhecendo quem é Jesus, o espírito imundo teme compartilhar do julgamento final de Satanás.

Jesus pergunta ao geraseno, "Qual é o seu nome?" Ele responde, "Legião é o meu nome, porque somos muitos". Uma legião do exército romano, composta por seis mil soldados aproximadamente era a mais poderosa máquina de guerra conhecida nos tempos antigos. Satanás tinha procurado destruir Jesus no lago, antes que ele atingisse esse território sob seu controle. Ao falhar nessa tentativa, ele encontra Jesus na cabeceira da praia com uma enorme força destinada a repelir a invasão das áreas não-judaicas. Como as legiões romanas que ocupavam terras que não lhes pertenciam, Satanás reina inconteste no mundo gentio; ele está determinado a parar Jesus a qualquer custo.

A cena apresenta um encontro poderoso com conseqüências cósmicas. Cada um reconhece o poder que está por detrás do outro. Satanás vê seu reino invadido por Jesus. No entanto, ele planeja um contra-ataque com um exército de espíritos maus, esperando, contra a esperança, reconquistar seu domínio. A menção de uma legião de espíritos imundos poderia amedrontar alguém a ponto de se retirar. Jesus, porém, pelo poder de sua palavra, espalha terror no exército demoníaco.

*Notas*

**v. 7** - "Deus Altíssimo" era um título usado por não-judeus em referência ao Deus de Israel (Gn 14.18s; Is 14.14; Dn 3.26; 4.2; cf. At 16.17).

**v. 8** - Jesus não toca no endemoninhado; nem faz uso de rituais ou provoca dor, como outros faziam nas práticas exorcistas. Ele expele os espíritos malignos com uma ordem (cf. Mt 8.16).

**v. 9** - No mundo pagão, "era crença popular que o conhecimento da identidade de uma pessoa, e o uso de seu nome, conferia poderes mágicos capazes de prejudicá-la e derrotá-la" (Nineham, 43). Alguns comentaristas

sugerem que os espíritos malignos expunham a identidade de Jesus (1.24; 3.11) "como sua única esperança de evitar que ele os destruísse" (ibid., 113). Presumem, tais estudiosos, que Jesus está seguindo crenças mágicas populares ao perguntar pelo nome do endemoninhado geraseno, para obter controle sobre ele. Mas esse tipo de interpretação ignora que esse é o único caso no qual Jesus pergunta pelo nome do endemoninhado. Em nenhum outro exorcismo ele pergunta pelo nome do demônio. É mais plausível pensar que ele pergunta pelo nome, aqui, porque deseja que o geraseno reflita sobre a sua própria identidade, e quer que os discípulos percebam a extraordinária força que se levanta contra ele.

**v. 10** - O conceito do domínio territorial dos espíritos (cf. Dn 10.12-14, 20; At 19.35) se reflete nas expressões "lugares altos" (Nm 33.52 ["ídolos"], etc.) e os deuses da "planíce" (1 Rs 20.23). Povos animistas crêem que certos espíritos são senhores sobre um território ou uma casa em que habitam.

**5.11-13** - Derrotados em sua tentativa, a legião de espíritos malignos roga desesperadamente para não ser expulsa da área. Após habitar naquele homem, agora pedem para entrarem numa manada de porcos que se alimenta nas redondezas. E mesmo reconhecendo que Jesus está no controle, continuam a manobra. Jesus concorda com seu pedido, pois sabe dos danos que poderiam causar se voltassem ao geraseno (Lc 11.24-26). Muito melhor que destruíssem os porcos do que os homens. Caracteristicamente, os espíritos maus criam mais confusão: os porcos precipitam-se despencando no lago, onde se afogam; no mesmo lago onde Jesus mostrara seu senhorio (4.39).

Quando Jesus começou a ensinar em território Judaico (Cafarnaum), foi hostilizado por um espírito imundo (1.24). Mais tarde, Satanás procura destruí-lo quando ele cruza o lago para sua primeira missão entre os gentios (4.37-41). Ao chegar a uma região não-judaica, Jesus é confrontado por Satanás numa demonstração maciça de força retratada pelo nome "legião". Essas peças todas se juntam como parte de uma figura maior da oposição de Satanás ao reino de Deus.

**5.14-17** - Ao ouvir dos homens que cuidavam dos porcos as notícias sobre a manada, muitos da cidade e das vilas correm para ver por si mesmos o que acontecera. Eles são vencidos pelo medo, pois vêem com Jesus o homem que ninguém pudera conter, sentado ali, vestido e lúcido. Testemunhas contam o que acontecera com o homem e com os porcos. Já que Jesus foi a causa de todo o transtorno, as pessoas insistem com ele para que se retire da terra deles.

Sem dúvida, aquelas pessoas rejeitam Jesus por diversas razões. Temor do desconhecido, medo da destruição da vida econômica da região. Eles não têm interesse no homem em si. Seu sistema de valores está distorcido. Nem sequer perguntam o que Jesus poderia fazer por eles. Querem apenas livrar-se dele. Então Jesus embarca para o outro lado — após deixar um testemunho em Decápolis. Embora triunfasse sobre a legião, ele não forçou as pessoas para que o aceitassem.

*Nota*

v. **15** - Como em todos os outros casos de exorcismo no Novo Testamento, Jesus não exige que o endemoninhado tenha fé como pré-requisito

para a libertação. Fé vem posteriormente, fortalecida pelo ensino de Jesus. Milagres não conduzem, necessariamente, à fé (cf. 6.1-6; 8.11s).

**5.18-20** - O homem do qual a legião foi expulsa manifesta um desejo: ele quer ir com Jesus. Sua primeira oração, no entanto, recebe uma resposta negativa. Jesus testa sua submissão ao governo de Deus pedindo-lhe que laça algo que não deseja fazer. Negado o privilégio de seguir a Jesus fisicamente, ele segue a palavra de Jesus.

Jesus pede para algumas pessoas deixarem a família para o seguirem (1.16-20; 10.29-30). Aqui, porém, ele envia este homem sozinho para casa, ao povo que o abandonara como morto-vivo. Não lhe foram dadas promessas de saúde, conforto ou sucesso. Mais do que libertá-lo de um mundo angustiante, Jesus o manda de volta para reconciliar-se com sua família e comunidade.

O homem dá seu testemunho pessoal em território gentio. Todos ficam "maravilhados", mas Marcos não relata outros resultados do testemunho daquele homem.

A vitória histórica de Jesus sobre o poder de uma legião de demônios alerta aqueles que penetram novas fronteiras com o evangelho a esperar a oposição de Satanás ao avanço do governo de Deus. Mas, também, aponta para a vitória final de Jesus sobre as forças do mal.

*Nota*

**v. 20** - "Decápolis" era uma liga de dez cidades que seguiam o modelo grego de governo. Quase todas estavam localizadas à margem leste do lago da Galiléia. Jesus entra em território gentílico novamente em 7.24-8.9.

## JESUS É VITORIOSO SOBRE A DOENÇA E A MORTE 5.21-43

Mais do que cuidado pelas pessoas que passam por problemas que estão acima das soluções humanas, Jesus firma a fé dos envolvidos e, por meio do ensino e da prova, encoraja o seu crescimento.

Nessa narrativa seguinte, Jesus não somente cuida de pessoas em suas dores e isolamento, ele também resolve seus "problemas inexplicáveis" ("Por que isso aconteceu comigo?") como parte de sua terna misericórdia. Como Wilcock já destacou: "Embora como pecadores não mereçamos nada melhor, é encorajador saber que Jesus pode lidar não somente com o pecado e suas conseqüências, mas também com os males que nós Comumente chamamos de não-merecidos.[1]

**5.21-24a** - Jesus retorna ao outro lado do lago (possivelmente à Cafarnaum). Os gerasenos tinham implorado que Jesus fosse embora, mas aqui uma grande multidão o aguarda. Aparentemente, ele retoma seu ministério de ensino. Ele é novamente interrompido, dessa vez por um homem chamado Jairo, que prostra-se diante de Jesus, implorando por sua filha que estava morrendo, "vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá."

[1] Wilcock, 28.

Jairo é o chefe da sinagoga, responsável pelos serviços religiosos no centro da cidade no sábado, pela escola, e tribunal de justiça, durante o restante da semana. A maioria dos líderes religiosos nunca procurariam a ajuda de Jesus, pois o rejeitam como impostor (3.6). Mas Jairo implora publicamente pela intervenção de Jesus. Um pai intercede por sua filha desenganada. Ele evidentemente crê que Jesus tem o poder sobrenatural de Deus.

Jesus faz o que Jairo pede ("vem e toca"). Ele varia seus métodos freqüentemente (ele também cura sem tocar, 7.24-30), pois a cura não depende do que Jesus faz mas de quem ele é.

**5.24b-34** - Uma grande multidão o segue, empurrando e procurando, inquietamente, ver o que Jesus fará. Ao longo do caminho, Jesus volta-se de repente e pergunta: "Quem me tocou?" A questão traz uma resposta mal-humorada dos discípulos. Afinal de contas há muitas cotoveladas no meio de uma grande multidão.

Jesus no entanto, continua olhando em volta para ver quem tocara em suas vestes. Então vem uma mulher e se prostra diante dele. Tremendo de medo, ela conta toda sua história. Durante doze anos vinha sofrendo de uma doença feminina crônica, piorando cada vez mais.

Recursos humanos de nada adiantaram e, agora, não havia mais dinheiro.No auge de seus problemas físicos, sua hemorragia a torna, a ela e a tudo que toca, impuros (Lv 15.25-27). Ela fora excluída da sinagoga e da comunidade. "Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada" (cf. 3.10), foi o pensamento que a moveu até Jesus no meio da multidão. Quando a mulher o tocou, Jesus imediatamente percebeu (v. 30) que dele saíra poder *(dynamis).* Seu poder dado por Deus é pessoal na fonte, e pessoal na aplicação.

Por que tudo isso por causa de uma pobre mulher como essa? Ajudá-la não é como ajudar a Jairo. Ela está sozinha, é uma excluída. Jairo é um homem de posição. Após doze anos, a mulher sem nome poderia ter esperado mais alguns minutos. Agora que ela está curada, por que Jesus não atende a filha de Jairo e fala com essa mulher mais tarde?

Jesus, porém, não se apressa. Esse é o momento oportuno para ensinar a mulher e toda a multidão. "Filha, tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal". Pode ser que Jairo aprenda que Jesus se preocupa com outras "filhas" tanto quanto com sua filhinha.

Jesus declara: "Filha, tua fé te salvou". Nas palavras de Lane: "foi o alcance de sua fé, e não o toque de sua mão, que lhe assegurou a cura que buscava" [1] Suas palavras contrariam a crença popular de que poder curador I transmitido por meio de toque. Deus honrou sua fé, ainda que fosse imperfeita (cf. 9.24), porque era fé em Jesus. Sua cura não foi automática nem impessoal; é resultado da decisão do próprio Deus em resposta à sua fé. Além disso, ela também recebeu salvação espiritual, pois o Novo Testamento Caracteristicamente utiliza o termo "salvar" *(sozein)* de uma maneira distintiva, significando "aquilo que salva de tudo o que pode arruinar a alma de alguém nesta vida e na vida futura".[2]

---

[1] Lane, 193.
[2] Barclay, Words, 270.

Jesus dá a essa mulher muito mais do que ela buscava. Ao confirmar publicamente sua cura física, ele a livra de seus temores ocultos e prepara o terreno para que seja aceita na comunidade. Ela chegou a pensar que não era ninguém; Jesus lhe devolve a dignidade. Ele a valoriza como pessoa. Suportando a dor de revelar sua história publicamente, ela ganha a liberdade de seus temores.

*Notas*

**v. 30 -** *dynamis* ("poder") aparece também em 9.1; 12.24; 13.25s; 14.62 (cf. Lc 5.17).

v. **34** - Fé não é simplesmente concordar intelectualmente com o ensino bíblico, mas confiança em Deus, que está ativamente cumprindo seus propósitos por intermédio de Jesus.

• Jesus contrapôs os costumes com sua atitude favorável às mulheres e às crianças. A mulher, cerimonialmente impura, pode ter procurado não "contaminar" a Jesus ao tocá-lo secretamente. Jesus, porém, além de não se tornar impuro, faz com a mulher fique purificada. Ele demonstra que a valoriza ao conversar com ela publicamente, e ao elogiar sua fé.

**5.35-43** - Enquanto Jesus ainda está falando, chegam alguns homens da casa de Jairo e dizem: "Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?" O que Jairo mais temia aconteceu. Ele sabia que ela estava morrendo quando veio a Jesus, esperando que ele pudesse chegar a tempo de curá-la. Mas agora tudo está perdido, pois a morte é o fim. Se Jesus não tivesse se demorado falando com aquela mulher insignificante.;. Quando o ressentimento começa a aparecer, Jesus interrompe seus pensamentos, dizendo-lhe que ignore o que disseram os homens. Mas, como poderia ele ignorar a realidade da morte de sua filha?

"Não temas, crê somente" (v. 36). Nem mesmo a morte deveria atrapalhar a confiança de Jairo na habilidade de Jesus em confrontar crises com o poder de Deus. A fé de Jairo está sendo testada: ela crescerá à medida em que ele continuar a olhar para Jesus cuja palavra dispersa o medo (Hb 12.1-2).

Jesus proíbe a multidão de acompanhá-lo. Pedro, Tiago e João, porém, são escolhidos para continuar com Jesus. Aparentemente eles eram mais sensíveis àquilo que já haviam recebido, e lhes era dada a oportunidade de receberem mais (cf. 4.25). Essa é uma excelente oportunidade de conhecer quem é Jesus e de passar isso aos outros discípulos.

Seguindo o costume Palestino, o som da lamentação e do cântico, acompanhado de flautas e palmas, enche o ar numa demonstração pública de luto. Depois de perguntar-lhes a razão de toda aquela comoção, Jesus afirma: "A criança não está morta, mas dorme" (v. 39). Em resposta riem de Jesus. Então ele os coloca para fora também.

Os que estão ali lamentando, aqueles que informaram Jairo, e os próprios pais, sabem que a criança está morta. Jesus diz que ela está apenas dormindo, pois ele faz um prognóstico teológico e não um diagnóstico físico. Muitos dizem que a morte é o fim. Eles a vêem como um período, enquanto que é somente um coma. A morte, no entanto, não é permanente. Do ponto de vista de Deus,

é um sono para o qual há um despertar. Mas Jesus promete mais do que isso. Embora esteja morta, sua condição não é mais permanente do que o sono; ele vai trazê-la de volta à vida.

Cumprindo o que prometera, Jesus toma a criança pela mão e diz: "Talitha Koumi!" (v. 41). Essas palavras de modo algum constituem uma fórmula mágica ou encantamento. Marcos sente que a riqueza das palavras de Jesus não caberiam numa tradução, então ele as cita no original aramaico antes de indicar seu significado. Como Martin expressa isso muito bem, Jesus fala à menina, na sua língua materna (o aramaico), usando palavras mais do que adequadas para a ocasião, como uma mãe chama uma criança de manhã, dizendo: "Menina, está na hora, levante!" [1]

A garota levanta-se e caminha, pois fora curada imediatamente. Seu apetite é restaurado. Seus pais atônitos agora podem alimentá-la e cuidar dela. Jesus lhes diz: "não deixem que saibam disso", pois ele também preocupa-se com que a garota possa crescer numa vida normal, sem ser objeto de curiosidade. Também, não é bom revelar ao povo quem é Jesus, pois este já tinha suas próprias respostas, como retrata a narrativa seguinte (6.1-6). Aqueles que riram concluiriam, eventualmente, que ela estivera mesmo dormindo. Ao prover suas necessidades físicas e psicológicas, Jesus mostra sua preocupação pela qualidade de vida.

Nas três últimas narrativas (4.35-5.43), o grande poder do reino de Deus é demonstrado na presente era, sob a compassiva autoridade de Jesus. Elas são visões prolépticas (do futuro) daquilo que já está presente na pessoa de Jesus, dando ao crente a perspectiva daquele dia quando "a morte irá morrer". Todos aqueles que estão em Cristo já experimentam os resultados da ressurreição de Jesus, embora ainda não em sua totalidade.

*Notas*

**v. 37** - Os mesmos três discípulos também testemunham a transfiguração (9.2-8).

• O verbo neotestamentário usado em referência à morte, "dormir" (Jo 11.11-13; At 7.60; 1 Tm 4.14s), não nega a realidade e a dureza envolvidos na mesma. Ao contrário, uma vez que Jesus conquistou a morte (Jo 14.19; 1 Tm 1.10; 1 Co 15.26), nenhum crente deve se comportar diante dela como aqueles que não têm esperança.

**v. 39** - Os pais estão convencidos de que a menina está morta. Esse fato é salientado por sua reação ("ficaram ... sobremaneira admirados") quando ela foi restaurada à vida. A ressurreição da menina contradiz os que advogam a reencarnação, e afirmam que, depois da morte, ocorre um renascimento num novo corpo ou numa nova forma de vida.

## JESUS É REJEITADO EM SUA CIDADE 6.1-6a

Esta seção é notavelmente diferente das demais. Nas narrativas anteriores, a fé estava crescendo; aqui, na cidade de Jesus, estava faltando. Como

[1] Martin, Action, 39.

resultado, Jesus limita seu ensino a um curto provérbio, e a cura a algumas pessoas doentes. Apesar dessas diferenças, este parágrafo forçosamente coloca o leitor diante da mesma questão: quem é Jesus?

Ambas as divisões anteriores (1.14-3.6), e esta (3.6-6.6a), concluem com a rejeição de Jesus, resultando na falta de discernimento de sua identidade. Jesus responde aos dois grupos com um provérbio. Seguindo cada uma dessas unidades, Marcos relata como Jesus intensifica seu ministério e prepara seus discípulos para o serviço.

**6.1-3 -** Como um rabino acompanhado por seus discípulos, Jesus vai à sua cidade e começa a ensinar na sinagoga (1.21, 38s; 3.1). Sua sabedoria fascina a audiência e a realidade de suas poderosas obras é reconhecida por todos. Mesmo assim, questionam a fonte de sua capacidade (cf. 3.22; 11.28).

Toda comunidade sabe que os irmãos e irmãs de Jesus são pessoas comuns. Eles também conhecem Jesus, pois ele crescera e aprendera um ofício em Nazaré. Sua humanidade é um obstáculo para que seja considerado alguém diferente. A cidade ferve com perguntas como: "Donde vêm a este estas coisas?" Se Deus é a fonte de seus ensinos e milagres, por que isso não se tornou evidente quando ele era uma criança no meio deles?

E, acima de tudo isso, eles sabem sobre o nascimento de Jesus. Normalmente um homem é conhecido como o filho de seu pai. Chamar Jesus de "o filho de Maria" é um insulto premeditado à legitimidade de seu nascimento, pois "nenhum homem no Oriente Médio, quer seu pai esteja vivo ou não, era conhecido como o filho de sua mãe" [1]

Recusando-se a crer que Deus está operando por meio de Jesus, eles expressam seu ressentimento referindo-se a ele com desprezo como "este homem" (v. 2). No começo muitos estavam maravilhados com Jesus, agora, porém, o rejeitam.

*Notas*

**v. 3 -** Essa é a última referência à mãe de Jesus em Marcos. At 1.14 é a última menção de Maria em todo o Novo Testamento — ela ora junto com a comunidade dos discípulos. Tentar consultá-la ou oferecer-lhe orações é uma violação de Dt 18.11 (não consultar os mortos). A maior honra que podemos mostrar à Maria, que foi chamada de "bendita entre as mulheres" (Lc 1.42), é seguir sua única ordem registrada na Bíblia: "fazei tudo o que ele [Jesus] vos disser" (Jo 2.5).

- A palavra grega *skandalizo* ("escandalizar-se") conota mais do que "ofender-se". Ela significa que eles rejeitam Jesus e voltam as costas a Deus.

**6.4-6a** - Os judeus ortodoxos naquela época pensavam que o Espírito de Deus tinha parado de atuar desde que Israel pecara, e assim a linha profética tinha sido cortada desde a morte de Malaquias. Ao referir-se a si mesmo como profeta, Jesus reitera sua mensagem de que o reino de Deus está chegando. O Espírito está presente, Deus está falando, Jesus é seu mensageiro escatológico.

---

[1] Martin, *Action,* 50, citando R.H. Liehtfoot.

Enquanto alguns em Israel consideram Jesus um profeta (6.14-16; cf, 14.65), em 8.27-29 ele deixa claro que é muito mais do que um profeta.

Jesus é um tipo particular de profeta; ele é um profeta "sem honra". Ele não é o primeiro servo de Deus a ser rejeitado no meio de seu próprio povo. Jesus aplica um ditado popular a esta ocasião: "Não há profeta sem honra senão na sua terra, entre os seus parentes, e na sua casa". Como outros profetas, ele é desprezado pelo seu próprio povo.

Anteriormente, notamos que a autoridade de Jesus é limitada pela vontade humana (1.40-45). Agora (v. 5) vemos que seu poder também é limitado pela falta de fé. "Ele não pode fazer" não significa que Jesus é impotente quando separado da fé das pessoas, mas, como Cranfield explica: "...na ausência da fé ele não poderia fazer obras poderosas, segundo o propósito de seu ministério, pois operar milagres onde a fé está ausente, na maioria dos casos, seria meramente agravar a culpa dos homens e endurecer seus corações contra Deus".[1]

Seus poderosos feitos *(dynameis)* são parte de sua auto-revelação. Não são um fim em si mesmos; são parte da proclamação do evangelho. Estão, no entanto, sujeitos à má interpretação. Onde não existe a percepção de quem Jesus é, onde não há sensibilidade à sua pessoa, o resultado é fascinação (v. 2) que leva à descrença aberta (v. 3). Os nazarenos sabem que Jesus tem poder mas falta-lhes a fé para crerem que Deus opera nele.

Essa seção termina com uma nota triste. Jesus está admirado com a falta de fé deles. Apesar de todas as vantagens, as pessoas de sua cidade não têm idéia de quem Jesus realmente é. Ao rejeitá-lo, eles rejeitam o domínio de Deus e a oportunidade de atingir seu potencial como indivíduos.

## A EXPANSÃO DO MINISTÉRIO DE JESUS - 6.6b-8.26

Temos acompanhado como Jesus cria o novo povo de Deus. Marcos mostra três níveis no desenvolvimento dessa comunidade escatológica. Primeiro, Jesus chama quatro discípulos e os leva a experiências básicas; depois ele escolhe os doze e ensina-lhes sobre o reino por meio de parábolas e feitos poderosos, dando-lhes indícios sobre a natureza da oposição. Esses dois níveis constituem duas divisões do Evangelho de Marcos (1.14-3.6; 3.7-6.6a). A próxima divisão começa em 6.6b.

Nesse terceiro nível, Jesus os envia como apóstolos, uma extensão de sua própria missão. Apesar de aumentada a responsabilidade dos discípulos, sua compreensão não aumenta no mesmo ritmo. Como resultado, suas falhas tornam-se ainda mais evidentes. Algumas vezes, o discípulos chegam a lembrar a própria oposição, contrastando com a resposta do povo gentio, a quem Jesus serve como manifestação de sua graça.

Esta divisão inclui dois ciclos de eventos, sendo que o segundo repete o padrão do primeiro:

---

[1] Cranfield, *Mark,* 197.

| | | |
|---|---|---|
| 6.35-44 | Provisão miraculosa de alimento | 8.1-9 |
| 6.45-53 | Travessia do lago | 8.10 |
| 7.1-23 | Disputa com os fariseus | 8.11-13 |
| 7.24-30 | Diálogo sobre o pão | 8.14-21 |
| 7.31-36 | Milagre da cura | 8.22-26 |
| 7.37 | Confissão de fé | 8.27-30 |

Os primeiros eventos na Galiléia, seguidos pela reação negativa das autoridades judaicas (7.21-23), são colocados em contraste com o exemplo da reação positiva do povo gentio (7.24-8.9).

Essas experiências não são meras repetições. Jesus está deliberadamente provendo oportunidades aos discípulos para compreenderem sua pessoa e missão. O autor habilmente emprega as palavras "pão" (algumas vezes traduzida como "comida"), "compreensão" e "deserto" (ou "ermo") para unir toda essa seção. Enquanto a narrativa prossegue, o leitor começa a compreender que esses três termos têm um significado mais profundo.

Ao longo dessa divisão, observa-se que a pressão sobre os discípulos para conhecerem e compreenderem Jesus aumenta. Quanto mais próximo do fim, mais o leitor sente a tensão, e fica imaginando quando os discípulos verão com mais clareza. Essa questão leva à segunda metade de Marcos.

A. *JESUS DA RESPONSABILIDADE MISSIONÁRIA AOS DOZE 6.6b-56*

Bem no início desta nova fase, Jesus envia os doze para continuar e ampliar o que ele estava fazendo. Ao retornarem, entretanto, sua habilidade em assumir maiores responsabilidades é impedida pela falta de entendimento.

## JESUS ENVIA OS DOZE 6.6b-13

Esta divisão também começa com o ministério público de Jesus (cf. 1.14; 3.7) e conduz imediatamente aos discípulos. Eles estão no centro do plano de Jesus para continuar a estender seu ministério. Pela primeira vez, os discípulos se separam de Jesus, pois são enviados por ele. Os "enviados" não são principiantes. São pessoas que já passaram um certo tempo com Jesus. Aprenderam alguns dos princípios básicos do discipulado e Jesus continuará a instruí-los enquanto ganham experiência servindo ao povo.

**6.6b-7** - Rejeitado em Nazaré, Jesus toma a iniciativa de apresentar o governo de Deus às aldeias vizinhas como parte de seu ministério itinerante. Ele havia chamado os discípulos para estarem com ele (1.16-20), já havia escolhido os doze (3.14) e os havia ensinado por palavras e obras (3.20-6.6a). Agora, os envia **appostellein** em sua primeira missão, muito embora o conhecimento deles fosse incompleto (cf. 8.21), e sua fé fraca (4.40). Após retornarem, ele continuaria seu treinamento, pois os Obreiros devem estar preparados para ministrarem em sua ausência.

Nessa viagem pelas aldeias, os doze fazem aquilo que viram Jesus fazer entre eles. Embora tivessem recebido poder do Mestre, essa autoridade não é deles; pertence a ele. Receber autoridade significa servir em submissão a Jesus, ser dependente dele e responsável por entregar sua mensagem de acordo com suas instruções. Jamais poderiam esquecer-se de que a missão deles era uma extensão da missão de Jesus.

Ele os envia de "dois em dois" (as duplas são nomeadas em Mt 10.2-4). Como duas testemunhas (Dt 17.6; 19.15; Nm 35.30), eles irão confirmar a mensagem pregada e relatada em resposta a seu ministério.

**6.8-11** - Além de dar-lhes um ministério para desempenhar (1.17) Jesus passa a ensiná-los como desempenhar essa tarefa. Suas atitudes e ações precisam reforçar a mensagem que eles proclamam. Ele os ensina a tomarem um bordão e sandálias para a viagem de aldeia em aldeia. Estes são itens essenciais para essa urgente missão, assim como os israelitas empreenderam sua saída do Egito (Ex 12.11).

Jesus os envia a dar. Eles receberiam em troca. Não precisam levar provisões, Deus proveria para os embaixadores de Jesus. Eles não precisam da sacola para esmolas, pois são servos de Deus, e não mendigos como os sacerdotes mendicantes daqueles dias. Eles não irão semear a palavra visando "lucro", mas apresentar a mensagem livremente. Não levando o pão, eles aprendem a confiar na habilidade de Deus para supri-lhes as necessidades; não em seus próprios meios. Sem dinheiro ou equipamento extra, eles não podem barganhar como último recurso. Aprendendo a confiar em Deus para suas necessidades diárias, eles estão sendo preparados para maiores demandas da sua fé.

Jesus os instrui como viver nas aldeias, também. A segunda túnica, normalmente utilizada como coberta à noite, não é necessária porque Deus irá prover-lhes um abrigo. Eles devem aceitar a hospitalidade oferecida, sem buscar melhores acomodações. Mudar-se de casa em casa poderia criar um espírito competitivo entre o povo. O estilo de vida simples dos emissários de Jesus os diferencia de todas aquelas autoridades religiosas, conhecidas pelo amor às festas e ostentação das vestimentas (cf. 12.38-40). Espalhar a palavra é prioritário; tudo o mais é secundário.

Jesus não era recebido em todos os lugares (5.17; 6.1-6), e seus servos podiam esperar que fossem rejeitados em alguns lugares, pois não eram maiores que seu Mestre. Quando judeus piedosos retornavam de regiões gentílicas, batiam a poeira de seus pés como sinal de separação da impureza. Da mesma maneira, Jesus instrui seus emissários a deixar claro que aqueles que persistem em rejeitá-los, como também sua mensagem, quer judeus ou gentios, são pagãos, e deverão responder por si diante de Deus (cf. At 13.51; 18.6). Qualquer pessoa que recebe/rejeita o mensageiro, recebe /rejeita a Jesus que o enviou (Mt 10.40).

Essas instruções não constituem mandamentos literais para todas as épocas e culturas; sua natureza temporária pode ser vista em Lc 8.14, e Lc 22.35. Elas estão de acordo com os costumes sociais da Palestina daquele tempo. Os princípios por detrás do método, no entanto, continuam válidos para outras culturas, pois instruem os mensageiros a confiar na provisão de Deus

para um estilo de vida simples, enquanto sobrevivem do evangelho que pregam, mostrando claramente a todos os resultados de se aceitar ou rejeitar o governo de Deus.

**6.12-13, 30** - Os doze não são responsáveis pela reação dos outros, são, porém, responsáveis por sua própria obediência. Como foi ordenado, eles vão e "pregam" *(kerysso).* Quando voltam (v. 30) relatam tudo o que tinham "*ensinado*" *(didasko).*

Os doze padronizam sua missão de acordo com o ministério do próprio Jesus. Eles ensinam o que Jesus proclama: que homens e mulheres devem se arrepender, pois o reino de Deus está próximo (1.15; cf. 1.4). Eles apresentam as evidências do poder do governo de Deus, libertando os endemoninhados e curando os doentes (v. 13).

Depois de inserir a história de outro pregador do arrependimento (6.14-29), Marcos diz que os apóstolos relatam o que aconteceu, quando voltam a Jesus (v. 30). Além de declarar que seu ministério provocou a consciência culpada de Herodes (vv. 14-16), o autor nada elabora sobre o sucesso da missão, embora o fato de muitas pessoas "indo e vindo" (v. 31) sugira reação popular.

*Notas*

v. **13** - A razão porquê os doze, e não Jesus, ungem doentes com óleo permanece incerta. O óleo era conhecido como remédio no mundo antigo (cf. Is 1.6; Lc 10.34). Isso, possivelmente, simbolizava a graça de Deus, apesar de que possa ter servido como auxílio à fé.

• O uso de óleo nas orações pelos doentes é prescrito somente em Tg 5.14. No entanto, nem Mc 6.13 nem Tg 5.14 apóiam a idéia da chamada "extrema unção", que envolve perdão de pecados.

## A MORTE DE JOÃO BATISTA 6.14-29

O princípio (versículos 14-16) desta narrativa sobre Herodes liga este evento à missão dos doze (6.12, 30). Após introduzir a opinião de Herodes sobre quem Jesus é, a narrativa acerca da morte de João Batista amplia o conhecimento sobre para onde Jesus está indo.

Em contraste com aqueles que vivem sob o governo de Deus, o esboço sobre Herodes retrata o caráter de alguém que vive segundo seus próprios desejos.

**6.14-16** - A palavra a respeito de Jesus alcança toda classe de pessoas. Elas concordam sobre seus poderes miraculosos, discordam, no entanto, sobre a fonte da autoridade de Jesus. Enquanto as autoridades religiosas o denunciam como agente de Satanás (3.22), outros o reconhecem como um homem de Deus, como um dos antigos profetas. Alguns dizem que ele é o profeta Elias, a quem Deus prometera enviar "antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR" (Ml 3.1; 4.5).

As notícias sobre a missão dos embaixadores de Jesus chegou até Herodes Antipas, tetrarca do território onde os discípulos estão trabalhando. Como ele está curioso a respeito de Jesus, naturalmente lembra-se de João Batista, que ele sabia ser "um homem justo e santo" (v. 20). Herodes tinha razões especiais para estar interessado em João Batista, pois havia ordenado sua morte. Assim, conclui que Jesus não é nenhum outro senão de João, ressurreto dos mortos (cf. 8.27-29).

Dessa forma a questão "quem é Jesus?" dá a Marcos a oportunidade de voltar à história de João Batista, mencionado pela última vez quando estava aprisionado (1.14). A morte de João já acontecera. No entanto, é mencionada apropriadamente aqui, pois os doze, como João, pregam arrependimento. Seriam eles aprisionados e mortos também?

*Notas*

**v. 14 -** Pelo costume local, Herodes Antipas, o filho mais novo de Herodes o Grande (Mt 2.1), era chamado de rei, mesmo que o seu título oficial fosse "tetrarca" (Lc 3.19). Seu "reino", sobre a Galiléia e a Peréia (leste do Jordão), foi de 4 a.C. até 39 A.D.

**v. 15 -** Elias era um dos grandes personagens do Antigo Testamento (1 Rs 17-19; 21; 2 Rs 1-2). Com base em Ml 3.1 e 4.5, Elias, ou alguém como ele, era aguardado para preparar o caminho para o juízo de Deus e a salvação nos últimos dias (cf. 1.6). Sua relação com João Batista é discutida em Mc 9.10-13.

**6.17-20** - Marcos preenche os antecedentes da morte de João. Herodes sabe que João era um homem bom e "gostava de ouvi-lo". Cheio de contradições e conflitos, Herodes também temia a João e ficava perplexo quando o ouvia (v. 20). Ele não se arrependeu, embora João continuasse dizendo-lhe: "Não te é licito possuir a mulher de teu irmão" (6.18; cf. Lv 18.16).

Herodias, no entanto, estava determinada a matar João. Ciente dos sentimentos ambíguos de Herodes em relação ao seu prisioneiro, ela esperou a oportunidade certa para manipulá-lo e ordenar que cortassem a cabeça de João. A oportunidade veio no banquete de aniversário de Herodes.

*Notas*

**v. 17 -** Josefo diz que Herodes usou motivos políticos para prender João Batista. Marcos, porém, apresenta apenas a razão moral.

- Segundo Josefo, João Batista ficou preso em Maquerus, um forte a leste do Mar Morto. Os Sinóticos não informam o lugar onde foi executado.

**6.21-29** - Esta trágica história é bem conhecida pelos seus elementos dramáticos. Marcos iniciou esta seção com as opiniões sobre quem Jesus é, e agora, ele certamente pretende confrontar o leitor com essa mesma questão nos termos de um rei e de um pregador do arrependimento.

Jesus veio como anunciador do reino de Deus (1.14s). O assunto de seu reinado realmente vem à tona no cap. 15. Aqui, na metade de sua narrativa, o autor faz um esboço de um governo terreno, para encorajar o feitor a

"contemplar de que maneiras e até onde é apropriado falar de Jesus (como rei)".[1]

O contraste entre o reino de Deus e Herodes é muito evidente aqui. Herodes aprisiona um homem livre e o mata. Jesus liberta os encarcerados, dando-lhes vida no reino de Deus. No reino de Herodes, a autoridade é exercida em benefício pessoal; Jesus veio para servir a outros com compaixão e dar sua vida como um resgate (10.45).

João é retratado como o precursor de Jesus no ministério. Do mesmo modo que aquele pregador do arrependimento, Jesus prega "Arrependei-vos e crede"(1.15). Depois de dizer que João fora "enviado" para a prisão (1.14), Marcos repetidamente concentra a atenção em Jesus sendo "entregue" (9.31; 10.33; 14.10, 41; 15.15; cf. Is 53.6). A condenação de João por Herodes convida à comparação com o julgamento de Jesus por Pilatos (15.1-5).

Na morte, João também foi um precursor de Jesus. João chama ao arrependimento (1.4; 6.18), o que lhe trouxe a prisão e a morte. Jesus também prega arrependimento (1.15) e será morto pelos homens maus. Paradoxalmente, o reino que Jesus proclama é tornado possível pelo seu sofrimento imerecido e morte. A morte de João prepara o leitor para a morte de Jesus.

*Notas*

**v. 22 -** Não era costume permitir que um membro da família real dançasse diante de estranhos. Mas, a dança (sensual) da filha de Herodias ilustra muito bem o estilo de vida imoral da família Herodiana. Consumida pelo desejo de vingança, Herodias sacrifica a honra de sua própria filha.

**v. 23 -** Herodes não possuía autoridade para doar parte de seu território; ele era sujeito à Roma.

## JESUS ALIMENTA CINCO MIL 6.30-44

A multiplicação dos pães é uma das poucas histórias narradas em todos os quatro Evangelhos. Marcos refere-se mais tarde a esse milagre (6.52) e, ainda, relata outro evento semelhante (8.1-10). Jesus mesmo chama a atenção para os dois milagres (8.14-21). Evidentemente eles são significativos para o desenvolvimento do Evangelho e à percepção de quem é Jesus.

Embora foi a situação da multidão que ocasionou esse milagre, Marcos não a destaca. Ele direciona a atenção do leitor para a compaixão e as ações de Jesus em favor da multidão em contraste com a atitude dos discípulos em relação àquelas pessoas.

Esta vivida narrativa conclui uma das missões dos doze (6.7-13; 6.30), enquanto apresenta outras missões (6.33-56), antes do fim do ministério de Jesus na Galiléia.

**6.30-34** - Nesta passagem transicional, os versículos 30 e 31 olham para trás, fechando a narrativa sobre a missão dos doze (6.7-13). Os apóstolos (6.7)

[1] R. Fowler, 121.

relatam a Jesus tudo o que fizeram e ensinaram. Embora seus ministérios tivessem beneficiado aqueles aos quais serviram, Marcos enfatiza as necessidades dos próprios discípulos.

O convite de Jesus ao descanso é a expressão de seu cuidado pastoral pelos discípulos. Além de sua preocupação pelo bem-estar físico deles, seu chamado aqui também leva em conta a necessidade de passarem tempo com ele. Depois da pressão da multidão em sua primeira missão, Jesus retirara-se para orar. Isso levou a uma clara definição de sua missão (1.35-39). Enquanto curam os outros, os discípulos não estão isentos da estafa provocada pelo trabalhar com pessoas. Ciente de suas necessidades, Jesus 08 chama à parte.

Os versículos 33 e 34 olham para a frente, descrevendo o lugar deserto onde Jesus ministra à multidão. Na experiência de Israel, o ermo (i.e., uma arca desabitada) significa um lugar de descanso (cf. Jr 31.2) e, também, de prova (Ex 16). A menção tripla de Marcos ao lugar solitário (6.31, 32, 35) informa o leitor que esse seria um lugar de prova para os discípulos, como foi para Jesus (1.12).

O tempo dos discípulos sozinhos com Jesus é logo cortado pelas multidões. Chegando neste lugar remoto, encontram uma grande multidão esperando por eles. Jesus a vê como "ovelhas que não têm pastor". Séculos antes, já no fim de sua vida, Moisés pede a Deus um líder "para que a congregação do SENHOR não seja como ovelhas que não têm pastor" (Nm 27.17). Mais tarde Deus promete enviar um rei como Davi para ser seu pastor (Ez 34.23s). Agora Jesus aparece como o "Pastor-Rei", cuidando do rebanho (Is 40.11; Mq 5.4s). Jesus cumpre a promessa de Deus de que "eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas" (Ez 34.15).

Notas

**v. 33 -** Os que foram vistos partir, e foram reconhecidos pela multidão, são os "missionários" que os serviram nas vilas. Em 6.54, o povo reconhece Jesus.

**v. 34 -** O verbo "compadecer-se" expressa, no Novo Testamento, o grau mais elevado de simpatia pelo que sofre. É usado apenas por Jesus (X.2; Mt 9.36; 14.14; 15.32), e denota uma preocupação profunda que se expressa em auxílio ativo.

**6.35-38** - Jesus ensina durante todo o dia. É um longo dia para os discípulos. No final da tarde, eles estão a ponto de desistir. Expressam seu ressentimento pela interferência da multidão em suas necessidades de descanso e alimento, pedindo a Jesus que despeça o povo.

Em resposta, Jesus lhes manda "Dai-lhes vós mesmos de comer" (v. 37. Sem dúvida essa palavra vem como um choque. Jesus realmente esperava que eles alimentassem tal multidão? Ele os está testando, esperando despertar maior compreensão (cf. 6.52).

Se eles, de fato, conhecessem quem ele é, teriam dito: "Não podemos lazer isso, mas tu o podes, pois és o Ungido de Deus". Mas, antes de aceitarem o desafio de Jesus, argumentam num tom de reprovação sobre a impossibilidade de comprar pão suficiente para tal multidão.

Jesus, então, os guia segundo o nível de entendimento deles. Ela alimenta a multidão — o que teria feito mesmo se tivessem respondido acertadamente. Mas envolve os discípulos no processo, dando-lhes ordens rudimentares que não exigem entendimento, somente obediência. Felizmente, a compreensão aumentaria com a participação deles. No futuro, quando Jesus não estiver mais com eles, eles poderiam lembrar-se de que Jesus é o Pastor daqueles que não têm líder.

Confrontados com a ordem de Jesus para alimentarem a multidão, os discípulos vêem apenas a impossibilidade de executá-la. Um trabalhador diarista teria que trabalhar cerca de um ano para comprar pão para uma multidão como aquela. Os discípulos enfatizam o que eles não têm.

*Nota*

**v. 37 -** Trabalho agrícola rendia um denário por dia. Considerando os sábados, e épocas em que não se trabalhava no campo, duzentos denários representam aproximadamente um ano de salário.

**6.39-44 -** Jesus manda os discípulos fazerem com que as pessoas tomem lugares na relva em grupos de cem e de cinqüenta, exatamente como Moisés organizou o povo no deserto (Ex 18.21-25). Jesus continua a formar o novo Israel. As ovelhas dispersas estão unidas sob seu Pastor.

Como anfitrião, Jesus segue o procedimento normal de uma casa piedosa daquela época. Tomando o pão e o peixe e, olhando para o céu, ele bendiz a Deus pela refeição, possivelmente utilizando a fórmula familiar: "Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que da terra dás o pão". Ele parte o pão e o dá aos discípulos para que distribuam ao povo. Do mesmo modo, o peixe foi dado a todos. E todos comeram e ficaram satisfeitos. O dom de Deus não deve ser desperdiçado, por isso os discípulos recolhem as sobras.

Além de trazer à lembrança os atos salvadores de Deus no passado (cf. Ex 16.32; Num 11.13-22; 1 Rs 17.8-16; 2 Rs 4.42-44), a figura de Jesus provendo comida aponta na direção do grande banquete messiânico. Os profetas viram aqueles acontecimentos no Êxodo como sombra dos futuros atos salvíficos (cf. Is 25.6). As histórias de alimentação, como todos os outros milagres, "são vistos por Marcos como indícios de que o tempo de salvação, anunciado no prólogo, é chegado. Alimentar o povo, bem como curá-lo é um sinal da integridade de vida que é encontrada no Reino".[1]

*Notas*

**v. 41 -** Marcos não fornece qualquer indicação de que o povo tivesse percebido que um milagre estava acontecendo. O evento deveria ser revelação exclusiva para os discípulos.

**v. 44** - A presença de 5 mil homens (cf. costume oriental de contar somente os homens) é prova do amplo interesse que Jesus desperta, bem como da grandeza do milagre que realizou.

---

[1] Hooker, 47s.

## JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS 6.45-52

Esta história é uma continuação da multiplicação dos pães; ambas as narrativas ligadas pelas pessoas envolvidas, pela cronologia e referências geográficas. Os dois milagres são revelações complementares de Jesus, pois, como Marcos declara (v. 52), o entendimento dos dois é interdependente. A proeminência dada às atividades dos discípulos nas duas perícopes chama a atenção para o tema da missão dos discípulos, iniciada em 6.7.

**6.45-46** - Estes dois versículos fazem a transição entre as duas fases que compõem essa história. Falam das ações de Jesus em relação aos discípulos, à multidão e a Deus. Depois de alimentar os cinco mil, Jesus faz com que seus relutantes discípulos embarquem com destino a Betsaida.

Apesar de sua relutância, Jesus insiste em mandá-los para aquela área não-evangelizada. Isso é parte da preparação deles para o serviço missionário em sua ausência, como visto através dessa divisão (6.6b-8.26). Além disso, muitas cidades e aldeias ainda não tinham ouvido as boas novas.

Enquanto isso, Jesus dispensa a multidão. Já é tarde da noite, e as pessoas tinham muito que caminhar na volta para casa. Jesus, então, sobe ao monte para orar. Essa é a segunda das três ocasiões, registradas por Marcos, em que Jesus ora sozinho à noite, num momento crítico de seu ministério (1.35; 14.32-42). Novamente, o leitor é levado a inferir no contexto de Marcos o motivo de Jesus ter comunhão sozinho com o Pai (1.11; 9.7). Certamente, ele está preocupado com a falta de entendimento dos discípulos sobre sua identidade, e a falta de compaixão deles para com as muitas ovelhas sem pastor.

**6.47-51** - Embora geograficamente separados, Jesus está atento aos discípulos, que a contragosto começam a cruzar o lago para Betsaida, remando contra um forte vento. Ele não somente continua a observá-los de seu ponto de vantagem em terra, mas também ora pelos seus conflitos.

Como na tempestade anterior (4.35), os discípulos encontram-se nessa aflição como resultado de obedecerem uma ordem de Jesus. Agora, ele nem mesmo está com eles no barco. Jesus os vê fatigados com os remos, e vai até eles, caminhando sobre o lago. A frase "queria tomar-lhes a dianteira" lembra uma expressão semelhante usada em referência a Moisés e Elias, proeminentes tanto no Antigo Testamento como em Marcos. Quando eles ficam com medo de ir adiante (Ex 33.15s; 1 Rs 19. l0ss), o Senhor aparece, "passando à frente" de seus aflitos servos. Como aquelas epifanias, a intenção de Jesus é de revelar sua glória, como o Filho de Deus, "passando à frente" dos seus discípulos.

Os discípulos, no entanto, não podem crer que estejam vendo um homem andando sobre a água. Eles estão aterrorizados; pensam estar vendo um fantasma. Imediatamente Jesus diz a eles: "Tende bom ânimo! sou eu. Não temais". Ainda que gritem de medo, Jesus responde imediatamente, pois "o poder do Senhor para responder não está limitado pela inadequação de nossas petições".[1]

---

[1] Cole, Mark, 116.

Enquanto que as palavras "Eu sou" *(ego eimi,* literalmente: "Eu sou", cf. 14.62) podem ser simplesmente uma auto-identificação, aqui elas têm um significado muito maior. Baseado na afirmação de Deus a Moisés ("Eu sou o que Sou", Ex 3.14), "Eu sou" aparece no Antigo Testamento como mais um titulo ou fórmula da divina auto-revelação (cf. Is 43.25; 48.12; 51.12).

No Antigo Testamento Deus declara "Não temais, Eu sou", quando sua manifestação não era inicialmente reconhecida, e respondida com assombro. Do mesmo modo, Jesus procura acalmar os temores dos seus discípulos ao identificar-se com seu nome mais sagrado, "Eu Sou".

A convergência de tantos fatores não pode ser acidental: Jesus está demonstrando quem ele é. O único que caminha sobre as águas e faz o vento acalmar-se; que fala e faz o que somente Deus pode fazer — ele é Senhor transcendente. Além disso, Jesus sobe no barco com os discípulos, pois ele também é humano. Ele é um homem entre os homens. Ele entende os seres humanos, embora eles não o compreendam. O Soberano Senhor da natureza está presente e cuida de seu povo.

Alguns momentos antes, os discípulos tinham gritado de pavor. Agora, após ouvirem as palavras de Jesus, eles estão completamente maravilhados.

*Notas*

**v. 48 -** Jesus está andando "por sobre" as águas: a preposição grega, *epi*, tem o sentido de "sobre (acima das)" águas.

• Martin *(Action,* 54) diz que "andar sobre o mar" é, no Antigo Testamento, "uma manifestação da presença divina. Veja Sl 77.19; Jó 38.16; Is 43.16".

**v. 50 -** "Não temais! Sou eu", aparece em Gn 15.1; 26.24; 46.3; Is **41.13.** "Eu sou" no Novo Testamento aparece especialmente em João (cf. 8.24, 28, 58; 13.19; 18.4-6).

**6.52** - A frase "não haviam compreendido o milagre dos pães" significa que havia mais do que à primeira vista por trás da multiplicação dos pães. Como as parábolas, os milagres carregam um outro significado oculto que deve ser revelado. Se o significado dos pães tivesse sido compreendido, o milagre no lago teria sido claro. O entendimento vem de modo gradativo, acrescentado-se um detalhe a outro (8.19-21). A falta de entendimento não é algo estático; se não for superada, torna-se um mal-entendido e, eventualmente, resulta em falha. A cegueira espiritual dos discípulos tinha progredido ao ponto de Marcos descrevê-los com uma frase semelhante à utilizada para descrever os fariseus (3.5): "dureza de coração".

O que eles não entenderam a respeito dos pães? Primeiramente, eles ainda não entendem quem é Jesus nem o relacionamento entre o pão, que ele havia dado, e o reino de Deus entre os homens. Segundo, os discípulos

(incluindo os leitores do Evangelho de Marcos) precisam compreender, e cumprir, "o imenso privilégio e responsabilidade de oferecer à multidão... a Palavra viva, a qual unicamente pode satisfazer sua fome".[1] Sem entender isso, eles continuarão temerosos e realizarão sua missão a contragosto (v. 45).

*Nota*

**v. 52 -** "Dureza de coração" não significa, aqui, um coração duro no sentido de incapaz de sentimentos. Antes, é a falta de entendimento, percepção ou insensibilidade.

## JESUS CURA A TODOS QUANTOS O TOCAM 6.53-56

O ministério às aldeias na Galiléia, iniciado pelos discípulos em 6.7, chega ao fim, e, com ele, a primeira parte da unidade literária que vai de 6.6b a 8.26. Depois dessa perícope, Marcos reintroduzirá o tema da oposição das autoridades religiosas a Jesus (7.1-23), logo antes de narrar outro período de ministério fora da Galiléia (7.24ss).

Aqui Marcos relata o ministério de cura de Jesus na área de Genesaré, Depois de apresentar o ministério de ensino de Jesus (6.34, sem menção de curas), ele agora relata a cura de muitas pessoas (6.55-56, sem mencionar o ensino).

**6.53-56** - Após uma longa noite no lago, os discípulos aportam na cidade de Genesaré, com o barco "desviado de sua rota" pelos fortes ventos. Ao reconhecerem Jesus, as pessoas não perdem tempo em tirar vantagem de sua presença para receberem cura para suas doenças. Através de todo o vale fértil e para além, correm para onde Jesus está, levando os doentes a ele.

No meio de todas essas exigências, Jesus continua seu ministério itinerante costumeiro (cf. 1.39, 45; 6.6b). A notícia de sua presença espalha-se rapidamente; muitas pessoas afluem em seu desejo de serem curadas. Aquela mesma pessoa que algumas horas antes aparecera numa teofania como o Senhor transcendente, agora pode ser alcançado e tocado.

Em sua primeira atividade missionária, os discípulos estavam ocupados com o ensino (6.12, 30) e a cura (6.13). Agora não há menção da participação deles. Aparentemente falta-lhes ainda a compaixão que cria o desejo de servir a outros (6.36, 45).

*Notas*

**v. 53 -** Genesaré se localizava na margem noroesta de lago da Galiléia. Ficava à entrada de um pequeno e fértil vale. O lago era também conhecido pelo nome de Genesaré.

**v. 56 -** As curas de Jesus não podem ser estereotipadas. Às vezes ele tocava a pessoa (1.41); às vezes a pessoa o tocava (3.10; 5.28; 6.56). Noutras ocasiões, não havia toque algum envolvido (3.5; 7.29).

---

[1] Anderson, 179.

*B. VERDADEIRA AUTORIDADE E A IMPUREZA 7.1-23*

Um tanto quanto abruptamente, Marcos muda do relato do apoio popular ao ministério de Jesus para a denúncia dos líderes religiosos sobre seu movimento religioso rebelde. Esta seção está dividida entre a questão do "lavar as mãos"(7.1-13) e o subseqüente ensino de Jesus sobre a verdadeira natureza da impureza (7.14-23).

O diálogo que se segue está cuidadosamente inserido entre as duas seções relatando a expansão do ministério de Jesus. O debate sobre as tradições judaicas prepara o leitor para uma nova incursão em território gentio (7.24ss). Seu ministério na Galiléia foi alvo de controvérsias com os líderes religiosos desde o princípio(Mc 2); e encerra com uma demarcação incisiva de diferenças fundamentais.

Jesus adere à autoridade da palavra de Deus; as autoridades religiosas ligam-se às tradições. Jesus sabe que Deus deu as Escrituras para guiar e julgar a vida humana, ainda que os fariseus as utilizem para aprovar suas ações e elevar seus status com Deus. Jesus mostra que ele tem autoridade para interpretar a palavra de Deus e para colocar de lado interpretações errôneas e tradições. Em tudo isso, Jesus dá evidências adicionais de quem ele é.

Ao relatar esta disputa, Marcos chama seus leitores para ficarem com Jesus contra o legalismo, o qual destruiria a liberdade que Cristo comprara para eles (cf. Gl 5.1). Ele também os adverte contra colocar as tradições humanas no lugar que pertence exclusivamente à auto-revelação escriturística de Deus.

## A **FONTE DA AUTORIDADE RELIGIOSA 7.1-13**

Embora Jesus estivesse ministrando em pequenas cidades das províncias do norte, as notícias sobre ele chegaram às autoridades, tanto religiosas (3.22) quanto seculares (6.14). Uma vez mais, os doutores da lei (os escribas) são enviados de Jerusalém, a capital religiosa, para combater este não-conformista que está conquistando apoio popular nas províncias. Unindo-se aos fariseus, eles observavam Jesus, esperando que um desvio em seus ensinos ou prática possa ser usado contra ele. Eles o atacam criticando seus discípulos (como em 2.18, 24).

Investigando a falha dos discípulos em observarem certos rituais, as autoridades religiosas perguntam: "por quê?" A resposta de Jesus tem dupla aplicação. Primeiro, tais rituais são baseados em tradições humanas, e não nos mandamentos de Deus. Segundo, na realidade tais práticas anulam a palavra de Deus. Jesus ilustra seu argumento mostrando como uma oferta dedicada a Deus (Corbã) era usada para justificar a desobediência ao mandamento de Deus.

**7.1-5 -** Estes versículos dão o pano de fundo para esta fase de contro-vérsia com as autoridades religiosas. Marcos inclui uma breve explanação da questão para seus leitores gentios que não estão acostumados com esses rituais (vv. 3s).

Por um longo período, tradições orais foram criadas num esforço de esclarecer o caminho para a santidade conforme ensinada na lei escrita (a *Torah).* Essas tradições foram desenvolvidas como uma "cerca" em volta da lei escrita, para protegê-la e instruir os fiéis a cumpri-la (cf, por exemplo, 2.23ss).

A acusação de que os discípulos estão "comendo sem lavar as mãos" não tem nada a ver com higiene. É um assunto estritamente relacionado às leis cerimoniais da purificação. A fim de continuar puro (ver 7.14-23), um judeu zeloso procurava maneiras de evitar contato com todos os que estivessem cerimonialmente impuros. De acordo com a tradição rabínica, "impuro" incluía muito mais coisas do que aquelas declaradas impuras no código Levítico (Lv 11). Essas tradições cresceram como uma tentativa de definir cuidadosamente, e evitar, toda a impureza. Por exemplo, a sombra de um gentio passando sobre a comida de um judeu piedoso a tornaria "impura", já que os gentios eram a personificação da impureza.

Assim, a tradição rabínica de "lavar as mãos" determinava o "quando" e o "como" obter a pureza ritual. Cada passo era detalhado, especificando até a quantidade mínima da água cerimonialmente pura a ser utilizada.

Esse procedimento, porém, não era um mandamento. Foi uma lei oral que evoluiu da lei escrita (o Antigo Testamento) que exigia que os sacerdotes lavassem suas mãos e pés numa bacia de bronze antes de entrarem na tenda da congregação (Ex 30.19; 40.12). Os leigos piedosos também buscavam manter-se puros de qualquer contaminação por meio de práticas tais como "a lavagem de copos, de jarros e de vasos de bronze" (v. 4b). Esses rituais refletiam a convicção de que a fonte do mal era externa; as impurezas vêm do contato com pessoas ou coisas impuras. Ao denunciar tais práticas (7.1-13), Jesus define a verdadeira fonte do mal (7.14-23).

Jesus e os discípulos expunham-se diariamente a muitas "fontes de impureza". Já conhecidos por violarem o sábado e por comerem com pecadores, eles são investigados pelos líderes religiosos. A questão sobre os motivos dos discípulos (Por que?) é uma acusação velada direcionada ao próprio Jesus.

**7.6-8 -** A revelação de Deus é dada a fim de que possamos conhecer nossos pecados (Rm 3.20b) e nos lançar em sua graça. Mas tal revelação fora manipulada pelos antepassados ("anciãos", v.4) dos escribas, que a transformaram em regras para a auto-justificação. Eles acomodaram as leis de Deus à natureza humana, ao invés de buscarem o perdão de Deus a fim de poderem, por sua graça, viver de acordo com a sua vontade. Embora sinceros em preservar as tradições, eles se afastaram da vontade de Deus, e se opuseram a Jesus. Sim, eram sinceros, mas estavam sinceramente enganados.

O ritual que os discípulos "desobedeceram" era parte da lei oral. "Regras ensinadas por homens"(v. 6) poderiam expressar fielmente o espírito e a verdade das leis de Deus. Mas esse não é o caso. Os autores daquela lei oral podem ter tido boas intenções, mas sua interpretação dos ensinos de Deus fora progressivamente desastrosa. De acordo com Jesus, aqueles que viviam segundo as tradições dos anciãos:

"*negligenciam o mandamento de Deus* " *(v. 8)*
"*rejeitam o mandamento de Deus* " *(v. 9)*

"*invalidam a Palavra de Deus* " *(v. 13)*

Eles fizerem isto afirmando que suas tradições estavam de acordo com a lei de Deus. Os doutores da lei deveriam estar alerta ao perigo, pois Isaías (29.13) profetizara:

"Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens".

Já que eles colocaram seus costumes em lugar da verdadeira intenção da lei, Jesus os chama de "hipócritas" (v. 6; cf. Mt 23).

**7.9-13** - Jesus continua desafiando a autoridade da lei oral: "Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição". Ele os acusa diretamente, citando um exemplo de substituição do que Moisés disse (v. 10) por "*vós* (enfático) dizeis"(v. 11). As tradições deles não são baseadas no mandamento divino falado por Moisés (como defendem os doutores da lei); na verdade, elas contradizem os propósitos de Deus. Como resultado, a palavra de Deus é invalidada.

Como um exemplo de como a obediência aos mandamentos escritos está sendo anulada com a sanção da lei oral, Jesus escolhe um dos dez mandamentos que define a responsabilidade de uns com relação aos outros: "Honra a teu pai e tua mãe"(Ex 20.12; Dt 5.16). Então (v. 10) ele cita a lei referente às conseqüências legais de maldizer os pais (Ex 21.17; Lv 20.9). Com sanção oficial, foi criado um caminho para se desviar desse mandamento, que enfatiza a família. Declarando uma propriedade *Corban* (ou seja: "oferta ao Senhor"), um filho "não a dava ao templo nem era proibido de fazer uso dela para si, mas ele legalmente excluía seus pais do direito de se beneficiarem de tal propriedade".[1] Os escribas não permitiam que o filho renegasse seu voto, ainda que seus pais estivessem desesperadamente necessitados; pois a Lei mandava que ele "não quebrasse sua palavra, mas fizesse tudo o que dissera"(Nm 30.1-16; Dt 23.21-23). Assim, votos pessoais (mesmo os maus) era sagrados, mais sagrados que as leis de Deus.

Jesus insiste que os filhos — mesmo os adultos — são responsáveis por honrar e cuidar de seus pais. Essa é uma responsabilidade primária e vitalícia (cf. 1 Tm 5.8). Jesus põe a vontade de Deus para a vida humana bem no topo da lista.

Ele não está sendo parcial quando denuncia a fonte de tais atos anti-éticos.Quando as tradições humanas são colocadas acima do mandamento divino, elas minam a força das leis de Deus. As tradições humanas podem levar as pessoas a violarem os mandamentos de Deus.

As tentativas de reduzir a vida cristã a um conjunto de regras era um grande problema na igreja primitiva. As declarações de Jesus aqui devem, também, alertar os cristãos de hoje ao fato de que a ênfase exagerada sobre certas verdades leva à distorção e corre o risco de perder o sentido e valor originais.

*Nota*

[1] Lane, 251.

**v. 10 -** Taylor (310) enfatiza que "apesar da tradição oral ser atacada por Jesus, a lei no decálogo é aceita por ele como normativa; o que Deus diz por intermédio de Moisés continua valendo (cf. 10.3)".

> • Uma vez que "Toda Escritura é inspirada por Deus" (2 Tm 3.16), a interpretação da Bíblia deve refletir a unidade de toda Escritura. Uma passagem não deve ser interpretada de forma a contradizer uma outra. Quando 2 passagens estão aparentemente em contradição, o sentido de uma delas só pode ser adequadamente determinado à luz da outra. Neste contexto, esse princípio significa que qualquer vota que negar o "honrar os pais" não pode ser válido.

## A FONTE DA IMPUREZA 7.14-23

Jesus insiste em penetrar até o âmago dos pensamentos e práticas. Ele deixa muito claro que a palavra de Deus é a fonte da autoridade religiosa, não a tradição humana (7.1-13). Agora, ele focaliza na fonte da impureza. Chamando a todos para o ouvirem atentamente, Jesus conta uma parábola que vai até o centro do debate sobre a purificação. Após afirmar um princípio geral sobre impureza (v. 15), ele oferece maiores explicações aos discípulos em particular (vv. 17-23).

Estes ensinamentos preparam para os próximos encontros (7.24ss), onde Jesus demonstra o que ele havia ensinado ministrando aos gentios, tidos por alguns advogados da lei ritual de purificação como a personificação da impureza.

**7.14-16** - Os falsos conceitos dos líderes religiosos agitam também as mentes das pessoas comuns. Por isso, Jesus chama a multidão e exorta a todos: "Ouvi-me todos e entendei". Jesus não se esquece da questão básica por detrás da acusação dos líderes (7.1-5), ou seja, "Como pode alguém ser santo?" (Em outras palavras: "Como pode alguém estar puro diante de Deus?").

Ao censurar os líderes religiosos por abandonarem os mandamentos de Deus (v. 8), ele oferece a todos uma palavra de Deus, apresentando uma verdade incomum que libertaria o cristianismo da escravidão do legalismo.

Enquanto que as tradições humanas afirmam que as influências externas são a causa da "impureza", Jesus afirma o oposto: uma pessoa se torna impura por causa daquilo que está dentro de seu coração. Essas palavras marcam uma diferença fundamental entre o reino de Deus e o judaísmo farisaico. Jesus destacou o princípio de que o que é meramente externo não pode purificar. Agora, ele enfatiza o oposto: aquilo que é meramente externo não torna impura a natureza espiritual do homem. A natureza moral humana é a fonte da impureza moral. O que contamina as pessoas não é o que entra nelas, e sim o que vem de dentro delas mesmas.

**7.17-19** - Tendo ouvido este princípio em forma de parábola, os discípulos perguntam a Jesus o que isso significa. A resposta dura de Jesus, "Assim vós também não entendeis?" (v. 18a), não veio sem razão, pois os discípulos são responsáveis por sua própria falta de entendimento. Dado o longo tempo que estavam com Jesus, eles deveriam saber mais.

Os discípulos observam Jesus e participam ativamente no ministério. No entanto, isso não é o suficiente. Jesus está ensinando e treinando seus seguidores com o desejo de que eles compreendam os princípios básicos por detrás do que ele ensina. Entretanto, essas questões revelam que ainda há lacunas no seu entendimento da mensagem de Jesus.

Os ensinamentos de Jesus são tão contrários aos conceitos populares que ele repete aos discípulos (vv. 18-20) as verdades que ensinara à multidão (v. 15b). Para ter certeza de que nenhum leitor perca esse ensinamento importante, Marcos também enfatiza seu significado: "E assim considerou ele puros todos os alimentos" (v. 19).

**7.20-23 -** Jesus indica algumas das coisas que vêm do coração humano e que contaminam o indivíduo; ele menciona doze pecados. Os primeiros seis substantivos são plurais, referentes a "sucessivos atos pecaminosos, à medida em que emergem da fonte interior da corrupção humana; as tendências mais sutis para o mal que se seguem estão no singular (v.22)".[1] A lista não pretende ser completa. Jesus enumera esses pecados a fim de que seus seguidores evitem cometê-los, pois eles criariam barreiras entre os discípulos e quebrariam a unidade na família de Deus (3.35).

Os maus pensamentos (*dialogismoi,* "imaginações más") são significativamente indicados primeiro, pois além de serem pecaminosos em si, eles não permanecem sozinhos. Eles concebem e dão vida a outros pecados (cf. Tg 1.14-15), alguns dos quais são mencionados na lista seguinte de ações e vícios degradantes.

Dois dos seis substantivos no plural, indicando más ações, nomeiam explicitamente pecados sexuais. Imoralidade sexual *(porneiai,* geralmente traduzida por "fornicação") é um termo genérico que inclui todo tipo de imoralidade sexual. Adultério *(moicheia)* é um termo mais restrito, denotando relacionamento sexual que envolve Infidelidade conjugai. Mais tarde (10.2-12) Jesus enfatizará a fidelidade vitalícia à esposa como sendo o propósito de Deus desde a criação. Imoralidade sexual tira a pureza moral da pessoa, enquanto que o adultério rouba o que pertence ao casamento. Dois outros tipos de roubo se seguem: roubar propriedade alheia *(klopaí),* e assassinato *(phonoi)* que é roubar a vida de alguém.

Cobiça *(pleonexiai)* é o desejo de se ter. Dentre suas muitas facetas, a cobiça deseja ardentemente o que pertence a outros; ela almeja poder. A ganância é como uma peneira que nunca fica cheia. E encontrada no coração daquele que busca a felicidade nas coisas e não em Deus. Malícia *(poneriai)* descreve a pessoa que persegue ativamente o mal com o desejo de prejudicar. Como Satanás (o "maligno", *poneros),* tal pessoa busca corromper outros também.

Os seis substantivos seguintes referem-se a vícios em si mesmos, começando com o engano *(dolos,* "dolo"); ilustrado mais tarde com os sacerdotes e mestres da lei (14.1). A lascívia *(aselgia,* "indecência, devassidão") significa ressentimento contra todas as restrições morais e sociais. A pessoa lasciva cinicamente desafia fazer, aberta e explicitamente, qualquer coisa que seus desejos devassos e insolentes pretendam.

[1] Swete, 153.

Inveja é um vício que começa com pensamentos enciumados quando alguém olha com malícia sobre a propriedade de outra pessoa. É também uma raiz de amargura que cresce, sempre produzido mesquinhez para a pessoa e também causando problemas para os outros. (cf. Hb 12.15). Enquanto que *ophtalmos poneros* significa, literalmente, "um olhar maldoso". O significado aqui é muito "longe" da mágica pagã por meio da qual alguém, "lança maldição" sobre outra pessoa a fim de vingar-se.

Difamação *(blasphemia)* aqui pode ser uma fala difamatória, abusiva contra outra pessoa, embora no Antigo Testamento era sempre descrita como "uma afronta à majestade de Deus". Arrogância *(hyperephania)* pode não ser mostrada ostensivamente, mas o desprezo pelos outros inflama o coração da pessoa com orgulho a ponto do indivíduo colocar-se contra Deus. E como acontece com os outros vícios "Deus resiste aos soberbos"(Tg 4.6).

O último termo, "*loucura*"*(aphrosyne)* não se refere a debilidade mental mas ao "homem que é moralmente e espiritualmente insensível, ele não conhece e não deseja conhecer Deus".[1]

Precisamos reconhecer que essa lista retrata fielmente o mal que há no coração humano. Vemos os resultados desses vícios nas páginas dos jornais. Admitimos que se escondem no mais íntimo de nosso ser, ameaçando manifestar-se quando estivermos suficientemente perturbados. Esses males não podem ser corrigidos por meio de um ritual ou de uma dieta; não podem ser controlados pelas leis (civis ou religiosas) por que são parte de nossa natureza decaída. Eles vem "de dentro do coração do homem" (v. 20).

O único remédio é um novo coração. É mais difícil ter um coração limpo do que mãos limpas. De fato, é impossível ter uma vida aceitável a Deus, com nossos corações contaminados longe de sua graça purificadora. Jesus diz a cada um de nós para enfrentarmos a realidade de nosso pecado por meio do arrependimento (1.15) e crer na misericórdia de Deus demonstrada na morte de seu filho (10.45).

Nesses versículos, Marcos publica o quadro da liberdade cristã (Rm 5.8) e alerta os crentes quanto à sua tendência de criar regras extra-bíblicas para si mesmos e para os outros.

Tanto pensamentos como conduta são importantes para Deus. Mas nenhum dos rituais religiosos do mundo pode mudar o coração de uma pessoa. O evangelho trabalha de dentro para fora, provendo a motivação interna necessária para adquirir caráter justo e para livrar-se "de toda impureza e acúmulo de maldade"(Tg 1.21). Aquele que experimenta o governo de Deus é capaz de viver num plano de vida diferente, pois "o homem bom tira boas coisas de seu bom tesouro"(Lc 6.45).

### *C. JESUS MINISTRA FORA DA GALILÉIA 7.24-8.26*

Esta nova seção constitui uma quebra geográfica definida na narrativa, pois o ministério de Jesus na Galiléia termina em 7.23. Ao mesmo tempo estes eventos são um comentário dos versículos precedentes, pois Jesus transforma

[1] Lane, 257.

a lógica de seu ensino em 7.1-23 em experiências concretas, e demonstra o seu significado incluindo os gentios "impuros" no reino de Deus. Ele faz entre os gentios o que ele tem feito entre os judeus. A resposta deles contrasta com o antagonismo das autoridades judaicas.

Depois, experimentando um ciclo de eventos semelhantes àqueles em 6.6b-56, os discípulos finalmente chegam ao limiar de fazerem a primeira declaração pública da identidade de Jesus.

## UMA MULHER SIRO-FENÍCIA ACEITA "MIGALHAS" 7.24-30

Neste encontro com uma mulher siro-fenícia, Jesus ilustra o que ele havia dito sobre "pureza e impureza" (7.1-23). Os descendentes piedosos de Abraão agradeciam diariamente a Deus por não terem nascido gentios (ou seja, impuros). Em Tiro, numa região predominantemente gentílica, Jesus rejeita essa distinção e torna claro que o evangelho foi planejado para todos. A base de se ser aceito por Deus não é um questão de antecedentes étnicos, mas o relacionamento com a pessoa de Jesus.

A ênfase desta narrativa não está na expulsão de um espírito maligno. O tema da contundente parábola de Jesus, e do diálogo subseqüente, gira em torno de "filho" e "comida" (isto é, pão e migalhas)

*Nota*

- Tiro estava localizada a cerca de 80 km ao noroeste do lago da Galiléia, no litoral do Mar Mediterrâneo, no território do Líbano moderno. A Fenícia era parte da Síria na época. Apesar de muitos judeus residirem ali, o povo de Tiro não era, em geral, amistoso para com os judeus.

- Tem havido debate entre os estudiosos sobre se Jesus ensinou na língua grega. Há consenso, porém, de que ele falava o grego, e que se comunicou com esta mulher nessa língua.

**7.24-26 -** Jesus deixa a Galiléia, encerrando seu ministério ali. Aqueles que consideram-se "justos" não reconhecem sua necessidade desse doutor (2.17). As pessoas que reconhecem sua necessidade vêm a ele de Tiro e Sidom (3.8). E agora ele dirige-se à vizinhança de Tiro. Tão logo ouve sobre Jesus, uma mulher daquela região corre para ele. Siro-fenícia de nascimento, e grega, culturalmente falando ela não tem direito às promessas que Deus fizera a Israel. Além de não ser israelita, segundo os rabinos ela teve o infortúnio de ser uma mulher. O que uma pessoa duplamente desqualificada como ela poderia esperar, fazendo um pedido em favor de sua filha que também era "impura" devido a possessão demoníaca? Entretanto, com profundo respeito ela aproxima-se e cai aos pés de Jesus, intercedendo com ele em favor de sua filha.

**7.27-30 -** Em resposta ao apelo insistente da mãe, Jesus conta uma parábola: "Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos" (v. 27).

O chamado de Deus a Abraão (Gn 12.3) marca a prioridade dos israelitas, um conceito ensinado através das Escrituras. Jesus concentra seu ministério servindo os judeus; uma prioridade que ele afirma, ao dizer "primeiro.. .os filhos". É evidente que uma família não priva seus próprios filhos a fim de alimentar os animais da casa.

A mulher prontamente entende a parábola de Jesus e responde com sua própria versão. Embora reconheça a primazia de Israel, ela crê que a concessão ao seu pedido não privará os filhos de comerem o que quiserem. A graça de Deus é mais do que suficiente para atender as suas necessidades e as dos outros. Ela se satisfará com as "migalhas".

Como diz Joachim Jeremias, "a fé da mulher gentia não consiste no fato de que ela dá a Jesus uma resposta rápida, mas no fato de que com seu "Sim Senhor; mas" ela o reconhece como o doador do pão da vida (v. 28). Ela "declara-se satisfeita com uma migalha daquilo que está destinado a Israel".[1]

Jesus novamente testa a fé da mulher dizendo: "podes ir; o demônio já saiu de tua filha" (v. 29). Informando a mãe que a criança tinha sido libertada, embora estivesse à distância, ele a convida a crer que possui o poder e conhecimento que pertence somente a Deus. Sem qualquer evidência externa, baseada somente na palavra de Jesus, ela vai para casa e encontra sua filha dormindo na cama.. A criança está a caminho da recuperação completa (5.45). Apenas uma "migalha" de Jesus traz uma satisfação indizível!

O potencial dos gentios para uma resposta positiva a Jesus (cf. o geraseno de 5.15-20) é comparável às melhores respostas dentre os judeus. A mulher sirio-fenícia é uma "porta-voz para o mundo não-judeu que se tornará beneficiário da generosidade do Messias, depois que a divina misericórdia foi sido oferecida a Israel ".[2]

## JESUS CURA UM HOMEM SURDO E GAGO 7.31-37

Jesus continua entre os "impuros" a obra que ele tinha realizado entre os judeus. Ao estender seu ministério entre os gentios, ele torna claro que homens e mulheres (7.26; 7.32) de todas as nações são convidados a viver sob o governo de Deus .

Com base em Isaías 35.5, as pessoas estavam dizendo: "Quando o Messias vier, abrirá os ouvidos dos surdos." Ao fazer exatamente isso, Jesus adiciona evidências sobre sua identidade.

**7.31-35** - Na Decápolis, os amigos trouxeram a Jesus um homem surdo que mal podia falar. Por causa de sua dificuldade de falar, a intercessão deles era particularmente útil. Jesus chama este homem de lado, longe da distração da multidão. Ele necessita comunicar-se com ele em sua própria maneira, longe

[1] *Theology,* 164, 107, n. 1
[2] Martin, *Evangelist,* 222.

da intervenção daqueles que insistem em "ajudar" Jesus a conversar com o homem surdo. Devido a suas limitações, o homem provavelmente conhece muito pouco sobre Jesus. Ao levá-lo à parte, Jesus está dizendo: "Eu o valorizo como um indivíduo". Esse relacionamento pessoal o ajuda a enfatizar que o poder de cura vem de dentro de sua própria pessoa (cf. 5.30).

Jesus adapta sua comunicação à falta de habilidade do homem em entender. Sabendo que o homem não fala corretamente, porque não ouve adequadamente, Jesus coloca seus dedos nos ouvidos do homem; então ele cospe e toca a língua do homem. Passo a passo ele ganha a confiança à medida em que comunica que está ali para ajudar.

Jesus, então, ora e, com profundo pesar, expressa sua forte emoção contra o mal que está agindo no mundo e que destrói outra vida (cf. 1.41). Jesus ordena "Abre-te!" *(Ephphatha)* e o homem é curado de sua dupla aflição. Seus ouvidos são abertos, sua língua é liberada. Como resultado, ele começa a falar claramente.

*Ephphatha* não é nenhum encantamento mágico. É apenas uma palavra na língua Aramaica (significando "seja aberto"), a linguagem normal para Jesus. Marcos traduziu a palavra, mostrando que Jesus usou uma simples Ordenança e não uma fórmula mágica para realizar a cura.

**v. 33 -** Jesus "cuspiu e lhe tocou a língua" ("saliva" não é mencionada no original). O texto grego não esclarece o que foi que Jesus fez aqui. Será que ele cuspiu no chão, simbolizando a quebra do impedimento na língua do homem? Ou será que ele colocou saliva na boca do homem, indicando com isso seu valor terapêutico? Não sabemos.

**v. 34 -** A expressão "suspirou" descreve a forte emoção e envolvimento de Jesus (cf. 1.41; 8.12; Jo 9.33, 38).

**v. 35 -** Literalmente "o empecilho de sua língua foi solto". Alguns entendem que este homem era dominado por um espírito maligno (cf. Lc 13.16). Mas nada no texto indica isso.

**7.36-37 -** Com grande espanto o povo começa a contar a todos que Jesus "está fazendo o bem a todos". Mas, por que razão Jesus ordenou-lhes que não falassem disso? A idéia deles do Messias está ligada à cura. Eles estão mais interessados no que Jesus faz do que em quem ele é. Mas ele quer que tenham uma compreensão mais profunda. Jesus não utiliza o seu poder meramente para atrair as pessoas. Os milagres realmente acontecem, mas para atender às necessidades humanas.

Jesus quer evitar o que aconteceu anteriormente, quando a "propaganda" da multidão atrapalhou o seu ministério (cf. 1.44-45). As curas também geram antagonismo (3.22). A luz de tudo isso, não é nada estranho que Jesus ordene à multidão que não contassem adiante o que testemunharam.

## JESUS ALIMENTA QUATRO MIL 8.1-10

Esta narrativa lembramo-nos a história anterior quando cinco mil pessoas foram alimentadas por Jesus (6.33-44). As duas histórias são semelhantes da seguinte forma: Jesus e os discípulos estão juntos com uma multidão num lugar deserto. Ele conversa com os discípulos sobre a situação; pergunta-lhes "Quantos pães tendes?". Depois, a multidão é instruída para sentarem-se. Jesus ora, parte o pão, e os discípulos o distribuem ao povo. Fazem o mesmo com o peixe. Depois que todos comem e fartam-se, os discípulos juntam as sobras num número de cestos. O número de pessoas é relatado; a multidão é despedida; e segue-se uma viagem de barco.

Mas as diferenças são marcantes também. Há notáveis distinções no que diz respeito à situação, motivação e detalhes. Por exemplo, em 8.2 a compaixão de Jesus está associada ao problema da falta de alimento para a multidão, enquanto que em 6.34 é relacionada ao seu ensino; eles estão com Jesus há três dias em 8.2, em contraste com um dia em 6.35. Em Marcos 8, Jesus não repete a ordem de 6.37, para que os discípulos alimentem a multidão. Além disso, os números são diferentes: sete pães em 8.5, mas cinco em 6.38; sete cestas em 8.8, contra doze em 6.43. Sobretudo, região aqui é chamada Dalmanuta (8.10).

"O fato de Marcos dedicar espaço a duas narrativas do mesmo tipo de milagre sugere que cada uma delas tem algo de especial para comunicar, e que nenhuma poderia ser omitida sem perder-se algo importante".[1] Uma ocasião só seria suficiente para provar que Jesus pode fazer esse tipo de milagre. O uso de duas narrativas é indicativo de que existe alguma coisa mais a ser ensinada/aprendida.

Como notado anteriormente, Mc 8.1-29 segue o padrão de 6.35-7.37. Jesus empregou a repetição como parte de seu método de fixar as verdades ensinadas. Como todo professor sabe, a repetição é especialmente essencial quando o aluno está aprendendo e é atrapalhado por barreiras sociais e psicológicas, como acontecia com os discípulos. Jesus lhes dá uma segunda chance.

**8.1-5** - Na primeira multiplicação, Jesus é apresentado como o verdadeiro Pastor-Rei, em contraste com o pano-de-fundo de Herodes Antipas (ver 6.14-29); a segunda segue a redefinição de Jesus da questão da pureza/impureza e seus milagres em território gentio.

Nesta narrativa, é Jesus quem toma a iniciativa declarando sua com-paixão e a premente necessidade do povo (8.2). Antes mesmo que os discípulos pudessem sugerir sua "solução" anterior (6.36), ele declara isso impossível (8.3). Dessa maneira, Jesus gentilmente lhes oferece uma segunda chance de alimentar a multidão. Mas eles tentam escapar da responsabilidade dizendo: "Donde poderá alguém fartar-se de pão neste deserto?". Sem contestar o seu "não conte conosco" Jesus prossegue, ainda que os doze não sejam tão envolvidos por Jesus como na ocasião anterior.

**8.6-9 -** Determinado a alimentar a multidão, é Jesus pessoalmente que manda a multidão sentar-se. Somente depois de dar graças e partir os pães

[1] Hurtado, 109.

Jesus envolve os discípulos como no milagre anterior. Fora os números da comida, das sobras e das pessoas, o restante da narrativa é semelhante à anterior.

Séculos antes, Deus proveu o maná para o seu povo no deserto. E não poderia haver sobras; tinha que ser consumido de uma vez. Em ambas as ocasiões, no entanto, Marcos relata a sobra de grande quantidade de comida, demonstrando a "superioridade do que está acontecendo agora, por meio de Jesus, em relação ao que aconteceu no Êxodo". Os filhos de Israel comeram primeiro (7.28); agora os gentios estão sendo alimentados.

**8.10** - Os eventos que sucedem os dois milagres também são muito diferentes. No primeiro, antes de despedir as multidões (6.45s), Jesus manda seus discípulos seguirem adiante num barco, para Betsaida, próximo da Costa Norte. Então Ele vai orar e mais tarde caminha sobre o mar para juntar-se aos discípulos. Aqui, após despedir a multidão, Jesus junta-se aos discípulos no barco e vai para a região oeste de Dalmanuta.

Esse segundo milagre aponta para o reino de Deus o qual inclui homens, mulheres e crianças de todas as línguas e nações. Os privilégios exclusivos dos judeus têm um fim. Deus mostra seu interesse por todas as pessoas abrindo o seu reino tanto para gentios quanto para judeus. Essa mensagem tem um significado especial para as igrejas divididas entre os grupos étnicos tais como crentes judeus e gentios.

## FERMENTO E PÃO 8.11-21

Os fariseus voltam a procurar a Jesus. O motivos deles diferem dramaticamente daqueles dos gentios. Sua oposição a Jesus não é abrandada, antes, se torna mais dura. Eles escarnecem dele, e insistem num sinal dos céus. Ele, porém, recusa dar-lhes o que exigem.

**8.11-13** - Após a volta de Jesus para a costa oeste do lago (v. 10), os fariseus o buscam e começam a discutir (1.27; 9.14, 16; 12.28) com ele. As discordâncias entre os fariseus e Jesus começam no primeiro encontro (2.1-3.6; 7.1-23; cf. 3.22-30). Agora eles exigem que Jesus realize um milagre como prova da fonte de sua autoridade (cf. 11.28ss). Na realidade o conceito deles sobre Jesus já está formado. Como Marcos diz, o propósito deles é preparar uma armadilha para apanhá-lo. Se tiverem sucesso, ele teria que morrer como um falso profeta (Dt 18.22).

Jesus já havia realizado obras poderosas que eram provas suficientes de que o seu poder vem de Deus *(dynamis,* cf. 5.30). Mas os fariseus querem forçá-lo a dar uma prova *(semeion,* "sinal") vinda do céu (um semitismo, cujo significado é "de Deus"). Depois de tudo que Jesus já havia feito, tais exigências são absurdas. O que Jesus realizou oferece evidência suficiente para todos aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir. Os fariseus, no entanto, são cegos.

Jesus, porém, suspira profundamente e pergunta "Por que pede esta geração um sinal?". Mais uma vez, Jesus reivindica autoridade divina para suas palavras, usando a expressão usada somente por ele: *amen lego* ("Digo-vos a

verdade"; cf. 3.28). Sua recusa é absoluta "Não se lhe dará sinal algum". Os fariseus são incapazes de reconhecer os sinais que Deus lhes dá; entretanto exigem sinais de sua própria escolha. Conceder essa exigência "seria tornar a fé impossível (pois isso impediria a decisão pessoal) e abandonar o caminho messiânico do ocultamento que o Pai havia ordenado".[1]

*Nota*

**v. 12 -** A recusa de Jesus não significa que ele não poderia, ou não iria, realizar algum outro feito poderoso, e sim que ele é quem deveria resolver quando fazê-lo. Ele recusa colocar-se debaixo de controle externo; mais tarde, porém, ele se submete voluntariamente a isso (cf. 10.33; 14.53ss).

**8.14-21** - Quando cruzam para o outro lado do lago, Jesus adverte seus discípulos: "Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes" (v. 15). Cientes de que o fermento era empregado para fazer o pão crescer, os discípulos concluem que Jesus os está repreendendo por terem esquecido de trazer pão para a viagem. Eles estão tão preocupados com seus próprios problemas que não prestam atenção no que Jesus está dizendo sobre os fariseus e Herodes.

Os discípulos devem evitar tal "fermento", que, embora não seja visível, está provocando danos nos outros. O legalismo dos fariseus, envolto numa piedade falsa e inconsistente, obscurece seus entendimentos, tornando-os incapazes de aceitar a verdade que Jesus apresenta. Sua religiosidade os separa de Deus. Herodes, sem lei e sem Deus, recusa a verdade proclamada por João (Mac 6.19s). Apesar de suas aparentes diferenças, os fariseus e Herodes demonstram a mesma dureza de coração.

Ao perceber a discussão dos discípulos, Jesus toma a iniciativa e explica essa pequena parábola formulando uma série de questões destinadas a fazê-los pensar. Suas perguntas são provocativas, destinadas a sacudi-los e livrá-los de sua preocupação a respeito de não terem trazido pão. Ele espera abrir-lhes os olhos para que vejam o significado por detrás dos fatos, para olharem para a sua pessoa, além de suas palavras e ações.

No barco, separados de outras vozes, Jesus justapõe as questões sobre a alimentação das duas multidões para ajudar os discípulos a entenderem. Com essas questões, Jesus está sugerindo que eles têm as peças necessárias; devem, simplesmente, colocá-las juntas e para verem o quadro completo. A resposta dos discípulos testifica da excelência de sua memória; o entendimento deles, no entanto, é pobre. Não entender os milagres dos pães é não entender o próprio Jesus, pois eles apontam para ele como aquele por meio de quem o reino de Deus irrompe, tanto no mundo judaico como no gentio.

Jesus repete sua primeira pergunta: "Não compreendeis ainda?" (cf. Jo 20.9). Os discípulos estão cegos à graça abundante de Deus em Jesus, mas ainda resta uma esperança para eles. Seus olhos se abrirão, como é dramatizado na história que se segue.

---

[1] Cranfield, 258.

*Notas*

**v. 15 -** Tanto no Novo como no Antigo Testamento, "fermento" freqüentemente simboliza o mal (cf. Ex 12.14-20; 1 Co 5.6-8; Gl 5.9), **a** partir da observação de que algo pequeno afeta o todo. O ministério de Jesus é caracterizado pelo "conceder o pão", enquanto que os fariseus e Herodes disseminam "fermento".

**v. 21 -** A falta de entendimento dos discípulos deve ser percebida à luz das tremendas barreiras que tinham de superar para identificar a Jesus. Sua esperança estava centralizada na figura do Messias militar-político. Além disso, a noção de um Deus Santo vivendo como homem entre os pecadores contradizia tudo que tinham aprendido. Uma terceira barreira logo surgiria: o escândalo da cruz.

## JESUS DÁ VISTA A UM CEGO 8.22-26

Este milagre, narrado somente por Marcos, magnificamente apresenta a interpretação e a conclusão da ênfase anterior sobre o ver a fim de entender. O dar a vista ao homem cego é o clímax da primeira metade do livro (1.14-8.26,) enquanto prepara o leitor para a segunda metade, que inicia com uma brecha na falta de entendimento dos discípulos.

**8.22-23a** - Depois da primeira multiplicação de pães, Jesus envia os discípulos para Betsaida (6.45). Mas, em vez disso eles chegam a Genesaré (6.53). Finalmente chegam em Betsaida, uma cidade costeira na margem oeste do rio Jordão, ligeiramente ao norte do lago da Galiléia.

Novamente, pessoas trazem os necessitados a Jesus (cf. 2.3, 6.55; 7.32). Eles imploram que toque um homem cego (o que tem um significado especial para uma pessoa cuja percepção se dá, em grande medida, pelo toque). Jesus toma-o pelas mãos e o leva à parte (7.33) a fim de estabelecer "comunicação com um indivíduo que tinha aprendido a ser passivo na sociedade".[1] Não há dúvidas aqui tendo ouvido da capacidade de Jesus para curá-lo, e as esperanças do homem são reavivadas quando Jesus cospe em seus olhos e o toca.

**8.23b-26** - Este milagre tem muitas semelhanças com a cura do homem surdo e gago (7.31-37). As duas narrativas são exclusivas de Marcos. Elas contém um "elemento comum", desafiando-nos a procurar o que não pode ser visto de outra maneira, a saber, o significado desses eventos na narrativa de Marcos.

Este milagre é singular no que diz respeito a três detalhes:

1. Jesus pergunta ao homem, "Vês alguma coisa?" (v. 23). Em nenhum outro lugar Jesus pergunta coisa alguma como esta a alguém que ele esteja curando. Normalmente ele dá garantia de uma cura completa (como em 5.34 e 7.29).

[1] Lane, 285.

2. Depois de conferir o resultado, o homem diz que sua visão está confusa. A cura é somente parcial! Ao fazer a pergunta, Jesus parece esperar algo diferente de suas curas normalmente instantâneas e completas.

3. Jesus toca os olhos do homem uma segunda vez, o que resulta numa visão clara. A partir daquele momento, a visão lhe é plenamente restaurada; ele enxerga perfeitamente.

O autor encerra a história rapidamente. Jesus manda o homem para casa, dizendo-lhe que não entre na cidade. Marcos não explica essas instruções nem menciona a reação do homem ou das outras pessoas. Tais detalhes poderiam desviar a atenção do narrador do propósito central desses milagres.

As duas narrativas (7.31-37 e 8.22-26) são uma alusão a Isaías 35.5s, anunciando, dessa forma, que Jesus é o Messias. Por meio dele, a promessa da redenção se torna realidade; a nova era chegou (Is 29.18; 35.5).

"Ouvir" e "ver" são metáforas para a compreensão espiritual. Dramatizam a persistente falta de entendimento dos discípulos, enquanto Jesus pacientemente os conduz à compreensão mais completa. Assim como a cura do homem surdo leva a entoar um hino glorificando aquele que faz tudo muito bem (7.37), também a cura do cego contribui para que os doze reconheçam que Jesus é o Messias (8.29). Essa é a bela maneira pela qual Marcos representa como Jesus dá "audição" e "vista" àqueles que não têm entendimento, para que possam segui-lo.

A clara visão do homem veio como resultado do segundo toque de Jesus. A verdade é geralmente percebida em níveis. Seria necessário um "segundo toque" para trazer-lhes a clara percepção de quem é Jesus? .

O que permanece encoberto na primeira metade de Marcos é revelado na segunda.

## INTRODUÇÃO A MARCOS 8.27-16.8

Ao concluir seu relato sobre a missão de Jesus a judeus e gentios no norte da Palestina, Marcos descreve a jornada de Jesus, saindo de Cesaréia de Felipe, a Jerusalém (8.27-10.52). Ele, então, dedica os capítulos 11 a 16 exclusivamente ao ministério de Jesus em Jerusalém e arredores.

Essa nova fase na vida e ministério de Jesus é uma inversão surpreendente daquilo que se poderia esperar. Aquele que está repleto com o poder e a autoridade de Deus aparece como servo de todos. Ele se submete a seres humanos e sujeita-se a seus maus desígnios; ele sofre e morre em obediência a Deus. É uma maneira incrível de estabelecer um reino. No entanto, Jesus convida outros a seguirem por esse mesmo caminho, o caminho da cruz.

O diálogo de abertura (8.27-30) leva ao clímax a primeira metade de Marcos. Simultaneamente, serve como uma transição e introdução ao ensino sobre as exigências da messianidade e do discipulado (8.31-9.1). Tal como 1.1-13 apresenta todo evangelho, e 1.14s dá o contexto para a primeira metade, estes versículos orientam a segunda metade do livro.

Vários novos temas e vocábulos são apresentados (por exemplo, a primeira predição explícita da paixão, a primeira menção da cruz, a primeira referência à volta de Jesus em glória). O cenário se move da região norte para Jerusalém. Aparecem alguns novos indivíduos, mas os personagens principais (Jesus, os discípulos, o povo e a oposição) continuam centrais, e seus papéis se intensificam à medida em que a narrativa progride. No título do Evangelho (1.1), Marcos afirma que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Somente agora, quando a segunda metade se inicia, reaparece o título Cristo (na confissão de Pedro). A primeira identificação humana de Jesus como Filho de Deus aguarda a Crucificação, perto do final do Evangelho de Marcos.

## A CAMINHO DA CRUZ – 8.27-10.52

A bela organização deste Evangelho nunca foi mais evidente do que no trecho de 8.27 a 10.52. O autor cuidadosamente entrelaça três segmentos (uma pequena palavra, uma longa jornada e um tema dominante), formando uma unidade que, localizada no eixo da narrativa, enfatiza a mensagem central para seus leitores.

A palavra "caminho" sugere uma jornada, e esta divisão apresenta uma progressão geográfica, começando perto da Cesaréia de Filipe (8.27), no extremo norte da Palestina, e terminando em Jerusalém (11.1), o lugar da crucificação. Jesus continua nessa jornada sem hesitar e sem se desviar. Os discípulos, por outro lado, vacilam bastante, porque falta-lhes o coração de um servo que dá sua vida por outros.

O tema da iminente morte, ressurreição de Cristo domina a trama de Marcos. Ao longo do caminho Jesus faz três pronunciamentos (8.31; 9.31; l0.33s) que constituem parte de sua auto-revelação. A divisão começa e termina com declarações cristológicas ("o Cristo" em 9.29; "Filho de Davi", em 10.47) além de repetir sete vezes o título "Filho do homem". Embora a cruz seja central, ela não é o fim. Ela é o "caminho"(*hodos)* para o reino, que só será consumado com sua vinda em poder e glória (8.38-9.1).

Cada uma das três predições foi seguida por uma resposta negativa dos discípulos, o que leva a novas lições sobre cristologia e discipulado. Nesta unidade encontramos a maior concentração das palavras de Jesus e seus ensinamentos éticos. Poucos milagres são relatados. As multidões são mencionadas com menos freqüência. Jesus engaja seus discípulos em intensiva interação por meio de perguntas e respostas recíprocas à medida em que aprendem o significado de suas atividades. São ensinadas lições concretas sobre autonegação nas relações interpessoais e valores materiais.

## A.MORRER A FIM DE VIVER 8.27-9.29

Após muitos meses acompanhando Jesus, os discípulos fazem um grande avanço no seu conhecimento e confessam que Jesus é o Cristo. Jesus, no entanto, não os louva por essa descoberta. Ele começa a segunda fase de sua auto-revelação com ensinamentos claros sobre seu sofrimento, morte e ressurreição que estavam por vir. Em resposta ao protesto de Pedro, Jesus

explica que a autonegação é, também, o caminho dos discípulos. Essa é uma lição dura de aprender, como repetidamente mostram os discípulos. Após declarar que esse é o caminho para a glória, Jesus dá a um seleto grupo de discípulos uma prévia do poder do iminente reino de Deus.

## AS EXIGÊNCIAS PARA O MESSIAS E OS DISCÍPULOS 8.27-9.1

Nesta unidade, Marcos dá informações adicionais sobre quem Jesus é e para onde ele está indo. O Filho do Homem deve ir pelo caminho da cruz, pois ela está inseparavelmente ligada à vinda do reino de Deus. Inclusive, qualquer pessoa que segue a Jesus no caminho ganha o seu verdadeiro eu, e compartilha do Reino.

O restante do Evangelho deve ser lido à luz desse pano-de-fundo.

## A CONFISSÃO DOS DISCÍPULOS 8.27-30

Jesus leva seus discípulos à uma nova área, as vilas ao redor da Cesaréia de Filipe. "No caminho" (provavelmente separados das autoridades religiosas e das multidões), ele subitamente pergunta-lhes sobre a percepção que tinham de sua identidade.

Contrário à pratica dos rabinos quando questionados pelos alunos, Jesus inicia o diálogo questionando seus discípulos. Ao invés de introduzir questões retóricas que ele mesmo poderia responder, Jesus coloca questões que exigem resposta direta. Ao perguntar, primeiro, o que os outros estão pensando, ele dá aos discípulos uma oportunidade de refletir sobre a percepção dos que são "de fora", dos não-comprometidos.

Muitos reconhecem Jesus como um servo de Deus, como João Batista e Elias (6.14-16). Os discípulos, entretanto, se mostram muito insatisfeitos com aquelas opiniões. Eles sabem que Jesus é único entre os servos de Deus. Portanto quando Jesus requer uma declaração do grupo, a incerteza prévia desaparece. Ajudados pela questão dupla de Jesus (cf. 8.18-20), eles finalmente juntam as peças e declaram "Tu és o Cristo".

Os discípulos finalmente confessam parte daquilo que os leitores aprenderam no título (1.1) deste Evangelho: Jesus é o Cristo. Embora Jesus não rejeite o título de Messias, ele adverte os discípulos para que não contem a ninguém sobre isso, pois eles mesmos ainda não conhecem a missão do Messias. Na Palestina do primeiro século, o título "Messias" era ambíguo, sujeito a nuanças não-Bíblicas. Jesus combate os esforços para mudar Sua missão universal num movimento nacionalista militar para expulsar os romanos. Conseqüentemente, em vez de parabenizar os discípulos pelo avanço de seu entendimento, Jesus começa uma fase completamente nova em seu ministério de ensino.

Embora revele sua identidade, Jesus continua seguindo o caminho da ocultação de sua messianidade (cf. 4.11s). Ele proclamará abertamente sua messianidade somente quando for um prisioneiro indefeso e suas afirmações parecerem ridículas. Essa ordem de silencio é somente temporária (cf. 9.9).

Depois de os discípulos verem claramente quem Jesus é, eles proclamarão abertamente que ele é o Cristo.

*Nota*

**v. 29 -** O pronome no plural é enfático: "vós"; são os doze em contraste com os outros. É Pedro quem responde por todos.

• O título "Messias" (Cristo) aparece apenas 7 vezes em Marcos: 1.1; 8.29; 9.41; 12.35; 13.21; 14.61; 15.32. Nessa época da história judaica, muitas pessoas (inclusive os discípulos de Jesus) pensavam que o Messias seria enviado por Deus para libertar Israel e estabelecer o governo justo de Deus sobre a terra.

## O FILHO DO HOMEM NAS MÃO DE DEUS 8.31-32a

Agora Jesus começa a adicionar novos conteúdos a seus ensinos, destinados a corrigir a compreensão inadequada dos discípulos com relação ao papel do messias. Quem Jesus é será melhor compreendido à luz do "para onde ele vai". Jesus põe de lado o enigma das parábolas e fala claramente a respeito do papel do Messias. Ele repetira isso e acrescentará outros detalhes, pois quer preparar os discípulos para sua paixão e ressurreição.

A confissão dos discípulos é seguida pela confissão de Jesus sobre sua identidade. Ao evitar o título Messias, Jesus usa novamente sua autodescrição favorita: "o Filho do Homem". Esse título, baseado em Daniel 7.13, não é uma declaração de status, privilégios e honra atribuídos ao Messias pelos seus contemporâneos. É, antes, o reconhecimento e aceitação da parte de Jesus de que a vontade de Deus envolve sofrimento: "o Filho do Homem deve **(dei;** cf. 13.7,13) sofrer." Embora sendo o Filho de Deus, sua paixão é uma necessidade incompreensível para os homens, mas fundamentada na vontade de Deus como expresso nas Escrituras (cf. Sl 22.69; 118; Is 50.4ss; 52.13-53.12; Zc 13.7). É essencial para a sua messianidade que Jesus siga o caminho do servo de Deus sofredor. O "curador" torna-se o "sofredor".

Dentre as "muitas coisas" que ele deve sofrer está a rejeição por aqueles que deveriam acolher o Messias, isto é, os anciãos, os chefes dos sacerdotes e os mestres da Lei. Embora a sombra da morte de Jesus já tenha sido vista na narrativa (2.20-3.6, e implícita na morte de João Batista, 1.14 e 6.14-29), agora, pela primeira vez Jesus explicitamente anuncia que "ele deve ser morto", e que, depois de três dias, Deus o ressuscitará dentre os mortos.

*Notas*

**v. 31 -** Marcos menciona cada um dos 3 grupos que compunham o Sinédrio, a "Suprema Corte" de Israel para questões religiosas e civis (cf. 9.27; 14.43,53,55; 15.1). Eles eram: 1) os "anciãos", membros leigos; 2) os "chefes dos sacerdotes", incluindo os passados e atuais, bem como os membros de suas famílias; 3) e os "escribas", ou mestres da Lei.

• Jesus não morre como um mártir que recusa renunciar suas convicções. Ele morre como parte do plano redentivo de Deus (10.45; Rm 3.21-26). Isso é indicado pelo "deve" (dei), uma necessidade baseada na

vontade soberana de Deus (8.31; 9.11; 13.7, 10, 14; 14.31) em sua oferta de redenção.

• A frase "depois de três dias ressuscitasse" é a maneira semítica de dizer que "Deus vai ressuscitá-lo dentre os mortos". A expressão "depois de três dias" equivale a "no terceiro dia" (cf. Mt, Lc e 1 Co 15.4).

## CONFRONTO MÚTUO 8.32b-33

Tendo aclamado Jesus como o único que poderia realizar as esperanças de Israel, os discípulos não atinam para o que Jesus está dizendo sobre o sofrimento do Messias (cf. 9.32). Pedro, no entanto, entende o suficiente para fazer uma objeção. Ele não deseja seguir uma pessoa marcada para o fracasso. Possivelmente a fim de poupar Jesus da dor de um protesto na presença dos outros discípulos, Pedro leva Jesus para um lado e começa a repreendê-lo. Depois de lutar tanto para saber quem Jesus realmente é, Pedro rejeita os novos ensinamentos de Jesus, que dizem claramente quem ele é e para onde vai.

Em resposta, Jesus repreende a Pedro por tentar voltar sua mente para pensamentos humanos. Seguir a Cristo envolve "ter a mente nas coisas de Deus" (cf. Rm 8.5; Fp 2.5-8; Cl 3.2), desejando honestamente "levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10.5). Jesus não desqualifica Pedro ao repreendê-lo, mas continua explicando-lhe a essência do discipulado.

Mesmo enquanto os discípulos crescem em entendimento, Satanás está trabalhando. Ele induz Pedro a pensar do seu modo e procura usá-lo "tentando tirar Jesus do caminho da obediência à vontade de seu Pai" (Cranfield, 280). Ele é bem-sucedido ao transformar a confissão em confronto. Sugerir que Jesus desobedeça a Deus é obra de Satanás. Jesus rejeita 1 todas as tentativas de impedi-lo de ir para a cruz.

Com os olhos nos outros discípulos, Jesus inclui em sua repreensão todos aqueles que rejeitam o caminho de Deus. Ele insiste em cumprir a vontade de Deus, o que significa ir pelo caminho da cruz. O Filho do Homem não governa pela força mas pela fraqueza.

*Notas*

**v. 32 -** O mesmo verbo forte ("repreender, advertir") é usado no v. 33; também em 1.25; 3.12; 4.39; 9.25; 10.13, 48.

**v. 33 -** Wilckok (43) propõe a possibilidade de que "quando Jesus diz a Pedro que vá para trás ("arreda"), ele queria dizer com isso que voltasse à posição humilde e ensinável de discípulo, o que é o que a mesma frase grega significa no próximo versículo ("quiser vir após mim"; como em 1.17,20)".

• Sem entender o que está dizendo, Pedro se torna um "advogado do diabo" ao colocar dúvidas sobre o plano de Deus (cf. Gn 3.1-5). Sua confissão de fé (8.29) não o isenta de seu modo de pensar anterior, que Satanás explora para seu beneficio próprio.

## AS EXIGÊNCIAS DO DISCIPULADO 8.34-9.1

**8.34-37** - Tendo afirmado os requisitos de Deus para o Messias (v. 31), Jesus declara, agora, as exigências de Deus para o discípulo. Qualquer um que já tenha brincado de "siga o mestre" sabe que aqueles que seguem vão para onde o líder vai. A natureza e o caminho do discípulo são padronizados de acordo com quem Jesus é e para onde ele está indo.

Discipulado é "seguir a Jesus" num relacionamento pessoal com ele. Os rabinos faziam com que seus alunos se apegassem à Lei. Os filósofos ligavam seus estudantes à verdade. Os profetas punham-se de lado, de modo que sua mensagem, e não sua pessoa, sobresaísse. Num contraste marcante, Jesus chama a atenção para uma aliança pessoal entre ele e aqueles que o seguem. Descobrindo quem Jesus é, as pessoas descobrem o sentido de sua existência. Seguindo a Jesus, são livres para viver todo o potencial que Deus lhes deu.

Jesus chama a si a multidão, pois a sua palavra não está limitada aos doze. Ao contrário, diz respeito a todos que aspiram pela vida justa que Deus deseja. Seguir a Jesus requer "autonegação". Isso envolve: primeiro, mudar o centro de gravidade da visão concentrada no "eu" para a completa adesão à vontade de Deus; segundo, uma vontade contínua de dizer "não" a si mesmo a fim de dizer "sim" para Deus; e, em terceiro lugar, uma denúncia radical a toda auto- idolatria. Em oposição à auto-afirmação, a autonegação inclui também o abrir mão das prerrogativas de "direitos humanos" (cf. 1 Co 9.12, 15).

Nesse mundo materialista muitos pensam que "negar-se a si mesmo" significa desistir de aproveitar das "coisas". Em um certo sentido, os discípulos já tinham se esquecido das "coisas", tais como a segurança, e o conforto de suas casas, e seus empregos. A fonte da auto-afimação, no entanto, é interna, vem do coração (7.14-21). Negar-se a si mesmo é permitir que Jesus reine supremo onde o ego tinha previamente exercido controle total.

A frase "tome a sua cruz" tem sido transformada para significar simplesmente carregar um fardo pesado ou uma inconveniência inevitável, ou negar-se para si mesmo certos prazeres e coisas. Essas "cargas" que nós levamos não são "cruzes" que tomamos voluntariamente, pois nos rebelamos contra elas. A cruz que tomamos voluntariamente faz parte do seguir a Jesus.

Para homens e mulheres no primeiro século, "tome a sua cruz" significou ser crucificado, como aconteceu com Jesus. Para muitos a cruz era, literalmente, o instrumento de sua morte. Para outros, ela simbolizava a morte por outros meios. Jesus chama todos os cristãos a estarem dispostos a sacrificar suas próprias vidas por causa dele. Essa disposição de morrer por ele se manifestada na determinação de viver para ele.

Os rigores do verdadeiro discipulado são explicitados nos quatro ditos que compõem os versículos 35 a 37. Quando têm a chance de "renunciar a Jesus e viver," alguns o negam, e, assim, perdem o seu verdadeiro eu, exatamente aquilo que procuram. Por outro lado, aquele que perde a sua vida encontra uma qualidade de vida superior àquela que perdeu, desde que sua motivação seja fazer tudo por Jesus e pelo evangelho. Em 1956, pouco antes de ser morto num esforço de evangelizar os índios Aucas do Equador, o

missionário Jim Elliot disse o seguinte: "Não é tolo aquele que dá o que não pode manter para ganhar aquilo que não pode perder".

Jesus declara que obter essa vida verdadeira é o maior ganho. Não há preço que possa pagar por ela. Quem perde sua parte na vida eterna não pode recuperá-la, mesmo que tenha todas as coisas. Sua perda é irreparável. A vida não é uma aventura comercial avaliada por perdas e ganhos. A marca distintiva do discípulo não é o ganhar mas o dar, ele dá a sua própria pessoa.

*Notas*

**v. 34 -** Os verbos "vir", "negar e "seguir" (aoristos no grego) "denotam processos que começam com a decisão de seguir a Jesus e que continuam durante todo discipulado" (Best, Following,33). O verbo traduzido por "negar" é usado em 14.31s, 72 com referência à negação de Pedro.

**v. 36 -** A palavra traduzida por "alma" (psyche, "vida") não deve ser confundida com a idéia grega da "alma" como a parte espiritual do homem, distinta e separada do corpo físico. Ela é utilizada aqui com "um sentido duplo, primeiro de vida humana comum, e, então, de seu verdadeiro eu ou personalidade" (Taylor, 382).

**8.38-9.1** - O reino de Deus já está presente como um mistério escondido no humilde Filho do Homem e seus seguidores (8.31-37), mas ele ainda não veio em sua consumação final. Antes, Jesus declarara que, após sua morte, ressuscitaria (v. 31). Agora, ele revela mais do plano de Deus e focaliza no reino de Deus e sua plenitude. Jesus retomará na glória do Pai, como o juiz escatológico desta era adúltera e pecaminosa *(genea).* Então, aqueles que se envergonharam de seguir o Filho do Homem que morreu como criminoso serão rejeitados por aquele que veio oferecendo o perdão (2.10). Jesus será vindicado por Deus, e aqueles que agora compartilham de seus sofrimentos compartilharão de sua exaltação.

A quebra de parágrafo após o v. 38 é um enganosa. O primeiro versículo do capítulo 9 não trata do assunto da segunda vinda. Antes, em 9.1 esse tema é visto de um ângulo diferente, como demonstra a seguinte comparação:

| **Versículos** | **8.37** | **9.1** |
|---|---|---|
| **Comparações** | O Filho do Homem vem | o Reino de Deus vem |
| | em glória | em poder |
| | Uma forte advertência: ele vem como juiz | Uma promessa segura: alguns que estão aqui o verão |
| **Interpretação:** | parousía | prévia da parousía |

Em 9.1 Jesus faz uma "promessa segura", de que o poder do reino (presentemente escondido na fraqueza) em breve será manifestado em glória. A narrativa da transfiguração vem em seguida, nos versículos 2-8. Durante suas vidas (ou seja: antes de "experimentarem a morte"), somente alguns (três dentre os doze) "dos que aqui se encontram" com Jesus vêem o que acontece no monte. Eles têm uma prévia do reino vindouro. Entendemos que a palavra de Jesus em 9.1 introduz a transfiguração (9.2-8), uma antecipação do reino de Deus vindo com poder.

*Notas*

**v.38 -** Em Marcos, o Pai só "confessa" seu Filho em particular, no batismo (1.11), e diante de um seleto grupo na transfiguração (9.7).

- A expressão "se envergonhar de mim...o Filho do Homem se envergonhará" deixa claro que Jesus e o Filho do Homem são a mesma pessoa. Também, "quando vier na glória de seu Pai" identifica o Filho do Homem como o Filho de Deus. A frase "de mim e das minhas palavras" indica que a pessoa de Jesus é inseparável de suas palavras. Ele mesmo é a mensagem que proclama.

- Este versículo é a primeira referência explícita da segunda vinda de Cristo em Marcos.

## A TRANSFIGURAÇÃO 9.2-13

Esta cena é central no Evangelho de Marcos, localizada quase que exatamente no meio, entre a identificação anterior que Deus faz dele (1.11) e a confissão do centurião (15.39). Aqui o próprio Deus declara de Jesus: "Este é o meu Filho amado: a ele ouvi". O leitor talvez desejasse maiores detalhes que não estão incluídos na narrativa. Por outro lado, a brevidade de Marcos ressalta o aspecto principal da transfiguração. Apesar dos intérpretes discordarem quanto ao evento futuro que está em vista na transfiguração, todos concordam que uma nova revelação está sendo oferecida.

## UMA VISÃO PRÉVIA DO FUTURO REINO 9.2-8

**9.2-6** - Depois de seis dias, Jesus leva Pedro, Tiago e João consigo para um alto monte. A descrição deste evento está cheia de alusões à revelação dada no passado a Moisés. Hurtado (130) diz que a narrativa alerta "o leitor de que o que está prestes a acontecer é uma manifestação de Deus (uma teofania), como aquela relatada em Ex 24.15-18, que uma nova revelação é dada, e que, portanto, supera a que fora dada a Moisés".

Jesus é "transfigurado" diante deles. Utilizando a terminologia da teofania, Marcos indica que "o véu da humanidade de Jesus foi tirado", pois sua "aparência humana fora alterada perceptivelmente de acordo com o esplendor

do mundo transfigurado" (Lane, 318). O transcendente Senhor aparece na glória celestial, mas sua humanidade ainda está presente.

Já que o texto não explica porque Moisés e Elias estão presentes, a razão deve ser encontrada no contexto. Ao contrário do costume. Elias é mencionado primeiro, enfatizando sua semelhança com João Batista. Agora sabemos (cf. 8.31) que o "caminho" **(hodos)** que João Batista preparou para Jesus foi o do sofrimento e da morte. João já havia andado por aquela vereda (6.21-29); Jesus segue o mesmo "caminho."

De acordo com a tradição judaica (refletida em Marcos 9.11-12), Elias era conhecido como sofredor e mártir, e Moisés tinha sido rejeitado como um emissário de Deus (At 7.35-44). A aparição de ambos confirma que o caminho do sofrimento — o caminho a ser trilhado por Jesus e seus discípulos (8.31,34) — já havia sido trilhado por servos de Deus no passado.

A presença deles tem, também, significado escatológico. À luz do anúncio de Malaquias (4.1-6), os fiéis esperam que Elias reapareça antes do fim. Alguns esperam a vinda do profeta que é como Moisés (Dt 18.15), como um sinal do fim dos tempos. A aparição deles sinaliza que o cumprimento da esperança de Israel pelo glorioso fim dos tempos começa com a vinda de Jesus.

Os três discípulos estão muito assustados, uma reação normal para qualquer um que vivencie uma teofania (cf. 4.41; 6.50; 16.8; Is 6.5; Ap 1.17) Impulsivamente, Pedro pergunta se não poderiam fazer três tendas, uma para cada um deles. Pedro, provavelmente, queria levantar tendas para celebrar a chegada do reino. De acordo com seu modo de pensar, nada estava faltando, pois o Messias estava presente. Ele ainda não tinha em mente as coisas de Deus (8.33). Se tivesse ouvido atentamente (8.31), saberia que Jesus devia sofrer e morrer primeiro.

*Notas*

**v. 2 -** Somente aqui e em 14.1 Marcos faz uma observação cronológica mais precisa. Ele deseja que o leitor compreenda que a transfiguração é, pelo menos, o cumprimento parcial da promessa de 9.1.

- A referência ao alto monte lembra as aparições, em teofanias, a Moisés e a Elias (Ex 24; 1 Rs 19). O monte Hermom pode ter sido o lugar da transfiguração, ainda que esta tem sido tradicionalmente associada ao monte Tabor, o que parece não fazer sentido com as referências geográficas de 8.27 e 9.30.

**v. 4 -** Moisés e Elias são freqüentemente vistos como representantes da Lei e dos Profetas. Best *(Disciples,* 219), entretanto, argumenta que a inversão que Marcos faz na ordem normal dos nomes indica que ele não os toma aqui como tipos da Lei e dos Profetas do Antigo Testamento.

**v. 5 -** O texto não diz explicitamente o que Pedro pretende. Alguns acham que ele queria prolongar o evento; outros entendem que ele estava equiparando Jesus com Moisés e Elias. Pedro chama Jesus de "Rabi", embora tivesse, pouco antes, reconhecido que ele era o Messias.

**9.7-8 -** Pedro confessou que Jesus é o Messias. Em seguida àquele reconhecimento correto mas incompleto, Jesus identifica seu papel como o Filho do Homem (8.31). Agora Deus torna claro que Jesus é mais do que um Messias escolhido entre os homens. No centro de todas as confissões, o ponto focai da transfiguração, *Deus mesmo declara que Jesus é o seu Filho a quem ama.*

Depois de Jesus declarar abertamente sua identificação com a humanidade na morte (a última das conseqüências do pecado), Deus fala novamente, dessa vez para um grupo seleto. A voz que sai da nuvem testifica que aquele que está prestes a morrer é o Filho de Deus. Como Deus ordenara a Abraão, "Tome seu filho, seu único filho a quem amas, e sacrifique-o como uma oferta" (Gn 22.2), ele agora confirma que Jesus, seu Filho a quem ama, está para sofrer e morrer de acordo com a vontade de Deus. Exatamente como Abraão não reteve seu filho, seu único filho (Gn 22.12), Deus não poupa seu Filho, seu único Filho (cf. 12.6; 10.45; Rm. 5.8)

A glória de seu Filho não fora perdida na encarnação; ela estava escondida. Nesta extraordinária experiência, Deus tira o véu temporariamente, de modo que três discípulos possam ver, por alguns momentos, a glória futura daquele a quem seguem a caminho da cruz.

Deus diz aos discípulos para ouvirem a seu Filho, pois "as palavras do Jesus terreno são também as palavras do Senhor exaltado, tendo por detrás delas toda a autoridade das revelações".[1] Eles precisam crer nas palavras de Jesus sobre sua própria morte (8.31) e ouvir e obedecer as palavras sobre o discipulado (8.34ss). Essas são verdades para toda a humanidade ouvir o aceitar, pois a revelação é mais do que informações sobre Deus e sua natureza. E um convite para confiar nele.

Com essas últimas palavras de Deus ainda ressoando em seus ouvidos, de repente os discípulos não viram a ninguém mais além de Jesus. Esta visão prévia do poder do reino futuro termina aqui. Jesus não é elevado aos céus; ele permanece na terra para guiar os três montanha abaixo, a caminho de Jerusalém e sua Crucificação.

*Notas*

**v. 7 -** Como diz Swete (191): "É à voz do Pai, em vez do esplendor visível da Transfiguração, que a atenção é voltada" (cf. 2 Pe 1.18).

- Uma "nuvem" é mencionada em conexão com a revelação da identidade de Jesus aqui. No Antigo Testamento a nuvem "é o veículo da presença de Deus (cf. Ex 16.10; 19.9; 24.15s; 33.9; Lv 16.2; Nm 11.25), a habitação de sua glória, da qual ele fala" (Taylor, 391).

- A ênfase, repetida por Jesus, sobre o ouvir suas palavras (4.3-8.17) é, agora, reforçada pelo Pai. A antiga profecia de Dt 18.19, sobre o profeta semelhante a Moisés, termina como Mc 8.38.

[1] Best, Following, 58.

**v. 8 -** A expressão "somente Jesus" aponta para a centralidade de Jesus, e implica na não veneração de outros servos de Deus. A glória de Velha aliança desvanece; a da Nova é eterna (2 Co 3.7-18).

## A DISCUSSÃO DOS DISCÍPULOS 9.9-13

Descendo a montanha, Jesus lhes ordena novamente (cf. 8.30) que não contem a ninguém o que viram. Como revela a conversa subseqüente, os três ainda não compreendem. Como podem então transmitir o que haviam experimentado aos outros discípulos, ou aos de fora?

Mas esta ordem de silencio é diferente das outras. Jesus estabelece um limite de tempo: não falem a ninguém sobre sua transfiguração "até que o filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos" (9.9). Isto significa que o completo entendimento a respeito de Jesus é possível somente à luz de sua Crucificação e ressurreição. O elemento fundamental do ministério do evangelho não é uma pregação eloqüente, campanhas de cura, programas musicais harmoniosos, instituições bem estruturadas ou catedrais bonitas. Qualquer dessas coisas que não esteja centralizada no Jesus crucificado e ressurreto é superficial e confuso.

Ao descer do monte, os discípulos discutem entre si sobre o que significa a declaração de Jesus sobre o ressuscitar dentre os mortos. Eles então perguntaram a Jesus, "Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro" (ou seja, antes do dia do Senhor. Ml 4.5)? Eles estão convictos de que Jesus é o Messias (de outra forma, a questão não teria sentido). Mas devem ter se perdido em algum lugar, porque Elias ainda não aparecera, preparando o caminho para o Messias (Ml 4.6). O que acontecera a Elias?

Os discípulos (v. 11) perguntam sobre o aparecimento de Elias, pois acreditava-se que este deveria vir antes do estabelecimento público do reino de Deus e da ressurreição de todos. Após assegurar-lhes que Elias deve vir primeiro (v. 12a), Jesus rapidamente retoma o tema central, a saber, o sofrimento do Filho do Homem. Ele pergunta-lhes, "como, pois está escrito sobre o Filho do homem que sofresse muito e fosse aviltado?" (v. 12b) Essa questão deve ajudá-los a encarar os ensinamentos da Escritura sobre o sofrimento e a morte de Jesus. Somente quando perceberem que sua morte deve preceder sua glória entenderão o que está acontecendo.

Com um autoritário "Eu vos digo", Jesus afirma que Elias já veio (v. 13). Ele então confirma que a missão de Elias descrita na Escritura foi fielmente cumprida por João Batista. João foi uma figura como Elias que preparou todas as coisas pregando o arrependimento. Ele foi também o precursor de Jesus em sua própria rejeição e morte (6.21-29). Embora eles tivessem feito a ele tudo o que quiseram" (v. 13b) — João (que cumpriu o papal de Elias) sofreu e morreu nas mão de pessoas violentas —, seu ministério e morte estava de acordo com a vontade de Deus. Refletir sobre a morte de João ajudaria os discípulos a entender que, como esta escrito, o Filho do Homem irá sofrer e ser rejeitado. Desse modo, Jesus declara que as profecias a respeito de Elias já se cumpriram em João, e que certamente se cumpririam no Filho do Homem.

*Nota*

**v. 9 -** A Transfiguração, que apresenta "a história mais clara em Marcos da glória divina de Jesus", está cercada de referências ao sofrimento (8.34-9.1; 9.9-13), está destacando que "o caminho para a glória começa pelo caminho da cruz.. .Ser ofuscado pela glória do Cristo ressurreto é uma preparação deficiente para as perseguições que logo começaram a atingir seus seguidores" (Achtemeier, 114).

## UM PAI SOFREDOR VACILA ENTRE A DÚVIDA E A FÉ 9.14-29

Nesta narrativa, cheia de vividos detalhes sugerindo recordações de uma testemunha ocular, Marcos descreve a cena tensa que resultou de um encontro desastrado entre os discípulos e um espírito mau.

A ênfase no entanto, não está no sucesso de Jesus ao expulsar o demônio, mas na causa e na cura da falta de poder dos discípulos. Jesus especifica a fé e a oração como qualificações necessárias para o discipulado.

**9.14-19** - Uma grande multidão cerca os nove discípulos, que não subiram o monte com Jesus, e alguns doutores da lei aproveitam a oportunidade para diminuí-los e desacreditar a Jesus diante do povo. Surge uma discussão. Ao verem Jesus, no entanto, as pessoas ficam maravilhadas e correm para saudá-lo.

Jesus pergunta sobre o motivo da discussão. Um homem angustiado responde, "Mestre, trouxe-te o meu filho" (v. 17). Ele, então conta a história da desesperadora situação de seu filho. O menino é controlado por um demônio; os sintomas lembram os da epilepsia (cf. Mt 17.15). Na ausência de Jesus, o pai esperava que os discípulos fossem capazes de expulsar o espírito maligno. Eles, no entanto, falharam.

Jesus exclama, "O geração incrédula! até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei?" (v. 19). Suas palavras ecoam a reprovação de Deus contra Israel nos tempos antigos (Nm 14.27; cf. Is. 65.2). Ao mesmo tempo, sua repreensão é uma alusão à ausência dele no futuro. Ele já está a caminho de Jerusalém, "para ser tirado" (2.20). O que farão os discípulos durante sua prolongada ausência? Com infinita paciência, Jesus continua a instruir os doze e a prepará-los para o dia em dariam continuidade à sua obra. (3.14s;9.28s; 14.28; 16.7).

A indignação de Jesus é temperada com simpatia pelos aflitos. Ele ordena que tragam o menino, desviando a atenção que está nos discípulos para a sua pessoa. Para os discípulos que iriam ouvir, Jesus continua a oferecer instrução sobre a causa e a cura da sua falta de poder.

*Notas*

**v. 16 -** O texto não especifica a quem Jesus está dirigindo esta palavra. Podem ser os escribas. O contexto favorece os discípulos. A maioria dos estudiosos pensa que ele se refere à multidão. Provavelmente todos estão envolvidos.

**v. 17 -** Os quatro casos de exorcismo relatados em Marcos dão ênfase à identidade de Jesus. Os paralelos entre as duas primeiras narrativas são grandes (1.21ss; 5.1ss) As duas últimos (7.24ss e aqui) também formam um par, tendo um pai ou uma mãe buscando ajuda para o filho ou a filha. Nenhuma das duas destaca a expulsão do demônio; ambas concentram em quem Jesus é ao mostrar que a atitude daqueles que buscam auxílio é essencialmente de fé em Jesus.

**9.20-27 -** Eles trazem o menino com o espírito maligno. Mesmo antes de Jesus falar ou agir, o mau espírito detecta a autoridade de Jesus e demonstra seu controle sobre o menino convulsionando-o.

Jesus pergunta, "Há quanto tempo isto lhe sucede?" (v. 21). O pai diz que os ataques vão e voltam desde que ele era um garotinho. Com essa pergunta, Jesus mostra seu genuíno interesse pela pessoa do menino e inicia um relacionamento com o pai. Jesus procura atender as necessidades do pai — e dos discípulos — enquanto busca solucionar a grave e aflitiva situação do menino.

O pai percebe a preocupação de Jesus. Antes ele fez uma acusação velada ("trouxe-te o meu filho"), agora ele dá um grito desesperado, "se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos" (v. 22b). Jesus logo irá provar que não lhe falta nem comiseração (traduzida por "compaixão" em 6.34; 8.2) nem capacidade.

Em resposta ao pai, Jesus afirma que "tudo é possível ao que crê" (v, 23). Jesus não estabelece limites àquilo que Deus pode fazer. Ele mesmo vive em completa confiança em Deus e é inteiramente submisso a ele. A descrença do pai, no entanto, é uma barreira à atuação de Deus em misericórdia e poder. Assim, Jesus conclama esse membro dessa "geração incrédula" a crer.

O pai confessa a Jesus toda sua luta interior ao exclamar: "Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé" (v. 24). Ele reconhece aqui a sua própria necessidade de ajuda, pois ao mesmo tempo em que afirma sua confiança ele não oculta sua descrença. Embora sua fé seja fraca e imperfeita, ele confia em Jesus.

Agora Jesus ajuda o menino. Ele ordena ao espírito maligno que saia dele e não volte mais (v. 25b). O enfático "Eu" da ordem de Jesus, "Eu te ordeno", não deixa qualquer alternativa ao demônio. Anteriormente o espírito entrava e saía do jovem livremente; agora, porém, o espírito nunca mais voltará a entrar nele (cf. 5.34). Jesus concede ao menino uma base da qual ele pode contemplar o futuro com confiança. Ele expele a causa do problema; os sintomas também desaparecem.

Ao retirar-se do menino, o demônio ainda tenta causar-lhe dano (cf, 1.26). Ele convulsiona o menino violentamente, à vista do pai. Ao vê-lo, imóvel, estirado ao chão, muitos pensam que ele morreu. Será que o pai achou que Jesus matou seu filho? Sua fé, tão nova e frágil, está sendo testada (cf. 5.21-43; 7.24-30); mas, certamente, é fortalecida quando Jesus ergue o menino (v. 27).

*Notas*

**v. 23 -** Por duas vezes Jesus encoraja pessoas com estas mesmas palavras: "tudo é possível ao que crê" — aqui e em 10.27. Numa terceira vez, ele mesmo as emprega na oração do Getsemâni (cf. 14.36).

**v. 24 -** A descrença do pai não é aquela mencionada em 6.6, mas uma fé embrionária, misturada com dúvidas e temores, lutando por crescer.

> • Lamar Williamson Jr. (165s) observa que "a fé do menino não é mencionada. Em nenhum caso de exorcismo em Marcos a cura é associada à fé da pessoa controlada pelo demônio... A cura, no presente caso, se torna possível em virtude da fé de outra pessoa que está profundamente envolvida com o menino aflito".

**9.28-29 -** Quando Jesus entra em casa (possivelmente a casa na qual estavam hospedados), os discípulos perguntam: "Por que não pudemos nós expulsá-lo?" Essa questão é vital para todos que estão conscientes de sua própria incapacidade. Os discípulos podem não estar prontos a reconhecer que eles também são um misto de fé e descrença, mas sabem que Jesus os inclui na denúncia sobre a "geração incrédula" (v. 19). Eles sabem que falharam e, agora, desejam aprender de seu fracasso ao procurar auxílio da pessoa certa.

No diálogo com o pai do menino, Jesus já demonstrou como a fé nasce e como ela cresce quando é provada. Agora, ele afirma que a oração é essencial para um ministério bem-sucedido. A oração é a expressão verbal da fé em Deus e da dependência completa nele (11.22-25). Pela oração se pede a Deus fé para vencer a descrença.

Em vez de reconhecer sua dependência de Deus, os discípulos presumem ter capacidade própria de lidar com esse problema. O sucesso está garantido, pensam eles, porque receberam a autoridade para expulsar demônios (6.7), o que ficou demonstrado em realizações passadas (6.13, 30). Contudo, não há vitória automática para aqueles que seguem a Jesus. Deus continua mantendo o controle sobre seu poder. Imaginar que seja nosso poder, sob nosso controle, e à nossa disposição, "é o mesmo que descrença, pois seria, de fato, confiar em nós mesmos em vez de em Deus" (Cranfield, 305). Um ministério eficaz não é conseqüência de habilidade pessoal, sucessos anteriores ou programas. Um ministério eficaz começa com dependência em Jesus que se expressa na oração confiante e leva os que sofrem à fé em Jesus e à libertação do domínio satânico.

*B. AS CONDIÇÕES DE ENTRADA NO REINO 9.30-10.31*

No caminho para Jerusalém, Jesus repete sua predição daquilo que o aguarda, acrescentando que ele "será entregue nas mãos dos homens" (9.31), como parte da realização da vontade de Deus.

Apesar dos discípulos seguirem a Jesus, a conduta deles freqüentemente entra em conflito com a sua. Por isso, Jesus lhes ensina o que significa viver sob a direção de Deus nas atividades diárias. Quando querem dominar os outros, em lugar de servi-los, ele lhes mostra o sentido do discipulado em termos de relacionamentos humanos e valores materiais, Essas instruções, dadas "no caminho", são um paralelo para os mandamentos (sobre a santidade

da vida, o casamento, a propriedade, etc), que Deus deu a seu povo em tempos antigos, quando estavam a caminho da terra prometida (Ex 20.12-17).

## NAS MÃOS DE OUTROS 9.30-50

Jesus será entregue nas mãos de outros, pois essa é a vontade de Deus, Sua grandeza reside no fato de que ele se tornou "o último e o servo de todos" (9.35). Os discípulos, por outro lado, ainda esperam que, ao chegarem em Jerusalém, Jesus irá de alguma forma restaurar o reino de Deus sobre Israel. Como seus líderes selecionados, eles discutem sobre posições de prestígio dentro de uma suposta hierarquia. Jesus os desafia a uma postura totalmente diferente diante dos outros e deles mesmos.

## O FILHO DO HOMEM EM MÃOS HUMANAS 9.30-32

Jesus passa pela Galiléia em direção ao sul, evitando qualquer ministério público a fim de dar o máximo de atenção ao ensino dos discípulos, Ele pacientemente repete sua ênfase no seu sofrimento e morte.

Nesta segunda predição de sua morte e ressurreição, Jesus revela que será entregue *(paradidomaí)* "nas mãos dos homens" (9.31). Isso parece negar sua autoridade divina. A essência do evangelho é, no entanto, que "aquele que tem todo o poder, escolhido e comissionado por Deus, e autorizado para agir em seu nome, *consente,* de livre vontade, a se render às mãos daqueles que o rejeitam".[1]

A perplexidade dos discípulos aumenta quando ouvem que ele será entregue nas mãos dos homens, pois eles entendem que os que governam exercem sua soberania sobre os outros, e não se sujeitam a eles. Antes, eles haviam pedido esclarecimentos de Jesus (4.10; 7.17; 9.11, 28). Agora, porém, eles se calam (v. 32). Será que o assunto é muito doloroso, ou será que eles se lembram da repreensão que Pedro recebeu (8.33)?

*Nota*

**v. 31 -** O verbo *paradidomai* (cf. 1.14) é também usado para descrever a ação de Deus em abandonar alguém ao juízo ou punição (Rm 1.24, 26, 28). Jesus dá a entender que vai se submeter ao julgamento de Deus contra a humanidade pecadora (cf. 10.45; Rm 4.25).

## OS RELACIONAMENTOS ENTRE OS DISCÍPULOS 9.33-50

O Filho do Homem nas mãos de outros indivíduos estabelece o padrão para o discípulo, que é chamado a servir os outros em vez de tentar controlá-los ou manipulá-los. As perícopes que vêm a seguir esclarecem o caminho da

[1] Martin, 191s.

paz na família de Deus ao apresentar estudos de caso nas relações interpessoais.

*Nota*

• *A* importância destas instruções é destacada de várias maneiras: elas são dadas a portas fechadas (9.28, 33), longe da multidão (vv. 30s), por Jesus, o Mestre (v. 38), que senta e chama os doze (v. 35), mas usa o inclusivo "aquele que" (vv. 41S, 49).

## O DESEJO DE SUPERIORIDADE 9.33-37

No caminho, Jesus ouve os discípulos discutindo entre si. Quando chegam em casa, em Cafarnaum, ele pergunta-lhes qual era o assunto da discussão. Embora nada respondam, Jesus sabe que discutiam sobre qual deles era o maior (v. 34). Ele não permite com que o silencio deles encerre a questão.

Pacientemente, Jesus reúne os doze e começa a reeducá-los. Ele vai à raiz da discussão: o desejo de ser o primeiro. No mundo, quem está em posição superior é servido pelos demais. Mas não é assim no reino de Deus. O primeiro lugar estabelece uma posição da qual se serve os outros. Os doze, porém, não estão praticando o ensino de Jesus. A autonegação sucumbe ao desejo de prestígio e poder. "Se alguém quer" (v. 35) indica que isso é um novo aspecto da essência do discipulado, explicado anteriormente (8.34-37).

Jesus, servo de todos até a cruz (Fp 2.5-8), conclama seus discípulos a serem servos também. Ele toma uma criança em seus braços a fim de ilustrar o que está dizendo (v. 36). O contexto cultural dos discípulos informava que uma criança não era somente fraca, mas também incapaz de obedecer a própria Lei. No mundo greco-romano uma criança era considerada um ser insignificante, ganhando importância somente depois de treinada e educada. Tanto em Aramaico como em Grego, o termo "criança" poderia significar, também, "servo", indicando assim alguém sem posição ou autoridade que vivia à mercê dos outros.

Jesus não está dizendo que devemos imitar "qualidades infantis" (10.13-16); ele está ordenando que seus seguidores tratem bem todas as pessoas que normalmente não recebem atenção alguma. Em seguida, ele os instrui a respeito de receber todos os crentes, que ele afetuosamente chama de "pequeninos" (v. 42). Receber na plena comunhão cristã o crente mais insignificante é o mesmo que receber a Jesus e Deus mesmo, porque Jesus está presente naqueles que são dele.

Nessas poucas palavras, Jesus revela, igualmente, algo mais sobre sua relação com as pessoas e com Deus. Ele é o servo que se importa com o menor de seus "pequeninos"; ao mesmo tempo, seu relacionamento com Deus é distinto e não pode ser reivindicado por mais ninguém, pois "receber a ele é receber a Deus" (v. 37). Nesse impressionante paradoxo está o segredo de quem Jesus realmente é. Ao dar atenção aos mais insignificantes, nós também identificamos quem somos.

*Nota*

**v. 37 -** Como Jeremias *(Theology,* 254) indica, Jesus usa a frase "recebe.. .ao que me enviou" como uma declaração climática de sua identidade como o singular representante de Deus.

## A LUTA POR SUPERIORIDADE DO GRUPO 9.38-41

Nem desejo por superioridade individual (vv. 33-37) nem reivindicação de superioridade grupai (vv. 38-41) são compatíveis com o seguir a Jesus.

Os discípulos encontram um homem expulsando demônios em nome de Jesus. Apesar de realizar um milagre por meio de um apelo direto à autoridade de Jesus, os discípulos não consideram isso como razão suficiente para encorajá-lo. Ao contrário, eles lhe dizem que pare, porque "não seguia conosco" (v. 38). Jesus, contudo, contradiz a reivindicação de exclusividade de representação na obra de Deus que os discípulos achavam possuir: "Não lho proibais" (v. 39a). Em vez disso, eles deveriam aceitá-lo, pois fez um milagre com os motivos certos e com a autorização de Jesus.

Jesus acrescenta: "quem não é contra nós, é por nós" (v. 40). No lugar de limitar a comunhão aos membros reconhecidos do grupo, ele encoraja os seus a tomar uma atitude humilde e esperançosa, estendendo a (provisoriamente) hospitalidade que caracteriza a nova família de Deus a *todos* que levam o nome de Jesus Cristo. Deus não despreza o seu serviço mais simples; também nós não devemos fazê-lo. Best chama a atenção ao fato de que essa lição "é mais profundamente sentida quando relembramos Mc 9.14-29; a 'igreja" recebeu poder para exorcizar, mas falhou. Um 'estranho' aparece e é bem-sucedido. A igreja deseja excluí-lo, mas, em lugar disso, deveria orar (9.28s)".[1]

Jesus censura o espírito obtuso e sectário sem, contudo, aprovar a neutralidade, o pluralismo ou sincretismo. Pertencer a um grupo não é um teste válido para o discipulado. Pertencer a Jesus, sim, é essencial. As pessoas ou são por ou contra Cristo.

*Notas*

**v. 38 -** Hurtado (141) percebe, corretamente, que a discussão não é sobre a prática de exorcismo, mas sobre se alguém que não se identifica com os doze pode ser um verdadeiro discípulo de Jesus e ministrar em seu nome. A resposta de Jesus é no sentido de se aceitar quem diz ser seu seguidor, a não ser que haja razão para se pensar de outra maneira.

**v. 41 -** Noutra ocasião (Mt 12.30), Jesus disse: "Se alguém não por mim, é contra mim". Essas duas declarações deve ser vistas como complementares. Falsos profetas, cf. Mc 13.22; Mt 7.22s.

---

[1] Best, (Following, 84s)

## A ESCOLHA DO MELHOR CAMINHO 9.42-50

**9.42** - Depois de encorajar à ação positiva, estes versículos advertem contra fazer tropeçar a qualquer irmão, aparentemente sem importância ("um destes pequeninos crentes"). Tanto indivíduos como igrejas são admoestados a remover conflitos, rejeição ou qualquer outra coisa que possa fazer com que outros percam a fé em Jesus. Maus exemplos e falsos ensinos não somente fazem com que os outros se afastem de Deus, como trazem juízo de Deus sobre qualquer membro da comunidade que faz tropeçar um crente "insignificante".

**9.43-48** - A exortação anterior sobre fazer com que outros tropecem introduz advertências contra a auto-indução ao pecado (vv. 43-48).

Como podemos evitar que outros tropecem? A resposta é clara: por meio de uma rigorosa autodisciplina. Os doze eram duros uns com os outros (v. 38), mas tolerantes com suas próprias fraquezas (cf. 9.34; cf. Mt 7.3-5). À ordem de zelarmos para não prejudicar os outros, Jesus adiciona: seja inflexível com relação às tentações em sua própria vida.

Jesus procura desviar seus ouvintes de sua atitude de autocomplacência: corte fora qualquer coisa que o impeça de participar plenamente do reino de Deus. Qualquer sacrifício é insignificante em comparação com o supremo valor de pertencer a Cristo. Enquanto algumas pessoas farão qualquer coisa para evitar o sofrimento, os discípulos não devem poupar esforços para evitarem cair no erro.

Essa autodisciplina é indispensável para  I se ter aquela vida de qualidade que é obtida pela negação de si mesmo (8.35).

"Entrar na vida" significa viver de acordo com a vontade de Deus. Isso tem um alto preço, pois inclui a autonegação (8.34), a renúncia dos bens materiais (10.21) e da família (10.28s). Aqueles que entram na vida valorizam seu relacionamento com Deus acima de qualquer outra coisa. Uma I pessoa que escolhe fazer sua própria vontade, recusando-se a viver de acordo com o governo de Deus, será "lançada no inferno".

**9.49-50** - O chamado para seguir a Jesus é o chamado para uma vida marcada por sacrifícios (8.34-9.48) No Velho Testamento, os sacrifícios estavam associados ao fogo (v. 48) e ao sal (Lv 2.13; Ez 43.24). Essas palavras-chave levam a uma metáfora no discipulado: "cada um será salgado com fogo". Assim como o sal é necessário para preservar a vida e preservar de deterioração, a autodisciplina dos discípulos dá vida e preserva aquilo que é bom. Pelo fogo das provas e da perseguição (1 Pe 1.7; 4.12; Is 48.10) Deus purifica de tudo que contrário à sua vontade.

Sal é bom, mas se perder suas propriedades (salinidade) para nada serve. Os discípulos que rejeitam ser salgados com fogo perdem seu potencial vital. Aqueles que são verdadeiros para com Deus, no entanto, colhem os benefícios da disciplina e das provas.

"Tende sal em vós mesmos" (v. 50). Em outras palavras, sejam discípulos diligentes. Sejam um sacrifício vivo para Deus pela autonegação (8.34; Rm 12.1s), mesmo que isso signifique sofrer ou ser martirizado (o que estava

reservado para alguns crentes em Roma). O caminho é difícil, mas o verdadeiro discipulado leva à paz uns com os outros.

*Notas*

**v. 42 -** A grande pedra de moinho moía os grãos que eram colocados numa pedra inferior. Ser jogado ao mar com um peso desses amarrado ao pescoço implicava morte certa. Alguns zelotes, que se opunham aos romanos, foram afogados desse modo.

**v. 43 -** "Entrar no reino" (9.47; 10.15, 23-25) é um sinônimo de "entrar na vida" (vv. 43, 45), e um antônimo de "ir/ser lançado no inferno" (vv. 43, 45, 47).

• A palavra grega *gehenna* ("inferno") é derivada do Hebraico *ge-hinnon,* o "vale de Ben Hinon", que ficava ao sul da Jerusalém antiga, onde crianças eram oferecidas como sacrifício ao deus Moloque (Jr 32.35). Mais tarde esse lugar foi usado como depósito de lixo, que queimava perpetuamente. É o lugar do julgamento divino (Jr 7.32; 19.6s).

## CASAMENTO, FILHOS E PROPRIEDADES 10.1-31

Seguindo as instruções anteriores quanto aos relacionamentos inter-pessoais, o discipulado é agora apresentado em relação ao matrimônio, filhos e propriedades. Estes ensinos devem ser entendidos no contexto das predições sobre a paixão e morte de Jesus, com seu chamado para morrer a fim de viver como algo essencial para a entrada no reino de Deus. Cada um dos temas oferece uma oportunidade para a autonegação.

## CASAMENTO: EXPRESSÃO DE FIDELIDADE A DEUS E AO CÔNJUGE 10.1-12

Nestes relacionamentos humanos básicos, os seguidores de Jesus não devem viver "de acordo com os costumes das nações" (Lv 20.23), mas devem viver segundo o governo de Deus. Viver "em paz uns com os outros" (9.50) é especialmente necessário no lar, geralmente o cenário de muitos conflitos.

O casamento e o divórcio estavam entre os mais agudos problemas sociais daqueles dias, tanto quanto estão hoje. Os fariseus testam Jesus nessa questão, dando-lhe oportunidade de falar mais a respeito dos requisitos éticos do discipulado. A questão dos filhos vem em seguida. Os discípulos devem receber o reino de Deus como Jesus recebe as crianças, aprender delas como serem abençoados, e servi-las. Novamente Jesus torna claro que segui-lo envolve uma transformação de valores.

**10.1-2** - À medida em que avança em sua jornada para Jerusalém, Jesus ensina as multidões que vêm a ele, embora (como indica o v. 10), ele transforme cada ocasião para treinar seus discípulos. Alguns fariseus apare-ceram com uma questão sobre a Lei de Moisés (cf. 7.5) e, como seus colegas

Galileus, procuram "testar" *(peirazo,* cf. 1.13; 8.11) Jesus na esperança de trazer à tona alguma evidência contra ele.

A pergunta deles "E lícito ao marido repudiar sua mulher?" (v. 2) era o centro de muitas discussões em Israel. Todos os judeus concordavam que o Antigo Testamento permitia ao homem divorciar-se de sua mulher, c mandá-la embora, caso ela o desagradasse (ou fizesse algo "indecente", cf. Dt 24.1). No entanto, discordavam entre si quanto ao que significava "desagradar". Por volta do ano 20 a.C., a escola rabínica de Shammai insistia que se tratava de algo moralmente vergonhoso (por exemplo, o adultério), enquanto que Hillel afirmava que o divórcio era permitido por causa de qualquer falta moral, ou por qualquer coisa que embaraçasse o marido (por exemplo, se a esposa queimasse o jantar). Essa interpretação mais abrangente de Hillel determinava a prática do divórcio entre os judeus na época de Jesus.

**10.3-4** - Com esta contra-pergunta ("Que vos ordenou Moisés?"), Jesus vai direto ao centro da questão. Ao referir-se ao mandamento por duas vezes (vv. 3, 5), ele mostra sua preocupação com a vontade de Deus. Seus oponentes, entretanto, falam duas vezes sobre o que é "permitido" (ou "lícito", vv. 2, 4). Como diz Schweizer: "quando uma pessoa faz esse tipo de pergunta, está buscando maiores vantagens para si dentro dos limites do que é permissível. Ao fazer isso, terá destruído o casamento antes mesmo de começar".[1]

Os fariseus não respondem a pergunta de Jesus sobre o *mandamento.* Ao contrário, respondem que "Moisés *permitiu* lavrar carta de divórcio e repudiar". Baseados em Dt 24.1-4, os escribas e fariseus estabeleceram regras para tornar o divórcio moralmente aceitável em certos casos. Jesus aceitou a Lei de Moisés, mas reivindicou o direito de interpretá-la (cf. 7.10). Ele explica *porque* foi dada esta abertura para o divórcio: "Por causa da dureza do vosso coração ele vos deixou escrito esse mandamento" (v. 5). Deus reconheceu, por meio de Moisés, que o povo estava vivendo em franca violação de suas ordenanças. Jesus deixa implícito que a provisão de Moisés fora uma expressão do julgamento de Deus sobre a rebelião e obstinação humanas.

Num esforço para limitar o pecado, para controlar as conseqüências do pecado já cometido, e para prevenir coisas piores, Moisés aquiesceu com a fraqueza humana. No lado positivo, a provisão era uma concessão miseri-cordiosa a favor da mulher, provendo-lhe um grau de proteção ao liberá-la do contrato de casamento.

"Assim, a lei do divórcio não representa o ideal para o casamento, mas o que fazer quando algo dá errado".[1] Ao dizer que o decreto de Moisés (Dt 24) foi dado por causa de dureza de coração, Jesus infere que era uma concessão. Embora ordenada por Deus, isso não representa os elevados padrões de Deus.

**10.5-9** - Jesus destaca a história da criação, pois Gênesis 1 e 2 apresentam o ideal de Deus ao criar o homem e a mulher. Ao fazer isso, ele desvia a discussão da lei para o ideal, do divórcio para o casamento, da legislação humana para o plano divino. Ao citar Gênesis 1.27, Jesus declara que Deus os fez "homem e mulher". Deus designou a união sexual como parte da

[1] Schweizer, 203. Perry Yoder, 40.

sua "boa" criação (Gn 1.31). O homem foi criado para a mulher e a mulher foi criada para o homem. Ambos são complementares.

Prosseguindo a exposição bíblica, Jesus cita Gênesis 2.24 para enfatizar a intenção de Deus em seu ato criativo: "Por isso" o homem deixará os laços sociais mais fortes que conhece (seus próprios pais) para "unir-se" (implicando a relação sexual) à sua mulher. Como resultado da união sexual, os dois de tornam uma só carne; eles não são mais dois, mas uma unidade ("um") num relacionamento que não deve ser dissolvido. Essas frases pressupõem a monogamia e denotam um relacionamento mais íntimo e comprometido do que qualquer outro.

Jesus deixa claro que na intenção do Criador, o relacionamento sexual não é apenas corporal mas essencialmente uma parte do relacionamento pessoal total no qual o casal compartilha valores espirituais e intelectuais e aceita as responsabilidades morais e sociais.

"Abandonar" é pré-requisito para "unir-se" a. Primeiro o homem "deixa" e depois ele "se une a sua mulher". Logo, sexo antes ou fora do casamento está excluído do plano de Deus. A união sexual não é um fim em si mesma, isolada do relacionamento total do homem e da mulher em outra esfera da vida.

Com as palavras "não o separe o homem" (v. 9), Jesus alerta tanto o casal como outros interessados para evitar qualquer ação ou atitude que contribua para quebrar o relacionamento que Deus designou. Como Colin Brown observa,[1] a justaposição dos verbos "unir" (relacionamento matrimonial) e "separar" (termo técnico usado em conexão com o divórcio), no versículo 9, é significante. O relacionamento físico não existe apenas na esfera humana. É Deus quem une homem e mulher como "uma só carne", pela união física que consuma o casamento. Assim, a relação sexual de uma das partes com alguém de fora do casamento tem o efeito de separar o relacionamento estabelecido por Deus.

Jesus se nega a estabelecer uma prescrição legal ou a se envolver num debate intelectual. Em vez disso, ele desafia cada um a viver em fidelidade exclusiva ao seu cônjuge. Vimos acima (7.91-3) como os fariseus reduziram o padrão divino de honrar pai e mãe a um conjunto de regras que anulavam o mandamento de Deus, da mesma forma com que diluíram o impacto de Dt 24.1-4. Leis são coisas externas e, portanto, não têm eficácia para evitar males tais como imoralidade sexual e adultério, os quais se originam de dentro do homem (7.21-23). Mais uma vez, Jesus refuta o legalismo e traz para o debate, além da Lei , a instituição do casamento como um dom da graça de Deus na criação.

**v. 2 -** Esta é a única aparição dos fariseus na narrativa da jornada para Jerusalém (8.27-10.52). Eles, talvez, esperam persuadir Herodes para colaborar com eles mais uma vez (cf. 3.6; 12.13) prendendo a Jesus.

**v. 4 -** Se o marido quisesse separar-se de sua esposa, teria de devolver o dote que recebeu do pai dela (a não ser em caso de ter ela cometido alguma falta na área sexual), e dar a ela uma certidão registrando que ela estava livre para recasar-se. Era uma simples transação entre indivíduos.

---

[1] Colin Brown, *NIDNTT,* 111:539.

**v. 5 -** Há debate em torno da questão se Jesus revogou Dt 24.1-4. Na opinião deste escritor, ele invalidou a prática de distorcer o texto para acomodar desejos humanos. Mas, Jesus não revogou o divórcio como tal, pois o considerou uma concessão que permanece por causa da tendência humana para o pecado. Ele não está colocando o mandamento de Deus contra a palavra de Moisés. Ao contrário, ele apresenta o verdadeiro sentido de Dt 24.1, *i.e.,* Deus faz provisão para o divórcio porque sabe que a capacidade destrutiva do pecado, no contexto de alguns matrimônios, é pior do que a cura de um recasamento posterior.

**10.10-12** - Os discípulos perguntam a Jesus sobre a resposta que ele deu, quando voltam para casa (cf. 9.28). Como muitos deles provavelmente são casados (cf. 1.30), o tema é importante para eles. Pode ser que até mesmo contemplassem a possibilidade de a esposa de um discípulo voltar para a casa dos pais em razão de seu marido acompanhar Jesus em seu ministério itinerante (cf. 10.29s).

A questão dos discípulos aparentemente é sobre o recasamento. A resposta de Jesus é que alguém (homem ou mulher) que se divorcia de seu cônjuge e se casa com outra pessoa comete adultério. Ele não estabelece aqui uma nova lei; sua resposta nos versículos 11 e 12 somente reforçam o que disse em 10.6-9. Jesus descreve o recasamento como, um fracasso em observar o plano intocável de Deus e uma violação do relacionamento criado pelo primeiro matrimônio. Tanto marido como mulher têm a obrigação de não poupar esforço algum no sentido de manter o casamento intacto.

Em sua exposição de Gênesis 1.27 e 2.24 (vv. 6-9), Jesus deu a entender que a dignidade da mulher é igual à do homem, ao enfatizar que ambos são criação de Deus. Agora, Jesus afirma que o marido pode ser considerado culpado de cometer adultério contra sua esposa. Como Marshall diz, isto é "uma declaração nova e radical, pois a lei judaica não considerava as faltas dos homens como adultério, apenas as das mulheres. Jesus põe aqui a mulher em pé de igualdade com o homem" [1], e reafirma a obrigação do homem quanto à fidelidade conjugal.

*Notas*

**v. 11 -** Há opiniões divergentes acerca do relacionamento entre a narrativa de Marcos e Mt 5.27-32; 19.3-12; Lc 16.18 e 1 Co 7.12-15. Entendemos que cada autor procurou relatar, de tudo quanto Jesus disse sobre o assunto, o que era mais relevante à situação de seus leitores originais. Marcos destaca aquilo que é mais pertinente aos seus leitores no mundo romano, onde uma mulher tinha o direito de iniciar o processo de divórcio.

## JESUS E AS CRIANÇAS 10.13-16

Sem nenhuma interrupção na narrativa, Marcos nos conta que pessoas trazem crianças a Jesus, a fim de que ele as abençoe como tinha feito a tantos outros. Os discípulos, porém, repreendem essas pessoas. Talvez os discípulos

[1] I.H.Marshall, 37.

pensam que as crianças *(paida,* podem ter entre 8 dias e 12 anos) são muito jovens para entender a Jesus, pois os meninos judeus só poderiam tomar sobre si a responsabilidade de cumprir a Lei aos treze anos.

Naquele tempo, os adultos normalmente ignoravam as crianças. Jesus, no entanto, fica indignado, porque ele valoriza as crianças. "Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis" (cf. 9.39). Jesus, então, os toma nos braços e os abençoa: aquele que tem tempo para as crianças enquanto está a caminho do Calvário ainda ama as crianças e as abençoa. Esse é o sentido literal das ações de Jesus aqui.

Com suas palavras, porém, Jesus introduz um significado mais profundo no que diz respeito à aceitação das crianças: "porque dos tais é o reino de Deus...Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele" (vv. 14s). Jesus não está dizendo que seus discípulos devem imitar "qualidades infantis" — inocência, pureza ou humildade. Antes, o que ele diz é que se deve receber o reino de Deus do mesmo modo como uma criança recebe alguma coisa. Naquela cultura as crianças eram consideradas insignificantes e indignas de atenção; não podiam reivindicar coisa alguma. Podiam somente receber o que lhes era oferecido pelos adultos responsáveis. Se uma criança era bem tratada, isso era fruto do amor e da generosidade de alguém. Da mesma maneira, uma pessoa deve confiar em Deus e receber dele o reino como um dom de sua graça.

Jesus está dizendo que o reino de Deus não pertence aos que dele se acham "dignos"; nem é um poder que provoca tão grande temor que as pessoas são obrigadas a se curvar diante dele. Ao contrário, é um presente; é dos que são "tais" como crianças, i.e., insignificantes e dependentes. Não porque merecem recebê-lo, mas porque Deus deseja conceder-lhes (cf. Lc 12.32). Os que reivindicam ser méritos não entrarão nele, pois Deus dá o seu reino àqueles que dele nada podem reivindicar.

*Notas*

**v. 13 -** Achtemeier *(Invitation,* 146) cita um dito rabínico que dizia que dar atenção às crianças "era uma perniciosa perda de tempo,...como beber muito vinho ou associar-se com os ignorantes". A desumanização da criança, tão comum na antigüidade, tem paralelo no abuso e no abandono de crianças de hoje.

**v. 14 -** Cranfield (323) corretamente observa que o reino pertence aos que são "tais" como, e não é constituído "delas" [crianças].

- Schweizer (207) diz que o batismo infantil não é o que está sendo discutido nesta passagem, nem pode haver aqui qualquer evidência para justificar tal prática. Ainda assim, esta história tem sido usada para apoiar o batismo de crianças.

## AS POSSES E O REINO DE DEUS 10.17-31

Jesus continua sua jornada em direção à Jerusalém e a falar sobre o discipulado. No diálogo com um homem rico, Jesus afirma que o reino de Deus é um dom que não pode ser conquistado; pertence àqueles que não fazem qualquer reivindicação sobre ele. Ao mesmo tempo, a entrada no reino requer o compromisso de fazer todas as coisas segundo a vontade de Deus em vez da vontade própria (1.15). A seguir, Jesus responde a indagação dos discípulos sobre a recompensa para os que deixaram tudo para segui-lo.

**10.17-22** - Pessoas de posses também procuram a Jesus. De acordo com a prática local, pessoas de certa distinção não correm em público. Mas este homem quebra o costume ao correr para Jesus com o intenso desejo de encontrar resposta para uma questão profunda. Ele ajoelha-se aos pés de Jesus e pergunta: "Bom Mestre, o que farei para herdar a vida eterna?" (v. 17). Ele rejeita a resposta ortodoxa, que diz que a salvação é para judeus circuncidados que obedecem os mandamentos. Ele faz a pergunta à pessoa certa, embora deixe transparecer que pensa ter capacidade própria para adquirir a vida eterna.

Jesus adverte o homem rico a não usar o adjetivo "bom" impensada e apressadamente. Deus é o único que é absolutamente bom. Ainda assim, Jesus parece sugerir que, pela pergunta do homem, ele pensa ser bom, embora reconheça não ser bom o bastante para merecer a aceitação de Deus.

Jesus o direciona aos Dez Mandamentos (v. 19), que eram considerados pelos judeus como estabelecendo as normas para a conduta correta. Ao focalizar a segunda tábua do Decálogo (Ex 20.13-17), ele está perguntando se o homem é "bom" a partir desses padrões que lidam com os valores sociais mais elevados: vida, propriedade, verdade e família. Esse teste é justo, pois relacionamentos humanos são mais facilmente verificáveis, enquanto que cumprir a primeira tábua (relacionamento com Deus; Ex 20.3-8) não é tão evidente.

"Mestre", ele responde, "tudo isso tenho observado desde a minha juventude" (v. 20). Sua resposta ingênua indica que o comportamento correto para ele, assim como para muitos, é uma questão de obediência externa à letra da Lei, não de caráter e intenções do coração. Falta-lhe entendimento dos mandamentos e de sua própria insuficiência para guardá-los. Quando usada adequadamente, a Lei é um espelho que mostra aos homens que eles são pecadores necessitados da graça de Deus.

A questão que Jesus propõe não é acadêmica, a condição eterna desse homem está em jogo. Para auxiliá-lo a renunciar seu conceito de justiça própria e a pedir a Deus pelo dom da vida, Jesus declara: "Só uma coisa te falta" (v. 21). Depois de perturbar a complacência do homem com essa constatação, Jesus o desafia com uma série de cinco imperativos. Uma promessa ("terás um tesouro no céu"), separa os imperativos em dois movimentos: "Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres" e "vem, e segue-me" (v. 21). Esses cinco imperativos são, de fato, apenas uma ordem que exige uma só reação. Ele deve renunciar aquilo que se constitui no objeto de sua afeição antes de poder viver debaixo do senhorio de Deus.

A palavra de Jesus tem a intenção de mostrar ao homem os segredos do seu coração. Na realidade, ele quebrou tanto o décimo mandamento (cobiça)

como o primeiro (os bens são o seu "deus"). Ele também dá falso testemunho sobre si mesmo, violando o nono mandamento. O homem permitiu que "a fascinação da riqueza e as demais ambições" sufocassem a palavra, "ficando ela infrutífera" (4.7,19). Ele tem de perder a sua vida para que possa salvá-la (8.35).

Ele pensa que suas riquezas são bênçãos de Deus (cf. Jó 1.10; 42.10; Sl 128.1-2). Enquanto que a possessão de riquezas em si mesma não é errado, as riquezas freqüentemente controlam a pessoa. Ela oferece as pessoas um meio de dominar e explorar outros, o que é o contrário do modelo de serviço de um discípulo (9.34, 10.42). Para começar, esse homem precisa rejeitar (como o primeiro mandamento requer, ou nas palavras de Mc 9.43, "corte-a") quaisquer coisas que poderiam tomar o lugar que pertence à Deus. Se ele tivesse seguido a Jesus, ele teria cumprido o primeiro mandamento (pois quando Jesus disse, "Venha, siga-me", ele reafirma a sua unidade com o Deus que é bom). Nossos corações somente têm espaço para uma única devoção (como Bonhoeffer disse), e nós só podemos nos entregar para o único Senhor.

Jesus olhar para esse homem com uma atitude de amor, percebendo o seu conflito interior. O amor de Jesus, entretanto, não o leva a reduzir as exigências do discipulado a fim de fazer com que haja uma conversão mais facilmente. Jesus diz àquele homem que abandone as riquezas e toda a reivindicação por bens materiais. Quando as pessoas estão sob o poder de suas riquezas, elas não estão livres para seguir a Jesus. Ele oferece a si mesmo àqueles que buscam a vida e atende completamente às necessidades daqueles que o seguem. Jesus não rejeita o homem; ele demonstra amor por ele. Jesus aponta a necessidade dele e lhe confere a liberdade de escolha consciente. O homem vai embora triste, deixando para trás aquele de quem Deus se agrada (1.11) e cuja presença traz alegria à humanidade. O homem rico se torna o mais pobre entre os pobres.

*Notas*

**v. 18 -** As palavras "Por que me chamas bom?" não querem sugerir que Jesus estava consciente de pecado; ele está simplesmente conduzindo a atenção do homem ao Pai, a única fonte de bondade.

**v. 19 -** Uma vez que roubar, enganar e cobiçar freqüentemente operam em conjunto, "não defraudarás" pode expressar o 8º, 9º e 10° mandamentos numa forma especialmente pertinente ao que possui riqueza.

**v. 21 -** Os imperativos ("Vai, vende, dá") têm como alvo o problema maior desse homem. "Vem, e segue-me" são ordens universais, repetidas por todo o Evangelho. A necessidade básica desse homem não está limitada ao problema da riqueza. Ele não "é chamado à pobreza como um fim, mas ao discipulado de Jesus" (Hurtado, 152).

- Pensar num "tesouro no céu" como recompensa por dar esmolas significa não compreender o ensino de Jesus. O homem, certamente, dava esmolas; mas Jesus lhe diz que abra mão de sua fonte de renda como condição preliminar à dedicação completa a Jesus.

**v. 22 -** Mateus 19.20 adiciona que esse homem era jovem; Lucas 18.18, que ele era de posição. Somente no final do diálogo (v. 22), Marcos o identifica como rico.

**10.23-27** - Tendo o episódio do homem rico como base, Jesus segue elaborando sobre a dificuldade de entrada no reino de Deus. Com uma tripla progressão de afirmações, ele coloca em cheque conceitos populares sobre a vida:

v. 23 - "Quão dificilmente entrarão...os que têm riquezas!"
v. 24 - "quão difícil é.. .entrar no reino"
v. 27 - "Para os homens c impossível"
Conclusão: somente Deus pode salvar.

Os discípulos estão cada vez mais perplexos com o fato de Jesus minar a opinião, mais do que popular, de que os bons é que recebem a vida eterna. Tal mérito é tão difícil de ganhar quanto seria para um camelo (o maior animal da Palestina) passar pelo fundo de uma agulha (a menor abertura conhecida).

Ainda que não esteja fazendo um chamamento universal para a vida de pobreza, Jesus, por meio de sua vida e proclamação, põe grande ênfase sobre o desprendimento da riqueza e posses. Ele ensina que ninguém pode ter a vida real sem estar disposto a perder a vida (8.34s); que ninguém pode ser realmente rico sem estar preparado para abandonar seus bens.

Aqui em Marcos 10.23-27, Jesus apresenta um verdadeiro paradoxo, ao colocar dois ensinos lado a lado: vida eterna é um dom de Deus; nossa resposta é uma vida de obediência. O dom da vida, que Deus concede (10.13-16), não é "graça barata". Jesus (em 10.21) "requer nossa melhor obediência e tudo o que possuímos. Ainda assim, tudo que podemos fazer não é o bastante para alcançar a vida que almejamos".[1] A graça de Deus faz com que tanto a salvação como o discipulado sejam possíveis.

*Notas*

**v. 24 -** Alguns manuscritos inserem "para os que confiam em riquezas". Mas Jesus já avançou para além da dificuldade do rico (v. 23) para a dificuldade de qualquer pessoa entrar no reino de Deus. Então ele usa o provérbio sobre o camelo em preparação para a conclusão chocante de seu raciocínio: a impossibilidade humana de auto-salvação (v. 27). Explicações do tipo que diz que o "fundo de uma agulha" referia-se à uma pequena porta nos muros de Jerusalém não têm qualquer fundamento. Isso, até mesmo, contradiz o que Jesus diz aqui: entrar no reino de Deus é mais do que difícil, é impossível à parte do agir miraculoso de Deus.

• O chamado "Evangelho da Prosperidade" tenta equipara melhoria econômica com espiritualidade. Mas isso é outra contradição ao ensino de Jesus.

[1] Williamson, 185.

**10.28-30** - Ainda refletindo no que Jesus ordenou ao homem rico (v. 21), Pedro (falando pelos doze) chama a atenção de Jesus para o fato da obediência sacrificai dos discípulos: "nós tudo deixamos (Aoristo) e te seguimos (Perfeito)" (v. 28). De fato, os doze contrastam marcantemente com o jovem rico. Eles abandonaram família e propriedade (cf. 1.16-20); e persistem em seguir a Jesus no caminho para Jerusalém. Eles estão experimentando um pouco do que significa Deus fazer o impossível.

No meio das pressões impostas sobre eles, é natural que perguntem qual é a sua recompensa. Sem discutir a questão proposta por Pedro, Jesus assegura-lhes que Deus sustenta seus servos, hoje e no futuro. Ao referir-se à família, casa e campos (básicos para a comunhão, a segurança e a manutenção econômica na Palestina), Jesus amplia a abrangência da obediência para além dos vínculos de lealdade fundamentais, a fim de incluir todas as coisas altamente estimadas. Sua promessa, no entanto, é condicional: Jesus e o evangelho devem ser a razão por detrás de suas ações. Além do mais, as bênçãos incluem o sofrimento das perseguições.

Jesus prossegue, dizendo que, no tempo presente, seus seguidores receberão muito mais do que tenham deixado para trás. Os discípulos já tiveram uma amostragem disso em sua missão na Galiléia (6.8s). Os membros da igreja primitiva partilhavam seus bens uns com os outros (At 2.42-47; 4.32-37) como membros da nova família de Deus (Mc 3.31-35). A promessa também diz respeito à era vindoura, quando a recompensa dos discípulos de Jesus será a vida em comunhão sem medida com o próprio Deus.

O versículo 31 indica que o futuro julgamento de Deus trará uma reversão da condição terrena. Aqueles que pensam ser dignos do favor de Deus não o acharão; o favor de Deus é liberalmente oferecido a todos que reconhecem que não são merecedores. A promessa de recompensa baseia-se inteiramente na graça de Deus, nunca no mérito humano.

*Nota*

**v. 29 -** "Por amor de mim e por amor do evangelho" (cf. 8.35) chama a atenção às motivações. Abandonar família e posses deve ser motivado pela determinação de seguir a Jesus e participar na proclamação do evangelho. Abandonar com a intenção de ganhar com isso é contrário à toda ênfase do ensino de Jesus (cf. 1 Co 13.1-3). Ele mesmo denuncia aqueles que o seguem por causa de ganho material (cf. Jo 6.26).

C. *O DIREITO DE AUTORIDADE NO REINO DE DEUS 10.32-52*

Esta unidade, que começa e termina com referências ao "caminho", conduz ao clímax a divisão central de Marcos, com seu ensino acerca do relacionamento entre cristologia e discipulado. Mais uma vez, Jesus prediz sua paixão e ressurreição, pouco antes de sua primeira declaração sobre a razão de seu sofrimento e morte.

Salientando o contraste com os doze, um mendigo cego exemplifica o verdadeiro discipulado. Com essa ilustração, Marcos encerra sua narrativa da

jornada de Cesaréia de Felipe para Jerusalém, trazendo, assim, o leitor ao limiar da história da paixão.

## O FILHO DO HOMEM NAS MÃOS DOS GENTIOS 10.32-34

Na descrição da jornada à Jerusalém, Marcos destaca três coisas. Primeiro, Jesus nada cede em sua determinação de cumprir a vontade de Deus, o que inclui sua morte em Jerusalém. Segundo, ele continua liderando o caminho, enquanto outros o seguem. Terceiro, o clima emocional é intenso. Jesus vai em frente com profundo senso de urgência. Apesar de temerosos, os discípulos o seguem. Não é difícil imaginar as perguntas e conflitos que assolam os discípulos nessa fase. Se Jesus é de fato o Messias (o Cristo) por que, então, ele fala de sofrimento e morte?

Jesus vai ampliando gradativamente o tema de sua morte e ressurreição (8.31; 9.31; cf. 9.9-13). Ele sabe que seus discípulos são incapazes de entender esses pensamentos, pois contradizem profundas e enraizadas convicções sobre o papel vitoriosos do Messias. "Eis que subimos para Jerusalém" (v. 33) — essa é a primeira menção do lugar onde ele morrerá. Ali ele sofrerá o escárnio e a humilhação de ser ridicularizado e cuspido (14.65; 15.15-20). Será açoitado e torturado como um criminoso comum antes da execução violenta (15.20-39).

Em Marcos 9.31 somos informados que Jesus será entregue para ser morto. Agora nos é revelada a cumplicidade entre as mais altas autoridades judaicas e as autoridades romanas (cf. 3.6), os únicos que podem aplicar a pena capital. Depois de condená-lo à morte, os chefes dos sacerdotes e os mestres da Lei "o entregarão aos gentios" (15.1, 10) — uma ação cujo propósito é levar Israel a rejeitar a Jesus e seu reino. Como pode ser o Messias alguém que é zombado, açoitado e executado pelos gentios, a representação concreta do mal? Não é o papel do Messias libertar Israel do jugo dos desprezíveis gentios?

Novamente, Jesus conclui a predição de seu sofrimento e morte com a promessa da ressurreição ao terceiro dia (8.31; 9.31; 10.34). É só no versículo 45 que Marcos revela a razão da morte de Jesus.

## JESUS, SERVO DE TODOS 10.35-45

Ao anúncio da paixão (10.32-34) se segue uma história que demonstra o grau de incompreensão dos discípulos. Jesus responde a isso com ensino adicional sobre o Messias e o discipulado.

**10.35-40** - Os discípulos estão certos de que Jesus vai logo estabelecer o reino Messiânico, possivelmente ao chegar em Jerusalém (cf. At 1.6). Ao pedido infantil de Tiago e João ("queremos que nos concedas o que vamos te pedir"; v. 35), Jesus, condescendente, pergunta: "Que quereis que vos faça?" (v. 36; cf. 10.51). Eles desejam sentar-se à direita e à esquerda de Jesus na sua glória. Em outras palavras, eles buscam as mais altas honras possíveis e autoridade ao lado do trono real do Messias (cf. 12.36; 1 Rs 2.19). Eles nem imaginem que,

dentro em breve, dois bandidos ocuparão uma cruz à direita e outra à esquerda do Messias (15.27).

Jesus mostra muita paciência a eles. Ele já repetiu muitas vezes que está a caminho do sofrimento e da morte em Jerusalém. Apesar disso, ele responde com gentileza, dizendo que eles não sabem o que estão pedindo (v. 38). Os filhos de Zebedeu estão confundindo o ensino de Jesus, ouvindo apenas o que querem. Antes de lidar com o desejo deles de ter autoridade sobre os outros (vv. 42ss), ele tenta abrir-lhes os olhos para o elemento que está ausente na maneira de pensarem sobre o reino Messiânico: o Filho do homem *deve* sofrer e morrer, em primeiro lugar, antes de haver ressurreição e glória. Por isso, ele pergunta: "Podeis vós beber o cálice que eu bebo, ou receber o batismo com que eu sou batizado?" (v. 33). É possível que tenham lembrado suas refeições em conjunto e o batismo de João (1.4s), ao afirmar confiantemente: "Podemos". Jesus não contradiz a declaração deles (cf. 10.28), mas os instrui, de novo, a respeito do que vem antes do triunfo.

Em seu próprio batismo, Jesus se identificou com os pecadores. Agora, com a imagem do batismo, ele reafirma sua solidariedade com os seres humanos imperfeitos. "Compartilhar o cálice de alguém era uma reconhecida expressão que indicava partilhar de seu destino. No Antigo Testamento, o cálice de vinho é uma metáfora comum para falar da ira do julgamento de Deus sobre o pecado e a rebelião".[1] Pelo emprego dessas duas figuras, Jesus esclarece que ele vai receber sobre si, voluntariamente, o juízo de Deus no lugar dos culpados (Is 53.5). A glória não é, ainda, o próximo passo no plano de Deus, como Tiago e João sugerem em seu pedido. Ao contrário, Jesus morrerá uma morte humilhante como o substituto dos pecadores. Essa é a sua vocação messiânica; esses será o seu cálice e o seu batismo, dos quais ninguém mais pode compartilhar.

Noutro sentido, no entanto, o cálice de Jesus e o seu batismo devem ser partilhados (v. 39a; cf. 1 Pe 4.13). Qualquer que seguir o Servo Sofredor deve dispor a sua vida em favor dos outros, servindo-os acima de ganho pessoal. Jesus termina essa seção (v. 45), chamando a atenção para o seu próprio exemplo: se o Filho do homem veio para servir, quanto mais devem tornarem-se servos os seus próprios discípulos.

Jesus confirma aqui (v. 40) a sua glória futura. Ao mesmo tempo, ele reafirma sua submissão à vontade do Pai como a prioridade máxima. Somente o Deus soberano tem autoridade para designar quem irá ocupar os lugares de honra; ele os dará àqueles para quem ele os preparou. Nem trabalhar visando recompensa nem fazer pressão de grupo para conquistar vantagens determinará a decisão de Deus.

*Nota*

**v. 35 -** Os três discípulos a quem foram dadas oportunidades especiais de aprender (Pedro, Tiago e João; cf. 5.37 e 9.2) são aqueles que apresentam as Objeções mais veementes ao ensino de Jesus.

---

[1] Lane, 380.

**10.41-44 -** Os outros discípulos ficam indignados com os filhos de Zebedeu, por impedirem que seus próprios desejos fossem reivindicados, ao pedirem privilégios especiais. Tendo respondido aos irmãos a respeito da autoridade na era por vir, Jesus chama seus discípulos para ensiná-los a respeito do correto exercício da autoridade no presente.

Ele começa com um exemplo negativo: aqueles que, entre as nações, são considerados governantes abusam sua autoridade e exploram as pessoas. Dominar sobre as pessoas é o fundamento sobre o qual a estrutura de dominação está alicerçada. Via de regra, domínio é exercido no interesse daqueles que dominam.

Jesus, contudo, mede a grandeza pelo serviço e não pela dominação. Entre os discípulos, um novo tipo de relacionamento deveria prevalecer: seus seguidores devem ser servos *(diakonos)* uns dos outros e escravos *(doulos)* de todos. Sua humildade é freqüentemente apresentada como padrão para as atitudes dos crentes e o relacionamento com outros (9.35-37; Fp 2.5-11). Ao dizer "entre vós não é assim" (v. 43), Jesus deixa claro que, na igreja, apenas o que serve é qualificado para governar. Qualquer um que introduz estruturas da sociedade secular na comunidade do povo de Deus, desonra o caráter da igreja como o povo de Deus.

**10.45** - A cruz, porém, é mais do que um exemplo de serviço, é também o fundamento para a nossa esperança como pecadores. Jesus declara enfaticamente a razão para sua Crucificação: "o filho do Homem... veio para dar a sua vida em resgate de muitos". Esse *lytron* ("resgate") é necessário, pois a humanidade está presa por uma força externa, sem nenhuma capacidade de conseguir sua própria libertação. Jesus voluntariamente sacrifica-se a fim de libertar-nos dessa escravidão, pagando o preço necessário pela nossa liberdade. O preço que ele pagou foi a sua própria vida. O benefício que recebemos é a libertação do domínio do pecado a fim de termos comunhão com Deus (Tt 2.14; 1 Pe 1.18).

A redenção foi feita em favor de muitos *(polloi).* Embora esse termo seja quase sempre traduzido por "muitos", a palavra *polloi* é usada aqui no sentido de "todos". Ela aparece cinco vezes na profecia de Isaías sobre o Servo Sofredor, onde significa todas as nações. Com base em Isaías 53, Jesus se identifica com o servo de Deus que dá sua vida como resgate pelos pecadores. Na véspera de sua Crucificação (14.24), Jesus ainda fala dos *polloi* em alusão a Isaías 53.

A morte de Jesus foi substitutiva. O Cristo sem pecado voluntariamente tomou o lugar dos pecadores, a fim de que toda a humanidade pudesse receber o que não seria possível por si mesma. Os benefícios de sua morte vicária estão disponíveis para qualquer pessoa que aceita a oferta de Deus para a redenção. Na realidade, sua cruz é mais do que um símbolo de sofrimento e morte. Ela é a oferta da redenção para uma nova vida debaixo do domínio de Deus. O versículo 45 apresenta a chave para se entender Jesus, pois focaliza no sofrimento e na morte de Jesus em favor de outros.

Alcançamos, assim, o clímax da divisão central de Marcos (8.27-10.52), com sua ênfase na cristologia e no discipulado. Mantendo o seu estilo literário

(1.40-45; 6.1), Marcos fecha essa unidade com uma ilustração positiva do que significa ser um verdadeiro discípulo (10.46-52).

*Notas*

**v. 45 -** Jeremias *(Theology,* 291) diz *que polloi* é usado no sentido de "incocebivelmente muitos, o número total, o todo". Marshall (40) explica que a afirmação de Jesus "ensina expiação universalmente disponível, pois 'muitos' é uma maneira hebraica de dizer 'todos'". Cf. 1 Tm 2.6.

• *Lytron* ("resgate") quer dizer "redenção", como vista na libertação de Israel da escravidão no Egito.

• Jesus emprega duas metáforas para descrever a oferta de si mesmo a Deus em favor da humanidade. Como "resgate", sua morte alcança libertação do pecado e do juízo. Como "sangue da aliança", sua morte ratifica o pacto de sangue entre Deus e a humanidade.

## BARTIMEU: UM DISCÍPULO AUTÊNTICO 10.46-52

Marcos relacionou muitas coisas juntas na sua divisão (8.27-10.52), produzindo um quadro tão belo como uma obra de arte e tão impressionante como um retrato da vida. Ele enfatiza as requisitos para o Messias e para os discípulos, enquanto estes viajam juntos "no caminho" *(en te hodos),* a frase que emoldura esta divisão. A questão da identidade de Jesus se destaca em toda essa seção, que começa com o título "Messias" e termina com "Filho de Davi". Duas curas de cegueira (8.22ss; 10.46ss) unem esta divisão, que não enfatiza milagres.

A última narrativa de cura em Marcos (não o último milagre) destaca as atitudes e ações de Bartimeu, que serve de modelo e de encorajamento para todos: um homem que sabia o que queria, e sabia o que fazer com isso quando o conseguiu.

**10.46-52** - A jornada desde Cesaréia de Felipe está prestes a acabar, pois Jesus e os discípulos chegam a Jericó, o acesso leste para Jerusalém, Eles estão no caminho para Jerusalém, onde Jesus será crucificado. Na grande multidão que o acompanha, espanto e medo (cf. 10.32) se misturam com a grande expectativa dos peregrinos a caminho para a festa em Jerusalém.

O cego Bartimeu, sentado e mendigando à beira da estrada, começa a gritar para chamar a atenção de Jesus. Muitos tentam impedi-lo (10.13), possivelmente pensando que Jesus está ocupado demais para preocupar-se em dar atenção a um indigente. Mas Bartimeu grita cada vez mais: "Filho de Davi, tem misericórdia de mim!" (v. 47).

Não sabemos o que Bartimeu entendia com a expressão "Filho de Davi". Nós sabemos por sua persistência, no entanto, que ele estava convencido que a misericórdia de Deus está profusantemente disponível em Jesus. Ciente de nada ter para merecer a atenção de Jesus, ele grita "tem misericórdia de mim".

Embora tivesse pressa de ir para Jerusalém, ele pára e diz: "Chamai-o". Com essas palavras, Jesus censura os que rejeitam um "joão-ninguém". Eles

dizem a Bartimeu: "Tem bom ânimo;.. .ele te chama" (v. 49b). O mendigo jogou seu manto para o lado — o que talvez fosse sua única possessão não é mais importante. Com completo abandono, o cego salta e corre até Jesus.

Jesus dá a Bartimeu a oportunidade de expressar seus desejos, perguntando-lhe: "Que queres que eu te faça?" (v. 51). Sua resposta é simples e direta: "que eu torne ver". Ele tem certeza de que Jesus pode restaurar-lhe a visão. "Vai", diz Jesus ao cego, "a tua fé te curou [salvou]". Imediatamente Bartimeu recobra a visão e segue Jesus "no caminho" (v. 52).

Bartimeu demonstra o significado do discipulado. Ele ultrapassa todos os obstáculos a fim de alcançar o único que poderia ajudá-lo. Ele sabe que não merece favor algum, e apela apenas para a misericórdia de Deus. Bartimeu pede a Jesus para receber a visão, uma solicitação que contrasta profundamente com a resposta de Tiago e João a uma questão idêntica de Jesus (10.36). Depois disso, quando Bartimeu conseguiu o que pediu, demonstrou gratidão ao seguir a Jesus, aquele que teve compaixão e o ouviu quando clamava, e solucionou o seu problema mais agudo.

A primeira cura de cegueira (8.22-26) prepara o leitor para essa divisão sobre o significado do Messias e do discipulado, dois temas inseparáveis da cruz. Por afirmar que Bartimeu seguiu a Jesus "no caminho" (10.52), o segundo milagre nos conduz diretamente a Jerusalém e à própria cruz. Tendo visto o cuidado pessoal de Jesus pela nova comunidade, expresso em "serviço" (10.45), nos movemos para a suprema manifestação de seu cuidado: sua morte.

*Notas*

**v. 46 -** Mateus fala de dois cegos. Marcos e Lucas narram somente a história de Bartimeu, talvez por ter sido conhecido dos leitores originais.

**v. 47 -** Muitos judeus referiam-se a Davi como "nosso pai" (i.e., ancestral, como em 11.10; At 4;25). Seu nome sintetizava as aspirações do povo de Israel. "Filho de Davi" é um título messiânico usado no Antigo Testamento (por exemplo, 2 Sm 7.12ss; Sl 89.3s, 19-37; Is 11.1-5; Jr 23.5s; Ez 34.23s), pelos escribas (12.35) e nos documentos de Qumrã. Jesus é chamado de "Filho de Davi" somente aqui em Marcos.

## JESUS E O TEMPLO - 11.1-13.37

Na divisão anterior, Marcos relata as predições de Jesus sobre o que está à frente. Estes próximos três capítulos apresentam o ministério público e privado de Jesus em Jerusalém e arredores. Uma vez que conduzem à cruz, as cenas nesta seção compõem um prelúdio para a narrativa da paixão e da ressurreição nos capítulos 14-16.

Embora a atenção se concentra no próprio Jesus, os discípulos não estão fora do quadro. Já não expressam oposição em relação à morte de Jesus ou,

ainda, algum desejo de glória pessoal. O que lhes falta em entendimento é compensado pela decisão pessoal de serem fiéis até a morte.

Os líderes da oposição voltam com toda força, depois de ausentes da maioria dos relatos anteriores (8.27-10.52). Pela primeira vez na narrativa de Marcos, Jesus aparece em Jerusalém. Sua primeira e última visita ao Templo (11.11; 12.41) é simples, porém altamente significativa: ele dá uma olhada e sai, como se fosse um estranho. Sua dramática rejeição do Templo provoca forte reação (como visto na nova seção de cinco histórias de conflito, 11.27-12.44) e conduz às suas declarações sobre seu futuro (capítulo 13). No início do capítulo 14, as autoridades do Templo solidificam sua rejeição de Jesus ao planejar matá-lo.

*A. O TEMPLO PRESENTE 11.1-12.44*

Depois de muita preparação, Jesus chega em Jerusalém, cidade que Davi conquistou e tornou sua capital. Mesmo não sendo o centro do governo romano regional, o palácio magnífico de Herodes, e as grandes instalações militares, não deixam nenhuma dúvida sobre Jerusalém ser um centro de poder. O Templo é muito mais importante, porém, pois é ali onde são oferecidos diariamente sacrifícios ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó .

A alegria de aproximar-se de Deus no Templo vem misturada com apreensões, pois aqueles que acompanham Jesus estão preocupados com suas predições sobre o que o espera em Jerusalém.

*Nota*

• Desde a época de Davi, Jerusalém era a capital da nação judaica. Mas Jerusalém nunca foi a capital quando algum poder estrangeiro dominava a Palestina. Cesaréia, na costa do Mediterrâneo, era a capital da província romana na época de Jesus (cf. At 23.23ss).

## JESUS DESAFIA AS AUTORIDADES DO TEMPLO 11.1-26

Ao chegarem de Jericó ao topo do Monte das Oliveiras, os viajantes desfrutam uma visão espetacular do enorme complexo do Templo que domina sobre a cidade de Davi. Perto das aldeias próximas de Betfagé e Betânia, Jesus, o rei da glória (cf. Sl 24) prepara-se para entrar na cidade real de Jerusalém.

A história está repleta de imagens de realeza. As profecias do Antigo Testamento são entretecidas com as expectativas judaicas antecipando a restauração do reino Davídico.

## JESUS ENTRA EM JERUSALÉM E INSPECIONA O TEMPLO 11.1-11

**11.1-7** - Jesus toma a iniciativa e planeja a entrada na cidade de acordo com seus propósitos. Ele não caminha, como era seu costume, mas entra montado num jumento, para simbolizar que sua missão era pacífica. Também é de importância simbólica o fato de que o jumento não tinha sido previamente usado para propósitos seculares; esta é uma missão sagrada. Jesus envia dois dos discípulos (cf. 6.7) para a aldeia com a finalidade de buscar o jumento: "O Senhor precisa dele" (11.3). A requisição do jumento inclui o reconhecimento devido dos direitos do dono e a promessa para mandá-lo de volta em seguida.

Os dois fazem o que Jesus diz e tudo acontece de acordo com o plano dele. Marcos descreve a ordem de Jesus e o seu cumprimento em palavras quase idênticas para encorajar nos leitores a confiança na habilidade de Jesus de prever o futuro.

**11.8-10 -** A medida que Jesus vai em direção à cidade, alguns peregrinos espalham roupas e ramos pelo caminho diante dele, como uma procissão real de entronização (2 Rs 9.13). Acreditando que Jesus tinha vindo à Jerusalém como cumprimento de profecias, eles seguem adiante cantando, responsivamente, dos Salmos de Hallel (113-118) — uma tradição dos peregrinos que se aproximavam do Templo na Páscoa e na Festa de Tabernáculos.

"Hosana!" (11.9) é uma transliteração de sua expressão espontânea de homenagem e significa "Oh, Salva-nos!" (Sl 118.25, 26). A segunda linha ("Bendito o que vem em nome do Senhor!") era originalmente uma bênção pronunciada sobre os peregrinos. Tem, entretanto, um significado mais profundo nesta ocasião. A estrutura paralela nos versículos 9 e 10 ("o que vem" e "o reino que vem") identifica esse cântico com a aclamação do rei. O "Hosana" final ("Salva-nos, Senhor") liga explicitamente a vinda de Jesus ao surgimento do reino e apela a Deus para que inaugure a era da salvação.

**11.11 -** Os relato vivido de Marcos torna-se prosaico com a simples afirmativa: "entrou em Jerusalém". Não há menção da multidão festiva; nada é dito sobre a reação das autoridades civis e religiosas. Nenhuma menção de oração ou adoração ou ensino, nenhuma indicação de que Jesus é reconhecido. Jesus não vai aos palácios, mas ao Templo (com os discípulos, presumimos) e inspeciona tudo. Então volta para Betânia.

Em retrospecto, vemos que Marcos trata a entrada com clara reserva. Ele não cita Zacarias 9.9 quando menciona o jumento (como Mt 21.5; Jo 12.15). Ele evita qualquer referência explícita a Jesus como rei ou Filho de Davi.

Jesus, porém, não restaura coisa alguma; ele dá uma olhada e volta para Betânia. Concluímos que Marcos não retrata isso como uma entrada "triunfal". Paradoxalmente, a autoridade de Jesus está sendo revelada em fraqueza e o reino em oculto. As pessoas estão corretas ao saudar o rei, mas equivocadas ao esperar o reino prematuramente. Jesus tem que, primeiro, sofrer e morrer. O rei assumirá seu trono do outro lado de Jerusalém, numa colina chamada de Gólgota (15.22).

Com a ambigüidade da afirmação messiânica conjugada com um deliberado ocultamento, Jesus mostra aos discípulos e à multidão que ele não

é o Messias militar que eles esperam. Confundidos agora, a multidão se voltará contra ele depois. Marcos quer que entendamos que Jesus planejou sua entrada desse modo.

*Nota*

**v. 11 -** O Templo *(hieron,* 11.11, 15, 16,27; 12.35; 13.1,3; 14.49) se refere às estruturas físicas do Templo, *naos* (14.58; 15.29,38) é o santuário, incluindo o Santo dos Santos.

## A FIGUEIRA E O TEMPLO 11.12-26

Em profundo contraste com os "Hosanas" (11.10), mas em harmonia com o que Jesus observou no Templo (11.11), esta nova perícope apresenta Jesus no papel distintivo daquele que entra em nome do Senhor para executar juízo. Jesus dramaticamente sinaliza o fim dos rituais no Templo e prediz o estabelecimento da adoração acessível para todos os povos (11.17).

O significado da posição radical de Jesus é esclarecido pela organização que Marcos faz nesta passagem. A parábola dramatizada da figueira (dividida em predição, vv. 12-14, e confirmação, vv. 20s) emoldura a ação direta de Jesus no Templo (vv. 15-19). Cada uma destas duas narrativas lança luz na outra; e juntas demonstram que Jesus está contra uma religião estéril e seus líderes.

Em contraste, a segunda parte (vv. 22-25) relata alguns ensinamentos de Jesus sobre a fé, oração e perdão como características essenciais do autentico louvor.

## A FIGUEIRA, UMA PARÁBOLA DRAMATIZADA 11.12-14, 20s

Quando Jesus volta ao Templo na manhã seguinte, vê uma figueira cheia de folhas ao longe. Alguns figos aparecem antes do tempo de colheita normal. Considerando que os figos aparecem antes das folhas, esta árvore parecia ter uma fruta. Tendo fome, Jesus vai até a árvore. Ao examiná-la, porém, nada encontra a não ser folhas — evidência de que a árvore não produzirá fruta alguma. A luz da promessa enganosa da árvore, Jesus diz a ela, "Nunca jamais coma alguém fruto de ti" (12.14).

Jesus quer que os discípulos ouçam suas palavras dirigidas à árvore. Desse modo, ele permite-lhes tirar a lição correta da figueira estéril. Quando eles passam na manhã seguinte, Pedro confirma a predição de Jesus. A árvore está murcha até à raiz (vv. 20s).

Essas experiência com a figueira fornece uma moldura para e interpreta a ação de Jesus ao purificar o Templo. A figueira é uma parte integrante das ações simbólicas de Jesus em Jerusalém na qual ele retrata o julgamento de

Deus na vida religiosa estéril de Israel. Deus age em julgamento porque ele toma o pecado seriamente, inclusive o pecado cometido em nome da devoção.

*Nota*

**v. 13 -** Na Palestina, os figos aparecem na época da Páscoa. J.A. Motyer *(NIDNTT I:724)* explica que *kairos* ("tempo" ou "estação") aqui indica o tempo da colheita, como em Mc 12.2. A presença de folhas indica que a árvore deveria ter frutos, porque o tempo de colheita está próximo. • No Antigo Testamento, a figueira simboliza o frutificar de Israel (Dt 8.8), enquanto sua destruição é um quadro de julgamento (Os 2.12; Is 34.4; Jr 5.17; 8.13; Jl 1.2-12). Jesus está principalmente preocupado sobre o estado espiritual de Israel e recorda (Mq 7.1-6).

## JESUS INTERROMPE AS ATIVIDADES NO TEMPLO 11.15-19

**11.15-16** - Jesus segue para o templo, o coração de Jerusalém e o centro da vida espiritual de Israel. Como no caso da figueira, a glória externa do Templo, um dos grandes santuários da antigüidade, prometia fruto; após detalhada inspeção na noite anterior (11.11), contudo, Jesus não encontrou nada.

A vasto monte do Templo tinha muitos pátios, salas, etc, necessários para suas várias funções. Proeminente entre essas áreas era o grande pátio dos gentios, com pórticos majestosos de frente para um elaborado santuário. Como um mercado público, suas lojas serviam os milhares de adoradores que se reuniam de todas as partes do mundo para as grandes festas de Israel. Alguns trocavam moedas por "shequéis" (moedas sem efígies, cf. 12.16) exigidos como pagamento da taxa do Templo (Ex 30.13-16), Outros vendiam animais para o sacrifício depois da vistoria das autoridades. Alguns vendiam óleo, vinho e sal necessários para os sacrifícios.

Embora os cambistas operassem legalmente dentro da área considerada semi-sagrada, eles cobravam taxas de câmbio exorbitantes. Os pobres que traziam pombos, porque não tinham condições de trazer animais maiores para os sacrifícios (Lv 12.6; 14.22; 15.14, 29) eram humilhados pelos cambistas gananciosos. As autoridades religiosas recebiam uma porcentagem dos lucros, a falsidade das riquezas (4.19) tinha criado raízes entre os líderes do Templo. Os gentios que vinham consultar o Deus de Israel eram colocados para fora da única área a eles designada pela dominante atmosfera de bazar no lugar. O pátio dos gentios era até mesmo usado como um atalho entre os subúrbios de Jerusalém.

Todas essas atividades obstruíam o Templo de cumprir seus propósitos. Ao expulsar os cambistas e derrubar suas mesas, Jesus interrompe as atividades religiosas. Sem os "shequéis", a tesouraria entraria em colapso; sem animais, os sacrifícios não poderiam ser oferecidos; sem os objetos de culto, as práticas religiosas haveriam de acabar. Por essas ações, Jesus

declarou simbolicamente que o Templo deixou de funcionar do modo como Deus pretendia.

Assim como os profetas no Antigo Testamento dramatizaram suas mensagens (e.g., Is 20.1-6; Jr 13.1-11), Jesus apresenta esta parábola dramatizada. A figueira simboliza o Templo que aparece para produzir frutos para Deus, enquanto na realidade ele é infrutífero, como a figueira. Ambos os sinais, o da figueira e o da interrupção das atividades do Templo, descrevem o fim do Templo, que era considerado eterno pelos judeus daquela época. Depois da Crucificação, não haveria mais necessidade para o Templo ou seus sacrifícios.

**11.17-** Jesus declarou: "Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração, para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores". Citando Isaías 56.7, Jesus declara a casa do Senhor como sua casa, o que indica a sua união com o Pai. Ele está pessoalmente convidando todas as nações para vir à ele. O próprio Jesus é o templo aonde homens e mulheres de todos os grupos étnicos encontram-se com Deus.

A aliança de Deus com Abraão tencionava abençoar todas as nações, embora seus descendentes tivessem, aparentemente, esquecido de sua proposta. Jesus renovou o propósito original estabelecendo a "casa de oração para todas as nações". Contrário às expectativas de muitos de que o Messias purificaria Jerusalém *dos* gentios, Jesus queria purificá-la *para* os gentios.

Ao alterar a pergunta de Jeremias (7.11) em afirmação, Jesus condena os abusos cometidos no Templo. Ele tinha se tornado em "covil de salteadores", um lugar de refúgio para os que faziam coisas deploráveis (Jr 7.9-15). Eles mudaram o chamado de Deus para celebrar sua glória em rentável comércio. E, assim fazendo: colocam Deus a serviço do pecado.[1]

Jesus demonstra sua autoridade sobre as duas instituições mais sagradas de Israel: ele é o Senhor do Sábado (2.28) e o sumo sacerdote do Templo. Com essas palavras e ações em Jerusalém, Jesus exorta o povo de Deus as prestar adoração genuína.

**11.18-19** - Os chefes dos sacerdotes e os escribas sabem que Jesus os acusa de obstruir a obra de Deus e, assim, o temem. Nem as palavras dos anciãos dos profetas nem a denúncia desse "intruso", contudo os conduz ao arrependimento, visto que a liderança sacerdotal está bem mais interessada em lucros materiais do que em reverência a Deus. Conseqüentemente eles procuram uma maneira de matar aquele que expõe suas práticas pecaminosas. Querem matá-lo para manter o poder que detêm. Contudo, precisam agir cautelosamente, pois a reação do povo é imprevisível.

Depois da mensagem dramatizada, Jesus se retira para Betânia, onde passa a noite.

## VIDA NA NOVA CASA DE ORAÇÃO 11.22-25 (26)

[1] Jeremias, *Theology,* 145.

O Templo deixou de funcionar como um lugar onde a humanidade se aproxima de Deus. Como, então, os homens podem vir a Deus para prestar verdadeira adoração? Jesus agora provê a resposta. Fé, oração e perdão são essenciais para todo aquele que busca um verdadeiro relacionamento com Deus.

Em primeiro lugar, Jesus chama homens e mulheres de todas as nações para "ter fé em Deus" (1.15; 5.34; 9.23; 10.52). Fé se encontra no próprio Deus. Ela não está condicionada ao culto no Templo, pois a adoração autêntica não depende de lugar (Jo 4.19-24). Fé é a nossa resposta à fidelidade de Deus nas suas promessas, e traz libertação das amarras do legalismo e do ritualismo. Aqueles que têm fé em Deus dependem dele (cf. 12.42-44).

O versículo 24 não é uma promessa de prosperidade para todos os cristãos que oram com fé. Tal alegação contradiz toda a verdade das palavras de Jesus de "morrer para viver" (8.34s; 10.24, 29). A medida do discípulo é "dar" e não "receber". Jesus advertiu (4.19) que "a fascinação das riquezas e as demais ambições" chocam-se com a Palavra e a tornam infrutífera.

Jesus promete aos crentes o que precisam a fim de fazerem Sua vontade. Nesse contexto imediato, a promessa de Jesus está centralizada na capacitação de seus seguidores se tornarem "a casa do oração para todas as nações". A oração de fé concentra-se em fazer a vontade de Deus uma realidade.

As palavras "Creia que você recebeu, e será seu " (v 24) não significam que uma pessoa possa manipular Deus. Antes, os desejos de Deus como revelados na Escritura (em lugar de nossos próprios desejos) determinam nosso pedido, Deus nos dá fé para crer que ele concedeu nossa petição. A garantia vem até mesmo enquanto nós estamos pedindo (1 Jo 5.14-15); a realização vem a seu devido tempo. A primeira exigência, então, é orar com a fé que descansa em Deus e deseja o que Ele deseja.

Jesus mostra outra exigência para oração autêntica: temos que perdoar nosso próximo(cf. Mt 5.23s; 6.12; Lc 11.3s). Perdoar um ao outro não é opcional na família de Deus, que existe como resultado do alto preço que ele pagou pelo perdão de nossos pecados. O amplo e incondicional perdão exigido por Jesus ("se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai", v. 25) é a expressão mais clara de gratidão que qualquer pessoa pode ter para com Deus por perdoar os seus próprios pecados. Uma relação frutífera com Deus requer reconciliação com o nosso semelhante. A vida na nova casa de oração não só inclui uma relação pessoal com Deus (expressa, por exemplo, por fé e oração) mas também uma relação com os homens.

## AS AUTORIDADES DO TEMPLO DESAFIAM JESUS 11.27-12.37a

A reação das autoridades religiosas para o episódio de Templo não demora a vir. Uma delegação de representantes dos grupos principais que compõem o Sinédrio interroga Jesus: "Com que autoridade fazes estas coisas?" (v. 28). Esta confrontação revolve em torno da questão da autoridade religiosa. A série de cinco histórias, claramente relacionadas, que vem a seguir representa a reação de todos aqueles que se opõem ao pensamento e aos atos

de Jesus. As respostas de Jesus fortalecem a convicção daqueles que pensam que ele deve ser eliminado a fim de preservar o Templo. Mesmo que tenham sido responsabilizados por obedecer a palavra de Deus, os líderes de Israel não se arrependem quando são lembrados das palavras de Isaías e de Jeremias. Resolvem rejeitar este profeta (11.17s) em Jerusalém. Do ponto de vista dos seus seguidores, porém, as respostas de Jesus provêm evidência adicional da insuficiência do sistema religioso, e confirmam o julgamento de Jesus sobre o Templo, que é estéril.

Ao longo desses encontros, Jesus menciona assuntos populares como os impostos, a ressurreição e os mandamentos. Em vez da preocupação anterior acerca de práticas religiosas (2.1-3.6), estas controvérsias tratam de assuntos teológicos e éticos básicos. O tema dominante da identidade de Jesus está por trás das discussões.

## A QUESTÃO DA AUTORIDADE 11.27-12.11

Os guardiães de Israel interpretam a mais recente ação de Jesus (11.15-17) como uma ofensa prejudicial contra o Templo e uma afronta para a autoridade deles. Eles sentem-se compelidos a agir antes que haja danos adicionais. Os membros dos grupos principais do Sinédrio, provavelmente, formulam uma estratégia para prendê-lo e legitimar sua morte (11.18). Eles escolhem uma delegação composta dos principais sacerdotes, escribas e anciãos para esperar nos pórticos do pátio exterior, de forma que possam aproximar-se casualmente sem provocar alvoroço. Este é o primeiro dos cinco encontros no Templo relatados por Marcos.

## "COM QUE AUTORIDADE?" 11.27-33

**11.27-30** - Enquanto Jesus anda em volta, representantes do Sinédrio vêm a ele, de acordo com seu plano, e perguntam: "Com que autoridade fazes estas coisas (i.e., interrompe as atividades do Templo)?" A segunda pergunta deles vai do abstrato para o pessoal: "quem te deu tal autoridade para as fazeres?" (v. 28). As perguntas deles eram outro modo de dizer: "Quem você pensa que é, Jesus?"

Jesus não lhes responde diretamente. Em vez disso, seguindo um costume rabínico, ele propõe outra questão (como em 2.9, 19, 25; 3.4, 23; 10.3). "O batismo de João era do céu ou dos homens?" (v. 30). Isso não 6 uma tática evasiva, mas uma contra-pergunta destinada a conduzi-los à verdade por um arrazoado indutivo. Se eles se lembrassem do chamado de João ao arrependimento, e sua proclamação daquele que estava vindo (1.4-8), concluiriam que João Batista era um genuíno profeta, enviado por Deus. Eles, então, veriam que aquele que autorizou o batismo de João também autorizou que Jesus inaugurasse o reino de Deus com todos seus sinais. O veredito deles sobre João determinaria assim sua decisão sobre Jesus.

Na contra-pergunta, Jesus faz uma reivindicação indireta de ser ele o Messias, desafiando-os a decidir por si mesmos e darem uma resposta direta (ao invés dos intermináveis debates das discussões rabínicas). Ao repetir a

pergunta de Jesus, "respondei-me" (vv. 29s), Marcos confronta o leitor com a necessidade de uma decisão pessoal sobre a autoridade de Jesus.

**11.31-33-As** autoridades, dentre todas as pessoas, deveriam poder responder a pergunta de Jesus. No entanto, temem ficar do lado da verdade, pois qualquer reconhecimento da autoridade dada por Deus a João "os exporia à acusação de incredulidade. Mais do que isso, porém; elas também seriam compelidas a admitir que a *exousia* (autoridade) de Jesus era de Deus".[1]

Ao responderem, "Não sabemos" (v. 33), eles tentam não cair em descrédito — ironicamente, os escribas orgulham-se de seu conhecimento. Sem querer, eles reafirmam a condenação de Jesus sobre o Templo, pois no meio de sua riqueza, esses membros do Sinédrio, a mais alta instituição judaica, demonstram a pobreza moral de sua liderança. A indecisão deles resulta, não de ignorância, mas da falta de coragem moral, como Jesus infere em sua resposta: "Nem eu tão pouco vos digo com que autoridade faço estas coisas" (cf. Jo 2.26).

Assim a fonte de autoridade de Jesus permanece parcialmente oculta. Na parábola que se segue, porém, Jesus responde a pergunta deles implicitamente, confirmando o que Marcos narra em 1.1, 11 e 9.7. a autoridade de Jesus é a do Filho de Deus (12.6-8).

*Notas*

**v. 27 -** Jesus estava andando no *hieron* (termo genérico para todo o complexo do Templo), provavelmente num dos pórticos, onde os escribas ensinavam os discípulos deles. Ele nunca entrou no *naos,* pois o santuário era restrito aos sacerdotes.

**v. 28 -** Como Lane comenta (413), a questão que eles propõem prova "que Jesus nunca afirmou abertamente que era o Messias". Ao longo desses debates, Jesus, pouco a pouco, expõe sua identidade.

## UMA PARÁBOLA SOBRE AUTORIDADE AUTÊNTICA E USURPADA 12.1-12

A fonte de sua autoridade (11.27-33) continua sendo objeto de discussão. Jesus apresenta duas metáforas para a mesma delegação de autoridades religiosas. A primeira é uma parábola que apresenta um quadro realista da vida na Palestina do primeiro século.

A segunda parece não ter conexão; é uma citação sobre construção. Juntas, no entanto, as duas citações dão um panorama da história da redenção. Contra o pano-de-fundo dos atos salvíficos de Deus na história de Israel, a identidade de Jesus fica aparente a qualquer um com ouvidos para ouvir.

**12.1-5** - Jesus, mestre da narrativa, fala de um homem que plantou um vinhedo e tomou todas as medidas necessárias para produzir uma colheita. Construiu uma muro com pedras retiradas naquela terra rochosa, cavou uma

[1] Taylor, 471.

cova de dois níveis para que as uvas fossem pisadas, a fim de coletar o suco; ainda construiu uma torre para vigias pudessem proteger o fruto de animais e ladrões. Ao descrever em detalhes os esforços do homem para estabelecer um vinhedo completo, seus ouvintes (bem-versados nas Escrituras) provavelmente percebem que Jesus está utilizando Isaías 5.1-7, uma profecia sobre o julgamento de Israel.

Neste ponto, porém, Jesus deixa Isaías de lado: o dono da vinha "arrendou-a a uns lavradores e ausentou-se do país" (v. 1). Conforme combinado, o homem enviou um criado ao vinhedo para receber o produto na época da colheita. Mas os inquilinos o espancaram cruelmente e o despacharam. O dono enviou ainda outros; alguns foram agredidos, outros foram mortos.

**12.6-8** - Face a tal rejeição persistente aos criados, o dono envia seu único herdeiro, um filho a quem ele ama (cf. Gn 22.2, 12, 16). Em vez de receberem o filho com respeito, os inquilinos presumem que o dono da vinha esteja morto e que seu único herdeiro vem reclamar sua herança. Assim, eles o matam e planejam tomar posse da propriedade. Como insulto final, jogam o corpo dele para fora do vinhedo (cf. Hb 13.12).

**12.9-12** - Jesus desafia seus ouvintes à reflexão ao perguntar: "Que fará, pois, o dono da vinha?" Ele responde sua própria pergunta, que não deixa nenhuma dúvida sobre sua dupla conclusão. Primeiro, o julgamento dos inquilinos virá com certeza. A subversão dos propósitos de Deus e o abuso da autoridade de Deus estão sujeitos ao juízo de Deus, pois ele não se alia ao pecado. Segundo, o vinhedo será dado a outros. Deus formará o povo da nova aliança (14.24; cf. Rm 11.17-24), chamando homens e mulheres de todas as nações para executar os propósitos que ele tinha para Israel (Gn 12.3).

Esta parábola relembra eventos que se seguiram ao estabelecimento da aliança de Deus com Israel. Deus enviou os Seus servos para que recolhessem alguns frutos da colheita. Seus servos, os profetas, foram maltratados e até mesmo mortos por aqueles que possuíam autoridade sobre "a vinha do SENHOR dos Exércitos, a casa de Israel" (Is 5.7). Nos dias de Jesus, os líderes designados não só administram mal o serviço do Templo, como fazem dele fonte de lucro pessoal (11.17). Rejeitaram o dono da vinha e põem-se em oposição ativa a Jesus (cf. 3.28-29). Como resultado, o próprio Israel não produz nenhum fruto para seu dono (cf. 11.13).

Depois de muitas demonstrações de amor e clemência, envia Deus o seu Filho amado, que é rejeitado por aqueles a quem Deus confiou autoridade sobre Israel (cf. 8.31). Nesta parábola, Jesus informa aos que o rejeitam que ele sabe que eles pretendem matá-lo.

Também nesta parábola, Jesus responde a pergunta feita pelos principais sacerdotes, doutores da lei e anciãos (11.28): Deus lhe deu autoridade para fazer essas coisas, porque ele é o Filho amado de Deus. Jesus está dando a esses que se lhe opõem vislumbres mais claros da sua identidade, embora Marcos não diga o quanto eles entenderam na ocasião.

Como destaque à referência sobre a rejeição na parábola, Jesus chama aqueles líderes, treinados nas Escrituras, a lembrarem parte do Hallel (Salmos

113-118), que era cantado durante a refeição pascal (v. l0s). O Salmo 118.22 refere-se à pedra que se torna a principal, apesar de ter sido rejeitada pelos construtores. Se corretamente entendida, essa passagem os ajudaria a reconhecer que o Filho, rejeitado pelas autoridades do Templo, virá a ser a "pedra angular" do novo Templo de Deus. Com essa guinada de ênfase na metáfora, Jesus olha para além de sua morte para a sua vindicação na ressurreição, e a edificação de uma nova "casa para todas as nações".

As autoridades compreendem que o julgamento dos inquilinos é lição da história. Sabem que Jesus está falando esta parábola contra eles (v. 12), da mesma maneira que ele os acusara antes no Templo (11.17). No meio de tudo isso, Jesus os adverte contra o plano deles e suas conseqüências. Não obstante, eles não estão a ponto de se arrependerem. Contidos pelo medo da multidão (cf. 11.18; 12.37b; 14.1), retiram-se (v. 12), determinados a matá-lo, como seus antepassados tinham matado os profetas enviados por Deus.

*Notas*

**v. 9 -** Esta parábola não é proferida contra a nação como um todo (a vinha), mas contra seus líderes (os lavradores).

**v. 10 -** O Sl 118 é uma das passagens mais freqüentemente citadas no Novo Testamento. O v. 22 já era interpretado como messiânico pelos rabis.

**v. 12 -** Esta parábola é um chamado ao arrependimento e uma advertência à igreja, especialmente para seus líderes, sobre a tentativa de se construir um império, esquecendo que a vinha pertence a outro (Deus).

• A Casa de Oração de Jesus inclui os Gentios sem excluir os Judeus. O evangelho não deixa espaço para sentimentos anti-semitas.

## A QUESTÃO DO PAGAMENTO DE IMPOSTOS 12.13-17

Como uma parte de seu amplo ataque a Jesus, o Sinédrio envia outra delegação composta de representantes de dois outros grupos de segmentos da sociedade. Os fariseus e os herodianos que buscam apanhá-lo com a pergunta sobre os impostos, um assunto da mais alta importância religiosa e prática na ocasião. Esse é o segundo dos cinco conflitos registrados por Marcos.

Muitos judeus piedosos ressentem-se de Roma porque seus líderes são religiosa e moralmente corruptos (cf. Rm 1.21-32). Os Zelotes (3.18) recusam-se a pagar qualquer imposto aos conquistadores estrangeiros.

O herodianos apóiam o imposto, porque são aliados de Herodes Antipas, que é, por sua vez, apoiado pelo Imperador. Uma recusa geral de pagar impostos por parte deles conduziria à perda de sua posição política a de seus bens. Embora não gostem do imposto, os fariseus concordam com protestos e debatem os aspectos legais de pagar impostos a um poder estrangeiro. Como os colegas deles na Galiléia tinham feito anteriormente (3.6, cf. 8.15), os fariseus de Jerusalém juntam suas forças com os herodianos em sua determinação de apanhar a Jesus.

**12.13-16** - A armadilha é camuflada com lisonja, quando a delegação se dirige a Jesus chamando-o de "Mestre" — um título apropriado para aqueles que são responsáveis pela interpretação da lei. "É lícito pagar tributo a César, ou não? Devemos ou não pagar?" (v. 14b). Uma resposta afirmativa colocaria as multidões contra Jesus, pois ele seria visto como alguém que apóia o sistema romano idólatra. Se ele dissesse que não pagassem, os herodianos se apressariam em denunciá-lo às autoridades romanas, acusando-o de rebelião (Lc 23.2).

Jesus sabe que eles têm pouco interesse em encontrar uma resolução para esse assunto sensível que divide a nação. Assim, ele lhes dá uma oportunidade para refletirem sobre a hipocrisia (7.6) da pergunta deles, perguntando, "Por que me experimentais?" (v. 15). Então ele ordena que lhe tragam um denário, a única moeda aceitável para o pagamento do tributo. Como se fora um promotor no tribunal, ele ergue a moeda e pergunta, "De quem é esta efígie e inscrição?" (v. 16).

"De César", respondem eles, referindo-se ao imperador que cunhou a moeda e a quem pertencia a imagem. Qualquer moeda que tivesse a inscrição "Tibério César, o filho do divino Augusto" era considerada propriedade do Imperador.

**12.17** - "Dai a César a que é de César", é a primeira parte da resposta de Jesus. Ele não responde a pergunta deles, "Devemos pagar *(didomi)?*" Antes, ele ordena, "Dai" *(apodidomi,* "*devolvei*"*);* a implicação é de que o tributo é uma dívida. Embora isso não seja equivalente a dizer, "Sim, paguem o imposto", ele reconhece que o imperador tem direitos e que o cidadão tem deveres para com o governo em troca dos benefícios recebidos (por exemplo, os judeus beneficiam-se da *pax romana).* Em resumo, ele está dizendo que tudo o que traz a inscrição de César é dívida para com César. Isso significa que os cidadãos devem lealdade e apoio ao estado em troca de seu serviço para o bem comum.

"E a Deus o que é de Deus", diz Jesus, completando sua resposta. Não há dúvida de que ele pretende recordar aos fariseus que "Deus criou o homem à sua imagem" (Gn 1.26). Tudo que tem a imagem de Deus pertence a ele, o Sustentador da vida e a fonte de toda boa coisa (Rm 14.7-12; Tg 1.17).

Os membros da delegação estão pasmos diante de Jesus. A armadilha de deles falhou; eles nem podem acusá-lo de sedição nem de se curvar a Roma. Ainda assim, Jesus afirmou enfaticamente que honras divinas pertencem somente a Deus, e rejeitou todas as tentativas de divinizar o estado ou atribuir divindade a uma pessoa. Além disso, ele desafiou os que não têm reservas sobre o uso de moedas com a imagem de César a se examinarem sobre uma possível cumplicidade com a idolatria e o culto imperial. As palavras de Jesus são uma repreensão tanto para os que desejam estabelecer o governo de Deus por força (como os zelotes), como para aqueles que afirmam não possuir interesse ou responsabilidade para com governos humanos. Ele deixa claro que seu programa tem implicações políticas apesar de não ser político.

Mesmo que Jesus não nos conta explicitamente o que devemos fazer em questões que envolvem política, ele sugere parâmetros que podem orientar nossas decisões. Como seria de se esperar, seus ouvintes continuam

discordando sobre o que é devido a César. Tradicionalmente, muitos dos seguidores de Jesus vêem o "Dai a César " e o "(dai) a Deus" como paralelos, com as responsabilidades para com César subordinadas, mas não separadas, das responsabilidades para com Deus.

Outros vêem "César" como antítese de Deus, não muito diferente das antíteses de "Deus/homens" e "dono da vinha/lavradores" na controvérsia anterior. Como tal, essas perícopes (11.27ss; 12.1ss; 12.13ss) indicam que Jesus rejeita tanto a presença da Roma colonial como qualquer revolta contra ela. De acordo com Ched Myers,[1] os relatos de Marcos rejeitam qualquer opção de cooperação política com Roma e repudiam a autoridade e dinheiro de César.

Uma posição mais moderada é advogada por Vernard Eller: "Jesus pede que absolutizemos somente a Deus, e que deixemos que o estado e todos os outros (poderes) sejam as relatividades humanas que são, relativas tanto ao bem como ao mal — como somos nós, você e eu".[2]

Deve-se considerar cuidadosamente o que Jesus diz tanto quanto o que ele não em seu contexto histórico, a fim de derivarmos as coordenadas válidas para a comunidade cristã em seu relacionamento com as estruturas políticas.

Não há respostas fáceis. A discussão precisa também levar em conta a totalidade das Escrituras (incluindo, por exemplo, a visão do estado apresentada em Ap 13 e 18), além de lembrar as lições da história.

*Notas*

**v. 14 -** O imposto principal, adicionado à já opressiva carga de tributos, contribuiu, eventualmente, para a revolta de 66-70 A.D., que resultou na destruição do Templo pelos exércitos romanos.

**v. 17 -** A questão da união ou separação da igreja e do estado tem sido discutida há séculos. A palavra de Jesus parece sugerir "separação". Isso, porém, não deve ser confundido com exclusividade ou funções isoladas. Na análise de Lane (425), "os deveres em relação a Deus e a César, mesmo que distintos, não estão completamente separados, mas unidos e governados pelo princípio superior de se fazer a vontade de Deus em todas as coisas".

## A RESSURREIÇÃO E O DEUS DA VIDA 12.18-27

Como parte da estratégia de achar um modo de prender Jesus, uma delegação de Saduceus espera que uma pergunta teológica possa ter sucesso onde uma armadilha política falhou (vv. 13-17). Este é o terceiro dos cinco encontros relatados por Marcos.

**12.18-23** - Os Saduceus ocupam altos postos no Sinédrio; e os sumos sacerdotes vem de entre eles. Essa aristocracia sacerdotal colaborou com as autoridades romanas e, no processo, ficou rica e orgulhosa das posição secular que conquistou. Contrariamente aos fariseus, que aceitam tanto a Lei escrito e

[1] Ched Myers, 374. 2
[2] Vernard Eller, 83.

Lei oral, eles só aceitam o Pentateuco e negam as tradições orais, a ressurreição e a existência de anjos e espíritos (At 23.6-8). Eles se sentem ameaçados pelas ações de Jesus no Templo, pois o poder deles e a manutenção de sua riqueza dependem do Templo.

Depois de contar de uma mulher que fora casada consecutivamente com sete irmãos, tudo de acordo com a lei de matrimônio e do levirato, o Saduceus perguntam a Jesus: "Na ressurreição ...de qual deles será ela esposa? porque os setes a desposaram" (v. 23). Sua lógica é que a existência dessa lei prova que Moisés teria previsto as conseqüências absurdas de tal lei, e não a teria prescrito, se acreditasse na ressurreição dos mortos. A história deles (possivelmente uma piada bem conhecida) é projetada para ridicularizar a Jesus, reconhecido por ensinar sobre a ressurreição.

Como hipótese, o Saduceus presumem que a ressurreição é um fato, e apóiam a noção popular de que as condições presentes, tais como o matrimônio, continuarão numa forma aperfeiçoada na vida pós-morte. Primeiro Jesus lida com essa premissa (v. 25) antes de lidar com o assunto básico da ressurreição do corpo (vv. 26s). Ele começa cada resposta com uma contra-pergunta para os provocar a reexaminar suas pressuposições. A seguir, para não deixar nenhuma dúvida sobre seu ensino, Jesus fecha cada uma delas com uma clara afirmação.

**12.24-27** - A raiz do erro dos Saduceus é o seu fracasso em entender as Escrituras e o poder de Deus. As Escrituras revelam o poder de Deus para superar a morte e conceder ao justo uma qualidade superior de vida num plano mais elevado. A lealdade exclusiva de marido e mulher (nesta vida) pode ser um prelúdio de uma relação (na vida futura) mais ampla e mais profunda do que aquela conhecida nos melhores matrimônios. O poder de Deus concederá aos que ressuscitarem uma vida semelhante a dos anjos.

Jesus esclarece que a morte não pode abolir a vida que ele dá. Ressurreição significa libertação da mortalidade e a comunhão perfeita com Deus, a essência da vida cristã. Na consumação do reino, Deus viverá com Seu povo (Ap 21.3s). A Bíblia encoraja a esperança e desestimula a especulação, preservando o mistério de "como" será a ressurreição e a vida dos ressurretos.

Os Saduceus conhecem algo do conteúdo das Escrituras (por exemplo, a passagem sobre o levirato), mas eles não vêem qualquer evidência da ressurreição dos mortos nos livros de Moisés. Na sua resposta, Jesus cita a auto-revelação de Deus na narrativa da sarça ardente, como registrado em Êxodo 3.6 (um dos livros que eles aceitam), para mostrar que, "apropriadamente compreendido, o Antigo Testamento testemunha eloqüentemente da verdade da ressurreição".[1]

Deus estipulou abençoar Abraão, Isaque e Jacó e ser seu salvador c provedor (por exemplo, Gn 12.1-3; 15.1-18; 17.1-8). Passados três séculos desde que os patriarcas tinham morrido, Deus diz a Moisés: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó" (v. 26). Com isso, Deus quis dizer que a passagem deles desta vida não quebrou sua relação com ele. Eles estavam vivos nos dias de Moisés; e ainda estão vivos com Deus (cf. Lc 23.43; 16.19-31). Deus não esqueceu de sua relação com eles; e continua cuidando

[1] Cranfield, 374.

deles. Podemos estar confiantes de que Deus também ressuscitará seus corpos, e que eles e o restante dos justos do Antigo Testamento habitarão para sempre com ele.

Como no debate anterior, Jesus conclui com uma afirmação clara: Deus é o Deus dos vivos; ele não pode ser relegado ao passado. Os patriarcas estão vivos, não por causa da "natureza da experiência deles com Deus, mas por causa da natureza do Deus que eles experimentaram. *Ele é o Deus dos vivos* porque ele mesmo é o Deus vivente".[1] A resposta vitoriosa de Jesus prepara o leitor para sua morte e ressurreição, o fato histórico no qual o cristianismo está fundamentado. Dá esperança para aqueles que (literal ou figurativamente) levam a sua cruz e o seguem (8.34) e lhes assegura que o seu Deus se preocupa pessoalmente com os seus, na vida e na morte.

Jesus rejeita categoricamente a posição do Saduceus, porque é contrário às Escrituras e aos atributos de Deus. Ele começou com uma questão sobre a posição deles; agora ele conclui, "Laborais em grande erro". Eles usam a Bíblia para defender suas idéias, em vez de submeter os seus pensamentos e conceitos à autoridade da palavra de Deus.

*Notas*

**v. 18 -** Esta é a única referência aos Saduceus em Marcos. Eles são mencionados em Mt 3.7; 16.1-12; At 4.1; 5.17; 23.6-8, além dos textos paralelos deste debate. A situação privilegiada dos Saduceus nesta vida pode ter tido influência no seu desinteresse na vida pós-morte.

**v. 19 -** O nome "levirato" vem do latim *levir* e significa cunhado. O conceito é ensinado em Dt 25.5-10 (cf. Gn 38.8; Rt 4.5). Alei do levirato foi dada para que o nome do falecido não desaparecesse (Dt 25.6).

**v. 26 -** Embora Jesus esteja respondendo a idéia dos Saduceus de que a morte significava extinção, suas palavras também rechaçam o conceito da morte como um passo na reencarnação. A morte envolve uma transformação radical do corpo destinado a esta vida para outro destinado à vida na presença de Deus.

- Os Saduceus negam a ressurreição (cf. At 23.6-8), alegando que esteja ausente dos livros de Moisés, a única parte do Antigo Testamento que eles aceitam. Jesus fundamenta sua resposta exatamente nesses livros.

## O MAIOR MANDAMENTO 12.28-34

Impressionado pela resposta de Jesus aos Saduceus, um dos escribas aproveita a oportunidade para perguntar sobre uma questão da Lei. Eles desconfiam da fidelidade de Jesus à Lei, a primeira e maior marca do Judaísmo. Jesus afirma sua ortodoxia com uma resposta que é, como diz Bailey, "genialidade pura como um resumo do dever para com Deus e as pessoas".[2] Este é o quarto dos cinco encontros em Jerusalém, relacionados por Marcos.

[1] Cole, 191.
[2] Bailey, *Eyes,* 37.

**12.28** - O Templo é o lugar de aprendizagem onde os estudiosos expõem a Lei e encorajam os leigos a inquirir sobre ela. Aos olhos da maioria dos mestres da Lei, porém, há pouco para se aprender dos leigos, especialmente de um como Jesus que está interpretando a Lei contrariamente às suas tradições. Ainda assim, um desses teólogos profissionais observa que Jesus dá uma boa resposta. Deixando de lado as introduções bajuladoras de seus colegas (12.13s; 19ss), este escriba vai diretamente ao assunto. Ao perguntar sobre o mandamento mais importante, ele quer que Jesus defina aquele que explica todos os outros.

Debater a importância relativa dos 613 mandamentos era uma atividade freqüente dos escribas. A pergunta deste escriba presume que a piedade é uma questão de realização pessoal. Mas, diferentemente dos outros, ele não está preparando nenhuma armadilha. Ele quer ouvir de primeira mão a essência do ensino de Jesus.

**12.29-30** - Jesus responder referindo-se às raízes da aliança de Deus com Israel e cita o início do *shema* (hebraico para "Ouve!", de Dt 6.4; cf. 4.3). O *shema* era recitado a cada manhã e tarde, como recordação daquilo que Deus tinha falado com Israel e que deve ser ouvido. A frase, "O Senhor (YHWH) nosso Deus, é o único Senhor", identifica a unidade e singularidade de Deus, seu caráter e a relação com a humanidade. Ele é o SENHOR *(YHWH),* o Deus pessoal que se revelou e, em amor estabeleceu uma aliança com seu povo, selando-a com seu próprio nome.

Como é indicado pela repetição de "todo", Deus deve ser amado com a totalidade do ser. Jesus demanda que homens e mulheres busquem a Deus "por causa de que ele mesmo é, para terem prazer nele, e se esforçarem impulsivamente por segui-lo." [1]

**12.31** - "O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Jesus reúne dois princípios que formam uma unidade indissolúvel: o amor pelo ser humano surge do amor para com Deus (cf. 1 Jo 4.21). Com a resposta, Jesus inclui todo indivíduo neste mandamento duplo. Juntos, eles resumem o dever humano. O primeiro mandamento é essencial para aproximar-se de Deus; o segundo, para se tornar como Deus.

*Nota*

- Como Cranfield (379) explica: "O mandamento de amar ao próximo como a si mesmo não legitima, de forma alguma, o amor próprio (como às vezes se pensa). Deus, porém, nos fala por ele como as pessoas que na verdade somos, i.e., pecadores que amam a si mesmos, e nos desafia, *como tais,* a amar o nosso próximo".

**12.32-34** - "Muito bem, Mestre", o escriba responde, acrescentando que o amor a Deus e aos outros é mais importante do que "todos os holocaustos e sacrifícios". Ele percebe os erros da ênfase dos escribas no ritualismo e

[1] Lane, 432.

legalismo. Tendo avaliado aquele que o veio avaliar, Jesus diz: "Não estás longe do reino de Deus". Em contraste com os Saduceus que estavam se afastando das Escrituras e do poder de Deus (12.24), esse escriba está se aproximando do reino de Deus. Será que ele seguirá a Jesus?

Em sua resposta Jesus deixa claro que o amor é a lei da vida para todos os que o seguem. Sua "casa de oração para todos os povos" deve ser uma comunidade de pessoas que amam e que manifestam seu cuidado uns com os outros.

Esta é a quarta pergunta dirigida a Jesus pelos líderes religiosos. Embora ninguém ousasse fazer-lhe mais perguntas, as autoridades não desistem do desejo de prendê-lo e matá-lo (14.1). No próximo perícope, o próprio Jesus faz uma pergunta a seus acusadores (como ele fez na quinta controvérsia em 2.1-3.6), uma pergunta centrada na sua própria identidade. Essas duas perícopes formam o clímax desta série de debates, como também o alicerce de verdades sempre válidas para o cristianismo.

*Notas*

**v. 30 -** A Bíblia fala de "coração" *(kardia;* cf. 7.2) como o trono da vida interior de uma pessoa e o centro das suas ações. "Os pensamentos do homem, sua atividade intelectual, os aspectos cognitivos, conativos e afetivos de sua personalidade, tudo isso é considerado como procedendo do coração. O estado do coração, portanto, define o caráter essencial da pessoa" (Sarna, *Exodus,* 64). A "alma" *(psyche)* refere-se à essência da vida em termos de mentalidade, vontade e sentimento. O "entendimento" *(dianoias)* não é mencionado em Dt 6.5. Sua inclusão aqui pode ser para enfatizar que é necessário usar a mente a fim de amar o Deus verdadeiro, e para distinguir entre o certo do errado.

**v. 31 -** Embora os dois mandamentos estejam relacionados (vv. 29-31), eles não são idênticos. Amar a Deus e amar o próximo não são a mesma coisa. O Deus das Escrituras não é uma amplificação da imagem humana. Deus é pessoal; ele convida e requer dos seres humanos que entrem num relacionamento pessoal com ele.

## A PERGUNTA MAIS IMPORTANTE SOBRE A PESSOA DE JESUS 12.35-37

Jesus desafia os líderes religiosos judeus a examinarem o ensino Bíblico sobre o "filho de Davi". Eles não lhe dão resposta alguma, porque já o rejeitaram. Com isso, Jesus conclui o seu ministério público de ensino. Logo (13.1) ele deixará o Templo, para nunca mais voltar.

**12.35-37a** - Os líderes religiosos fizeram quatro perguntas a Jesus. Agora, como uma multidão o cercasse nos pátios do Templo, Jesus apresenta questões relativas à identidade do Messias e sua relação com Davi.

Deus tinha revelado a Davi que iria estabelecer seu trono pela descendência de Davi (2 Sm 7.11-16). No Salmo 110, o próprio rei Davi presta homenagem a este rei-sacerdote vitorioso cujo reinado não terá fim. As profecias subseqüentes mostram o descendente de Davi como aquele cuja devoção a Deus e cujo reinado próspero iria lembrar o reino de Davi. Na época de Jesus, "em todos ramos do judaísmo havia uma convicção de que o Messias seria um descendente de Davi; até mesmo que iria nascer em Belém, a cidade de Davi".[1]

Nessa perspectiva, Jesus pergunta, "Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?" (v. 35). Ele não rejeita a convicção deles. Entretanto, pergunta o que eles querem dizer com o isso.

No texto hebraico, o começo deste Salmo diz: "Disse o SENHOR *(YHWH)* ao meu Senhor *(acionai)*". O filho de Davi Salomão era o ungido do Senhor ("messias") para reinar no lugar do seu pai (1 Cr 29.23). Ele preenche a relação pessoal implícita na expressão "meu Senhor".

Significativamente, neste salmo, Deus convida aquele designado como "meu Senhor" a sentar-se — não no trono em Jerusalém —, mas à sua direita e lhe promete vitória sobre seus inimigos. Uma vez que nenhum ser humano pode compartilhar da honra divina com o próprio SENHOR *(Yahweh),* esta posição elevada deve ser reservada para "alguém infinitamente mais elevado do que qualquer 'segundo Davi' poderia ser".[2]

As palavras de Davi ("meu Senhor") não se referem a um messias humano mas a um Messias divino, digno de compartilhar a glória de Deus. Aquela pessoa não poderia ser outra a não ser Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Com o auxílio de uma formula rabínica de indagação, Jesus pede a seus ouvintes que reconciliem duas declarações nas Escrituras: como o Messias pode ser filho de Davi (um fato atestado pelas Escrituras) e, também, Senhor de Davi (também atestado nas Escrituras)? A contradição é só aparente, porém, uma vez que o Messias é mais do que apenas filho de Davi; ele é também Senhor de Davi.

Os líderes religiosos dentre os ouvintes sabem que essa não é uma investigação acadêmica, mas a suprema questão acerca da pessoa de Jesus. O conceito deles sobre o Messias é muito estreito; o reino político-nacionalista deles é expressão de egoísmo. Eles tornaram-se surdos para com testemunho das Escrituras e para sua fonte, o Espírito Santo (v. 36). Sua incapacidade de responder positivamente ao desafio de Jesus marca um ponto sem retorno para eles. Desde que não podem prender Jesus pelo fato dele fazer perguntas, continuam procurando uma oportunidade melhor (14.1).

Com a pergunta sobre a filiação do Messias ainda ressoando nos ouvidos deles, Jesus conclui seu ministério público. Ao encerrar a narrativa tão abruptamente, Marcos desafia cada leitor a responder a pergunta: "Quem é Jesus?"

**12.37b** - Ao resumir esses debates, Marcos chama a atenção à reação do povo. Eles entendem o suficiente sobre a postura de Jesus no Templo para apoiá-lo contra os líderes religiosos. Porém, o vocabulário de Marcos alerta o

[1] Longenecker, 109.
[2] Martin, *Foundations,* I:195.

leitor para a resposta inadequada da multidão. As pessoas ouvem Jesus "com prazer", da mesma maneira que Herodes (a mesma frase é usada cm 6.20).

*Nota*

**v. 36 -** O texto hebraico diz: "O Senhor *YHWH* disse ao meu Senhor *adonaí*". O grego usa a única palavra que tem para "Senhor" *(kyrios)* em ambos os lugares.

## FALSA E VERDADEIRA DEVOÇÃO 12.38-44

Marcos freqüentemente conclui suas unidades literárias com um exemplo do que foi discutido. Agora, porém, ele apresenta dois casos, o primeiro negativo (12.38-40), o segundo positivo (12.41-44). Depois de mostrar os enganos teológicos e os erros dos vários grupos de líderes religiosos, Jesus adverte sobre a hipocrisia. Depois, em contraste com aqueles que "devoram as casas das viúvas" por causa da cobiça e do egocentrismo, Jesus louva uma viúva por seu amor sem interesses por Deus. Até mesmo no meio de práticas religiosas fingidas, há aqueles que são fiéis. Essas duas perícopes servem como advertência contra a falsa devoção, e como encorajamento para um compromisso radical com Deus.

**12.38-40** - Os doutores da lei eram tidos em grande estima pelo povo, porque, acima dos demais, eram responsáveis por conhecer, obedecer e ensinar os padrões éticos do Antigo Testamento. Muitos deles, infelizmente, não modelaram seu estilo de vida e práticas religiosas pela Lei e, assim, se tornaram desqualificados como merecedores de estima.

Seguindo a tradição dos profetas do Antigo Testamento (cf. Ml 3.5), Jesus denuncia esses falsos líderes e adverte o povo: "Guardai-vos (8.15; 13.5) dos escribas". Embora alguns estivessem buscando a verdade seriamente (cf. 12.28-34), sua conduta não-ética era suficientemente difundida autorizando assim uma advertência geral. Como se poderia esperar, a falta de santidade dos mais altos oficiais também se reproduzia entre os subordinados.

Jesus descreve alguns dos modos pelos quais tais escribas mostram sua presunção religiosa. Eles "desfilavam" por lugares públicos vestindo trajes longos de linho branco (normalmente restritos a certas funções dos escribas), exigindo das pessoas curvarem-se diante deles, e que se dirigissem a eles usando títulos como "Rabi", "Mestre" e "Pai". Nas sinagogas, sentavam-se de frente para o povo, ocupando o banco imediatamente à frente da arca que continha os rolos (livros) sagrados. Nos banquetes, eles insistiam em assentar-se nos lugares de honra, próximos ao anfitrião (por exemplo, Lc 14.7).

Além disso, os escribas eram oportunistas. Usavam a reputação pública como pessoas piedosas para ganharem o direito legal de administrar propriedades, e, no processo, levavam uma porcentagem nas transações efetuadas. O conhecimento da Lei facilitava a exploração dos indefesos. As casas e pertences de viúvas eram prêmios especiais caçados por escribas corruptos. Suas orações longas impressionavam alguns. Contudo, Jesus as

expôs como teatrais (Mt 6.7; cf. Lc 18.10-14). No dia de julgamento, tais homens "sofrerão juízo muito mais severo" (v. 40).

**12.41-44** - Jesus senta-se onde ele possa observar as pessoas colocando suas ofertas nos treze receptáculos (chamados de "trombetas " por causa de sua forma) enfileirando as paredes do pátio da mulheres. Vários pessoas ricas depositavam ostensivamente grandes quantias de dinheiro na tesouraria do Templo.

Uma viúva pobre aproxima-se de um dos receptáculos. Ela não tem nada mais que duas moedas de cobre. Em vez de manter uma das moedas para si, ela lhes dá ambas.

Chamando os discípulos, Jesus contrasta a ação da viúva com a dos ricos. Apesar das riquezas, eles deram uma parte; apesar de sua pobreza, ela dá "tudo quanto possuía, todo o seu sustento" (v. 44).

Ele qualifica "o sacrifício como grande ou pequeno não pela quantia dada, mas pela quantia retida para nós mesmos".[1] O sistema de valores de Jesus inverte completamente conceitos como "maior é melhor" e "dar com vistas a receber". Jesus elogia essa mulher que conhece a Deus como seu provedor. Ela exemplifica o ensino anterior de Jesus sobre a natureza do reino e do discipulado.

*Nota*

**v. 42 -** A palavra usada por Marcos para descrever a condição dessa viúva é *ptochos,* i.e., alguém totalmente destituído de bens. As moedas dessa mulher *(lepton)* eram as menores em circulação, e valiam somente 1/64 de um denário, o salário diário de um trabalhador contratado. Marcos explica isso com o equivalente *quadrans,* para o benefício de seus leitores originais.

*B.O FUTURO DO TEMPLO 13.1-37*

O grande e belo Templo domina a cidade de Jerusalém a partir de sua localização no alto da colina. É o centro da vida nacional de Israel, pois o Templo é o símbolo da relação da nação com Deus. Na sua primeira visita (11.11), Jesus dá uma olhada e logo se retira do Templo. Nas visitas subseqüentes, ele interrompe as atividades (11.12-25), define e defende sua autoridade acima e contra àquela do Templo (11.27-12.44). Agora, ao deixar o Templo pela última vez (13.1), Jesus prepara seus seguidores para a destruição do mesmo, enquanto os encoraja a cumprirem sua missão, determinada por Deus, até a consumação do reino.

O tema da cristologia está por detrás de o todo discurso (vv. 6, 9, 13, 21-27, 32-36). Este capítulo é o clímax da visita ao Templo, como também das ações e palavras de Jesus nos capítulos 11 e 12. Também dá significado escatológico à paixão (ao sofrimento) de Jesus. Tanto o caminho da cruz (8.34-9.1) e este discurso conclamam à perseverança nas provações e oferecem esperança escatológica.

[1] Cole, 166.

*Nota*

• O termo "escatologia" significa "últimas coisas" (morte, julgamento, céu e inferno). Na teologia bíblica moderna, se refere a uma manifestação decisiva de Deus, e dá poder a um evento histórico no qual ele estabelecerá seu governo, sinalizando assim a era presente.

## O SERMÃO PROFÉTICO 13.1-4

Enquanto saem do Templo, um dos discípulos chama a atenção de Jesus para a grandeza do mesmo. Jesus responde: "Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada" (v. 2). Pelas suas palavras à figueira e a interrupção dos rituais do Templo (11.12-21), Jesus já estava preparando os discípulos para o juízo de Deus sobre o Templo. Em seu ensino neste capítulo, ele os prepara para olharem para além daquele evento traumático.

A rampa ocidental do Monte das Oliveiras oferece uma visão desobstruída do monte do Templo do outro lado do vale de Cidrom. Quando Jesus senta, Pedro, Tiago, João e André (1.16-20) pedem uma explicação em particular (cf. 4.10; 7.17; 9.28) sobre o anúncio da destruição do Templo (v. 2).

Em sua resposta, Jesus se preocupa muito mais com a perseverança dos seus seguidores em tempos difíceis, durante sua ausência, do que com detalhes sobre os eventos futuros.

Os quatro discípulos fazem duas perguntas: "Quando sucederão estas coisas *(tauta),* e que sinal haverá quando todas elas *(tanta panta)* estiverem para cumprir-se?" (v. 4). Como Beasley-Murray argumenta, a primeira pergunta "deles reflete uma convicção de que a ruína do templo não poderia acontecer como um evento solitário, mas teria que acontecer junto com outros acontecimentos significantes".[1] Paralelo com isso, mas indo além, a segunda questão está baseada na convicção popular de que a ruína do Templo aconteceria como parte dos eventos do final dos tempos (a linguagem é eco de Dn 12.6s).

*Nota*

**v. 1 -** O Templo em Jerusalém era um dos grandes santuários da antigüidade. Seu complexo formava o centro do judaísmo. Construído com mármore branco decorado com ouro, sua grande beleza dominava a cidade. A profecia sobre a destruição do Templo se cumpriu em 70 A.D., quando legiões romanas, comandadas por Tito, destruíram a cidade c derrubaram o Templo, depois de o incendiarem.

## A DESCRIÇÃO DOS EVENTOS ATE A VINDA DO FILHO DO HOMEM 13.5-27

[1] G. R. Beasley-Murray, *Kingdom,* 324s.

O discurso no monte das Oliveiras 6 o mais longo de Jesus em Marcos; e está dividido em duas partes. A primeira é uma descrição de eventos que conduzem até (c inclusive) a segunda vinda do Filho de homem (vv. 5-27). Começa profetizando três coisas que têm de acontecer antes do fim (vv. 5-23). O fim desta era c a parousía do Filho de homem (vv. 24-27) completam a primeira parte.

A segunda parte se concentra nas épocas desses eventos (vv. 28-37). Está dividida entre "o que é conhecido" (i.e., a época dos eventos antes do fim, vv. 28-31) e "o que é desconhecido" (i.e., o dia ou hora *do parousía,* 32-37).

O propósito de Jesus não é dar informação esotérica, mas dar instrução e consolação para os seus seguidores durante sua ausência. Marcos preserva o intento pastoral de Jesus e direciona isso para as necessidades dos seus leitores que estavam enfrentando perseguição.

## O QUE DEVE ACONTECER ANTES DO FIM 13.5-23

Três unidades são claramente discerníveis nos versículos 5 a 23.

1.O aparecimento de impostores; e sofrimentos comuns a todos (5-8);
2.A perseguição dos seguidores de Jesus (9-13);
3.O abominável da desolação c angústia terrível (14-23).

Essas unidades descrevem três coisas que têm que acontecer antes do fim desta era e da vinda do Filho de homem, que, a rigor, é descrita nos versículos 24 a 27.

## SOFRIMENTOS COMUNS A TODOS 13.5-8

Jesus não promete dias como os do rei Davi, nem dá um calendário detalhado de eventos futuros. A palavra de abertura, *blepete* ("Vede") dá o tom que é mantido em tudo o que segue. A palavra final expressa uma exortação semelhante: *gregoreite* ( "Vigiai"; v. 37). Experiências traumáticas são iminentes. Os discípulos têm de enfrentar o futuro com precaução e sabedoria; suas vidas e expectativas devem ser controladas pela palavra do Senhor em vez de circunstâncias ou medo.

A necessidade mais urgente de "estar alerta" porque falsas religiões se superam em sua capacidade de enganar. Na ausência de Jesus (implícita nos versículos 5 a 23), muitos falsamente reivindicarão ser o Messias. Eles tentarão enganar os discípulos (v. 5b), e terão sucesso enganando a muitos (v. 6b); e terão como alvo especialmente os eleitos (v. 22). A tríplice advertência de Jesus sublinha a seriedade deste perigo.

Guerras, desastres naturais e fome ocorrerão. Isso, porém, "ainda não é o fim" (v. 7b). Para uma mãe em trabalho de parto, o começo de dores do nascimento significa que maiores dores virão. Não obstante essas dores são para ela a promessa de que sua longa espera está quase no fim. De certa forma, os seguidores de Jesus perseveram no meio de realidades dolorosas,

porque eles se lembram das promessas de Deus de libertação escatológica (cf. Rm 8.18-25).

Calamidades na natureza e distúrbios civis devem *(dei;* cf. 8.31; 13.10) acontecer. Eles são indispensáveis antes e vir o fim; não são, de fato, sinais do fim, mas sinais que o fim está sendo detido. Estes desastres são característicos do intervalo histórico entre a ressurreição e *a parousía.* Eles são sinais da presença de Deus como juiz na história que está se movendo para o fim que ele tencionou. Contudo, não são o sinal que os discípulos pediram (v. 4).

Especialmente em tempos de tumulto e instabilidade, líderes "carismáticos" e charlatães enganam a muitos, reivindicando de terem decifrado com sucesso os "sinais dos tempos". Especulação apocalíptica não deveria abalar os seguidores de Jesus, porque eles têm sua palavra de advertência. Estes sinais indicam o avanço do plano de Deus, não a sua consumação. Jesus descreve o sinal do fim nos versículos 24 a 27. "Então verão o Filho do homem vir nas nuvens com grande poder e glória" (v. 26). Este evento cósmico não estará sujeito a ser mal interpretado.

Cristãos não estão isentos dessas calamidades que vêm à humanidade. Na realidade, são os alvos específicos das provas descritas nos versículos 9 a 13.

## A PERSEGUIÇÃO DE SEGUIDORES DE JESUS 13.9-13

Tendo predito sofrimentos comum a toda a humanidade antes do fim, Jesus sublinha os sofrimentos que os seguidores devem esperar ao cumprir sua missão. Tudo aquilo que segue nos versos 9-13 não são sinais do fim mas uma parte do "princípio das dores" que acometeriam os cristãos ao longo do historia da igreja, por causa de Jesus (v. 9).

Não está implícito que estas dificuldades seguiriam as guerras cronologicamente. Aparentemente, os versículos 5 a 23 apresentam várias descrições sobrepostas do período antes do fim, enquanto apresentam a história como movendo-se "de uma situação que 'ainda não é o fim' para uma situação na qual sabemos que 'ele está próximo'".[1]

Da mesma maneira que Jesus e João foram "entregues" *(paradidomi),* esses que o seguem serão entregues às autoridades religiosas e políticas. Conselhos locais (sinédrios) de autoridades judaicas, nas sinagogas da Palestina e fora dela, vão açoitá-los, depois de condená-los como judeus apóstatas. Cristãos serão levados ante governadores (i.e., autoridades romanas) e reis (magistrados judeus em Israel).

Eles são perseguidos por causa do seu testemunho fiel. Cada prova também oferece uma oportunidade de testemunhar às autoridades e a outros (cf. Paulo em At 22-26). Tais sofrimentos não devem fazer ninguém desistir, pois "é necessário *(dei)* que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações" (v. 10). E essa é uma responsabilidade da qual nenhum discípulo está isento.

---

[1] David Wenham, 128s.

Com a expansão do evangelho entre as nações, continuará havendo perseguição (v. 11). Enquanto presente com os seus discípulos, Jesus veio em sua defesa (por exemplo, em 2.18, 25; 7.5). Ele também provê para eles na sua ausência, enviando o Espírito Santo como prometido em Marcos 1.8. Antes que os discípulos perseguidos pudessem pensar que foram abandonados, Jesus lhes dá garantia extra: o Espírito Santo está presente com eles na hora da provação, capacitando-os a serem testemunhas fiéis.

Não há nenhuma sugestão de que o evangelho conquiste o mundo. Pelo contrário, os discípulos fiéis serão traídos até mesmo por filhos rebeldes (v. 12). Como o próprio Jesus (3.21ss; 6.1ss), eles serão rejeitados pelos parentes mais íntimos e por alguns de dentro da família dos seguidores de Jesus (14.1 Os, 44s). Ódio, conflito e guerra continuarão caracterizando esta era até a vinda do Filho do homem.

Estas calamidades e perseguições não significam que o fim já chegou; mas oferecem oportunidades para o testemunho indispensável para as nações antes que venha o fim. Jesus encoraja seus seguidores a que fiquem firmes até o fim, confiantes de que o levar a cruz e o evangelismo é a vontade de Deus, que deve ser cumprida antes da *parousía.* Eles perseveram até o fim porque o Espírito Santo (v. 11) os sustenta na sua fé genuína.

Essas advertências são oportunas para os primeiros leitores de Marcos, pois enganadores e os maus, cheios de ódio contra Jesus e seus discípulos, apareceram cedo nos tempos apostólicos.

## O ABOMINÁVEL DA DESOLAÇÃO E A ANGUSTIA TERRÍVEL 13.14-23

Jesus continua, anunciando agora outra aflição tão intensa que até torna pequenas as provações já mencionadas.

**13.14-18** - Nas suas visões do tempo do fim, quando Jerusalém e o Templo seriam destruídos por um exército invasor, Daniel fala da "abominação que causa desolação" (Dn 9.27; 11.31; 12.11). Entre os judeus, essa frase significava um objeto idólatra que causa ruína religiosa. O próprio termo não indica a natureza da profanação. A frase completa, "Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar", no entanto, sugere que é *uma pessoa* que cria desolação. Isso está em harmonia com a descrição de Paulo do "homem da iniqüidade" (2 Ts 2.3ss). Essa pessoa, que é identificada como o Anticristo, está ativamente trabalhando por meio de outras pessoas más, tais como os muitos "anticristos" (cf. 1 Jo 2.18, 22; 4.3) e os "falsos cristos " (Mc 13.22).

Essa é a resposta de Jesus à pergunta dos discípulos sobre quando ocorreria a destruição do Templo (vv. 2,4). O aparecimento "onde não deve estar" daquele que traz a desolação é o sinal pedido. A afirmação de Jesus sugere um evento histórico, um evento situado no tempo e no espaço. Como ele explica depois (v. 30), isso é esperado dentro de uma geração.

Este evento está em contraste com as dificuldades mencionadas anteriormente (vv. 5-13). De acordo com 1 Macabeus 1.54ss, o governante selêucida Antíoco Epifânio IV pôs no Templo em Jerusalém um ídolo que

representava Zeus e sacrificou um porco no altar. Ele também destruiu parte do Templo (1 Mac 1.39; 3.45; 4.38,48). Isso tudo, que ocorreu em 168 a.C., foi interpretado como "um sacrilégio que causa desolação". A memória disso foi perpetuada anualmente na Festa da Dedicação do Templo (assistida por Jesus, cf. Jo 10.22-29).

A profecia de Daniel já tinha sido cumprida. Mas Jesus usa a frase "a abominação que causa desolação" em referência ao futuro, e implicando com isso que a profecia não fora exaurida pelos eventos do tempo dos Macabeus. Nos versículos 14 a 18, essa crise é descrita no contexto da Judéia. Jesus manda que fujam de Jerusalém, pois o lugar normal de refúgio, o Templo, seria destruído. Com compaixão, ele adverte sobre circunstâncias que tornariam a fuga difícil ou impossível. A urgência é extrema (vv. 15-16). Jesus aconselha a orar nas horas de aflição, assim como ele mesmo orou (cf. 1.35; 6.46; e especialmente 14.32-38). Em contraste com os que reivindicam que o futuro é fatalisticamente fixo, ele sabe que Deus responde a oração (cf. Tg 5.17s).

Em junho de 69 A.D., Roma tinha sujeitado toda a Palestina exceto Jerusalém e as fortalezas de Herodes, Masada e Maquerus. Depois de cinco meses de assédio, conquistaram Jerusalém com terrível perda de vidas. Eles destruíram a cidade e queimaram completamente o Templo. Ao final de setembro do ano 70 A.D., Roma era o governo indiscutível de Jerusalém.

Tanto os judeus zelotes como os romanos haviam profanado o Templo de Herodes. Os zelotes permitiram que criminosos vagassem livremente no Santo dos Santos. Os romanos ergueram no Templo imagem idólatra do imperador romano para invocar adoração. Esses atos ímpios qualificam-se como "sacrilégio desolador", cometido por homens maus dirigidos por um "anticristo". Os eventos que do outono 66 até 70 A.D., que culminaram na destruição de Jerusalém são um cumprimento das palavras de Jesus (Lc 21.20-24).

A religião institucionalizada tinha assumido o Templo de Deus (12.1 -9); esses eventos confirmam que a glória do Senhor tinha partido dali, e um povo da nova aliança (14.24) estava sendo formado de todas as nações, com base no discipulado de Jesus.

*Notas*

**v. 14 -** Os detalhes deste discurso indicam claramente um período compreendido entre a ressurreição e a *parousía.* Não nenhuma sugestão sobre a consumação do reino de Deus num breve período de tempo. A missão aos gentios requer tempo.

- Os estudiosos discordam sobre se o Evangelho de Marcos foi escrito pouco antes ou depois da destruição de Jerusalém. De qualquer forma, os cristãos primitivos teriam entendido a destruição de Jerusalém como, pelo menos, o cumprimento parcial do discurso de Jesus no monte das Oliveiras.

**13.19-20** - A frase, "Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio", é uma citação de Daniel 12.1. Alguns

escritores entendem que Daniel está se referindo à mesma situação histórica retratada nos versículos 14 a 18.

Por outro lado, a descrição nos versículos 19 a 20 é aparentemente tão enfática que parece sugerir algo além da destruição de Jerusalém. A tribulação é tão severa que "não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, ninguém se salvaria" (v. 20). Há um eco aqui de Daniel 12.11s, onde "o contexto do sacrilégio desolador marca a inauguração de um período substancial de sofrimento e apostasia.

É um período que exige perseverança extrema".[1] Um remanescente de crentes sobrevive porque o Senhor abrevia esses dias de tribulação sem paralelo, dos quais eles não poderiam aparentemente escapar (em contraste com a ordem do v. 14c). A linguagem aqui é escatológica, pois tem em vista o fim do mundo.

No Novo Testamento, a palavra *thlipsis* ("angústia," "tribulação," "aflição"; 4.17; 13.19, 24) é usada em referência a aflições que são "normais" nesta era (13.6-13) e foram experimentadas pela igreja primitiva (por exemplo, At 11.19; 2 Co 1.4, 8.2; 1 Ts 1.6; 3.3). A história continua sendo cena de conflito até a consumação escatológica. Os dias de *thlipsis* mencionados aqui, no entanto, não são iguais aos eventos anteriores ou subseqüentes. No contexto das citações de Daniel, esta tribulação "anormal " pertence ao período de catástrofes extremas antes da salvação final. É chamada de "a grande tribulação" no discurso paralelo em Mateus 24.21, como também em Apocalipse 7.14.

Esta passagem não é nem exclusivamente histórica nem exclusivamente escatológica: os dois aspectos se mesclam numa tensão dinâmica. Ela aponta para outros julgamentos divinos por vir ao longo do período inaugurado então, enquanto que aponta simultaneamente para a grande tribulação escatológica que é o prelúdio imediato do fim. Para o leitor moderno, então, o cumprimento desses versículos é tanto passado, presente como futuro.

O período inteiro da história que segue o julgamento no Templo é caracterizado por aflição para a humanidade em geral (13.5-8), e por perseguição da igreja que cumpre sua missão entre todas as nações (13.9-13). A ruína de Jerusalém retrata outros julgamentos divinos por vir sobre os pecados na igreja, e sobre falsos profetas e falso cristos. O "anticristo" vai sempre de novo encarnar em homens arrogantes e profanos. *Mas Deus não abandonou esta era maligna.*[2] Ele é soberano sobre a história.

**13.21-23** - Falsos messias e falsos profetas explorarão o desejo das pessoas de escapar das dificuldade, prometendo segurança. Eles apresentarão suas palavras e sinais visíveis contra as palavras de Jesus e sua recusa de mostrar um sinal (8.11s; 15;32). Reivindicarão que o Cristo já está presente (em contraste com a descrição do aparecimento dele, dada em 13.24-27). Eles visarão enganar principalmente os eleitos (13.5s).

---

[1] David Wenham, 132.
[2] Ladd, *Theology,* 203.

Esta parte do discurso (vv. 5-23) termina com o versículo 23. Ela encerra como iniciou: "Estai de sobreaviso" (*blepete).* Em resposta à pergunta dos discípulos (v. 4), Jesus acrescenta, "tudo vos tenho predito".

Mas o que, exatamente, foi revelado? O propósito do discurso foi esclarecido. Ao longo dele, Jesus exorta seus seguidores a estarem alerta por causa dos enganadores. Ele encoraja os crentes a perseverar no meio das circunstâncias mais adversas. Ele lhes assegura que Deus está cumprindo seus propósitos e ordena que eles cumpram sua missão para com todas as nações.

*Notas*

**v. 19 -** Dn 12.1 também assegura que Deus vai livrar um remanescente fiel do seu povo nos dias do juízo.

**v.22** - Falsos profetas e falsos milagres são consistentemente denunciados nas Escrituras, desde Dt 13.1-5 até Ap 13. São colaboradores de Satanás, o grande "imitador" (cf. 1 Jo 4.1ss; 2 Ts 2.1-12).

## A SEGUNDA VINDA DO FILHO DE HOMEM 13.24-27

Tendo revelado as coisas que têm que preceder o fim desta era (vv. 5-23), o discurso agora volta-se para o assunto do fim dos tempos (vv. 24-27).

**13.24s** - Jesus ensinou que Deus é o criador e Sustentador do universo, como revelado no Antigo Testamento. Os discípulos sabiam, por exemplo, que o rompimento dos processos na ordem dos planetas estava além da habilidade humana. Se tal coisa acontecesse, seria resultado da atuação do próprio Deus operando, interrompendo o curso normal de história para fazer algo absolutamente singular.

A partir de imagens do Antigo Testamento, Jesus diz:

"*o sol escurecerá,*
*a lua não dará a sua claridade,*
*as estrelas cairão do firmamento,*
*e os poderes dos céus serão abalados* "*.*

A significância de uma revolução de tal magnitude deve ser extraordinária. Os profetas empregaram expressões semelhantes para indicar os atos de julgamento e de bênção da parte de Deus. Jesus os usa para significar a culminação dos julgamentos falada em 13.6-23, que introduz a bênção identificada nos versículos 26 e 27.

**13.26s** - O Filho do homem será visto pela humanidade quando vier nas nuvens. Ele é o rei do universo que recebe poder soberano do "Ancião de Dias" (Dn 7.13f). Todos os atributos divinos irradiam agora do Filho do homem, porque a glória dele é a do único Filho de Deus.

Jesus assegura o reajuntamento prometido dos judeus dispersos (Dt 30.4; Is 11.12; 27.12s) para incluir os eleitos de todas as nações. O laço comum entre eles é a pessoa de Jesus Cristo. Embora o juízo de Deus tenha caído

sobre Jerusalém e o Templo, nos eleitos se inclui o remanescente fiel de Israel. O novo povo de Deus inclui judeus e gentios. O ponto focai não é mais o Templo, o símbolo visível da unidade nacional (cf. At 2.9ss). O Filho de homem traz a realização plena do reino de Deus.

A soma dessas declarações não deixa nenhuma dúvida sobre a pessoa de Jesus, o Filho de homem: ele é o próprio Filho de Deus. Ao longo de seu ministério terreno, a sua auto-revelação aos discípulos foi se tornando progressivamente mais clara. Dentro de pouco tempo, usando termos semelhantes (14.62), Jesus revelará sua identidade às autoridades religiosas judaicas.

Marcos introduz três outras ocasiões (cf. 8.38; 9.7; 14.62) nas quais Jesus prediz seu retorno em poder e glória. Sem estas referências sobre sua *parousía,* seria impossível obter uma compreensão adequada de quem Jesus é. Assim, temos um vislumbre antecipatório da grandeza e esplendor do Filho de homem antes de ver sua humilhação retratada em Marcos 14 e 15.

*Nota*

• A mudança da segunda pessoa do plural, nos versículos 5 a 23, para a terceira (o impessoal "verão") pode estar sinalizando um lapso de tempo entre aquela geração e *a parousia.* O verbo sugere que sua volta será um evento universal.

## A CRONOLOGIA DOS EVENTOS 13.28-37

Até este ponto, Jesus descreveu as coisas que têm que acontecer antes da segunda vinda do Filho de homem (13.5-23) e o evento em si (13.24-27). Agora ele concentra a atenção na seqüência cronológica destes eventos. Primeiro, ele fala sobre os eventos relatados nos versículos 5 a 23, depois do drama escatológico descrito nos versículos 24 a 27.

O discurso conclui com duas declarações contrastantes, cada uma com sua própria parábola. Nos versículos 28 a 31, "sabei" é repetido duas vezes *(ginosko,* vv. 28s). O versículo 32 muda o tópico de "estas coisas" e "tudo isso" (vv. 29s) para "daquele dia ou da hora", discutindo a última expressão sob um triplo "não sabeis" *(oida,* vv. 32, 33 ,35). O que é "sabido" e o que "não é sabido" distinguem essas duas unidades claramente.

Jesus não está interessado em satisfazer a curiosidade sobre o futuro. Ele abre e fecha a conclusão dupla com exortações: "Aprendei" e "Vigiai".

## O TEMPO "CONHECIDO" 13.28-31

Calamidades e tribulações caracterizam o período inteiro da era de igreja e trazem sofrimento em geral à humanidade e perseguição para o povo de Deus (vv. 5-23). Isso não é o fim. Mas aponta para a vinda do Filho do homem.

**13.28s** - Ao contrário da maioria das árvores na Palestina, a figueira perde suas folhas no inverno e parece estar morta. Mas "quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão". Com essa parábola, Jesus está ensinando que, quando "virdes acontecer estas coisas" (i.e., as dificuldades relatadas nos vv. 5-23), certamente a consumação (vv. 24-27) está chegando. Isso é tão certo quanto os brotos sinalizam a chegada do verão.

Pelo ano 70 A.D., a geração dos contemporâneos de Jesus tinha experimentado muitas das dificuldades mencionadas por Jesus. Para Israel, a destruição do Templo era, de certa forma, "o dia do Senhor", pois Deus tinha agido em julgamento. Embora o cumprimento das profecias de Jesus indiquem que o Senhor está "próximo, às portas", elas não dizem quanto tempo o período de aflições vai durar.

Nos moldes dos profetas de Antigo Testamentos, um ato de Deus na história era compreendido como uma antecipação do dia escatológico do Senhor. Da mesma maneira, a profecia de Jesus acerca do juízo sobre Jerusalém é o ponto de partida, refletindo o julgamento escatológico ao final desta era. O histórico e os eventos futuros são mantidos em tensão dinâmica (como em 13.19s). Ladd [1] explica, dizendo que "O histórico é descrito em termos escatológicos e o escatológico em termos históricos".

**13.30-31** - A geração de Jesus não morreu antes de experimentar o julgamento histórico, mas isso não exaure a profecia. "Geração" tem um significado escatológico como também um ponto de referência histórico. Esta geração (cf. 8.12, 38; 9.19) continua habitando a terra e, ao término desta era, experimentará a abominação que causa desolação, completando o cumprimento desta profecia.

Da perspectiva bíblica, os atos redentores de Deus em Jesus Cristo — da encarnação até a *parousía* — são vistos como um só evento. Portanto, desde a encarnação, vivemos nos últimos dias.

Jesus confirma e reconfirma (30a e 31) a veracidade das suas palavras. A autoridade dos profetas dependia do transmitir o "assim diz o Senhor". Jesus, porém, reivindica autoridade pessoal soberana com o seu *amém lego hymin* ("Em verdade vos digo"; cf. 3.28). "As minhas palavras não passarão" (v. 31) é uma afirmação cristológica: Jesus está reivindicando o que é dito das palavras de Deus no Antigo Testamento: elas permanecem para sempre" (Is 40.8).

## O TEMPO "DESCONHECIDO" 13.32-37

"Aquele dia" é terminologia do Antigo Testamento para o fim desta era, o dia do Senhor vindo em juízo e bênção. Apesar da natureza da *parousía* ser manifestada (vv. 24-27), sua época precisa não é revelado. É um segredo de Deus Pai.

Depois de indicar várias das prerrogativas divinas do Filho de homem (vv. 24-27, 30s), Jesus declara um de seus atributos verdadeiramente humanos:

[1] Ladd, *Presence,* 323s.

ele compartilha as limitações humanas a respeito do conhecimento. Essa limitação revela alguma coisa da glória da encarnação e não diminui sua autoridade superior. Ao mesmo tempo, ele afirma sua relação filial: como Filho, ele submete sua vida e ministério aos propósitos do Pai (cf. 8.31; 10.40; 14.32-42). Ele sabe que *a parousía* é fato ordenado por Deus; a época, porém, ele deixou inteiramente com o Pai. Como representante da humanidade, o Filho de homem vive pela fé.

Por meio de uma parábola, Jesus conclama a seguir seu exemplo de confiança no calendário misericordioso de Deus. Exortações quanto à vigilância (vv. 33, 37) emolduram o encorajamento que ele dá para se ter esperança e permanecer fiel em meio a incertezas. O discurso no monte das Oliveiras chega a seu clímax e conclusão no ensino claro desta parábola.

Preparando os discípulos dele para sua ausência, Jesus os lembra de uma cena familiar. Antes para partir para uma jornada, o dono de uma casa dá responsabilidades a cada um dos seus servos. A falta de conhecimento sobre quando o mestre voltará não é desculpa para que não cumpram seu dever.

Com estas palavras, Marcos encerra outra divisão principal do Evangelho dele (caps. 11 a 13) nos quais mostrou como a liderança do Templo em Jerusalém era irreverente nos rituais (11.15s), confusa na teologia (11.27-12.37) e corrompida na ética (12.38-40). Sua rejeição do Filho do dono da vinha (12.1-12) exigiu a destruição do Templo, símbolo da presença de Deus. O novo povo de Deus tem a responsabilidade de pregar o evangelho para todas as nações, apesar do custo (11.17; 13.10,32-37). Com isso, Jesus encerra seu ensino formal para os discípulos.

Os capítulos seguintes (14-16) relatam como as autoridades religiosas fazem o que planejaram (11.18; 12.9, 12; 14.1) e Jesus tinha predito (8.31s; 9.31; 10.33ss). A morte e ressurreição de Jesus são a garantia do retorno do Filho do homem em grande poder e glória.

## SOFRIMENTO, MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS -14.1-16.8

Jerusalém está cheia de peregrinos que vieram de longe para celebrar a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos (sem fermento). A representação vivida da libertação histórica do Egito estimula expectativas messiânicas. As autoridades romanas trazem forças de ocupação de Cesaréia e preparam-se para esmagar qualquer insurreição. Jerusalém está sob forte tensão.

A determinação das autoridades religiosas de matar Jesus é fomentada por suas ações e debates no Templo (caps. 11-12). As armadilhas contra ele desdobram-se paralelamente à própria preparação de Jesus para sua morte e ressurreição.

Os discípulos aparentemente se esquecem da advertência de Jesus sobre "Vigiar" (13.37). Apesar de seus esforços, eles não estão preparados para sua morte. Outros cumprem os papéis que eles abandonaram.

Marcos identifica estes eventos históricos como o cumprimento das predições de Jesus. Ele acentua seu significado teológico e estabelece a conexão entre a paixão de Jesus e o Festa da Páscoa. Os eventos desenrolam-se de acordo com os propósitos de Deus, como revelados no Antigo Testamento (com ênfase especial em Isaías 53 e nos Salmos 22 e 69). Em sua morte, Jesus é revelado e reconhecido como o Filho de Deus.

A ressurreição é enfatizada como parte inseparável da paixão e do evangelho. A narrativa, porém, não termina com a ressurreição; vai mais além. Como Jesus cumpre seu papel messiânico, seus seguidores devem cumprir seu papel como discípulos. A unidade do Evangelho de Marcos e demonstrada nos temas principais que aparecem ao longo da narrativa, culminando nos últimos capítulos.

*A . OS PREPARATIVOS PARA MORTE DE JESUS 14.1-42*

As autoridades religiosas judaicas percebem que o conflito delas com Jesus alcançou um ponto sem retorno. Jesus deve ser morto se eles quiserem preservar o Templo e seus rituais. O prestígio pessoal deles e tudo que têm jurado manter estão em jogo. Quando e como Jesus será morto se torna a prioridade número um.

Com o cenário da Páscoa ao fundo, Jesus alerta seus discípulos para a traição que se aproxima, sua morte e ressurreição; mas os resultados são desanimadores. Com seu Pai, ele finaliza sua preparação pessoal para a paixão.

## PREPARATIVOS DOS INIMIGOS E DE UMA AMIGA 14.1-11

As autoridades religiosas querem matar Jesus, as pessoas comuns simpatizam com ele, uma mulher anônima o unge, e um dos doze o trai. Com esse resumo de várias reações a Jesus, Marcos confronta o leitor com a necessidade de tomar uma posição; ninguém pode ficar neutro diante de Jesus.

## SACERDOTES CONSPIRAM PARA PRENDER JESUS 14.1-2

A contagem regressiva começa com os principais líderes e mestres da Lei procurando um modo de prender Jesus, por meio de acusações falsas, e de levá-lo à morte. Se ele fosse preso no Templo durante os dias de Festa, as pessoas poderiam se revoltar, pois a influência de Jesus já havia se espalhado (cf. 12.37b).

*Nota*

**v. 1 -** No tempo de Jesus, a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos tinham sido reunidas numa única "Festa da Páscoa" com a duração de sete dias.

## UMA MULHER UNGE A JESUS 14.3-9

Jesus desfruta comunhão à mesa em Betânia (11.1,11s). Seu anfitrião é o Simão o Leproso, um homem que conheceu a rejeição mas tinha achado em Jesus um amigo dos socialmente marginalizados. A tranqüilidade do jantar é abalada por uma mulher que se aproxima de Jesus, quebra um jarro de alabastro e derrama seu caro perfume na cabeça de Jesus.

Há uma comoção geral: "Para que este desperdício?" (v. 4). Outros dizem que dar aos pobres é muito mais proveitoso. Esta, de fato, é uma obrigação sagrada, especialmente durante a Páscoa (cf. Jo 13.29). Como o sentimento da maioria era de condenar o ato da mulher, eles dirigem sua indignação contra a ela.

Contudo, Jesus vem em sua defesa, declarando: "Ela praticou boa ação para comigo" (v. 6). Embora ela pudesse ter guardado esse perfume como herança familiar, escolheu fazer o que ela podia para Jesus. Ela não mediu o custo deste ato de devoção amorosa para com seu Senhor. Ela dá o melhor que tem a ele que está a ponto de dar sua vida por ela. Ela sabia que o segundo mandamento (12.31) é transcendido pela responsabilidade principal dela (12.30). Preocupar-se com os necessitados é só uma parte do que significa amar a Deus.

O texto não explica por que ela escolhe expressar sua devoção para com Jesus deste modo. O ungir a cabeça era uma cortesia comum. Previamente ungido pelo Espírito no batismo (1.10), Jesus é ungido agora por uma mulher na casa de um marginalizado. Será que ela percebe que ele o Messias?

Mesmo que a motivação da mulher não é declarada, Jesus afirma que esse é um ato oportuno pelo qual ela seria lembrada. Jesus não permaneceria para sempre no meio deles. A ação dela na verdade serviu como preparação para o seu sepultamento, porque Jesus sabia que logo morreria por meio de mãos violentas (10.33s; cf. Is 53.9) e seria sepultado sem cerimonial algum e sem ser ungido. A dedicação dela para com Jesus serve com exemplo de discipulado autêntico àqueles que se preocupam com outras coisas (cf. 9.34; 10.37).

Jesus declara solenemente *(amém;* 3.28), que onde quer que o evangelho seja pregado em todo mundo o ato desta mulher seria lembrado. Jesus vê além do seu sepultamento e ressurreição. Ele vê a expansão global do evangelho.

*Nota*

**v. 3 -** O nardo é um óleo aromático extraído de uma raiz nativa da Índia, usado para perfumar a cabeça e os cabelos e para ungir os mortos (16.1). Seu valor (equivalente ao salário de um ano) indica que deve ter sido uma herança de família, passada de mãe para filha.

## UM DISCÍPULO CONSPIRA CONTRA JESUS 14.10-11

O sumo sacerdote recebe uma ajuda inesperada em seus planos de prender e matar Jesus (14.1s), possivelmente em resposta a seu apelo por informações (Jo 11.57). Judas Iscariotes, um dos doze, oferece a oportunidade que as autoridades estavam buscando. Elas não precisam esperar até que a festa termine (cf. 14.2).

Judas e os principais sacerdotes exercitam sua livre vontade; e são responsáveis por suas ações deliberadas. Ao mesmo tempo, Deus previu isso (Zc 11.12s), controlando o momento e coordenando tudo de acordo com seus propósitos. A forma passiva *deparadidomi* (cf. 1.14; 9.31; 10.33) no versículo 10, sugere que é Deus, em última instância, que entrega Jesus à morte.

## A CEIA PASCOAL 14.12-26

Enquanto "os de fora" se preparam para a morte de Jesus (14.1-11), Jesus e os discípulos preparam-se para comerem a ceia da Páscoa. Jesus dá significado novo a essa festa tradicional que dramatiza o passado e o futuro de Israel. Ela, agora, retrata o significado de sua morte substitutiva que ratifica a Nova Aliança. Este ato de comunhão à mesa feito por Jesus é emoldurado pelas predições da traição e deserção de seus seguidores mais achegados.

A medida em que a prisão e a Crucificação de Jesus se aproximam, raios luminosos de sol entram pelas nuvens da tempestade. Com numerosos apelos ao Antigo Testamento, Jesus explica o propósito de sua morte e olha além, para a ressurreição, e a consumação do reino de Deus.

## OS PREPARATIVOS PARA A PÁSCOA 14.12-16

Uma das quatro festas anuais mais importantes em Israel, a Páscoa aponta para a redenção de Deus enquanto relembra a libertação de Israel da escravidão egípcia. Marcos cuidadosamente une estes eventos com a refeição da Páscoa que inicia a semana de celebrações (vv. 1, 12, 14, 16). É uma celebração familiar e requer dias de cuidadosa preparação. A casa é limpa para remover completamente o vestígio de qualquer fermento; a comida, o vinho e as ervas são obtidas com antecedência. Na tarde anterior à própria refeição, o cordeiro da Páscoa é morto e assado e a refeição é preparada.

Normalmente, os discípulos são responsáveis pelos preparativos para que seus mestres possam observar a Páscoa. Assim, os discípulos de Jesus se colocam à sua disposição. Ele, então, envia dois deles a cidade com instruções específicas. O dono da casa onde eles comemorarão a festa já tem quase tudo pronto (v. 15). Os dois discípulos dão os toques finais (v. 16).

*Nota*

**v. 12 -** Marcos não registra tudo aquilo que acontece na ceia de Páscoa, nem Jesus segue todos os detalhes de sua observância tradicional. Ele acrescenta novos elementos que dão ênfase à Nova Aliança.

• No primeiro dia da festa dos Pães Asmos, um cordeiro é sacrificado em preparação para a ceia da Páscoa (v. 12). Enquanto Marcos não elabora no tema de Jesus como o Cordeiro de Páscoa, isso está implícito na interpretação nova que Jesus dá à última ceia.

## A TRAIÇÃO É ANUNCIADA 14.17-21

Ao pôr-do-sol, que inicia a sexta-feira judaica, Jesus celebra a Páscoa com os discípulos. Este é o ato de comunhão à mesa mais importante no ano. Jesus é o anfitrião, porque ele é o chefe da nova família (3.34s). Nesta última reunião com os doze, Jesus prevê o que acontecerá durante as próximas vinte e quatro horas, depois da ressurreição (v. 28), e depois de sua ausência (v. 25). Ele é crucificado e é sepultado antes deste dia terminar (15.42ss).

A noite da Páscoa regularmente começa com uma bênção inaugural e oração, seguidas por um prato de ervas amargas e molho e o primeiro cálice de vinho. Em seguida, a instituição da Páscoa é recontada, Deus é louvado pela salvação realizada no Egito, cantam a primeira parte (Sl 113-114) do *Hallel* (o novo cântico da redenção futura) e bebem um segundo cálice de vinho. Tudo isso é a introdução à refeição (14.22).

Jesus, provavelmente, segue esse padrão de observância geral, com duas variações. Primeiro, ele prediz a traição por um dos doze (vv. 18-21), e durante a própria ceia, dá novo simbolismo ao pão e o vinho (vv. 22-25). Ele começa e conclui suas afirmações com *amem* ("em verdade vos digo"; vv. 17, 25), a garantia solene da certeza de suas palavras (cf. 3.28; 14.30).

Previamente (9.31; 10.33), Jesus dissera que seria traído. Agora ele declara especificamente que será traído *por um amigo.* O ar de tranqüilidade e aceitação mútua que caracteriza o compartilhar uma refeição é rompido por essas palavras. O traidor não é nomeado; pelo contrário, a ênfase está na participação dele na comunhão como um dos doze. Abalados e entristecidos com isso, os discípulos estão confusos. Cada um preocupa-se com a acusação como se fosse contra si. Um a um perguntam: "Porventura sou eu?" (v. 19). Sua autoconfiança fora abalada.

O traidor participa cumprindo o plano de Deus. Ele o faz por livre vontade, não como um robô. Não obstante, Jesus o adverte de que ele será julgado por seu ato. A soberania divina não diminui a responsabilidade humana. O traidor, porém, agrava a sua ofensa ao permanecer e compartilhar da refeição como se ele não tencionasse nenhum mal para Jesus.

*Notas*

**v. 18 -** A Páscoa era, geralmente, comida com pressa, de pé (Ex 12.11). Agora, entretanto, o costume, até mesmo entre os pobres, era o de reclinarem-se durante a refeição festiva como sinal de libertação da escravidão.

**v. 21 -** As palavras "como está escrito" não se referem a uma passagem específica, mas meramente indica que o sofrimento do Filho do homem é parte

do plano de Deus, como passagens tais como Is 53 e o Sl 41 apontam (Hurtado, 225).

## A CEIA DA ALIANÇA 14.22-26

"Esta cena é um dos pontos teológicos mais vibrantes no Evangelho de Marcos. Aqui Jesus interpretará o significado último da sua morte".[1] Além disso, ele olha além da morte, confiante na consumação do reino de Deus, apesar da traição e da deserção dos discípulos (vv. 18-21; 27-31).

**14.22** - Como sempre, Marcos não preenche os detalhes. Provável Jesus levanta-se da posição reclinada e, como chefe da "família", recita a oração judaica habitual: "Bendito seja o Senhor, nosso Deus, rei do universo, que faz a terra dar o seu fruto". Os discípulos respondem, "Amém", declarando sua unidade com a bênção.

Segundo a tradição judaica, Jesus quebra o pão e o oferece a sua "família". Todavia, ele dá a esse ato um significado novo ao dizer: "Tomai, isto é o meu corpo" (v. 22). Ele não olha para trás, para o Egito, mas adiante para a própria morte, algumas horas adiante e declara: "Eu estou me dando a vocês". Ele convida seus seguidores a tomar parte em todos os benefícios que ele vai assegurar com o seu sacrifício pelo povo da nova aliança.

**14.23-24** - Marcos relata, resumidamente, a distribuição do terceiro cálice (v. 23) para se concentrar na magnitude de seu significado, como expresso nas palavras de Jesus, "Isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos" (v. 24). Na noite histórica da primeira Páscoa, a redenção do povo de Deus da escravidão foi simbolizada pelo sangue do cordeiro (Ex 12.21-28), sendo mais tarde a aliança de Deus com Israel, no Sinai, ratificada com sangue (Ex 24.8). Jesus anuncia uma *nova aliança* a ser selada com sangue. Essa, porém, não é confirmada com p sangue de animais; é tornada efetiva pelo próprio sangue de Jesus (cf. Hb 9.15, 20). Uma vez que o sangue é vida, ele declara que está dando a si mesmo. Além disso, seu sangue será derramado, indicando que ele morrerá uma morte violenta.

Tanto aqui como em 10.45, Jesus se identifica claramente como o "Servo Sofredor" de Isaías 52.13-53.12. Ele se entrega como um substituto, e sua morte produz expiação pelo pecado. O próprio Jesus é o sacrifício.

A nova aliança prometida por Deus, por intermédio de Jeremias (31.31), está próxima de ser estabelecida. Agora, como em Marcos 10.45, Jesus afirma que sua morte é "em favor de muitos" (v. 24). Esses "muitos" são a comunidade redimida que experimentou a remissão de seus pecados pelo sacrifício de Jesus e, assim, lhes é permitido participar na salvação oferecida pela nova aliança. Nas declarações de Jesus sobre o pão e o vinho (corpo/sangue), sua ênfase é a mesma: *ele dá a si mesmo.*

*Notas*

[1] D. Senior, 53

**v. 24 -** Uma aliança é um tratado ou acordo entre duas partes, tal como aquela estabelecida por Deus com Israel no monte Sinai. O sacrifício de animais era necessário para selar o pacto no Sinai (Ex 24.1-8); "o sangue da aliança" (i.e., a morte de Jesus) é o sacrifício por meio do qual a nova aliança é feita (1 Co 11.25; 2 Co 3).

•"Muitos" *(polloi)* é uma expressão semítica cujo sentido é um grande número ou todos (cf. 10.45).

**vv. 22-24 -** O pão e o cálice, naturalmente, não eram literalmente o corpo e o sangue de Jesus, pois ele estava presente fisicamente com os discípulos quando disse essas palavras.

•A refeição da Páscoa era uma parábola dramatizada. Jesus não a transfigura para o literalismo; antes, ele mantém o seu simbolismo. A Ceia olha para frente, para a morte que  e aproxima. Seus elementos se tornam lições objetivas para explicar a nova aliança.

**14.25 -** Na conclusão da Ceia, Jesus adiciona a metáfora da "festa de casamento real".  Aquele dia", quando o reino for completamente consumado, Jesus juntará sua "família" novamente, e comerá o pão e passará o cálice da bênção para os seus.

Com a palavra "jamais, Jesus reafirma sua decisão de se submeter à vontade de Deus no sofrimento. Com igual convicção, ele sabe que a morte não é o fim. Sua ausência é só "até àquele dia". Para Jesus, essa frase antecipa seu retorno triunfante (13.24-27, 32).

**14.26**- A comunhão à mesa normalmente terminava com o entoar da segunda metade dos Salmos de *Hallel,* responsivamente, i.e., um canta o texto e os outros respondem com "Aleluia!" Jesus faz das palavras destes Salmos sua própria oração de ação de graças e louvor.

Jesus deixa a cidade velha com os discípulos e vai para o Monte das Oliveiras.

## PROFECIAS E NEGAÇÕES DE ABANDONO 14.27-31

Jesus havia feito várias tentativas de despertar seus discípulos para os perigos que estão à frente. Ele ensinou que alguns que recebem a palavra depressa e com alegria, mas logo a abandonam, quando surgem as aflições (4.16s). Ele os exortou a fazerem todo esforço para evitar que o "ego"deles tenha primazia (9.43-47).

**14.27-28** - Jesus faz, agora, uma última tentativa de prepará-los, e anuncia que "Todos vós vos escandalizareis". Esta profecia é apoiada numa alusão a Zacarias 13.1-9, que descreve o juízo de Deus sobre a nação e conduz à purificação do pecado (v. 1) e à criação do povo da nova aliança (v. 9). No processo, o pastor, "o homem que é o meu [do SENHOR] companheiro" (v. 7),

será golpeado e as ovelhas espalhadas. Só um remanescente sobreviverá às severas provações antes de compartilhar das bênçãos do povo de Deus

Jesus se identifica como "o meu pastor" da profecia de Zacarias. Este não é um líder qualquer, mas, nas palavras de Joyce Baldwin,[1] "dádiva do Senhor para o seu povo, alguém que habita ao lado do Senhor, como seu igual". Em conexão com isso, Jesus declara novamente que morrerá sob o julgamento de Deus (cf. 10.38ss e 14.36), enquanto dá sua vida como resgate por outros (10.45). Sua morte está de acordo com a vontade do Senhor (Is 53.10), uma parte da "necessidade divina" (8.31; 14.21).

Como um pastor preocupado com suas ovelhas, Jesus também aplica a profecia de Zacarias para os discípulos. Ele lembra sua vulnerabilidade e lhes diz que, como ovelhas, fugirão em pânico quando o pastor for morto. Eles falham diante da provação (4.17); dentro de algumas horas se dispersarão. O fracasso deles, porém, não afetará os propósitos de Deus.

Jesus se apressa em acrescentar que nem sua morte nem a fuga deles será definitiva. Ele ressuscitará dos mortos e irá antes deles para a Galiléia. O Senhor ressurreto reunirá os discípulos que foram purificados nas provações e os conduzirá em sua missão para todas as nações.

**14.29-31** - Pedro não presta atenção à promessa de Jesus de ressurreição e reunião. Ele protesta contra a afronta implícita à sua lealdade a Jesus. Ele se considera uma exceção; não falhará.

A resposta contundente de Jesus começa com o *amem* ("Em verdade te digo"). Ele fala diretamente a Pedro: "hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu (enfático) me negarás três vezes". Os outros vão falhar; mas, a falta de Pedro é maior. Em sua resistência em negar a si mesmo (8.34), ele persistirá negando Jesus. Nas palavras de Schweizer:[2] "Aquele que se sente seguro e se considera diferente de todos os outros cairá ainda mais profundamente".

Pedro previamente (8.32) rejeitara a idéia de Jesus sofrer; agora ele não só aceita a morte como uma possibilidade para Jesus mas também para si mesmo. Ele rejeita veementemente, porém, a idéia de negar a Jesus. Os outros discípulos colocam-se ao lado de Pedro, contradizendo Jesus como se conhecessem o futuro melhor do que ele.

## GETSÊMANI 14.32-42

As preparações para a morte de Jesus dominam a narrativa da paixão. Nela Marcos tece cuidadosamente os vários elementos históricos e teológicos introduzidos nos capítulos anteriores. Depois focalizar os "de fora" e os discípulos, Marcos agora volta o holofote para o próprio Jesus. Emoldurada pela profecia sobre o abandono e sua realização, a cena do Getsêmani apresenta Jesus enfrentando sozinho a hora da crise.

---

[1] J.G.Baldwin, *Haggai, Zechariah, Malachi,* 197s.
[2] E.Schweizer, 308.

Em profunda angústia, Jesus ora, porque a sua preparação pessoal flua da comunhão com o seu *Abba* (Pai). Andamos em solo sagrado ao contemplarmos o Pai e Filho e percebemos novas perspectivas sobre eles e o propósito de Deus.

**14.32-36** - Jesus e os seus discípulos sobem as ladeiras que conduzem ao monte das Oliveiras, até um lugar de reunião chamado Getsêmani. Ele vem orar, e também instrui seus seguidores no tema da oração. Marcos, porém, concentra nas três ocasiões em que Jesus ora sozinho, à noite, em momentos críticos no seu ministério (1.35; 6.46 e aqui). Esses eventos são fundamentais para a compreensão da identidade e missão de Jesus.

A terceira narrativa de Marcos sobre a oração de Jesus é distinta, porque ele descreve a condição de aflição em que Jesus se encontra e a substância de sua oração. Desse modo, ele acentua a importância suprema do tempo de Jesus a sós com o Pai nesta noite de Páscoa.

Jesus leva somente Pedro, Tiago e João consigo. Esses três tinham testemunhado o poder de Jesus sobre a morte (5.37-43) e uma visão prévia de sua glória (9.2-8). Agora eles vêem Jesus muito diferente de todas as experiências anteriores. Como Marcos descreve, Jesus começa a sentir-se "tomado de pavor e de angústia" (v. 33). Além disso, o próprio Jesus confessa a luta da sua alma: "a minha alma está profundamente triste até à morte" (v. 34). A humanidade de Jesus é muito evidente à medida que, com transparência de coração, ele conta para os discípulos da aflição profunda que está quebrantando sua alma.

Jesus não procura nestes discípulos conforto e apoio, embora Pedro (14.29) Tiago e João (10.35-39; 14.31) tivessem declarado sua prontidão para enfrentar qualquer coisa com ele. Eles não demonstraram habilidade para ajudar a Jesus nem intercedem por ele.

O próprio Jesus está vigiando enquanto enfrenta a cruz. Ainda assim se preocupa com eles e diz: "ficai aqui e vigiai" (v. 34b). Eles também precisam estar alerta contra os perigos espirituais e físicos que possam surgir. Contudo, eles pegam no sono; e já que não enfrentam a inigualável crise de Jesus, eles não estão preparados para as provações pelas quais teriam de passar (por exemplo, 8.34-38; 10.38s; 13.9-13; 14.27-31).

Na intensidade da sua angústia, Jesus se volta para Deus em oração. Ele sabe que este conflito não é uma charada mas uma luta de vida e morte. As tentações que começaram no deserto (1.12s) continuam, testando-o profundamente. Nós ganhamos perspectiva adicional da profundidade da humanidade de Jesus quando o vemos continuar sozinho e prostrar-se em súplica diante de Deus. Marcos prepara o leitor para o grande impacto do teste de Jesus, declarando a essência de sua oração: "se possível lhe fosse poupada aquela hora" (v. 35).

*Abba,* Jesus diz, utilizando a forma diminutiva do termo aramaico para "pai", a fim de expressar o âmago de sua relação com Deus. Ele fala a Deus "como uma criança com seu pai: confiantemente e com firmeza, e ainda, ao mesmo tempo, reverente e obedientemente".[1]

[1] J.Jeremias, *Theology,* 67.

Subjugado pela própria fraqueza, ele confia sua vida ao Pai como o Deus Soberano para quem "tudo é possível" (v. 36). Durante esta prova extrema de sua fé, quando o próprio reino está em jogo, Jesus é um exemplo para aqueles a quem ele encoraja (em linguagem quase idêntica) a confiar em Deus, para quem " tudo é possível" (9.23; 10.27).

Ainda assim, Jesus não recua diante da perspectiva da morte. Contemplando este cálice de ira, Jesus experimenta a luta interna de sua vontade, pois é humano. Em lugar de esconder do seu *Abba* sua repulsa, ele ora: "passa de mim este cálice" (v. 36). Isto não é, porém, uma demanda; é um pedido baseado na condição "se possível". Então Jesus declara sua lealdade inegociável à vontade de Deus: "contudo, não seja o que eu quero, e, sim o que tu queres". Esta é a oração genuína, um padrão para todos os que se comprometem a viver debaixo do domínio de Deus.

*Notas*

**v. 35 -** A "hora" refere-se ao sofrimento de Jesus nas mãos dos pecadores (v. 41), com ênfase nem sua agonia final na cruz.

- Sobre o uso de *Abba,* Jeremias diz: "*Não possuímos um único exemplo* do uso de *Abba* em relação a Deus no Judaísmo, mas Jesus *sempre* falou com Deus desse modo em suas orações" (J.Jeremias, *Theology,* 66, itálico do próprio autor).

**v. 36 -** O derramar-se da ira de Deus é descrita no AT como "cálice de atordoamento" (cf. Is 51.17, 22).

**14.37-40** - Ao retornar, Jesus encontra os três discípulos dormindo. Ele primeiro repreende a Pedro, possivelmente devido à ostentada confiança dele (v. 31). "Simão", ele diz, "não pudeste vigiar nem uma hora?". Então (mudando para o imperativo plural) ele adverte a todos: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação" (v. 38). Deus lhes oferece um modo para escapar quando entrarem em tentação (cf. 1 Co 10.13).

Em meio à sua prova sem igual, Jesus preocupa-se com os discípulos. Eles precisam vigiar e orar, pois também eles estão sendo tentados. Jesus os ensina (e à igreja) que a confiança na natureza humana falha e finita *(sarx,* "a carne" significa tudo aquilo seres humanos são espiritualmente sem Deus) conduz ao fracasso, apesar das melhores intenções. A dependência na vontade do Espírito Santo de Deus, porém, permite à pessoa vigiar e orar, superar a fraqueza humana e resistir ao diabo. Jesus conhece a debilidade humana, porque ele é completamente humano. Ele também sabe do poder capacita dor do Espírito, pois está cheio do Espírito (1.10).

Duas vezes mais, Jesus pede a mesma coisa. Mas Jesus confiantemente persiste e confirma seu compromisso consciente e deliberado de obedecer a seu Pai. Duas vezes mais o pastor (v. 27) procura pelas suas três ovelhas vulneráveis. Com os olhos pesados, eles dormem em lugar de orar. Eles parecem impossibilitados de perceber o que vai acontecer. Até mesmo no meio da própria agonia sem igual, Jesus continua instruindo-os na vigilância,

oração, e no Espírito como aspectos essenciais ao verdadeiro discipulado. Jesus oferece o modelo para a igreja exposta à tentação.

*Notas*

**vv. 37s -** A ordem de "vigiar" refere-se à "hora" do sofrimento e da morte do Filho. Em 13.33-37 a "hora" tem a ver com *a parousia.*

- A expressão "o espírito está pronto" vem do Sl 51.10-12, no qual a referência ao "Espírito Santo" é cercada pelas expressões "espírito inabalável" e "espírito voluntário".

**14.41-42** - Voltando pela terceira vez, Jesus os acorda e diz: "Basta! chegou a hora". Esta é a hora na qual ele beberá o cálice, e acrescenta: "o Filho de homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores". O clímax do seu ministério chegou.

Mesmo antes de Judas aparecer, Jesus diz aos discípulos, "Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima". Jesus sem hesitar vai adiante em direção à cruz. Com firme resolução, ele beberá o cálice e sofrerá o horror que ele temeu no Getsêmani. Esta é a vontade do Pai, e fazer a vontade de Deus é um compromisso inegociável (v. 36).

Jesus não mais falará de seu sofrimento; daqui em diante, ele sofre em silêncio, rompido apenas por duas confissões messiânicas (14.62;15.2) e as duas exclamações na cruz (15.34, 37). A preparação para o sofrimento e morte de Jesus está concluída; a paixão começa.

*B. JESUS É CONDENADO E CRUCIFICADO 14.43-15.47*

Com a cooperação de Judas, os líderes religiosos finalizam seus planos de prender a Jesus. No tempo que passou a sós com o Pai, Jesus completou sua preparação para a morte. Só os discípulos não estão preparados quando os guardas armados vêm prender Jesus. Os discípulos fogem enquanto ele é preso para ser julgado.

Marcos registra três "julgamentos" que acontecem entre a prisão e a Crucificação de Jesus. Os líderes religiosos e políticos interrogam Jesus no primeiro e no terceiro "julgamento". Embora desprezem uns aos outros, as autoridades judaicas e romanas formam uma coalizão que resulta na condenação de Jesus à morte por Crucificação. Apesar de cada julgamento representar um erro judicial, as alusões de Marcos ao Antigo Testamento tornam claro que Jesus está se dando como um resgate por muitos, de acordo com a vontade de Deus.

Esses dois interrogatórios emolduram o julgamento "informal" de Pedro. Marcos apresenta esses três "julgamentos" de tal modo que cada um complementa e interpreta os outros.

## JESUS É PRESO 14.43-52

Logo, a cena em Getsêmani muda da luta solitária de Jesus para sua prisão por uma multidão armada e sua traição nas mãos dos pecadores. Sua prisão e a fuga dos discípulos são apresentadas como evidência adicional da veracidade das predições de Jesus.

**14.43-50** - O traidor se aproxima. Judas tinha combinado entregar Jesus para as autoridades. Os principais sacerdotes, os doutores da lei e os anciões não vêem nenhuma necessidade adicional de esperar até depois da Festa (cf. 14.2), já que Judas oferece a oportunidade que eles aguardam. Assim Judas conduz um contingente de guardas do Templo, junto com servos do sumo sacerdote (v. 47). Jesus deve ser levado sem causar uma insurreição popular.

Judas saúda Jesus como "Rabi", e com um beijo, um gesto amigável de respeito, completa o sinal combinado para entregar Jesus. Ele rejeitou Jesus completamente, e se entregou para o mal.

Os homens armados prendem Jesus. Um circunstante golpeia e corta fora a orelha do criado do sumo sacerdote. Em contraste marcante com os soldados armados e seu autodesignado defensor, Jesus lhes responde com dignidade, armado apenas com sua palavra. Ele que se submete a Deus não resiste a ser entregue nas mãos deles, pois essa é a vontade de Deus para ele.

Jesus chama atenção à ironia de tomarem tais medidas drásticas contra ele. É ele um bandido (como aqueles em 15.27) ou um subversivo, como os métodos deles implicam? Com essa pergunta retórica, Jesus responde a afronta de Judas e reafirma seu papel como mestre. Ele recorda que tinha ministrado abertamente no Templo, sem nada esconder.

Com a primeiro golpe contra Jesus, dado por um amigo que "comia do [meu] pão" (Sl 41.9), todas as ovelhas fogem (cf. 14.27, 29). Estão incapacitados de aceitar o sofrimento como um requisito para a messianidade e para o discipulado (8.31-34).

*Notas*

**v. 43 -** Marcos apresenta os 3 grupos que compõem o Sinédrio (cf. 8.31; 11.27; 14.53, 55).

**v. 45 -** O costume ditava que pessoas de igual posição social se beijassem no rosto; que um discípulo beijasse a mão do mestre; o servo a mão de seu senhor; e o filho a mão do pai (Bailey, *Eyes,* 16).

**v. 49 -** A frase "Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando" sugere um ministério de duração maior do que 1 semana em Jerusalém.

**14.51-52 -** Quando Jesus está sendo levado, um jovem que o seguia foge em pânico e deixa sua capa para atrás. Desse modo, Marcos (o único que registra este incidente) enfatiza que Jesus fora abandonado por todos e chama os leitores dele a reexaminar a profundidade do seu compromisso de seguir Jesus.

É possível que este incidente seja a modesta assinatura do envolvimento pessoal do autor no evento histórico. Marcos não oferece maiores detalhes. Porém (como Alfred Hitchcock que aparece durante alguns segundos em cada

filme que ele dirigiu), Marcos " pinta um quadro pequeno dele no canto de sua obra. Talvez ele estivesse dormindo quando soube do que acontecia com Jesus no jardim . Só teve tempo de se cobrir com a capa e partir para o Getsêmani. Com isso, Marcos poderia estar dizendo que não era mais corajoso que o resto, mas pelo menos viu tudo acontecer.

## OS JULGAMENTOS DE JESUS 14.53-15.20a

Jesus é submetido a dois interrogatórios, um baseado em acusações religiosas, o outro em questões políticas. As autoridades judaicas rejeitam como blasfêmia a reivindicação de Jesus ser o agente especial de Deus e escarnecem dele como de um falso profeta. Depois de julgar a Jesus como um pretendente político, Pilatos o condena à morte. Os romanos zombam de Jesus, representando-o como um rei patético.

Entre essas duas narrativas, Marcos relata Pedro sendo interrogado sobre a relação dele com Jesus. Enquanto Jesus confessa corajosa e claramente sua identidade (14.62), Pedro está negando sua própria identidade como seguidor de Jesus (14.68-71).

Ao retratar o silêncio indefeso de Jesus, Marcos mostra que Jesus sofre deliberadamente e de boa vontade, completamente convencido de que a vontade de Deus está sendo cumprida. Nesses julgamentos, as próprias palavras de Jesus e as declarações irônicas dos outros participantes, servem para revelar com maior clareza quem Jesus é.

Tudo isso, também, prepara os leitores para entenderem a Crucificação e aceitarem a morte de Jesus como o resgate oferecido por eles (10.45; 14.22-24). Os primeiros leitores de Marcos experimentaram os mesmos tipos de provas que Jesus e Pedro sofreram. Como Pedro, cada crente é confrontado com sua própria escolha de negar a si ou negar a Jesus.

## A CONFISSÃO DE JESUS DIANTE DO SINÉDRIO 14.53-65

Já no início do relato, Marcos informa que os que interrogam Jesus não buscam a verdade, e sim evidências contra ele. Quando as falsas testemunhas não apresentam um caso coerente, o sumo sacerdote vai diretamente à questão sobre a identidade de Jesus. Pela primeira e única vez no Evangelho de Marcos, Jesus proclama abertamente ser o Messias de Deus, cujo destino é poder e glória. Assim, Jesus proporciona ao Sinédrio todas as evidências que buscavam para o condenarem à morte.

**14.53-54** - Jesus é levado ao palácio do sumo sacerdote para uma sessão urgente do Sinédrio, Suprema Corte dos judeus. Embora tenha fugido quando Jesus foi preso (v. 50), Pedro não desaparece completamente. Ele segue à certa distância, entra no pátio e se mistura com os que aquecem ao fogo na fria noite em Jerusalém.

Antes, porém, de voltar a concentrar em Pedro (vv. 66-72), Marcos apresenta o interrogatório de Jesus. Desse modo, o autor indica que as duas cenas acontecem simultaneamente e convida o leitor a entender cada cena à luz da outra.

**14.55-61 a** - As primeiras testemunhas desqualificam-se, pois suas histórias não concordam entre si (cf. Dt 17.6). Outros acusam Jesus de dizer, "Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e em três dias construirei outro, não por mãos humanas" (v. 58). A tradição judaica reivindicava que o Messias destruiria o Templo, por causa dos pecados do povo, e o reconstruiria. Os líderes querem saber se o ensino de Jesus sobre o Templo é uma reivindicação oculta de sua messianidade (2 Sm 7.13).

Marcos, porém, classifica essas acusações como "falso testemunho" (14.57s) porque Jesus nunca dissera que *ele* destruiria o Templo em Jerusalém (11.12-21; cf. 13.2, 14ss). Embora as alegações das testemunhas e dos escarnecedores (15.29) são falsas, os acusadores falam uma verdade involuntariamente. Sofrimento e morte destruirão o corpo de Jesus, mas em três dias ele ressuscitará (cf. Jo 2.21). Jesus ressuscitado é o novo templo que oferece a todos acesso ao "Santo dos Santos" (Hb 10.19; Ef 2.18) pela nova aliança (14.24). Quando o Templo foi destruído, esta verdade foi uma fonte de grande conforto aos crentes judeus.

Embora o sumo sacerdote exija uma resposta às acusações, Jesus permanece calado (cf. Is 53.7).

**14.61b-62** - Os chefes dos sacerdotes ainda suspeitam que Jesus reivindica ser o Messias, o que eles não querem aceitar de forma alguma. Apesar disso, não conseguem oferecer acusações concretas o suficiente para condená-lo à morte. Assim, Caifás deixa de lado toda diplomacia e faz a pergunta decisiva a Jesus: "És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?" (v. 61).

Depois de manter silêncio durante o interrogatório, Jesus responde ao sumo sacerdote. De fato, ele vai além do que foi perguntado e declara abertamente quem ele é e (olhando para além da sua morte ) para onde vai. Ele rompe o véu de segredo mantido ao longo de seu ministério público.

"Eu sou", responde Jesus a Caifás (v. 62). Com este "Eu sou" *(ego eimi),* porém, Jesus está dizendo muito mais; está se identificando com o nome venerado que Deus usa ao se apresentar no Antigo Testamento. Jesus afirma, solenemente, sua presença como uma teofania, uma revelação da divina presença.

"Filho do homem" é a autodesignação de Jesus tanto para revelar quanto ocultar sua identidade. Em resposta à confissão de Pedro ("Tu és o Cristo"), Jesus definiu seu ministério em termos de "Filho do homem" (8.31). Agora, em sua resposta ao sumo sacerdote, Jesus vincula sua identidade como Messias à descrição do filho do homem em Daniel 7.13s. Até aqui, Jesus usou o título "Filho do homem" primeiramente para indicar seus sofrimentos. Agora que está entregue nas mãos dos homens (9.31), Jesus usa o título para enfatizar seu triunfo como Messias.

Jesus vai além de uma simples afirmação de sua Messianidade. Combinando as descrições messiânicas dadas pelo salmista (110.1) e o profeta (Dn

7.13s), Jesus dá um significado mais profundo à sua messianidade do que aquela vista nos textos individuais.

A questão proposta por Jesus sobre o Salmo 110, e não respondida pelos mestres da Lei, nos debates do Templo (12.35-37), aparece, agora, com a resposta do próprio Jesus. Ele claramente se identifica como aquele a que o SENHOR *(YHWH)* fala. Ele é mais do que o filho de Davi. Ele é também o Senhor de Davi, e, por determinação divina, ele será exaltado sobre seus inimigos para julgar e reinar "à direita do Todo-Poderoso". Além disso, ele é o Filho do homem, a quem (como Dn 7.13s diz) Deus dá autoridade, glória e poder soberanos. Todos os povos o adorarão no seu reino eterno.

Jesus reivindica para si o destino glorioso que pertence ao Messias, o Senhor de Davi, o Rei que julgará e regerá com soberania divina. Ao auto-revelar-se neste momento, Jesus garante sua condenação. Ele dá sua vida voluntariamente como um resgate por muitos (10.45).

*Notas*

**v. 62 -** O Sinédrio entende o "Eu sou" como teofânico, pois (como Williamson, 265, comenta) "reivindicar ser o messias não seria considerado, em si mesmo, como blasfemo".

• A expressão "vereis" não implica que *a parousia* aconteceria durante a vida de seus ouvintes, mas que algum dia Jesus irá julgar os que o julgam agora.

**14.63-65** - Quando o sumo sacerdote percebe que Jesus reivindica ser o Filho divino "do Deus Bendito", rasga as vestes num ato de indignação e denuncia como blasfêmia essa identificação de Jesus com Deus.

Por si só, a reivindicação de ser o Messias não teria sido considerada blasfêmia. Mas Jesus declara diante do Sinédrio que ele não é um messias humano mas o Senhor (12.37), o soberano Legislador e Juiz de Israel, o Filho amado de Deus. Ele reivindica as prerrogativas divinas do " Eu Sou ". Nenhuma outra testemunha é necessária: Jesus ofereceu a informação que, aos olhos do Sinédrio, justificava enviá-lo para a morte.

Embora Roma proibisse o Sinédrio de exercitar a penalidade de morte, seus membros manifestam sua ira contra Jesus. Alguns cospem nele; outros batem nele. Alguns zombam dele e exigem que profetize. Os guardas o espancam. Ironicamente, as ações deles só confirmam o papel profético e a messianidade de Jesus, cumprindo as predições que ele fizera (8.31; 10.33s).

## A NEGAÇÃO DE PEDRO 14.66-72

Enquanto Jesus se submete pacientemente a duas provas severas diante de juízes hostis (cf. 14.53-65 e 15.1-20), Pedro é provado sob pressão por espectadores curiosos e nega sua identidade como um seguidor de Jesus. Por fim, quando recorda as palavras de Jesus, ele lamenta e chora.

**14.66-71** - Enquanto Jesus está sofrendo abuso físico e psicológico, não longe dali, no pátio do palácio, Pedro está se esquentando ao fogo. Uma

empregada que trabalha para o sumo sacerdote o acusa: "Tu também estavas Jesus, o Nazareno" (v. 67). "Não o conheço, nem compreendo o que dizes" (v. 68), Pedro replica. Previamente, Marcos diz que os discípulos não "compreendem" ou não "entendem" Jesus (4.12s; 6.52; 8.17s; 9.6, 32). Agora o leitor percebe que, ironicamente, Pedro realmente não conhece a Jesus.

Pedro passa pela entrada principal. Não, o fogo não está muito quente. Ele tinha se distanciado de Jesus (v. 54); agora tenta, sem sucesso, ficar fora do alcance de acusações adicionais. A mesma criada diz àqueles que estão ao redor que Pedro era um deles. Contudo, o sotaque galileu de Pedro (cf. Mt 26.73) pode ter levado os circunstantes a concluir: "Verdadeiramente és um deles, porque também tu és galileu" (v. 70). Pedro, abalado com as acusações, começa a amaldiçoar e jurar. Ele jura que não conhece a Jesus. Assim, tanto no pátio como no interior da casa, as profecias de Jesus estão se cumpridas (14.30).

**14.72** - Ao ouvir o galo cantar, Pedro se lembra das palavras de Jesus em resposta à ostentação dele (14.30). Ele se arrepende e chora. E o princípio do arrependimento.

Pedro tinha se imaginado pronto para morrer com Jesus (14.31), mas ele falha num pequeno teste. Pedro não falou uma palavra contra Jesus. Não obstante, ele o negou de três modos: pleiteando ignorância, negando fazer parte da comunidade dos discípulos, e negando qualquer relação com Jesus. Pedro ainda está pensando como homem (8.33). Não persistindo no seu erro, porém, Pedro dá provas de ser um verdadeiro discípulo.

Diferentemente de Judas, Pedro e os outros discípulos não tentam destruir Jesus para se salvar. "Eles não estão contra Jesus. Eles falham em ser por ele", como observam Rhoads e Michie.[1] Pedro não reaparece em Marcos, mas ele não sai de cena. Ele é restabelecido na comunhão e no ministério, o que está implícito em 16.7 (Jo 21.15-17).

Vemos a nós mesmos nessa história de um discípulo que não está preparado para as provas que acontecem aos crentes. Também aprendemos que liderança é resultado da graça de Deus, em lugar de mérito pessoal. Jesus constrói a igreja com material tal qual Pedro.

*Nota*

**v. 71 -** O verbo "praguejar" não possui objeto direto. Alguns estudiosos sugerem que Pedro chegou a amaldiçoar a Jesus para escapar da perseguição. Pode ser que haja uma ambigüidade intencional aqui.

## A CONDENAÇÃO DE JESUS PELA AUTORIDADE ROMANA 15.1-20ª

Como oficial do Império romano, Pilatos investiga a acusação do Sinédrio de que Jesus é um revolucionário. Embora considere Jesus inocente de qualquer crime, Pilatos sucumbe à pressão e entrega Jesus para ser

[1] Rhoads e Michie, 128.

crucificado. Como o título "rei" é aplicado pela primeira vez a Jesus, e é repetido como zombaria, o leitor é confrontado com o paradoxo do Ungido de Deus, destinado ao poder divino e à glória, sendo objeto de escárnio e tortura nas mãos de pecadores (9.31; 10.33s).

Este julgamento complementa o interrogatório do Sinédrio, adicionando condenação política à religiosa. A demanda popular por Barrabás conduz à Crucificação de Jesus, numa demonstração dramática do Filho de homem dando sua vida em resgate por muitos.

**15.1** - Assim que amanhece, o Sinédrio inteiro se reúne para planejar sua estratégia. No interrogatório de Jesus (14.55-64), haviam concluído que ele era merecedor de morte, porque tinha cometido blasfêmia. Sob o domínio romano, porém, eles não podem condená-lo à morte nem executá-lo. A sentença só poderia vir das autoridades romanas. Antecipando que Pilatos consideraria a acusação de blasfêmia insignificante, o Sinédrio tem de acusar Jesus de uma ofensa capital.

Eles tomam uma decisão: Jesus será acusado de conduzir uma rebelião civil contra Roma. Confiantes de que essa acusação terá a atenção imediata de Pilatos, eles atam Jesus e o entregam aos gentios (como Jesus predisse, 10.32).

**15.2-5** - Marcos limita seu relatório do julgamento de Jesus a detalhes essenciais. Pilatos sabe que tem de esmagar qualquer atividade sediciosa em Jerusalém. Ao mesmo tempo, deseja saber por que os líderes religiosos judeus cooperariam com ele. Determinado a não desperdiçar tempo nem palavras, ele pergunta para o acusado: "És tu o rei dos judeus?" (v. 2a).

A resposta de Jesus, "Tu o dizes" (v. 2b; ou "és tu que o afirmas") parece evasiva. O problema é, que tipo de rei Pilatos imagina? Se Jesus desse uma resposta afirmativa direta (como deu ao sumo sacerdote, 14.62), Pilatos pensaria que Jesus tinha pretensões políticas e tornara-se uma ameaça para o governo romano. Por outro lado, ele não pôde dizer diretamente "Não, eu não sou" porque foi ungido por Deus para ser o cabeça do Reino (12.35-37). Essa não era a ocasião para explicar a sua messianidade não-militarista e apolítica.

O título "rei" começa a ter proeminência agora, usado inicialmente por gentios (15.2-26) e depois, de forma depreciativa, pelos líderes judeus (15.32). Para evitar mal- entendidos ou conotações inadequadas, Jesus não o usa.

Temendo que Jesus pudesse escapar de sua armadilha, os principais sacerdotes trazem mais acusações contra ele, num esforço de sustentar sua denúncia. Jesus, porém, nada diz. Pilatos então desafia Jesus a se defender, porque ele sabe que algumas das acusações são sem motivo. "Jesus, porém, não respondeu palavra" (v. 5; cf. 14.61a; Is 53.7).

Pilatos está pasmo. Ele nunca vira outro réu como Jesus; o acusado está totalmente no comando de todo o procedimento. Como Pedro escreveu mais tarde:, "quando ultrajado não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças" (1 Pe 2.23). O modo como Jesus enfrentou o sofrimento é um exemplo para todos os que sãos perseguidos por causa de Jesus (13.9-13).

**15.6-11** - Durante as festividades da Páscoa era habitual conceder anistia a um prisioneiro escolhido pelo povo. Esta pode ter sido uma concessão por parte da administração romana da Judéia porque a Páscoa era uma celebração de libertação.

Barrabás está na prisão com outros rebeldes que tinham cometido assassinato numa das freqüentes revoltas contra o governo estrangeiro (e.g., Lc 13.1). Uma multidão organizada demonstra em massa a favor da libertação dele. Quando estão a ponto de fazer o pedido, Pilatos lhes faz uma pergunta cheia de desprezo: "Quereis que eu vos solte o rei dos judeus?" (v. 9). Pilatos percebe a intenção maldosa (inveja) dos sacerdotes. Ele sabe que as acusações contra Jesus são meramente para proteger a instituição religiosa, não o trono de César. Libertar Jesus sob essas circunstâncias seria politicamente bom para ele. Por outro lado, ele não tem nenhum desejo de libertar o rebelde Barrabás.

Porém, os sacerdotes principais não abrem o cerco. Eles sabem que a multidão odeia o imperialismo romano e está predisposta a rejeitar qualquer coisa que possa favorecer a Pilatos. O povo está desapontado com o Jesus passivo. Por outro lado, Barrabás é um herói, porque ele lutou contra o opressor. Os sacerdotes, provavelmente, espalharam a decisão do Sinédrio em relação a Jesus. Eles incitam a multidão para exigir a libertação de Barrabás (v. 11).

**15.12-15** - Dividido entre as demandas do povo irado e do poder sacerdotal de um lado, e sua lealdade para com Roma e o senso pessoal de justiça de outro, Pilatos está profundamente frustrado. Com desdém, ele pergunta à multidão o que querem que faça com Jesus. Eles gritam: "Crucifica-o" (v. 12).

Mas, Pilatos protesta: "Que mal fez ele?" (v. 13). Essa é a terceira vez que Pilatos mostra o desejo de libertar Jesus (15.9, 12, 14).

O grito frenético da multidão, "Crucifica-o!" abafa toda a razão. O político astuto teme o que poderia acontecer se ele recusar o pedido deles. A justiça dá lugar à conveniência e revela a falta de valores morais firmes. Utilizando a experiência romana de aplacar tumultos, Pilatos liberta Barrabás e condena Jesus à morte. Ironicamente, a decisão de Pilatos retrata a mensagem de evangelho: os pecadores são libertados porque aquele que não tem pecado dá a vida como resgate por eles (10.45).

Depois que Pilatos dar a ordem para Jesus ser açoitado, ele o entrega (*paradidomai)* para ser crucificado. Sem saber, ele cumpre a predição de Jesus ("gentios...hão de açoitá-lo", 10.33s) e a profecia de Isaías (Deus entregou seu Servo por nossos pecados, 53.4-6). Depois da ressurreição, os discípulos finalmente entendem que a morte de Jesus está de acordo com o "desígnio e presciência de Deus" (At 2.23).

*Notas*

**v. 13 -** Somente os romanos usavam a Crucificação, e apenas para três classes de condenados não-romanos: escravos que haviam cometido sérios

crimes contra a vida e a propriedade; criminosos contumazes e conspiradores contra o governo romano. A pena capital sob a lei dos judeus era por apedrejamento. Segundo Dt 21.23, qualquer um que fosse pendurado num madeiro (poste) estava sob a maldição de Deus.

**v. 15 -** Cidadãos romanos nunca eram submetidos a açoitamento. Os condenados à morte eram, freqüentemente, amarrados a um poste, açoitados com chicotes de couro, contendo pedaços de ossos e metal nas pontas, até que sua carne e entranhas fossem expostas. Alguns morriam sob essa tortura, pois não havia limite para o golpes administrados.

**15.16-20a** - Em vez de levar Jesus diretamente para o lugar da Crucificação, os soldados organizam uma paródia para ridicularizar o patético "rei de Galiléia". Como uma guarda palaciana, escoltam o rei na presença de toda a guarnição, da qual ele recebe as devidas " honras". Eles o vestem com majestade: um manto de realeza púrpura, e uma coroa (de espinhos) como um sinal de sua reivindicação por divindade.

Com respeito fingido, eles o saúdam como "rei dos judeus!"; e vão amontoando indignidades contra Jesus. Os soldados, repetidamente, satirizam a idéia da autoridade real de Jesus batendo-lhe na cabeça com seu cetro (uma vara). Em vez do beijo de homenagem, eles cospem nele; curvado-se eles o adoram e zombam dele. Jesus de Nazaré que tinha demonstrado seu poder sobre doença e tempestade, se sujeita a tudo o que pecadores querem fazer a ele.

Quando terminam, tiram o manto púrpura e põem de volta suas próprias roupas (v. 20). Depois, o conduzem para fora do palácio e o levam à cruz.

Apesar do escárnio, os soldados declaram a verdade, pois, de fato, aquela pessoa humilhada é o verdadeiro "Rei de Israel". Sem saber cumprem profecias do Antigo Testamento (e.g., Is 50.6; 53.3, 5; Sl 22.6), porque degradar a Jesus era a preparação divinamente ordenada para sua "entronização" como rei (veja v. 39).

Lembrar do sofrimento de Jesus traz consolo para os que têm que suportar os revezes da justiça, brutalização e morte como resultado de seguir a Jesus (13.9-13).

## JESUS É CRUCIFICADO E SEPULTADO 15.20b-47

Marcos descreve a rejeição de Jesus com total simplicidade e chama o leitor para entender este evento à luz de temas precedentes. Enquanto zombam de Jesus, mesmo os inimigos revelam ironicamente o significado da Crucificação.

Os detalhes harmonizam-se com o que é conhecido da crueldade extrema da Crucificação, e confrontam o leitor com a realidade da humilhação brutal de Jesus e seu abandono aparente.

Anos depois de Deus ungir seu Filho (l.l0s), Jesus é finalmente, e em total zombaria, aclamado como rei. Honras reais lhe são conferidas: seu trono é

uma cruz c os que seriam seus súditos o matam. Os resultados de seu reinado, entretanto, começam a aparecer imediatamente, uma vez que o caminho para a presença de Deus é aberto àqueles previamente excluídos.

## A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS 15.20b-32

Um grupo de execução conduz Jesus para a Crucificação. Normalmente, o condenado levava a viga horizontal da cruz. Por causa da noite de interrogatório, ridículo e brutal açoitamento, Jesus está fisicamente impossibilitado de levar a viga da cruz. Ele é verdadeiramente homem, que sofre e está debilitado pela tortura.

**15.20b-24** - Na ausência de discípulos ou qualquer voluntário, os soldados obrigam um espectador, Simão de Cirene, a levar a cruz. Ao chegarem ao Gólgota, oferecem a Jesus vinho misturado com mirra, conhecido por seu efeito de entorpecer a dor excruciante da Crucificação. Jesus, porém, não o aceita, pois na sua dedicação à vontade de Deus, vai consciente e deliberadamente beber outro cálice (14.36).

Os executores ficam com as roupas da vítima. Por isso, eles determinam com um jogo de dados a porção de cada um (cf. 2 Co 8.9). Marcos lembra novamente o cumprimento das Escrituras, citando o Salmo 22.18. Além disso, Marcos apresenta este Salmo por causa de seu retrato do sofrimento de um homem íntegro. Ele fará alusões a ele mais adiante (vv. 29 e 34), pois o Salmo 22 confronta vividamente o leitor com a Crucificação.

Os leitores originais de Marcos estavam bem familiarizados com a Crucificação, pois dezenas de milhares de pessoas foram crucificadas pelo Império romano. Com base em fontes literárias antigas e restos de uma vítima judia, achados em Jerusalém em 1968, o procedimento habitual está bem documentado. Depois de açoitado (cf. 15.15), o criminoso era amarrado ou pregado à viga transversal, que era, então, erguida e pregada à viga vertical. Os pés eram pregados então à estaca vertical. Um pequeno assento de madeira era colocado na parte vertical da cruz, para que o corpo contorcido não sofresse completo colapso, enquanto também prolongava a agonia da vítima. A morte vinha por sufocação, esgotamento ou hemorragia.

Tal foi a intensa agonia física e profunda humilhação que Jesus sofreu. Marcos não enfatiza esses aspectos da morte de Jesus e diz simplesmente: "Então o crucificaram" (v. 24). Sua ênfase recai sobre a significância da morte de Jesus.

**15.25-32** - O relato de Marcos do primeiro período de três horas (de 9 da manhã ao meio-dia) enfatiza o escândalo da cruz. Depois do conciso relato do ato de Crucificação, Marcos apresenta uma cena de zombaria contínua, na qual cada classe, que maldosamente o acusa, censura Jesus nos termos de um dos temas principais do próprio Evangelho. Embora projetado para ridicularizar Jesus como um hipócrita e um fracasso total, cada acusação testemunha indiretamente sobre as reivindicações de Jesus.

Como de costume, uma tabuleta informa o público sobre o crime pelo qual a pessoa está sendo executada, que servia como intimidação a quem

pretendia desafiar Roma. A inscrição, "O REI DOS JUDEUS" (v. 26), oficialmente acusa Jesus de sedição; ele é executado por reivindicar ser um pretendente real, desafiando Roma. Pilatos, possivelmente, insulta os judeus ao sugerir que este pobre Jesus é o tipo de rei que eles merecem. Em última análise, essa inscrição é o título autêntico em seu lugar mais apropriado, pois o evangelho do reino é centrado na cruz.

Abandonado pelos assessores escolhidos, dois ladrões são dados rei como sua corte, um à direita e outro à esquerda. Ao contrário de todo o protocolo, esses assistentes o insultam (v. 32b), embora eles também estão morrendo.

A proclamação de um rei pede uma celebração. Entretanto, aqueles que passam por ali lançam insultos a Jesus. Eles passam por ele "meneando a cabeça", zombando daquele que supostamente se dizia ser o escolhido de Deus para reconstruir o templo (14.57ss). Se ele fosse tão íntegro e poderoso, se salvaria da morte descendo da cruz. Presumem que Jesus se preocupasse principalmente em salvar a própria vida (embora nunca tivesse feito um milagre em beneficio próprio).

Os principais sacerdotes e escribas se divertem com a desgraça de Jesus. Enquanto escarnecem de sua impotência para salvar-se, sem querer, admitem que ele salvou a outros. Esses insensatos falam involuntariamente elementos de verdade.

Com sarcasmo, ridicularizam as reivindicações de Jesus diante do Sinédrio (14.61s) e diante de Pilatos (15.2): "desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos" (v. 32). Embriagados pela sua própria sensação de poder, manifestam sua inabilidade de reconhecer em Jesus o "servo-rei".

Quem é Jesus? O sumo sacerdote perguntou se ele era o Cristo (14.61). Pilatos destacou "o rei dos judeus" no seu interrogatório (15.2). Esses grandes temas (messianidade e realeza) vêem, agora, juntos (v. 32). Tudo aquilo que falam dele, zombando, é a pura verdade.

Além disso, os principais sacerdotes e os escribas não dizem "o rei dos judeus", mas "o rei de Israel" (15.32), uma designação do SENHOR *(YHWH,* cf. Sf 3.15; Is 44.6) nunca usada para a realeza humana. Isto significa que o escárnio deles é de fato blasfêmia, pois Jesus é o Filho de Deus. Os Fariseus pensaram que Jesus estava blasfemando (2.7), e o sumo sacerdote o denunciou por blasfêmia (14.64). Na realidade, esses que lançam insultos contra Jesus (v. 29), e os líderes religiosos ao pé da cruz (v. 31 s), é que estão cometendo blasfêmia.

*Notas*

**v. 25 -** Marcos divide a cena da Crucificação em três períodos de três horas cada (vv. 25, 33, 34), adotando o método judaico de contar as horas (em contraste com o uso prévio do método romano, e.g., 13.35).

**v. 28 -** Algumas versões trazem "Ele foi incluído entre os transgressores", como o v. 28. Mas, uma vez que os melhores manuscritos não incluem essa referência a Is 53.12, ela é omitida em versões modernas de Marcos. No entanto, o texto aparece em Lc 22.37.

## A MORTE DE JESUS 15.33-41

**15.33-36** - Às doze horas a escuridão cobriu a terra inteira e durou até o momento da morte de Jesus às três da tarde. A declaração precisa parece atestar uma escuridão literal (embora sua natureza seja indefinida). Como retratado na Escritura, a escuridão freqüentemente tem significado cósmico e escatológico. As palavras de Marcos recordam a praga das trevas no Egito (Ex 10.21s), quando Deus julgou Faraó antes da libertação de Israel.

A dialética do julgamento de Deus está na tensão com a libertação iminente. Ao submeter-se aos poderes que veio destruir, Jesus mostra a sua maior força. Quando morre pela humanidade, ele derrota a força das trevas e salva homens e mulheres do seu domínio (Ef 6.12; Cl 1.13). As trevas prenunciam que a justiça implacável e definitiva de Deus está chegando.

As trevas são expressas, primeiro, visivelmente e, depois, audivelmente, quando Jesus grita em alta voz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (v. 34). Essa é a única declaração da cruz registrada por Marcos. Sua interpretação têm sido debatida há séculos. Certamente, esse grito de desolação é citado com a intenção de mostrar mais do que perspectivas psicológicas na experiência subjetiva de Jesus. É claro que o sentido pleno dessas palavras está além da compreensão humana. Quem pode sondar as profundezas da relação íntima entre o Pai e o Filho amado? Essa citação de Jesus do Salmo 22 deve ser entendida como o efeito inevitável do horror que ele experimentou no Getsêmani. Esse brado de Jesus vem da agonia da cruz, quando ele sacrifica sua vida por outros, incluindo até mesmo esses que o crucificam.

Não é surpreendente que Jesus ora essa oração clássica do Israelita atormentado, porque ele viveu de acordo com as Escrituras. Como no Getsêmani, ele encontra novamente nos Salmos de lamento uma expressão da sua própria luta (cf. 14.34).

O "por quê?" do abandono divino permanece sem resposta explícita aqui. Por outro lado, através do evangelho, mesmo em seus apelos ao o Antigo Testamento, nos são dadas as bases para entendermos porque Deus separa-se temporariamente de seu Filho.

Na cruz Jesus experimenta o horror que ele temera no Getsêmani. Ele clama em angústia, porque é verdadeiramente humano. Em todo esse horror de desolação, ele perde tudo menos a fé em Deus. Seu grito não é uma

acusação contra Deus; é uma expressão de fé na qual ele se agarra ao Pai e ainda o reconhece como "Deus meu, Deus meu".

Alguns que estão ao redor (v. 35) ouvem o clamor de Jesus e pensam que ele chama por Elias. Era esperado que Elias aparecesse nos últimos dias, como precursor do Messias (Ml 4.5; Mc 9.11-13). Segundo convicções populares, Elias ajudaria o impotente, protegeria o inocente e salvaria o íntegro. Alguém rapidamente oferece para Jesus um pouco de vinho barato para beber, pensando que isso prolongaria sua vida tempo suficiente para Elias vir salvá-lo. Se Elias não o ajudar, eles têm aprova adicional de que a reivindicação de Jesus de ser o Messias é falsa.

Que visão patética. Jesus pendurado na cruz, um criminoso diante da lei romana, amaldiçoado por Deus aos olhos dos judeus. Está despojado de tudo. Nada lhe sobrou nem seu corpo, nem descendência, nem a menor consideração de qualquer tipo — somente a morte.

**15.37-39 -** freqüentemente, a morte rondava o crucificado por dias antes de reivindicar sua vítima. Essa, porém, não é uma morte típica por crucificação. Mas, "com um grande brado" (v. 37) — não o desmaio de um homem exausto, agonizante , Jesus dá seu último suspiro. Qualquer pensamento de derrota é aba fado pela força surpreendente de grito de Jesus. As trevas acabam no momento em que Jesus morre. Com a sua morte ele quebrou o poder das trevas (v. 33).

O Salmo 22 conclui com "foi ele quem o fez". Na cruz, Jesus reivindica para si este triunfo dos derrotados. Seu "grande brado" é, provavelmente, o mesmo que o vitorioso "Está consumado" de João 19.30, o equivalente de "foi ele quem o fez".

A cruz parece dizer "Jesus não é o Messias". Jesus, porém, afirmou repetidamente que seu sofrimento e morte eram requisitos indispensáveis da messianidade. A cruz agora confirma a confissão, "Tu és o Cristo" (8.29, 31). A identidade plena de Jesus, que permaneceu oculta aos homens e mulheres ao longo de seu ministério, é revelada agora pela tragédia aparente da Crucificação. O "Messias-Rei" é revelado na morte do Servo Sofredor (Is 53).

O rasgar do véu do templo (v. 38) recorda a denúncia de Jesus contra as autoridades do Templo (caps. 11-12). Quando Jesus morre, a cortina densamente tecida "rasgou-se de alto a baixo", significando que Deus acabou para sempre com a ordem.

Depois desta referência ao Templo, Marcos abruptamente traz a narrativa de volta para a cena da Crucificação, e focaliza a atenção no Centurião romano encarregado do grupo de execução (v. 39). O Centurião estava diante de Jesus e ouve seu grito, vê como ele morre, e ele diz daquele que há tinha crucificado: "Verdadeiramente este homem era Filho de Deus".

Ao olhar na face do Jesus agonizante, o Centurião percebe que está na presença de Deus. Jesus, cuja identidade estava oculta, é agora revelada. Esse estranho vê claramente (cf. 8.25) quem Jesus realmente é. No "batismo de morte" de Jesus, o Centurião confessa publicamente o que Deus afirmou anteriormente no batismo no Jordão: Jesus é o Filho de Deus.

Pelo batismo no Jordão, Jesus se identificou com os pecadores; ao morrer na cruz, ele completa essa identificação com eles. Essas ênfases maiores de Marcos convergem e chegam ao clímax no Gólgota. Pela primeira vez em Marcos um ser humano declara quem Jesus é de fato. Além isso, o Centurião é um Gentio. As restrições étnicas do Templo em Jerusalém não mais vigoram. O resgate pago por Jesus (10.45) é válido tanto para gentios como para os judeus. Esse versículo apresenta em cores vivas a culminação de outro tema em Marcos: pessoas de todas as nações são bem-vindas no reino de Deus (11.17; 13.27; 14.8).

Afirmar que Jesus foi crucificado não requer fé; essa é uma simples afirmação de fato histórico. Mas, dizer que Jesus morreu pelos meus pecados é uma confissão de fé em Jesus como o Filho de Deus, que deu sua vida como resgate e assim permite a homens e mulheres se chegarem na presença de Deus.

*Notas*

**v. 39 -** Jesus é chamado de "Filho de Deus" pelo autor (1.1); por Deus mesmo (1.11; 9.7) e os espíritos malignos (1.24; 3.11; 5.7).

- A confissão do Centurião o coloca em conflito direto com a adoração ao imperador romano como "filho dos deuses", assim como os leitores originais deste Evangelho.

**15.40-41** - Próximo da colina do Gólgota, algumas mulheres discípulas assistem a tudo o que acontece. Elas estão cumprindo os requisitos de um discípulo: seguir e servir a Jesus (1.18,31; 10.45; cf. 8.34-37). Segundo os padrões da época, mulheres são cidadãos de segunda-classe; mas em Jesus, todas as pessoas marginalizadas são aceitadas como discípulos.

Marcos nomeia três dessas mulheres. Ao citar suas nobres ações repetidamente, ele remove preconceitos masculinos e ganha o reconhecimento para as mulheres como discípulos autênticos (cf. Gl 3.28). O próprio Marcos inverte a prática estabelecida de não aceitar as mulheres como testemunhas. Ele as apresenta como "testemunhas oculares dos eventos primários proclamados no evangelho, a morte (vv. 40-41), sepultamento (v. 47) e ressurreição (16.1)".[1] Com sua presença aqui, elas servem como testemunhas de que o "túmulo vazio" é o mesmo na qual o corpo de Jesus tinha sido colocado.

## O SEPULTAMENTO DE JESUS 15.42-47

Um grupo mulheres toma para si o papel cumprido normalmente pelos discípulos. As mulheres testemunham a morte e sepultamento de Jesus; elas confirmam que a mesmo Sepulcro na qual ele foi enterrado está vazia. Elas são as que primeiro ouvem que Jesus ressuscitou e que recebem a ordem para contar aos outros.

**15.42-47** - Sexta-feira era chamada o "dia da preparação", pois naquele dia normalmente as pessoas se apressavam para preparar tudo para a observância do Sábado. Até mesmo o corpo de um criminoso, de acordo com

[1] W.Lane, 577

Dt 21.22s, deveria ser sepultado no dia da execução para que a terra não fosse profanada. Maior ainda seria a vergonha se o corpo permanecesse na cruz no Sábado. A Lei judaica proibia o sepultamento de criminosos em sepulcros familiares; os corpos deles eram lançados numa cova. Era necessário apressar-se para sepultar o corpo de Jesus, porque ele morreu poucas horas antes do início do Sábado (15.34).

Pela lei romana, por outro lado, os condenados à morte perdiam o direito à propriedade, até mesmo o direito de serem enterrados. Às vezes, os parentes poderiam ganhar permissão para enterrar um criminoso executado por acusações menores. Freqüentemente, porém, os corpos dos acusados de traição permaneciam apodrecendo na cruz.

Nenhum parente nem discípulo veio reivindicar corpo de Jesus. As mulheres (vv. 41s) não tinham nenhuma chance de se aproximarem de Pilatos com tal pedido. Assim, José de Arimatéia, um membro proeminente do Sinédrio, pede a Pilatos o corpo de Jesus. Esse é um ato de coragem, pois honrando o corpo de Jesus ele poderia ser acusado de apoiar um criminoso. Não obstante, José fez isso como alguém que compartilhava da expectativa de Jesus na vinda do reino de Deus (v. 43).

Pilatos se surpreende com a notícia de que Jesus já havia morrido, pois muitas vítimas ficavam agonizando na cruz durante dois ou três dias antes de morrerem. Com a confirmação do Centurião (v. 45), Pilatos atende o pedido de José, reconhecendo assim que Jesus não era nenhum criminoso comum.

Embora fosse Páscoa, era permitido comprar as coisas necessárias para um sepultamento. Então, José segue o ritual de sepultamento judaico, envolve Jesus num lençol de linho e deposita seu corpo num Sepulcro escavada na rocha. Ele rola uma pedra e encobre a entrada para o Sepulcro. Ele fez o que pôde para dar a Jesus um sepultamento honrado.

Duas das mulheres que testemunharam a Crucificação (vv. 40s) vêem onde o corpo é colocado (v. 47), de forma que depois do Sábado, elas poderão voltar para ungir o corpo de Jesus. Essa informação contradiz a alegação de que as mulheres entraram no Sepulcro errada no domingo de manhã, e que Jesus, portanto, não ressuscitou dos mortos.

Com o enterro de Jesus, as predições da paixão são cumpridas em todos os detalhes exceto um. Jesus reivindicou que "depois de três dias" ressuscitaria (cf. 8.31).

### C. *JESUS RESSUSCITOU DOS MORTOS 16.1-8*

A ressurreição de Jesus não é nem um apêndice nem epílogo ao evangelho; é uma parte integrante, explícita e implicitamente ensinada ao longo de todo o Evangelho. É tão enfatizada quanto o sofrimento e morte nas predições da paixão (8.31; 9.31; 10.34), e reforçada pelas promessas explícitas em 9.9 e 14.28. Marcos esclarece que a Crucificação e a ressurreição são igualmente históricas. Ele acentua que o Jesus ressuscitado é o mesmo que tinha sido crucificado. Sem a ressurreição o trabalho redentor de Jesus na cruz estaria incompleto; um evangelho sem a ressurreição não é o evangelho de

Jesus Cristo. Sem a ressurreição, o evangelho teria terminado como "más notícias".

A morte de Jesus fora certificada pelos amigos e inimigos também. Os seguidores de Jesus presumem que a vida dele terminou em derrota. Mas, a cena muda de repente com a evidência do Sepulcro vazio e o anúncio que Jesus ressuscitou. Pela sua morte, Jesus prova sua obediência à vontade de Deus. Pela sua ressurreição, o Filho do homem crucificado é vindicado por Deus, que aceita sua morte como resgate por muitos (10.45).

Pelo mensageiro de Deus, as mulheres ficam sabendo da ressurreição de Jesus e de suas promessas. Será que as mulheres e os discípulos cumprirão sua parte? Marcos termina o Evangelho com essa pergunta implícita como base para confrontar seus leitores com sua própria resposta ao Filho de Deus ressurreto.

Nas palavras de Cranfield,[1] esta perícope é apresentada como narrativa que "soa como o relato de uma testemunha ocular, não como uma dramatização de uma convicção religiosa".

**16.1-3** - Com o amanhecer do primeiro dia da semana (nosso domingo), as mesmas mulheres retornam para o Sepulcro no qual José de Arimatéia havia colocado o corpo de Jesus. Um sepultamento formal requer o cuidado daqueles que conheciam o morto. Um "estranho" como José não poderia fazê-lo. As mulheres, no entanto, estão determinadas a servir (10.42-45) a Jesus na morte como fizeram durante o seu ministério. Elas planejam ungir o corpo com óleos aromáticos.

No caminho, elas perguntam umas às outras quem rolaria para elas a pesada pedra da entrada do Sepulcro. Quando se aproximam, porém, descobrem que a pedra já fora rolada. Deus já havia cuidado do que elas não poderiam fazer.

**16.4-5** - Ao entrarem no Sepulcro, elas ficam atônitas com o que vêem. Há uma pessoa sentada no lado direito do Sepulcro. Sua aparência é como a de um jovem; está vestido com um manto branco. Será ele um anjo? Marcos simplesmente relata o que as mulheres reportam. A identificação da pessoa sentada no Sepulcro perde a importância à medida em que ele fala, pois suas palavras identificam-no como mensageiro da ressurreição de Jesus.

Como os dois discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.13-21), essas mulheres pensavam que Jesus era aquele que haveria de redimir a Israel. Sua Crucificação, porém, destruiu suas maiores expectativas. Elas vão ao Sepulcro para prestar suas últimas homenagens a um líder morto. Ao verem o Sepulcro aberto e o jovem no seu interior, suas emoções são intensamente abaladas.

**16.6-8** - "Não vos atemorizeis" diz o jovem. Com essa frase (5.36; 6.50), ele se identifica como porta-voz de Jesus em missão de clemência, e não de julgamento. Ele informa as mulheres que sabe a razão de terem vindo ao Sepulcro, elas buscam a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado. Elas não se enganaram de lugar nem sobre a pessoa cujo corpo foi posto ali. Estão, porém, equivocadas quanto ao propósito de estarem ali: não há nenhum cadáver para

[1] Cranfield,463.

ser ungido. Uma mulher anônima já havia ungido, antecipadamente, o corpo de Jesus (14.8).

O mensageiro, então, proclama algumas das mais belas palavras bonitas jamais ouvidas pelo ser humano: "ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto" (v. 6). A morte não tem a última palavra.

"Mas ide dizer a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galiléia" (v. 7). Como pastor ressurreto, ele continuará conduzindo seus discípulos. O Senhor vai adiante do seu povo, como fez no deserto (cf. Ex 13.21). A promessa que Jesus fez a caminho do Getsêmani (14.28) está próxima de ser cumprida: o Jesus ressurreto junta as ovelhas espalhadas (14.27). Como o chamado inicial de Jesus, a promessa ("lá o vereis") aqui é condicional. Só se eles exercitarem sua fé indo eles o verão.

O jovem repete as promessas de Jesus (14.28), acentuando o fato de que na Galiléia os discípulos o verão com seus próprios olhos. O corpo ressurreto de Jesus se assemelha ao velho, contudo é fundamentalmente diferente. Foi elevado a um novo nível de existência.

Mas por que Jesus especificou a Galiléia? Os discípulos esperavam que, sem demora, o Cristo ressuscitado estabeleceria o reino de Deus (cf. At 1.6-8) com Jerusalém como capital. Jesus, no entanto, ensinou que a consumação do reino teria de esperar pela evangelização do mundo inteiro (13.10, 27). Ele tinha chamado os discípulos, treinou-os, ensinou-os e os mandou sair da Galiléia. A volta para lá marca o começo da missão a todas as nações.

Nós podemos apenas imaginar o impacto emocional que essa experiência no Sepulcro vazia teve nas mulheres. A realidade do que eles vêem c ouvem toma conta de todo o seu ser. Marcos indica, com uma variedade de expressões, que as mulheres reagem tanto com uma profunda sensação de assombro como com temor ansioso. Essa interpretação é também psicologicamente razoável, pois emoções profundas vêm de várias fontes e inundam várias áreas da vida da pessoa.

Além isso, as mulheres têm motivo mais do que suficiente para estarem amedrontadas. Iriam elas, como seguidoras de Jesus, sofrer como ele sofreu? Os judeus devotos esperavam que a ressurreição dos mortos fosse seguida do julgamento de Deus. Será que não imaginaram que ressurreição de Jesus fosse um prelúdio para o dia da ira de Deus? A ordem: "ide, dizei" contradiz a recusa da sociedade em aceitar mulheres como testemunhas. Quem acreditaria nelas?

Impossibilitadas de organizarem seus pensamentos ou de se controlarem, elas correm para fora do Sepulcro e fogem. *Por enquanto,* elas não dizem nada a ninguém, porque têm medo.

*Notas*

**v. 7 -** "ele vai adiante de vós" *(proagei)* é um termo técnico para o trabalho do pastor de ovelhas.

• A expressão "ide, dizei" tem paralelos nas ordens missionárias relatadas nos outros Evangelhos e em At 1.8. Essa ordem aqui implica que Jesus perdoa os discípulos por sua desobediência e covardia.

Pedro é mencionado por nome, não como um ataque à sua pessoa ou indicando uma posição superior entre os apóstolos. Ele é mencionado para assegurar que ele não sofrerá discriminação alguma pela sua negação de Jesus.

**v. 8 -** Marcos apresenta a complexidade de emoções manifestadas pelas mulheres com: *tromos* ("tremendo"); *ekstasis* ("atônitas"; 5.42) e *phobeo* ("temer"); nos vv. 5s (cf. 9.15; 14.33), *exethambethesan* ("alarmadas").

## O "FINAL LONGO" DE MARCOS 16.9-20

Antes de concluir nossos comentários no versículo 8, precisamos considerar os versículos que concluíram o Evangelho de Marcos em muitas versões do Novo Testamento. Esses versículos (9-20) são conhecidos como "final longo". Os manuscritos mais antigos e mais confiáveis, porém, terminam com o que nós conhecemos como o versículo 8. O "final longo" foi anexado, provavelmente, algum tempo antes da metade do segundo século. A origem do "final curto" (entre os versículo 8 e 9) é desconhecido. Ambos foram escritos provavelmente numa tentativa de completar a narrativa de Marcos que (muitos alegam) termina muito abruptamente.

Evidência interna também indica que nenhum desses finais foram escritos por Marcos. O vocabulário e estilo são diferentes dos capítulos precedentes. A ênfase positiva em sinais (16.17, 20) é contrária aos resultados questionáveis dos sinais miraculosos nos capítulos anteriores (por exemplo, 6.5; 8.11s). O "final longo" parece ser uma compilação editorial, possivelmente para uso catequético, com a maior parte de seu conteúdo tirado dos outros Evangelhos. Há consenso quase universal de que, à luz de evidências internas e externas, esses finais não são parte da narrativa original. Concordamos com Cole,[1] de que "não seria sábio construir qualquer posição teológica com base somente nesses versículos; e isso nenhum grupo cristão responsável fez".

A última frase no texto grego de versículo 8 é *ephobounto gar* (literalmente, "elas estavam com medo pois"). Muitos estudiosos argumentam que Marcos não concluiu sua narrativa com tal declaração altamente não-gramatical: ou a conclusão de Marcos se perdeu ou foi destruída, ou. por alguma razão, ele estava impossibilitado de concluir seu Evangelho. Contudo, estudos recentes têm demonstrado que Marcos habitualmente usa a conjunção *gar* como parte integrante de suas técnicas narrativas, para denotar uma explicação para surpresa ou eventos confusos, exatamente o que ele faz aqui.

Com as perspectivas adquiridas ao se analisar este Evangelho como uma história unificada e integrada, um número crescente de escritores argumenta, agora, que Marcos deliberadamente concluiu seu Evangelho com 16.8. Como

[1] Cole, 259.

Hooker [2] diz, "não há nada mais porque ele não escreveu nada mais, e não pretendeu escrever mais". Nós, também, acreditamos que este é o final original e totalmente adequado. Concluímos com uma análise do que ele disse e por quê.

**16.8** - Alguns leitores consideram Marcos como incompleto, porque ele não incluiu aparições do Jesus ressurreto, como nos outros Evangelhos.

Também querem um final mais positivo, com medo se transformando em alegria, e silencio cm proclamação. Mas Marcos não sente nenhuma necessidade de repetir o que os primeiros leitores já sabem. Nem se sente compelido a oferecer evidências da ressurreição do tipo "ver para crer" (cf. 15.32).

Ele deve ser aceito em seus próprios termos. Marcos acentua o falo de que Jesus ressuscitou. Ele simplesmente faz isto de uma maneira, e com um propósito, que muitos leitores não esperam. Sua preocupação principal é confrontar os leitores com a responsabilidade deles perante a realidade histórica da morte e ressurreição de Jesus.

Marcos não nos induz a pensar que as mulheres não entregaram a mensagem. Se o silencio delas tivesse sido permanente, ninguém teria ouvido falar de sua experiência.

Marcos pretendeu encerrar com 16.8 porque ele completou o que teve a intenção de lá/cr. Ele revelou que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, que entrou no domínio de Satanás e deu sua vida como um resgate tanto pelos judeus como pelos gentios. Ele nos assegura de que quando Jesus voltar, Deus estabelecerá seu reino em poder, e sua vitória será completo. A identidade messiânica não é mais nenhum segredo, pois o leitor sabe quem é Jesus, de onde ele veio e para onde vai.

Com esses últimos versículos, o autor retrata o discipulado como seguir ao Jesus ressurreto que conduz seus discípulos num mundo inseguro. Marcos chama todos os seus leitores para "ir e dizer" com toda coragem, mesmo se eles, como seus primeiros leitores, enfrentarem a morte como resultado de proclamar o evangelho. Terminando a narrativa abruptamente, ele força os leitores a pensar nas conseqüências trágicas se falharem em compartilhar as boas novas.

No principio do evangelho, a ordem de Jesus para que o sigam (1.16-20) é acompanhada da promessa: "eu vos farei pescadores de homens". Aquele era o começo do discipulado; 16.1-8 constituem o fim do começo. Através de todo seu ministério, Jesus está "pescando homens" e, ao mesmo tempo, fazendo de seus discípulos "pescadores de homens" também. E mesmo agora, os discípulos não vão sozinhos, pois Jesus vai adiante deles (16.7).

Embora Marcos tenha completado seu ensino, este é só o começo do discipulado, não o seu cumprimento. O futuro de discipulado permanece incerto, pois depende de se os homens e mulheres que seguem Jesus continuarem o trabalho começado.

---

[2] Hooker, 118

A organização da narrativa de Marcos fornece pistas para o seu significado. A primeira metade do Evangelho termina com Jesus dando a visão a um homem fisicamente cego (8.22-26). A cura "em dois estágios" dramatiza a estagnação persistente dos discípulos (8.11-21) e prepara a confissão de Jesus como Messias. Mas seu conceito sobre o Messias ainda é inadequado (8.29-31). Depois, quando Jesus é preso, eles fogem; porque ainda não vêem claramente as coisas. A segunda metade do Evangelho encerra com a promessa, "lá o vereis". Aquele "segundo estágio" (como na cura do cego) lhes dará percepção e entendimento, e eles começarão a confessar Jesus como o Filho de Deus.

Marcos 16.1-8 não é uma conclusão, mas uma transição projetada *para conduzir o leitor a seguir o Cristo ressurreto dentro do mundo.* Os primeiros crentes ficaram perto de Jerusalém, apesar da ordem de Jesus para irem até os confins do mundo (At 1.8). Somente quando a grande perseguição começa eles se dispersam e começam a pregar a Palavra onde quer que vão (At 8.1, 4). Marcos deixa claro que Deus ordena que o evangelho seja pregado a todas as nações, e que Jesus mesmo conduz seus discípulos (16.7) no cumprimento dessa missão.

O mandamento de seguir Jesus nunca foi anulado. O avanço do governo de Deus entre homens e mulheres é responsabilidade de todo crente. A identidade messiânica permanece um segredo para muitas pessoas enquanto que os atuais discípulos de Jesus permanecem calados. Ao encerrar abruptamente seu Evangelho, Marcos desafia cada leitor a completar sua parte na narrativa em termos de proclamação da ressurreição aos seus contemporâneos. Estar calado é um perigo maior que perseguição e morte. O evangelho só é boas novas se for compartilhado.

Marcos encerra sua narrativa com *gar* ("porque", "pois") para enfatizar que o evangelho começou mas ainda não terminou. Não terminou com a ressurreição de Jesus. Continua mesmo hoje, quando seus seguidores proclamam sua morte e ressurreição. Esse é uma boa maneira de encerrar a narrativa do começo do evangelho.